



**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

**MALINCHE NO ESPELHO DAS TRADUÇÕES DE *XICOTÉNCATL* (1826):
[1999 – 2013]**

**CASCADEL - PR
2017**

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

**MALINCHE NO ESPELHO DAS TRADUÇÕES DE *XICOTÉNCATL* (1826):
[1999 – 2013]**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE –, para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras – nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados

Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

CASCADEL - PR
2017

LEILA SHAÍ DEL POZO GONZÁLEZ

**MALINCHE NO ESPELHO DAS TRADUÇÕES DE *XICOTÉNCATL* (1826):
[1999 – 2013]**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Título de Mestre em Letras e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Altamir Botoso
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
Membro Efetivo (Convidado)

Profa. Dra. Márcia Sipavicius Seide
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Efetivo

Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Orientador

Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
Membro Suplente

Profa. Dra. Eliane Maria Giacon
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS)
Membro Suplente

Cascavel, 20 de fevereiro de 2017

À minha filha, uma pequena grande mulher começando a vida. À minha mãe, que Deus a tenha, uma grande mulher, a quem devo tudo.

Ao meu pai, o primeiro a me incentivar nos caminhos da vida.

Ao meu marido, que foi *cúmplice, companheiro, amigo* em todos os momentos, grande *incentivador* e o maior *responsável* pela conquista desta titulação.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck, pela orientação sábia e amiga, pelos conselhos, pela paciência, pelos exemplos de conhecimento e dedicação, de responsabilidade e firmeza.

Aos professores da graduação, por desmentirem o censo comum com que cheguei à faculdade e por apreciarem também o conhecimento de mundo que trouxe comigo, pelas palavras de alento e pelo apoio nos momentos de indecisão. Aos meus professores da pós-graduação, por me ajudarem a encontrar meu caminho na pesquisa.

Aos integrantes do grupo de pesquisa PELCA, pela amizade, bons conselhos e companheirismo em bons e maus momentos.

À Banca Examinadora.

À UNIOESTE, minha *alma matter*, que me acolheu sempre.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

"En cuanto a esta Eva mejicana, Helena, Cleopatra, Magdalena, Salomé, paria, salvadora, santa, virgen de Guadalupe, mito, guerrera, traductora, prostituta, concubina, como se ha dicho [...], se puede pensar en su rol de mujer, madre, hija, esclava, tlatoani, ya que es dueña del poder de la palabra y del poder del uso de la inteligencia." (BALADÃO DE AGUIAR).

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. **Malinche no espelho das traduções de *Xicoténcatl* (1826): [1999 – 2013]**. 2017. 212f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.
Orientador: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMO

Esta pesquisa apresenta um estudo da primeira imagem literária de Malinche e compara essa configuração, efetuada na obra *Xicoténcatl* (1826), com aquelas presentes nas duas versões que o romance histórico latino-americano inaugural possui até o momento: a estadunidense (1999) e a brasileira (2013). O tema encontra-se, pois, circunscrito aos estudos do romance histórico latino-americano em sua primeira manifestação e ao campo da tradução literária. Neste *corpus*, voltamos ao estudo da configuração de personagens históricas inseridas na narrativa romanesca. Mais especificamente, objetivamos analisar as configurações da personagem histórica Malinche, ficcionalizada pela primeira vez no romance anônimo de 1826, a fim de verificar se essas imagens contribuíram ou não para a reputação que tal autóctone adquiriu na memória coletiva do povo mexicano. Ao tomarmos como base essas primeiras imagens de Malinche, buscamos compará-las também com aquelas resultantes nas duas únicas versões da obra a outros idiomas: para o inglês, feita por Guillermo Castillo-Feliú (1999), e para o português, por Anthoni Cley Sobierai e Gilmei Francisco Fleck (2013). Buscamos, assim, mostrar a configuração inicial dada na literatura a essa personagem considerada a mãe simbólica da pátria mexicana – uma imagem que destoa profundamente daquela que lhe é conferida pelo movimento indigenista mexicano, no início do século XX, conforme os estudos de Martin (2007). A metodologia aplicada ao estudo proposto inicia-se por uma revisão bibliográfica sobre o romance histórico – com foco teórico na modalidade do romance histórico tradicional, de acordo com os estudos de Lukács (1966), Uslar Pietri (1990), Márquez Rodríguez (1996), Ureña (1994), Grillo (2004), Fleck (2005, 2008, 2014a) – para efetuar uma análise das imagens de Malinche, inseridas no contexto de produção do romance anônimo, corpus dessa pesquisa. Nesse sentido, apresentamos reflexões sobre as relações entre literatura, história e memória, ancorados nos pressupostos de Ricoeur (2014), Candau (2016), Albuquerque e Fleck (2015) e sua materialização no romance histórico a partir das leituras elencadas de *Xicoténcatl* e suas respectivas traduções. Para tanto, isolamos as imagens de Malinche presentes no romance original e, desse modo, separamos 15 trechos representativos nos quais ela é mencionada. Esses fragmentos do romance são estudados, também, sob a perspectiva da teoria de tradução, âmbito no qual destacamos os estudos de Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003) e Arrojo (2007), a fim de comparar se a essência primeira da configuração literária da personagem Malinche, dada em *Xicoténcatl* (1826), estende-se às duas versões que o romance possui até o momento e a relação dessas imagens espelhadas pela tradução com as existentes na historiografia, segundo Castro Leal (1964), Herren (1993), Grillo (2011), Pulido Herráez (2011) e no imaginário coletivo mexicano, de acordo com os estudos de Karttunen (1997), González (2002), Townsend (2006), Martin (2007) e Wood (2007).

PALAVRAS-CHAVE: *Xicoténcatl* (1826). Malinche. Romance histórico latino-americano. Estudos de Tradução.

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. **Malinche's mirror image on translations of the novel *Xicotécatl* (1826): [1999 – 2013]**. 2017. 212f. Dissertation (Masters' in Letters) – State University of West Paraná, Cascavel.

Tutor: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

ABSTRACT

This study shows the first literary portrayal of Malinche and makes a comparison between the original image in *Xicotécatl* (1826) and those present in the only two known translations of the earliest Latin-American Historical Novel up to this moment: the American (1999) and the Brazilian one (2013). The Latin-American Historical Novel's first manifestation and the Literary Translation Field limit this research. In the corpus, we look at the study of the portrayal of historical characters integrated in the narrative. Our aim is to study more specifically the fictional configuration of the historical character Malinche, who was first fictionalized in the anonymous novel of 1826. We pretend to verify if such images contributed or not to the reputation acquired by this Native American on the collective memory of the Mexican people. We take Malinche's first image as the basis for this study, and make a comparison between the ones present in the above mentioned translations: in English by Guillermo Castillo-Feliú (1999), and, in Portuguese by Anthoni Cley Sobierai and Gilmei Francisco Fleck (2013). Thus we intend to show the first literary configuration given to this character that is also considered the Mexican nation's symbolic mother. This first image given in Literature differs significantly from the one given to her by the Mexican Indigenous movement (MARTIN, 2007) of early 1900's. The methodology used in the study counts with a bibliographic review on the Historical Novel – with focus on the Traditional Historical Novel genre, according to studies of Lukács (1966) Uslar Pietri (1990), Márquez Rodríguez (1996), Ureña (1994), Grillo (2004), Fleck (2005, 2008, 2014a). This is to analyze Malinche's images integrated in the anonymous novel's outcome context, corpus of the research. In these terms, we present our considerations about the relations between Literature, History and Memory, according to Ricoeur (2014), Candau (2016), Albuquerque and Fleck (2015) and their effects in the Historical Novel from the readings of *Xicotécatl* and its translations. Therefore, we isolated the existing images of Malinche in the original. Thus, we bring together 15 emblematic excerpts in which this character is mentioned in the narrative. These passages are analyzed, also, under the perspective of the Translation Theory, in which we call the attention to studies by Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003) and Arrojo (2007), in order to compare if the essence of the first literary configuration given to the fictional character of Malinche in *Xicotécatl* (1826) appears in its two translations known up to the moment, and if the relations between these images mirrored by its translations corroborate with Historiography, according to Castro Leal (1964), Herren (1993), Grillo (2011), Pulido Herráez (2011), and the Mexican collective imagination, according to researches of Karttunen (1997), González (2002), Townsend (2006), Martin (2007) and Wood (2007).

KEY-WORDS: *Xicotécatl* (1826). Malinche. The Latin-American Historical Novel. Translation Studies.

DEL POZO GONZÁLEZ, Leila Shaí. **Las imágenes de Malinche en el espejo de las traducciones de *Xicoténcatl* (1826): [1999 – 2013]**. 2017. 212f. Disertación (Maestría en Letras) – Universidad Estadual del Oeste de Paraná, Cascavel.
Director: Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck

RESUMEN

Esta investigación estudia la primera imagen literaria de Malinche en *Xicoténcatl* (1826), novela histórica latinoamericana inaugural, y la compara con las presentes en sus dos únicas versiones hasta el momento: la estadounidense (1999), y la brasileña (2013). El tema está dentro de los estudios de la novela histórica latinoamericana en su primera manifestación y del campo de la traducción literaria. En este corpus nos concentramos en el estudio de la configuración de personajes históricos inscritos en la narrativa novelesca. Objetivamos analizar, específicamente, las configuraciones de la personaje histórica Malinche, ficcionalizada por primera vez en la novela anónima de 1826 y verificar si tales imágenes contribuyeron o no en la reputación adquirida por esta personaje en la memoria colectiva del pueblo mexicano. Sobre esta base, buscamos compararlas también con las derivadas de sus dos únicas versiones: al inglés, por Castillo-Feliú (1999), y al portugués, por Sobierai y Fleck (2013). Procuramos mostrar la configuración inicial dada en la literatura a ésta personaje considerada la madre simbólica de la patria mexicana – imagen que desentona profundamente con la adjudicada por el movimiento indigenista mexicano (MARTÍN, 2007), a inicios del siglo XX. La metodología del estudio inicia con una revisión bibliográfica sobre la novela histórica tradicional según estudios de Lukács (1966), Uslar Pietri (1990), Márquez Rodríguez (1996), Ureña (1994), Grillo (2004), Fleck (2005, 2008, 2014a), para efectuar un análisis de las imágenes de Malinche, incluidas en el contexto de producción de la novela anónima. Además, presentamos reflexiones sobre las relaciones entre la literatura, historia y memoria, apoyados en Ricoeur (2014), Candau (2016), Albuquerque y Fleck (2015) y su materialización en la novela histórica a partir de *Xicoténcatl* (1826) y respectivas traducciones. Para tal, recogimos las imágenes de Malinche presentes en la novela original y separamos 15 trechos representativos en los cuales se la menciona. Esos fragmentos son estudiados bajo la perspectiva de la teoría de la traducción, ámbito en el cual destacamos los estudios de Rodrigues (1999), Pagano (2000), Bassnett (2003) y Arrojo (2007), para verificar si la esencia primera de la configuración literaria de esta personaje en *Xicoténcatl* (1826), se extiende a sus dos versiones y la relación de estas imágenes reflejadas por la traducción con las existentes en la historiografía, de acuerdo con Castro Leal (1964), Herren (1993), Grillo (2011), Pulido Herráez (2011), y en el imaginario colectivo mexicano, de acuerdo con los estudios de González (2002), Townsend (2006), Martin (2007) y Wood (2007).

PALABRAS CLAVE: *Xicoténcatl* (1826). Malinche. Novela histórica latinoamericana. Estudios de Traducción.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 XICOTÉNCATL (1826): RUPTURA COM O MODELO DE ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO EUROPEU	22
1.1 IDEIAS LATINO-AMERICANAS MANIFESTADAS EM <i>XICOTÉNCATL</i> (1826): O CAMINHO DA DESCOLONIZAÇÃO	38
1.2 <i>XICOTÉNCATL</i> : DA TRADIÇÃO À RUPTURA – O PRIMEIRO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO	54
1.3 A PRIMEIRA CONFIGURAÇÃO LITERÁRIA DA NATIVA MALINCHE NO ROMANCE <i>XICOTÉNCATL</i> (1826): O CAMINHO DA HISTÓRIA À FICÇÃO	65
2 MALINCHE NO ESPELHO DAS TRADUÇÕES DE <i>XICOTÉNCATL</i> (1826): [1999 – 2013].....	79
2.1 O ESPELHO DAS TRADUÇÕES: IMAGENS REFRACTADAS EM SUAS ESSÊNCIAS DE PAPEL E TINTA	90
2.2 MALINCHE: NA TRANSVERSALIDADE DO ESPELHO – IMAGENS REFRACTADAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA EMANADORA	101
CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS.....	168
ANEXO – QUADRO DE SISTEMATIZAÇÃO DOS FRAGMENTOS DO ROMANCE <i>XICOTÉNCATL</i> (1826 [1964]-1999-2013) NOS QUAIS APARECEM REFERÊNCIAS À PERSONAGEM MALINCHE.....	175

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada *Malinche no espelho das traduções de Xicoténcatl* (1826): [1999 – 2013], analisa o romance histórico latino-americano em sua primeira manifestação, com *Xicoténcatl*¹, publicado em 1826, sob autoria anônima, porém, incluída no conjunto da produção romântica da Literatura Mexicana. Nossa proposta de análise dá ênfase à configuração das personagens históricas inseridas na narrativa romanesca, com foco especial à construção das primeiras imagens ficcionais de Malinche presentes na obra de 1826. Esse romance se encontra dentro dos chamados gêneros ficcionais híbridos de história e ficção, e suas respectivas correspondências nas traduções do romance feitas ao inglês, em 1999, e ao português, em 2013, são, da mesma forma, manifestações dessa escrita mista em suas primeiras expressões no contexto latino-americano que, na época, estava ainda bastante condicionada ao cânone europeu em suas produções literárias.

A primeira tradução do romance *Xicoténcatl* deu-se para a língua inglesa no ano de 1999, como um projeto da University of Texas, realizado por Guillermo Castillo-Feliú. Em 2013, como tema do trabalho de conclusão do curso de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste/Cascavel, Anthoni Cley Sobierai, sob a orientação e colaboração do Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck, traduziu pela primeira vez esse romance ao português. Essa tradução, intitulada *Uma tradução experimental de Xicoténcatl (1826) ao português: o primeiro romance histórico latino-americano*², segue inédita e, portanto, é ainda pouco conhecida no Brasil.

Pretendemos verificar em nossa pesquisa quais são as primeiras imagens ficcionais de Malinche no romance de 1826, ancorados na teoria que se concentra na construção da personagem de ficção. Desse modo – uma vez feito o estudo da configuração da personagem Malinche em *Xicoténcatl* (1826) – procuraremos por semelhanças e diferenças dessas imagens a partir de quinze recortes escolhidos de

¹ O título do romance na primeira edição da imprensa de Guillermo Stavelly apresenta a grafia: *Jicoténca*. Porém, o romance, publicado sob a organização de Antonio Castro Leal (1964), mostra a grafia *Xicoténcatl*. Tomamos a última para referenciar a obra analisada, da mesma forma como o fez Márquez Rodríguez (1996, 2006) entre outros autores. Nevárez (2004) e Grillo (2004) comentam que tanto a obra quanto o nome do personagem histórico são conhecidos pelas seguintes grafias: *Jicoténca*, *Jicoténcatl*, *Xicoténca*, *Xhicoténca*, *Sicutengal*, *Xicotenga*, etc.

² Os direitos autorais dessa tradução experimental foram outorgados ao Prof. Dr. Gilmei Francisco Fleck pelo acadêmico orientado, pois esse não seguirá a carreira de Letras. Após o término do estudo em questão, essa tradução será revista e, em seguida, encaminhada à publicação, com partes do estudo que aqui desenvolvemos integrados à obra.

44 trechos específicos do original em que a personagem Malinche aparece mencionada na obra, em língua espanhola, e suas duplicações no espelho da tradução, nos trechos correspondentes nas duas versões que temos do romance, ao inglês e ao português. Esse procedimento tem como objetivo comparar as imagens selecionadas da personagem Malinche no original e suas correspondências nas traduções para comprovar se há aproximações, distanciamentos ou a criação de novos paradigmas no que concerne à formação das primeiras imagens de Malinche no espelho das traduções. Esse estudo dá-se a fim de comparar se a essência primeira da configuração literária da personagem Malinche, dada em *Xicoténcatl* (1826), estende-se às duas versões que o romance possui até o momento e a relação dessas imagens espelhadas pela tradução com as existentes na historiografia e no imaginário coletivo mexicano. Assim, podemos averiguar se as primeiras representações ficcionais de Malinche contribuíram, ou não, para a formação das imagens que ela carrega no imaginário coletivo do povo mexicano.

Esta investigação visa também mostrar ao público brasileiro a importância de *Xicoténcatl* (1826) para a história da Literatura Hispano-latino-americana e como modelo fundador do romance histórico em nosso contexto numa produção que demonstra o enfrentamento da Literatura Latino-americana com o cânone europeu, na condição de embrião do Novo Romance Histórico Hispano-americano. Cremos que esse desconhecimento histórico ocasiona a existência de uma lacuna no entendimento da trajetória da Literatura Latino-americana para a maioria dos brasileiros.

A obra inaugural do gênero híbrido de literatura e história em nosso contexto, *Xicoténcatl* (1826), narra a história de um jovem guerreiro, de origem nobre, da nação pré-colombiana tlaxcalteca que sucumbe diante de circunstâncias arquitetadas por Hernán Cortés³ (1484-1547), o “conquistador” do México. Esta obra

³ “Hernán Cortés, nascido na Estremadura, Espanha. Vendeu suas propriedades, [...] para financiar a aventura nas novas terras e ter direito ao saqueio depois de descontado o ‘quinto real’. Não seguindo as instruções do governador de Cuba, Velásquez assumiu a cabeça da expedição à península de Yucatán. Ajudado por Jerónimo de Aguiar e Malinche como intérpretes, soube fazer alianças importantes entre os indígenas [...] descontentes com [...] [os] “mexicas”. Alguns autóctones viram em Cortés um aliado poderoso [...]. Outros acreditaram que seriam enviados do deus Quetzalcoatl [...] como estava escrito nas profecias. [...] Cortés era muito hábil, audacioso, tinha grande inteligência, ambição e caráter enérgico. [...] Estima-se que ele foi o responsável pela tortura e morte de Cuactemoc, [...] da morte misteriosa de sua esposa Catalina e várias outras mortes [...]. Em 1522, consegue ser nomeado governador, capitão-geral e justiça-maior da Nueva España. É chamado pela história oficial como o ‘conquistador do México’. [...] morre esquecido em 1547. Suas obras principais são as cinco *Cartas de relación*.” (CARMONA DÁVILA - tradução)

apresenta, pela primeira vez na literatura, a configuração ficcional da personagem histórica Malinche, a colaboradora indígena de Cortés, no papel de uma personagem secundária, que aparece caracterizada em oposição ao povo tlaxcalteca comandado por Xicoténcatl, o jovem. Tlaxcala representa, segundo a tese da obra, a semente futura de uma “nação hispano-americana”⁴. Desse modo, Marina Ténépal – nome com o qual Malinche foi batizada pelos espanhóis – é posta como uma representante da corrupção nativa no período da chamada conquista americana, enquanto o autóctone Xicoténcatl, o jovem, comandante das forças guerreiras de Tlaxcala, que chefiou a resistência contra Cortés, e Teutila, a sua amada, ostentam todos os nobres atributos do herói clássico⁵ (GRILLO, 2011).

Trata-se do primeiro romance histórico latino-americano (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, 2006; UREÑA, 1994), porém, este se mostra diferente das narrativas mistas de história e ficção clássica ao modo de narrar de Sir Walter Scott, inaugurador do gênero.

Distinto das produções de Scott, em *Xicoténcatl* efetua-se a ficcionalização de personagens de extração histórica, tal como definido por Trouché (2006), que atuam como protagonistas da ação narrada. Entre eles, há personagens bem conhecidos como Hernán Cortés, Marina Ténépal (ou Malinche); Xicoténcatl e vários outros astecas e espanhóis envolvidos na "conquista" do México, cujas existências reais podem ser comprovadas.

nossa). Disponível em: <<http://www.memoriapoliticademexico.org/Biografias/COH84.html>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

⁴ Ainda existem controvérsias com respeito à autoria do romance. Portanto, preferimos afirmar que a tese da obra pretende apresentar Tlaxcala como a semente de uma “nação hispano-americana”, sem afirmar que uma só nação possa estar implicada na tese. Sobre o achado de Luis Leal, Rojas Garcidueñas escreve: “não se duvide de o autor não ser espanhol, (o que reforça o que já afirmamos os estudiosos deste assunto e, por sua vez, com o qual se descartam definitivamente posições contrárias), mas não só não poderia ser espanhol, como também ao que tudo indica não poderia ser cubano (questão que anula a hipótese do Prof. Luis Leal [...]); [...] conseqüentemente, se aparentemente o escritor do prefácio (Luis Leal) [...] refere-se ao autor do romance publicado em Filadélfia (1826), o autor anônimo deve ter sido um hispano-americano de algum dos países já independentes e, portanto, estrangeiros para um súdito espanhol.” (ROJAS GARCIDUEÑAS, 1961, p. 111 – tradução nossa).

⁵ “Evidentemente, as personagens indígenas são configuradas segundo coordenadas culturais europeias, especialmente segundo a cultura clássica greco-latina.” (GRILLO, 2011, p. 20 – tradução nossa). “Definição: O herói clássico caracteriza-se pela idealização, isto é, o herói é idealizado, possuidor de muitas qualidades, corajoso, bom, destemido, forte, belo e muito mais! O chamado herói moderno, geralmente, não é idealizado, é mais próximo do homem comum de nossos tempos, com qualidades e defeitos, corajoso e covarde ao mesmo tempo, nem tão forte nem tão fraco.” Disponível em: <http://www.klickeducacao.com.br/bcoresp/bcoresp_mostra/0,6674,POR-774-4663,00.html>. Acesso em: 18 abr. 2016.

Outra diferença que merece destaque é o fato de que, nessa narrativa latino-americana, são os personagens autóctones que surgem como protagonistas. Eles aparecem enaltecidos e elevados a heróis clássicos pelo discurso do romance, enquanto os heróis da história oficial, os conquistadores espanhóis, são degradados a vilões, configurados como os antagonistas da diegese.

Contudo, a trama arquitetada não deixa de seguir as ações registradas pela história oficial. Assim, na obra elencada, constrói-se uma visão oposta da "conquista" do México daquela consagrada pela historiografia que louva a ação conquistadora dos espanhóis. Essa visão consiste na maior diferença desse primeiro romance histórico latino-americano em relação ao romance histórico clássico europeu, intensamente produzido nesse mesmo período.

Na América hispânica, muitas das escritas do romantismo não apresentaram a forma clássica europeia desse gênero híbrido, pois as obras produzidas nesse contexto estão vinculadas aos pensamentos independentistas e à formação de uma identidade própria. Aqui, inseridos no contexto ficcional, observamos a exaltação de personagens autóctones anteriores aos eventos históricos de 1492 na busca pela construção de uma identidade nacional.

Desse modo, *Xicoténcatl* (1826) se distingue do romance histórico clássico, pois apresenta, além das peculiaridades já mencionadas, uma ruptura muito importante com o modelo scottiano, sobretudo como produção latino-americana: seu caráter ideológico de contestação ao regime colonial espanhol da época pela narrativa que se opõe ao discurso laudatório dos heróis da "conquista" americana, bem como pela eliminação do pano de fundo para dar lugar de protagonista aos personagens históricos.

Nosso interesse em evidenciar a configuração da personagem histórica, a nativa Malinche, está relacionada com a visão da primeira configuração na literatura desta personagem, principalmente porque a configuração desta ajudou à formação da identidade de povos americanos e, além disso, porque a história oficial utilizou personagens-chave, como Malinche, para, como afirma John Hemming⁶ ([1982]

⁶ John Hemming discorre sobre o "intérprete autóctone", batizado Felipillo, utilizado pelo "conquistador" do Império Inca, Francisco Pizarro. O estudioso lembra-nos da cena em que frei Vicente Valverde "exige" a conversão ao catolicismo do Inca Atahualpa. O Inca, que não entende a língua e o significado da bíblia que lhe mostram, arremessou o livro, tornando-se esse um ato justificativo para a sua captura. Felipillo atuou como "língua" nessa cena, fato pelo qual, por muito tempo, afirmou-se que ele teria principiado a captura do Inca. Por outro lado se questiona seu conhecimento de línguas já que era nativo de outra das nações subjugadas do império, a nação

apud KLAUER, 2000), tirar da responsabilidade os “conquistadores” oriundos do continente europeu.

Com relação à vida de Malinche – ou La Malinche, Malinalli Ténépal, Malintzin, Marina Ténépal –, sabe-se que, segundo relata Herren (1993), foi uma escrava que teve em suas mãos o poder do conhecimento de línguas, abrindo as portas do conhecimento sobre a região mesoamericana para Hernán Cortés, que soube utilizar-se desta grande vantagem para criar melhores estratégias e dominar o Império Asteca. A participação de Malinche nas tramas rumo à conquista do México foi evidentemente ativa, já que a vemos ilustrada em códices astecas ao lado da representação de Cortés, assim como aparece mencionada, embora em poucas referências, nas *Cartas de Relación* (1519-1526) do conquistador. É a primeira vez que se registra, na história do continente americano, que uma mulher foi tão importante e cujos atos foram decisivos para o desenrolar dos acontecimentos na “conquista” da América pelos europeus.

Essa parte da memória histórica é desconhecida da maioria dos brasileiros e, igualmente, a ideologia patente na escrita do primeiro romance histórico hispano-latino-americano *Xicoténcatl*, em 1826, que visa a reforçar a ideia de nação, em anos de plena luta pela independência⁷ dos povos que ainda eram considerados como parte da América Espanhola. Tudo isso, pelas razões já expostas, faz com que a análise do romance e a publicação da tradução desse ao português se tornem essenciais para os estudos da literatura em geral e como parâmetro de produção literária de romance histórico latino-americano.

Lamentavelmente, ainda não temos a tradução oficial divulgada de *Xicoténcatl* em português, e os estudos críticos da obra, dentro do círculo acadêmico no Brasil, não são suficientes. A tradução de textos basilares é importante, pois a

Tallán. Felipillo é visto como um traidor, já que, segundo o discurso oficial, por sua causa o império Inca caiu em mãos dos europeus. Neste contexto, Klauer aponta que: “As deformações da historiografia foram de tal modo a descarregar Pizarro e ao imperialismo espanhol da responsabilidade da morte do Inca, culpando a ‘Felipillo’, que supostamente deturpou suas frases [...]. A partir desse momento, [...], a historiografia semeou [...] a infeliz associação: Felipillo = tallán perverso = traidor (tão errada como o erro da História de México ao identificar ‘Malinche’ como ‘traidora’). Repetida a frase venenosa por décadas e décadas, sem parar, quem poderia hoje no Peru se identificar como sendo da cultura tallán? [...]” (HEMMING apud KLAUER, 2000, p. 217 – grifos nossos, tradução nossa).

⁷ As lutas pela independência dos povos da América espanhola iniciaram com os primeiros movimentos significativos, porém, sem resultados, em 1780 e 1781 com Túpac Amaru no Peru e o *Movimiento comunero* em Nova Granada. Já no início do século XIX desencadearam as guerras independentes a partir de 1808 até 1829. No entanto, só em 1898, Cuba, Porto Rico e Filipinas se tornariam “independentes da Espanha”, perdidas para os Estados Unidos na Guerra Hispano-americana.

sua inserção num espaço mais amplo ajuda no esclarecimento de que, neste caso de *Xicoténcatl*, a produção latino-americana, desde o início, revelou a capacidade autônoma de propor novos paradigmas sobre o ser “latino-americano”.

Nesse contexto de acesso ao conhecimento, é necessário considerar que “a tradução é um elemento veiculador por excelência.” (RODRIGUES, 1999, p. 123) e sua não existência limita o acesso de grande parte da população às possibilidades de mudanças reveladas em outro contexto. Faz-se necessário refletir, no espaço latino-americano, sobre como a tradução é um meio de descolonização, na medida em que permite ser uma estratégia de inserção da nossa cultura na cultura do outro, e que, ao mesmo tempo, torna-se relevante constatar que a tradução problematiza as teorias eurocêntricas.

Traduzir *Xicoténcatl* para a língua portuguesa é evidenciar, aos leitores potenciais desse idioma – brasileiros ou europeus –, formas de como o nascente sistema literário latino-americano buscou, desde as suas primeiras escritas, enfrentar-se com o cânone europeu, ao promover rupturas consideráveis com os modelos impostos desde as metrópoles. Desse modo, a “cópia imperfeita” (COUTINHO, 2003) – a produção hispano-americana – desde 1826 já se apresentava como uma resposta criativa, segundo defende Coutinho (2003), como característica da Literatura Latino-americana contemporânea diante do cânone europeu.

Nesse romance hispano-americano, desconhecido ainda do grande público brasileiro, já se evidenciava o “movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (SANTIAGO, 2000, p. 18), manifestado no célebre ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, de Silviano Santiago. São os efeitos desse movimento de enfrentamento dos latino-americanos com os preceitos do cânone europeu, segundo defende o crítico brasileiro, que possibilitaram, na contemporaneidade, que a América Latina tenha instituído “seu lugar no mapa da civilização ocidental.” (SANTIAGO, 2000, p. 18).

A tradução de obras literárias como essas agem sobre o sistema literário da língua meta, pois, na publicação do romance em 1826, comprovamos que o romancista latino-americano já dava pistas de que se iniciava o jogo paródico de “brincar com os signos de um outro escritor, de uma outra obra” (SANTIAGO, 2000, p. 21), efetuando um manejo profundo de outros textos e permeabilizando-se com

eles, o que caracteriza uma “assimilação inquieta e insubordinada, antropófaga” (SANTIAGO, 2000, p. 20) da escrita do “outro”, uma “experiência sensual com o signo estrangeiro.” (SANTIAGO, 2000, p. 21).

Demonstramos, assim, que a reescrita paródica latino-americana, mencionada pelos críticos brasileiros, aparece já no século XIX, quando o autor anônimo de *Xicoténcatl* utiliza o terceiro-espço para gerar sua obra, fazendo uso da prática antropofágica (COUTINHO, 2003) da Literatura Latino-americana que, no Brasil, levaria ainda vários anos para se instaurar. Tais premissas caracterizam essa obra como exemplo de como um sistema literário emergente, localizado no entre-lugar latino-americano, conhece e emprega, em suas produções basilares, estratégias de enfrentamento com o centro em que o poder emana.

As primeiras leituras da história pela ficção, efetuadas no espaço latino-americano, levam à modalidade tradicional do gênero, pois as transformações mais evidentes no modelo clássico europeu ocorrem já com o seu primeiro expoente latino-americano do gênero, *Xicoténcatl*. Desse modo, poderíamos dizer que, já com essa produção, temos o anúncio de “*un diálogo en pie de igualdad entre esas diversas literaturas, asegurándose la transversalidad propia de [la literatura comparada en América Latina].*” (COUTINHO, 2004, p. 253).

O conteúdo em si de *Xicoténcatl* é prova de que as teorias sobre a superioridade do cânone euro-falo-cêntrico sobre as produções excêntricas não têm cabimento. O parâmetro da produção latino-americana, desde 1826, nesse sentido, supera o modelo de Scott por se tratar de uma inovação no modelo de romance histórico clássico scottiano.

Para evidenciar tais aspectos no estudo proposto, a base teórico-metodológica a ser utilizada nesta pesquisa encontra-se dentro dos limites da literatura comparada, das teorias sobre a configuração da personagem ficcional e, de modo transversal, das teorias sobre a tradução literária. Carvalhal (1992) considera a comparação como um: “recurso analítico e interpretativo, a comparação que possibilita a esse tipo de estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. [...] (como um) meio e não um fim.” (CARVALHAL, 1992, p. 7).

Dessa forma, será elaborada a comparação de 15 trechos escolhidos de um conjunto de 44 fragmentos do texto original de *Xicoténcatl* (1826) nos quais se menciona a personagem Malinche e suas correspondentes versões nas traduções

da obra (1999; 2013), obedecendo à perspectiva do método tal qual a teórica expõe, fazendo da comparação um meio para analisar, no caso, as configurações outorgadas a La Malinche.

A literatura comparada surgiu na França, no século XIX, tendo como parâmetro principal a noção de originalidade, de fonte, de influência. Os estudos na época apontavam à existência de uma literatura nacional, com características, tradições e origens que diferenciavam umas das outras. Partindo dessa originalidade, propunha-se o estudo das literaturas nacionais comparando-as entre si, à procura de uma influência no conteúdo, na forma ou no estilo (NITRINI, 2010). Anos mais tarde, por meio da própria literatura comparada, compreendeu-se que as histórias literárias não estariam isoladas, mas que conformariam uma “tradição ocidental composta de uma rede de inúmeras inter-relações” (NITRINI, 2010, p. 34), deixando-se de lado o conceito de influência, tal qual Wellek (apud NITRINI, 2010, p. 35) propôs, entendendo-se a obra de arte “como uma totalidade diversificada, como uma estrutura de signos que implicam e exigem significados e valores”.

A literatura comparada na América Latina proporciona outro viés, já que o “[...] comparatismo tradicional, calcado em noções cristalizadas como as de fontes e influências [...] tratava-se de um sistema nitidamente hierarquizado [...]” (COUTINHO, 1995, p. 624) no qual se observa o chamado “colonialismo cultural”, já que o texto fonte, a referência de comparação, era um texto europeu ou estadunidense, enquanto o texto na condição de devedor, em desvantagem, eram as produções da América Latina.

De acordo com Coutinho (1995), ser o texto “devedor” também traz consigo, na atualidade, o papel e a responsabilidade de revitalizar o primeiro texto, oportunizando novas leituras e entendimentos; assim, o diálogo com o texto anterior torna-se mais rico e dinâmico.

Por esse ângulo, Santiago (2000), evidencia que, nessa linha de pesquisa, as obras latino-americanas estariam na condição de obras-parasitas, sujeitas ao brilho da estrela (obras europeias/estadunidenses). Portanto, declara que a literatura comparada que observa só as obras canônicas seria uma tendência de estudo já ultrapassada por ser excludente e por negar a presença da diferença na obra marginal.

O elemento diferenciador, mencionado por Santiago, é definido por Uslar Pietri (1990) como resultado da prática escritural antropofágica latino-americana que

a revigora, a potencializa e a diferencia, dessa maneira, sem negar a influência sofrida ao longo de anos de imposição e de submissão aos modelos europeus (USLAR PIETRI, 1990). Já Zilá Bernd (1998, p. 18) destaca que se trataria de um processo de ressimbolização:

[...] em que a memória dos objetos se conserva e em que a tensão entre elementos díspares gera novos objetos culturais que correspondem a tentativas de tradução ou de inscrição subversiva da cultura de origem em uma outra cultura, então estamos diante de um processo fertilizador.

Assim, a obra *Xicoténcatl* se mostra um produto resultante do processo fertilizador como mencionado por Bernd (2013), que se instala cedo, em 1826, no continente americano. No que diz respeito ao estudo proposto, destacamos que esse está formado de duas partes: a primeira é composta por uma análise do romance *Xicoténcatl* e a segunda parte trata dos fragmentos do original que mencionam a personagem Malinche.

Na primeira parte, prioriza-se as imagens de Malinche, com ênfase nas teorias sobre o romance histórico tradicional, baseada numa revisão dos autores que versam sobre o romance histórico e a literatura comparada – como Lukács (2007), Carvalhal (1992), Bernd (1998; 2013), Santiago (2000), Coutinho (1995, 2003), Nitrini (2010), Fleck (2005, 2008, 2014a, 2014b) etc. –, as teorias sobre a configuração da personagem ficcional – tais como Brait (2002), Candido (1985), Silva (1986) – e, de modo transversal, as teorias sobre a tradução literária com autores como Milton (1993), Rodrigues (1999), Santiago (2000), Pagano (2000), Bassnet (2003), Wyler (2003), Arrojo (2007) e Martins (2011), entre outros, para estabelecer as relações entre as primeiras imagens ficcionais da personagem de extração histórica Malinche nas obras do corpus.

Isso se dá com o intuito de verificar quais são as características do romance histórico clássico que são ignoradas ou superadas pelo autor de *Xicoténcatl* (1826), uma vez que essa obra está entre as primeiras produções do gênero que apresentam rupturas com a primeira modalidade.

Após esse estudo crítico da obra, a segunda parte do estudo apresenta a verificação de 15 recortes selecionados, de 44 trechos do original, em que a personagem Malinche se encontra mencionada ou configurada, com suas correspondências nas versões para o inglês e para o português. Nesse momento,

será verificado se a escolha dos tradutores influencia de alguma forma na imagem de Malinche contida na primeira escrita nas outras culturas alvo das traduções. Nessa etapa, foram estudados textos que tratam sobre tradução literária dos autores supracitados. Na sequência, exibimos uma análise das imagens de Malinche que terá como base as imagens expostas na primeira parte da pesquisa, baseada na teoria da tradução revisada.

Para tal fim, pretendemos apresentar dois capítulos. O primeiro capítulo, “*Xicoténcatl* (1826): ruptura com o modelo de romance histórico clássico europeu”; é o espaço no qual fazemos a análise da obra e sua caracterização como romance histórico que inaugura a escrita crítica dentro do gênero, sendo, desse modo, o embrião do que mais tarde se chamará de “novo romance histórico latino-americano” que, oficialmente, surge em 1949.

Dentro desse capítulo temos três subdivisões: “1.1- Ideias latino-americanas manifestadas em *Xicoténcatl* (1826)”, subcapítulo no qual realizamos uma análise específica do discurso proferido no romance, como são desconstruídos os heróis do discurso histórico oficial e como os nativos presentes na obra são elevados a heróis clássicos. Apontamos e discutimos os propósitos da construção da identidade latino-americana por meio da construção dos personagens na obra. No subcapítulo “1.2- *Xicoténcatl*: da tradição à ruptura – o primeiro romance histórico latino-americano” discutimos o romance em questão com respeito ao modelo de Scott, apontando semelhanças e diferenças/rupturas. E, no subcapítulo “1.3- A primeira configuração literária da nativa Malinche no romance *Xicoténcatl* (1826): o caminho da história à ficção”, tratamos especificamente da personagem histórica Malinche e apontamos como ela aparece configurada na obra.

No capítulo 2, “Malinche no espelho das traduções de *Xicoténcatl* (1826): [1999 – 2013]”, apresentamos algumas revisões feitas aos estudos de teoria da tradução, em especial com respeito à escolha dos tradutores e às intenções da tradução. Essa parte da pesquisa consta dos seguintes subcapítulos: “2.1- O espelho das traduções: imagens refractadas em suas essências de papel e tinta”, na qual apresentamos as teorias de tradução, pós-colonialismo e os teóricos que versam sobre as relações entre a literatura e a história nas quais nosso estudo se apoia para a análise das três obras elencadas de 1826, 1999 e 2013. O subcapítulo “2.2- Malinche na transversalidade do espelho – imagens refractadas a partir de uma perspectiva emanadora”, no qual são analisados tanto os trechos correspondentes

ao recorte de quinze trechos escolhidos dos 44 trechos do original, em espanhol quanto as correspondências de Castillo-Feliú na versão para o inglês, realizada em 1999, e as de Sobierai e Fleck na versão para o português, de 2013, para efetuar o cotejo entre as imagens de Malinche da versão de 1964 às traduções.

A pesquisa pretende divulgar, por meio de publicações em revistas especializadas, os resultados obtidos. Dessa forma, contribuiremos para um melhor entendimento do significado desse romance para a produção latino-americana da publicação de *Xicoténcatl* ainda no ano de 1826. Igualmente, pretendemos utilizar os dados de verificação, obtidos ao comparar o texto original com suas traduções, e iniciar, no momento posterior à defesa desta dissertação, com o orientador, a atualização da tradução para uma versão revisada com intuito da posterior publicação, bem como um estudo do romance para uma melhor receptividade da obra no contexto brasileiro atual.

Dessa maneira, buscamos colaborar com dados específicos e relevantes para pesquisas mais amplas sobre a história da Literatura Latino-americana, que tem em *Xicoténcatl* (1826) o primeiro expoente do romance histórico em nosso contexto, assim como é o berço literário no qual nascem as imagens de Malinche que tanto proliferaram nas diversas artes ao longo do tempo.

1 *XICOTÉNCATL* (1826): RUPTURA COM O MODELO DE ROMANCE HISTÓRICO CLÁSSICO EUROPEU

Sobre o romance *Xicoténcatl* (1826) sabemos que a primeira edição foi publicada sob o título: *Jicoténcal*, com autor anônimo, pela imprensa de Guillermo Stavely, na Filadélfia, Estados Unidos. Essa obra, desde então, teve cinco edições do original em espanhol e uma da versão em inglês, organizada por Guillermo Castillo-Feliú, em 1999. Em todas as edições⁸, os vários organizadores apresentam uma análise do romance e discutem questões e teses sobre a autoria da obra.

Sobre as edições em espanhol, temos na segunda, organizada por Antonio Castro Leal e publicada em 1964, a declaração do anonimato da autoria da obra. A terceira edição documentada foi elaborada por Luis Leal e Rodolfo Cortina e publicada no ano de 1995. Os organizadores dessa edição atribuem a autoria do romance ao padre cubano Félix Varela. Em 2002⁹, Alejandro González Acosta publica a quarta edição do romance, declarando ser autor dessa obra o poeta e dramaturgo cubano José María Heredia. Finalmente, em 2012, Gustavo Forero Quintero organiza a quinta edição de *Xicoténcatl*, na qual se expõe, novamente, como anônima a autoria do romance, junto a análises pertinentes à obra.

Portanto, como podemos observar nas diferentes edições, numa primeira abordagem do romance há dois assuntos controversos: as primeiras considerações dizem respeito à “autoria anônima”; o segundo ponto em questão é o porquê da publicação do romance em língua espanhola na Filadélfia, Estados Unidos, país de língua inglesa. Com respeito a este último, o romancista provavelmente publicou em espanhol, pois tinha como público leitor ideal os latino-americanos. Esta quase asseveração será confirmada quando analisarmos o conteúdo crítico e a propaganda anti-hispanista do romance.

São várias as conjecturas que se fazem principalmente sobre a autoria. Castro Leal (1964), por exemplo, argumenta que, talvez, o autor não fosse espanhol. Confluyente com sua posição, temos o parecer de Ureña (1994), o qual afirma que o tom do romance é muito forte, a sua linguagem é “*áspera, aun para un español liberal. Y hay una especie de patriotismo indio en la novela.*” (UREÑA, 1994, p.

⁸ Leal e Cortina (1995, p. xxvii – tradução nossa): “Existe uma edição publicada em La Habana ao redor dos anos 1970 que se limita a reproduzir o texto da obra sem análise crítica ou critérios de atribuição e que não conseguimos consultar”.

⁹ Informação de Gustavo Forero Quintero, 2012, p. 19.

243)¹⁰. Assim, Ureña acredita que o autor não poderia ser outro senão um hispano-americano. Por outro lado, os comentários apontados pelo autor anônimo evidenciam o teor crítico que o romance apresenta.

A autoria da obra ainda é difícil de comprovar. O crítico venezuelano Alexis Márquez Rodríguez, em 2006, acreditou ter encontrado a resposta sobre a incógnita de *Xicoténcatl* e afirmou: “*por muchos años se ignoró su autor, hasta que recientemente se ha comprobado que fue el cubano José María de Heredia*”. (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 2006, p. 6)¹¹. Igualmente, o autor afirma que a obra é o primeiro romance histórico hispano-americano e o segundo romance histórico em língua espanhola, com o mérito de ser uma das duas¹² obras que romperam o modelo estrutural do romance histórico de Walter Scott.

Em 1956, o estudioso Luis Leal afirma que o autor seria Félix Varela. Na publicação de Leal, dessa vez junto a Rodolfo Cortina, em 1995, com a grafia *Jicoténcal*, na terceira edição do romance, volta-se a afirmar que o autor seria Varela. No estudo, expõem-se inconsistências achadas no texto do romance, o qual leva os autores a argumentarem que um mexicano não teria escrito a obra em questão. Dentre os argumentos de que eles se utilizam estão as falhas ortográficas em nomes nativos presentes no texto – daí que o autor anônimo utilize, por exemplo, Magizcatzin e não Maxiscatzin. Outra prova apresentada na tese de autoria é a presença de erros geográficos na obra. Segundo os estudiosos, o autor pretende que o herói Xicoténcatl caminhasse toda noite de Tlaxcala a Acatzingo que, segundo Leal e Cortina (1995), corresponde a caminhar 18 léguas (86,9046 quilômetros de percurso), impossível para um ser humano.

Mais uma evidência observada é o pouco conhecimento, pelo autor anônimo, do vocabulário indígena estimado como de uso cotidiano intrínseco dos mexicanos.

¹⁰ "ríspida demais para um espanhol ainda que liberal. E existe uma espécie de patriotismo indígena no romance." (UREÑA, 1994, p. 243 - tradução nossa).

¹¹ "Por muitos anos se desconheceu quem foi seu autor, todavia, recentemente, comprovou-se que foi o cubano José María Heredia" (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 2006, p. 6 – tradução nossa).

¹² A outra obra a que se refere Márquez Rodríguez (2006) é *Cinq de Mars* (1826), de Alfred de Vigny. O romance de Vigny utiliza a história não mais como pano de fundo, mas como elemento principal. (FLECK, 2014a). Alexis Márquez Rodríguez resume esse romance da seguinte maneira: “[...] contextualizado na época do rei Luís XIII da França. [...] Neste romance de Vigny os elementos do esquema de Scott relacionados ao caráter das personagens aparecem invertidos. Para o francês, a ação principal se encontra nos grandes fatos históricos e, o ficcional, assim como as personagens reais, porém, de menor significação, passam para um segundo plano. Dessa forma, se impõe um conceito da história baseado na individualidade e não no coletivo, respondendo a um critério posto em destaque pelo Romantismo decadente. Esta tendência não foi casual e, no caso concreto de Vigny, ele mesmo formulou o princípio de forma clara no prefácio do seu romance [...]” (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996, p. 37 – tradução nossa).

Dentro do léxico examinado estão, entre outros itens, toponímicos que os pesquisadores citam na introdução escrita do romance *Xicoténcatl* da terceira edição. Porém, Rojas Garcidueñas, em 1961, já havia colocado em dúvida¹³ essa afirmação.

Leal e Cortina (1995) reivindicam, ainda, a autoria do livro para o conjunto de obras em espanhol escrito nos Estados Unidos e consideram essa obra parte do legado hispânico produzidos nesse país. Acreditamos que esses pesquisadores publicaram um trabalho muito importante ao mesmo tempo em que revelam pistas sobre os possíveis candidatos à autoria do romance *Xicoténcatl* (1826). Apesar disso, a reivindicação do romance para o conjunto de obras consideradas como herança hispânica escrita nesse país é controverso. Acreditamos que o fato de ter sido publicado na Filadélfia trata-se de uma questão circunstancial. O autor poderia ter escolhido Londres, outra cidade considerada como “refúgio de conspiradores”.

À vista disso, pode-se asseverar que a última palavra ainda não está dada no assunto da autoria. Até o momento da elaboração desta dissertação igualmente restam controvérsias sobre essa questão. Embora vários autores, não obstante, tenham apontado a diferentes personagens como autores do romance, não há, ainda, um consenso. Para o intuito de nossa pesquisa, ela não se constitui em aspecto fulcral, embora pudesse colaborar no sentido de entender melhor quem produziu as primeiras imagens ficcionais de Malinche, questão que nos ocupa ao longo desse texto. Porém, concordamos com a posição de Forero Quintero (2012) que destaca não a importância da nacionalidade do autor, mas a sua hispano-latino-americanidade e sua posição ideológica no romance.

Além da questão de autoria, é interessante discutir igualmente sobre o ano de publicação do romance. Devemos lembrar ao leitor o fato de que *Xicoténcatl* foi publicado no contexto das lutas pela independência de territórios que formaram parte do Império Espanhol na categoria de colônias. Essas lutas aconteceram entre 1810 e 1836. Nesse último ano, a independência do México foi, finalmente,

¹³ Segundo Gustavo Forero Quintero (2012), Antonio Leal publicou um artigo afirmando a autoria de Varela. Porém, passaram-se décadas e novos estudos foram publicados e, ainda assim, Leal insistiu em publicar, em 1995, em parceria com Cortina, a tese de 1960. Rojas Garcidueñas não concordou, em 1961, tal como já mencionamos na nota 3.

reconhecida pela Espanha¹⁴. Essa informação torna-se importante, pois explica o teor do conteúdo do romance que analisamos.

A cidade em que foi publicada a obra, ao redor de 1826, de acordo com Castro Leal (1964), está dentro do grupo de três cidades consideradas, na época, como o “*paraíso de conspiradores*”: Londres, Nova York e Filadélfia, em especial. Os cidadãos dessas cidades simpatizavam com as causas libertárias e cooperavam com elas, distribuíaam proclamas e manifestos, arrecadavam dinheiro e se preparavam para as campanhas. (CASTRO LEAL, 1964). Portanto, o lugar de publicação do romance em questão parece ter sido cuidadosamente planejado, já que o autor e/ou a pessoa que publicou a obra sabia da impossibilidade de editar/publicar uma obra como essa dentro do território da Nova Espanha.

Forero Quintero (2012) discute, ainda, que o contexto histórico envolve não somente Espanha/México ou Espanha/Cuba, mas igualmente os Estados Unidos/México e as outras nações recentemente independentes. O estudioso ressalta a possibilidade da preocupação descolonizadora do possível autor do romance e de seus colegas também expatriados ou autoexpatriados nos Estados Unidos, pois, segundo o pesquisador, o tom do romance expressa, igualmente, a preocupação dos intelectuais das nações ex-colônias de perceber-se ainda dependentes da Europa e da nova grande nação estadunidense. Com o intuito de analisar o romance, passamos, então, à nossa leitura da obra.

No romance¹⁵ *Xicoténcatl* (1826) narra-se a história do príncipe tlaxcalteca, Xicoténcatl, o jovem (1484-1521)¹⁶, que morre valentemente ao defender seus

¹⁴ Nesse ínterim, Cuba, Filipinas, Porto Rico e Guam formaram parte do território do Império Espanhol até 1898, quando, pela intervenção dos Estados Unidos na independência de Cuba, a Espanha perde esses últimos territórios.

¹⁵ Lopes (2015, p. 69) aponta sobre o romance que: “[...] o autor descreve os acontecimentos históricos a partir da chegada de Hernán Cortés e seu exército na fronteira da república de Tlaxcala, no outono de 1519, e a resistência oferecida no início pelas tribos autóctones, até a morte de Xicoténcatl filho, em 1521 – o primeiro nativo a ser abertamente contra a invasão, segundo o que se registrou pelo discurso historiográfico”.

¹⁶ A personagem histórica é conhecida pelos seguintes nomes: Xicoténcatl, Jicoténcatl, Xicotenga e Sicutengal (GRILLO, 2004, p. 106). Xicoténcatl, o jovem, nobre indígena da nação de Tlaxcala, lutou contra os espanhóis até que o senado indígena lhe ordenou parar, pois foi decidido, por influência de *Maxixcatzin* [o *Magizcatzin* do romance *Xicoténcatl* (1826)], que a melhor saída seria apoiar os espanhóis. Xicoténcatl teve a clara visão de perceber que os espanhóis trariam consigo um jugo que arrasaria o mundo indígena. Em 1521, tentou organizar em Tlaxcala a resistência, sem sucesso. O príncipe de Tlaxcala, historicamente, é reconhecido como símbolo da resistência dos povos mesoamericanos que mostraram oposição ao avanço dos espanhóis. Seus poemas foram compilados no texto: *Cantares Mexicanos*. (CARMONA DÁVILA – tradução nossa). Disponível em: <<http://www.memoriapolitica-demexico.org/Biografias/XIC84.html>>. Acesso em: 14 ago. 2016. A grafia utilizada pelo autor é um dos indícios de que os autores Luis Leal e Rodolfo Cortina (1995) sustentam a sua tese de Félix Varela ser o autor anônimo da obra.

valores indígenas numa cilada arquitetada por Hernán Cortés. Como Castro Leal (1964) aponta, trata-se de um drama, pois relata como a personagem Xicoténcatl não consegue fazer com que o senado e seu próprio pai entendessem que a rivalidade entre Tlaxcala e Tenochtitlán¹⁷ era bem menos perigosa do que “*entregarse a los españoles y colaborar con ellos para darles el triunfo sobre los aztecas. [...]*” (CASTRO LEAL, 1964, p. 77), já que, na verdade, esses atos se converteriam, de acordo com o autor, na destruição do poder e na independência dos próprios tlaxcaltecas. Castro Leal (1964) aponta para a clareza de discernimento presente no romance, uma vez que nele se apresenta a personagem histórica Xicoténcatl como o modelo precursor do sentimento de nacionalidade mexicana.

A obra *Xicoténcatl* (1826) se encontra dividida em seis livros¹⁸. Está contextualizada no período da conquista do México, especificamente nos momentos em que Cortés chega a Tlaxcala¹⁹ com a intenção de fazer alianças para ampliar seus exércitos e conquistar o Império Asteca governado por Moctezuma II (1466-1520)²⁰.

Trata-se de uma narrativa linear que segue os sucessos tal qual sugeridos pela história oficial; inclusive, o autor anônimo faz questão de mostrar ao leitor que foram utilizados na narrativa trechos da obra *Historia de la conquista de Méjico*, do

¹⁷ “Tenochtitlán foi, provavelmente, uma das maiores cidades do mundo no século XVI. [...] Os conquistadores espanhóis ficaram maravilhados com a beleza e a organização da cidade quando a viram pela primeira vez. Mas isso não impediu que Hernán Cortez conquistasse e destruísse a cidade em 1521 [...]”. PINTO, Tales S. *Tenochtitlán, a cidade asteca construída sobre o lago*. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historia-america/tenochtitlan-cidade-asteca-construida-sobre-lago.htm>>. Acesso em: 14 ago. 2016.

¹⁸ Baladão de Aguiar (2014, p. 185) aponta que a divisão em livros no romance *Xicoténcatl* remete ao uso da divisão presente nas crônicas da conquista. Acreditamos que essa característica cabe perfeitamente na intenção de trazer ao leitor uma narrativa, do tipo crônica perdida, devido ao fato de apresentar na diegese várias questões não tratadas nos documentos oficiais e inclusive questionamentos do relatado pela história oficial, como, por exemplo, ao tratar da valentia de Xicoténcatl, o jovem, ao querer salvar a sua nação, diferentemente das narrativas laudatórias da história oficial que o julgou um traidor à “conquista” do México. Na divisão, portanto, há a intenção de mostrar a crônica, ficcional, do vencido Xicoténcatl, o jovem.

¹⁹ “Tlaxcala desenvolveu um sistema de cidades-estados que conformaram uma República [...] Xicohténcatl Huehuetl enfrentou a chegada dos espanhóis junto com os demais senhores da República de Tlaxcala . [Q]uem opôs-se com mais força foi o senador Xicohténcatl Axayacatzin de Tizatlán [...], [que] argumentou [...] “que os castelos flutuantes eram resultado do trabalho humano, admiráveis, porque nunca se viu algo parecido antes”. [...]” (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.inafed.gob.mx/work/enciclopedia/EMM29tlaxcala/historia.html>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

²⁰ Moctezuma II, ou Moctezuma Xocoyotzin, imperador asteca no contexto da chegada de Cortés. Disponível em: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/moctezuma_ii.htm>. Acesso em: 26 jul. 2016.

cronista Antonio Solís (1610-1685)²¹. A verossimilhança para o autor do romance constitui-se em um fator importante, pois é na fidelidade textual que: “*se invierten puntualmente los juicios políticos y morales de Solís así como sus incipientes retratos o deducciones psicológicas, de los que su texto abunda.*” (GRILLO, 2004, p. 108)²². A finalidade catártica de refletir sobre o passado histórico leva o autor a utilizar a história e nela insere a sua tese sem ser acusado de modificá-la. O autor anônimo fez uso da função da literatura para preencher as brechas históricas com o intuito de proporcionar a reconfiguração/interpretação das crônicas, apostando na intertextualidade como aliada à sua ideologia.

A trama do romance tem como ponto principal a história do processo de “conquista” do que hoje conhecemos como México, no momento em que Cortés precisa passar por Tlaxcala e fazer aliança com esse povo guerreiro inimigo dos astecas. Como poderá observar o leitor, pelas notas de rodapé, as personagens do romance são de extração histórica (TROUCHÉ, 2006) e a história narrada na diegese não deixará de contar os aspectos presentes escritos pela historiografia. Isto quer dizer que houve um enfrentamento entre Cortés e Xicoténcatl; houve efetivamente a passagem das tropas de Cortés por Tlaxcala; os tlaxcaltecas tornaram-se aliados de Cortés, ajudando-o, entre outras ações, na “conquista” de Tenochtitlán; Xicoténcatl foi punido com a morte por não obedecer a Cortés; etc.

Essa relação linear de acontecimentos históricos ficcionalizados, que será observada na leitura do romance de autor anônimo, faz parte do conjunto de características que apontam para *Xicoténcatl* (1826) como o primeiro romance histórico hispano-latino-americano e o “primeiro romance indigenista hispano-americano escrito nas nossas terras”²³. Todas as características apontadas, neste momento, serão por nós, mais adiante, confrontadas com o modelo europeu instituído por Scott. Isso nos permitirá estabelecer, com essa narrativa, a ruptura do paradigma europeu fixado no romance histórico clássico scottiano em voga naquela época.

²¹ Cronista espanhol que escreveu, entre outras obras, *Historia de la conquista de Méjico*, publicada em 1682. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/portales/antonio_de_solis/autor_biografia/>. Acesso em: 26 jul. 2016.

²² “os juíços políticos e morais de Solís são rigorosamente contrapostos, assim como também as representações pouco desenvolvidas ou deduções psicológicas, que o texto apresenta em abundância.” (GRILLO, 2004, p. 108 - tradução nossa).

²³ O autor Anderson Imbert (apud FORERO QUINTERO, 2012, p. 18), por outro lado, acredita que não tenha sido intencional fazer da obra um romance indigenista, pois segundo ele: “*El autor es más liberal que patriota, más nacionalista que indianista*”.

Para efeitos de apresentação do romance, em seguida trazemos resumidamente, por capítulos, uma síntese analítica da obra, para, em seguida, proceder à exposição dos recortes do romance que apontam à configuração dos personagens em *Xicoténcatl* (1826). Pretendemos, com tal abordagem, informar o leitor sobre as diferenças existentes entre as obras produzidas por Walter Scott, no contexto romântico da Europa, e o romance hispano-americano iniciador da tradição latino-americana de escrita híbrida de história e ficção, produzido no contexto das independências na América Latina.

O primeiro livro que compõe o romance abre-se em *media res* com as palavras do narrador extradiegético²⁴ que anuncia o trágico final da nação tlaxcalteca e a queda do mundo indígena: “*Estaba escrita en el libro fatal del destino la caída del grande imperio de Moctezuma, bajo cuyas ruinas debían sepultarse la república de Tlaxcala y otros gobiernos de una hermosa parte de la América*” (ANÓNIMO, 1964, p. 79). Esse início traz consigo a ideia de tragédia iminente²⁵, pois a história da queda do mundo indígena é conhecida por todos como a “conquista da América”, em que os europeus são enaltecidos pelas suas ações e os nativos são apresentados como seres excêntricos não dignos de menção. Principia, portanto, a história não contada da “conquista”.

Na sequência, o narrador apresenta a cena em que o senado reunido discute se deviam deixar os espanhóis atravessarem o território de Tlaxcala ou não. Xicoténcatl, o jovem, discursa com paixão sobre o perigo que significaria autorizar a passagem dos espanhóis: “*Estos hombres, si ya no son algunos monstruos que arrojó la mar en nuestras costas, roban nuestros pueblos; viven al arbitrio de su antojo, sedientos del oro y de la plata, [...] desprecian nuestras leyes [...] ¡y se les da estimación de celestiales!*” (SOLÍS apud ANÓNIMO, 1964, p. 83). As palavras do jovem senhor são ouvidas e o senado concorda em mandar seus guerreiros deterem a passagem de Cortés.

²⁴ Lopes e Fleck defendem a ideia de que o narrador extradiegético nesse romance apresenta outras características, como a liberdade de “revelar as vozes interiores dos personagens, seus fluxos de consciência, em primeira pessoa; além de estabelecer diálogos com o narratário e expressar opiniões sobre personagens e ações por elas efetuadas.” (LOPES; FLECK, 2013, p. 5). Também em Lopes (2015).

²⁵ Rosa María Grillo discute no artigo “Tres novelas para la misma historia: el encuentro entre Cortés y Xicoténcatl”, de 2004, a eleição do tema da “Conquista” pelos romances do século XIX, que aborda o processo dramático de formação dos estados autônomos. O romance histórico torna-se, nesse contexto, a expressão do pensamento da classe social *criollo-burguesa* que revela a procedência e ideologia do autor.

Ainda no mesmo livro, Diego de Ordaz, um jovem capitão espanhol e o frei Bartolomé de Olmedo, o capelão, o soldado e o religioso das tropas de Cortés, encontram uma bela mulher nativa, que descobrirão tratar-se de Teutila, a amada de Xicoténcatl. O capitão espanhol fica encantado pela jovem americana. Depois desse episódio, o frei informa, detalhadamente, a Cortés sobre a novidade do encontro. O estremenho – já ciente dos problemas que Xicoténcatl pode causar aos seus planos e agora sabendo sobre a relação que este tem com a nativa do relato do confessor – repreende Ordaz, “*por su tibieza en el servicio del Rey, no habiéndose apoderado de una mujer cuya persona podía serles muy interesante por mil razones*” (ANÓNIMO, 1964, p.88) e lhe ordena a trazer a jovem. Cortés planeja fazê-la sua prisioneira, já que esta seria uma arma contra o jovem líder tlaxcalteca.

Ordaz aceita a incumbência e leva Teutila à presença de Cortés, acreditando que seu capitão só desejava conversar com ela: “*Mi capitán quiere verte y quizá tu mediación podrá excusar una guerra, en la que mi corazón presiente tantos males para tí*” (ANÓNIMO, 1964, p. 89). A jovem, não suspeitando do que poderia passar, aceita o convite. Na entrevista com Cortés esta deixa permear vários assuntos, entre eles a confirmação de sua relação com Xicoténcatl, sobre a inimizade do senador Magiscatzin com os Xicoténcatl, e, igualmente, sem prever as consequências, relata que os guerreiros tlaxcaltecas planejam fazer perante os espanhóis. Alertado com as novidades da bela cativa, Cortés decide se aproximar de Magiscatzin, um possível aliado-chave e manda sua tropa se preparar para a luta.

No segundo livro, a personagem Teutila se descobre prisioneira de Cortés. Ela, cândida, aceitara permanecer no acampamento para servir de mediadora entre as duas forças. Infelizmente, tudo era uma farsa. Do outro lado, durante a batalha Xicoténcatl toma conhecimento do destino de sua amada. Por causa disso, embora perto da vitória, decide bater em retirada. Observa-se, em outra cena, que Magiscatzin, já subornado por Cortés, tenta convencer o senado de sua nação a aceitar uma aliança com os espanhóis. Não consegue isso, mas, sim, um cessar-fogo que beneficia seu beligerante aliado europeu.

Doña Marina, que aparece efetivamente neste capítulo²⁶, apresentada como a nativa amante e colaboradora de Cortés, é encarregada pelo seu amo de vigiar

²⁶ No primeiro capítulo, a personagem Ordaz faz alusão ao caso de Cortés com Malinche, no entanto, a personagem só aparece como tal no segundo livro: “[Cortés] [...] *casí hace ostentación de sus amores adúlteros con esa india, quizá víctima de su seducción* [...]” (ANÓNIMO, 1964, p. 85).

Teutila. Esta, inocente, acredita ter naquela uma amiga. Malinche, em segredo, trama as suas próprias intrigas. Ela tenta seduzir Ordaz que, por sua vez, encantado com Teutila, rejeita Malinche sem cerimônias. De outro lado, observa-se a batalha entre Cortés e Xicoténcatl. O tlaxcalteca é traído por um cacique comprado pelos espanhóis. O senado, instigado pelo agora traidor Magiscatzin, decide apresentar as pazes. Inclusive Xicoténcatl, o velho, pai do jovem guerreiro, concorda com o senador traiçoeiro. O jovem chefe aceita as ordens do senado. Só assim o estremenho entra triunfante em Tlaxcala. Por outro lado, o *conquistador do México* não cessa de assediar sua prisioneira: “*Eso no ínterin mi corazón arda en amor por tu hermosura. Yo cansaré tu constancia y esa altiva resistencia cederá al fin a mi continua y amorosa porfía.*” (ANÓNIMO, 1964, p. 108). Teutila o repudia.

No terceiro livro, a sinceridade de Ordaz possibilita o nascimento da amizade entre ele e Xicoténcatl. O jovem espanhol lhe confessa estar apaixonado por Teutila. O herói tlaxcalteca, meditando sobre o que seria melhor para sua amada, acreditando tê-la perdido para Ordaz, prefere vê-la feliz nos braços do amigo espanhol. Nesses momentos de debilidade, o herói conhece *doña* Marina, que tinha sido enviada por Cortés. Ela, muito eloquente, ganha a confiança do guerreiro que acredita nas suas palavras. O jovem tlaxcalteca começa a sentir atração e admiração pela escrava do estremenho e, inclusive, cogita a possibilidade de se unir em casamento a ela.

Entretanto, numa visita, o amigo espanhol conversa com o ancião Xicoténcatl, porém, sobressaltado, ao saber dos sentimentos que Marina despertou no jovem guerreiro, Ordaz tenta desmascarar *doña* Marina. Todavia, esse, ao retornar, relata que já teve o desprazer de descobrir sozinho que Malinche não só é amante de Cortés, mas que, além disso, está grávida dele: “*¿[...] es posible tanta perfidia, y tanta doblez y tanta falsedad, y tanto arte, y tanta infamia? Esa americana indigna, [...], mil veces más detestable que sus corruptores, ha abusado indignamente de la franqueza de mi corazón.*” (ANÓNIMO, 1964, p. 117)²⁷. Ordaz confirma ao jovem tlaxcalteca que mesmo tendo sentimentos por Teutila, garante que respeita o amor entre ela e Xicoténcatl e que fará de tudo para ajudá-los a se unirem novamente. O jovem espanhol volta para o quartel e obriga a Malintzin a ajudá-lo na tentativa de

²⁷ Ver fragmento completo no anexo, página 189-190.

fuga de Teutila, sob a condição de não revelar as intrigas tecidas por ela. O plano não vinga. Teutila continua refém de Cortés.

No quarto livro, Cortés, depois de uma tentativa mais agressiva de possuir a jovem cativa, se vê obrigado a devolvê-la a seu tio, um poderoso general de Moctezuma, não sem antes mentir sobre Xicoténcatl, a quem acusa de ter seduzido a jovem e de preparar ações contra o Império Asteca. O velho acredita em tudo e manda Teutila para longe como um castigo “pela sua fraqueza”. Porém, ao conversar com Xicoténcatl, fica convencido de que tudo se tratava de um embuste de Cortés e combina com o jovem príncipe um pacto para derrotá-lo. Esse pacto trará problemas para Xicoténcatl, pois ele será acusado de conspirar contra Tlaxcala. Os mexicas são os inimigos do seu povo.

Assim, depois de muitas provas, Teutila e Xicoténcatl finalmente se casam. Cortés, nesse momento, se encontra combatendo uma expedição enviada pelo governador de Cuba. Xicoténcatl, o velho, ao saber disso, decide se opor aos planos de Magiscatzin de entregar um exército que auxiliaria Cortés contra seus recém-chegados compatriotas inimigos. O velho suspeita: “*parece que esas gentes obran por sus intereses personales y que el príncipe de que nos hablan no es más que el pretexto de sus piraterías.*” (ANÓNIMO, 1964, p. 133).

Na volta de Cortés, ele planeja novamente capturar Teutila, mas seu plano fracassa. Enquanto isso, *doña* Marina, estando no final da gestação, começa a sentir as dores de parto, que são tão fortes que ela acredita que sejam mortais. Nesse momento, pede para confessar ante o frei, que lhe aconselha que, se deseja verdadeiramente expiar as culpas, deverá fazer uma confissão pública e pedir perdão às pessoas a quem tenha ofendido. Marina, no meio de suas febres, pede a Ordaz para que traga Teutila até ela, a quem agora considera amiga. Esta acode sem pensar no perigo. Cortés descobre a jovem senhora e a tranca no quarto de Malinche, porém, ela consegue escapar com ajuda do fiel Ordaz. O capitão estremenho, mais uma vez, nesse sentido, derrotado pela fuga da bela jovem, só tem a alternativa de levar seu exército rumo ao México. Marina, recuperada, viaja com seu amo.

No quinto livro, Cortés volta de sua campanha e Magiscatzin o recebe com uma festa. Por outro lado, chegam os embaixadores dos mexicas para oferecerem a paz e uma aliança com os tlaxcaltecas a fim de combater os espanhóis. O tio de Teutila, de forma clandestina, comunica os últimos acontecimentos ao jovem

príncipe. Avisado por Cortés, Magiscatzin acusa de traição o jovem Xicoténcatl ante o senado por ter atendido os mexicas em sua casa. Na tentativa de salvar seu filho, Xicoténcatl, o velho, retira do filho a autoridade de grão geral dos exércitos.

Cortés considera a possibilidade de mandar assassinar Xicoténcatl, porém, isso comprometeria seus planos. Continua a planejar uma cilada para Xicoténcatl, sem que ninguém suspeite de mais essa traição.

Diante da morte terrível de Magiscatzin, Marina se arrepende de tudo o que havia feito contra seu povo, confessa abertamente suas intrigas e decide voltar às tradições indígenas. A personagem justifica essa decisão pela sua experiência adquirida no contato com os espanhóis e sua religião, as quais “a fizeram sair da prudência da boa conduta”. Pede, então, que digam a Cortés: “*que su esclava amasará su pan, que lavará sus ropas, pero que no volverá a ser la cooperadora de sus planes ambiciosos ni su cómplice en sus desórdenes.*” (ANÓNIMO, 1964, p. 153)²⁸. Também nesse livro é narrado que Xicoténcatl, o velho, morre.

No último livro, o jovem Xicoténcatl é preso numa cilada preparada por Cortés. A sua execução é feita em público. Teutila recebe a notícia e, no seu desespero, planeja assassinar Cortés para vingar a morte do marido, porém, sem sucesso na tentativa, morre antes. Diante do falecimento da bela Teutila, Cortés parece estar comovido. Malinche lhe implora: “*Señor, aun todavía es tiempo de que vuestro gran corazón se vuelva a la virtud*” (ANÓNIMO, 1964, p. 177)²⁹, mas Cortés continua a ser quem sempre foi. Com essa cena, termina o romance. Na manhã seguinte aos fatos relatados, o narrador afirma que os espanhóis retomariam o caminho para o “México”.

Como percebemos na apresentação dos livros, o romance mostra dois grupos de personagens claramente definíveis, ao redor dos quais a diegese se tece: o primeiro grupo, liderado por Xicoténcatl, o jovem, sua amada Teutila, o pai de Xicoténcatl que tem o mesmo nome do filho e outros autóctones. O segundo grupo é conformado por Hernán Cortés e seus colaboradores tanto europeus quanto autóctones, dentre eles destacamos Diego de Ordaz, frei Bartolomé Olmedo, Magizcatzin e *doña* Marina (La Malinche).

Um fato interessante, apontado por Baladão de Aguiar (2014), diz respeito a como o autor simplificou o problema da compreensão entre as línguas das diferentes

²⁸ Ver fragmento completo no anexo, página 204-207.

²⁹ Ver fragmento completo no anexo, página 210-211.

etnias presentes no romance. A saída para o problema é que todos os personagens parecem se comunicar sem dificuldades. As atividades de interpretação, como sabemos, foram atos cruciais durante o processo de “conquista” dos territórios em todo o continente americano, porém: “[...] *el narrador se entrega sin reservas a ataques devastadores sobre la moral, ‘la integridad’ y ‘la dignidad’ de los ‘padres de América’*” (CYPESS apud BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 190)³⁰. A intenção é transparente: apresentar a tese do romance é questão indispensável, em consequência, o autor retira o problema real das dificuldades para a comunicação entre as diferentes línguas e, ao mesmo tempo, elimina a intervenção direta de Malinche.

Passemos, em seguida, a mostrar recortes do romance, apontando as características de cada um, com o intuito de evidenciar a composição das personagens em *Xicoténcatl*, sobretudo para corroborar com nossa tese em 1.1 “Ideias Latino-americanas manifestadas em *Xicoténcatl* (1826): O caminho da descolonização”. Porém, neste momento ainda não apresentamos recortes sobre a personagem *doña* Marina, pois pretendemos evidenciar sua configuração no tópico 1.3 “A primeira configuração literária da nativa Malinche no romance *Xicoténcatl* (1826): o caminho da história à ficção”.

Iniciamos, pois, com *Xicoténcatl*, o jovem, que, como mencionamos anteriormente, recebe os mais nobres atributos do herói clássico. Na seguinte passagem, o narrador assim descreve o jovem tlaxcalteca:

A la llegada de los embajadores de Hernán Cortés ocupaba este puesto distinguido el joven Xicoténcatl que, por sus talentos militares, sus buenas prendas y su puro y desinteresado patriotismo, obtuvo, aunque tan joven, la preferencia sobre los demás candidatos. (ANÓNIMO, 1964, p. 80).

Tal descrição evidencia a reputação impecável do jovem entre seus compatriotas e revela o caráter patriótico do guerreiro. Em outros momentos são utilizadas as seguintes definições para o jovem herói: “*el hombre más valiente del mundo [...] el bravo y virtuoso general de los ejércitos de Tlaxcala*” (ANÓNIMO, 1964, p. 87), “*Su gente le obedece como a un Dios*” (ANÓNIMO, 1964, p. 90) e: “*un bravo, un gallardo joven, pero aún más virtuoso que valiente.*” (ANÓNIMO, 1964, p.

³⁰ o narrador sem hesitação ataca violentamente a moral, 'a integridade' e 'a dignidade' dos 'pais da América.' (CYPESS apud BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 190 - tradução nossa).

93). A narrativa também evidencia que ele era muito temido pelos seus inimigos: “*es un hombre tan osado y tan terrible en un encuentro, que nos hace temer por la seguridad de su misma vida, pues no calcula los peligros y se complace en arrostrar los más espantosos.*” (ANÓNIMO, 1964, p. 100). Sem dúvida, todos os adjetivos atribuídos ao herói são extremamente positivos e eles são as características que todo líder ideal deve ter. Lopes (2015) acrescenta ao conjunto de atributos já mencionados, sobre Xicotécatl³¹, o jovem, o respeito aos outros e a paixão pela personagem Teutila.

Do mesmo modo, Teutila, a companheira do herói tlaxcalteca, é descrita como a única mulher digna dele. Ela é introduzida no primeiro capítulo, sob o olhar da personagem Ordaz, na voz do narrador:

Mas ¿cuál fue su sorpresa al encontrar casi a la entrada a una joven india, de una extraordinaria hermosura, que, apoyada una mano sobre su arco, los esperaba inmóvil como una estatua? Ambos se detuvieron sorprendidos de respeto y admiración, tal era el continente noble y tranquilo de la hermosa americana. (ANÓNIMO, 1964, p. 87).

A beleza de Teutila é constantemente mencionada no romance. Por outro lado, no que tange à personagem Hernán Cortés, o romance *Xicotécatl* (1826) traz, pela primeira vez na produção literária hispano-americana, a configuração dessa personagem histórica com as vestes de antagonista.

A voz narrativa é, intencionalmente, posicionada em outro representante europeu, Diego de Ordaz, tendo um modelo de comportamento íntegro³², com o intuito de reforçar a dura crítica que faz a Cortés. No primeiro capítulo, expressa-se

³¹ Lopes (2015, p. 97-99) discorre sobre este assunto da seguinte maneira: “Xicotécatl é um [...] guerreiro magnânimo [...] O nativo liderava seu povo de maneira sem igual: [...] Su gente le obedece como a un Dios [...]. Essa é, pois, a representação feita do herói: [...] el bravo y virtuoso general de los ejércitos de Tlaxcala [...], que nada temia: [...] nada arreda a Xicotécatl [...]. O narrador vai construindo, desse modo, a figura de um herói invencível, que nada teme e que sabe como agir em qualquer situação. Além disso, seu exército, ainda não corrompido, estaria pronto para apoiá-lo em qualquer situação. [...] Xicotécatl possui uma grande confiança nas habilidades de seu povo: [...] Quinientos hombres no son bastantes, cualquiera que sean sus fuerzas y sus armas, para imponer temor a los tlaxcaltecas [...]. Possui uma voz [...] sonora y llena de dignidad [...], grande eloquência, como ao proferir um discurso [...]. Xicotécatl é atencioso, apaixonado e romântico [...] ao referir-se a sua [Teutila].”

³² “un joven de buena presencia, de talento claro y sólido y de un corazón recto y justo. Educado en el amor de la virtud, su honradez se había sostenido contra el espíritu de su siglo, aunque el torrente de la opinión dominante lo había arrastrado a las grandes escenas en que se hallaba comprometido, no habiendo podido por sus solas luces sacudir enteramente el yugo de las preocupaciones de su tiempo.” (ANÓNIMO, 1964, p. 85).

da seguinte maneira: “desde que ha empuñado el mando, se ha quitado la máscara, y, sin consideración a su carácter ni a la religión que propala, casi hace ostentación de sus amores adúlteros con esa índia³³, quizá víctima de su seducción.” (ANÓNIMO, 1964, p. 85)³⁴. Em outro momento, Ordaz desabafa com frei Bartolomé de Olmedo sobre seu chefe: “lo creí un hombre generoso y capaz de grandes virtudes. Me engañé, desgraciadamente [...]” (ANÓNIMO, 1964, p. 86). Em todas as críticas do jovem espanhol ao seu superior, já no primeiro capítulo, a voz narrativa deixa entrever a presença de corrupção/decadência no herói da historiografia oficial.

No romance, o próprio narrador define Cortés como alguém com as habilidades de um diplomata talentoso ou um perspicaz negociador e, além disso, um libidinoso: “Como buen político dirigia su principal atención a un grande proyecto que le había sugerido la división y discórdia del senado de Tlaxcala, y, sin embargo, devoraba con sus ojos las gracias de la americana.” (ANÓNIMO, 1964, p. 94). Também, em outro momento, a voz narrativa julga a personagem do capitão estremenho quando Ordaz imputa a Cortés: “¡Detente, bárbaro!” (ANÓNIMO, 1964, p. 121); do mesmo modo, em outra ocasião, o narrador o descreve assim: “[...] las pasiones más violentas de un hombre orgulloso y osado cedieron a su ambición insaciable.” (ANÓNIMO, 1964, p. 121). Da mesma forma, por meio da voz de Teutila, lê-se um “feroz y brutal jefe”. (ANÓNIMO, 1964, p. 144). Em suma, Cortés é configurado com adjetivos que dão a ideia de um ser vil.

O último personagem espanhol a ser observado é frei Bartolomé Olmedo. Este é configurado como um ser medíocre, superficial e patético (MITCHELL, 2012)³⁵. Embora tenha o ofício de catequizar com a religião católica, sua primeira missão é a de receber ordens e cumpri-las como qualquer outro soldado de Cortés. Na obra, é por meio dele que a religião europeia é duramente questionada. Isso se observa nos diálogos³⁶ que o frei mantém com Xicoténcatl, o pai, Teutila e *doña* Marina, respectivamente.

³³ A índia à qual se refere é *La Malinche*.

³⁴ Ver fragmento completo no anexo, p. 174.

³⁵ Mitchel (2012, p. 25 – tradução nossa) comenta sobre a configuração do frei: “Ao longo do romance, o frei Olmedo é configurado como uma caricatura de Rabelais; é inepto, superficial, não é sincero e suas preces são patéticas e inúteis”.

³⁶ Pulido Herráez (2011, p. 60) e Grillo (2004, p. 110) apontam sobre o debate filosófico entre frei Bartolomé e Teutila: “Estáis llenos de vicios abominables, ¡y osáis suponer los ministros de un Dios! No sé si el vuestro será algún ser maléfico y malvado que merezca semejantes adoradores; pero estoy segura que sois los verdaderos enemigos del que gobierna el mundo, porque éste es bueno por su naturaleza.” (ANÓNIMO, 1964, p. 106-107). Por outro lado, Xicoténcatl o velho critica também a religião em conversa com o frei: “Pero, amigo, ¡predicar una doctrina semejante con la

Também, entre os coadjuvantes seguidores de Cortés, entre os autóctones, temos a configuração de Magiscatzin, personagem secundário do partido de Cortés, apresentado no romance como:

[...] *uno de los senadores más antiguos y de mayores talentos del Estado, era enemigo particular de la familia de los Xicotécatles, y esta enemistad se enconó más todavía con los celos que la elevación del joven Xicotécatl daba al influjo que hasta entonces había tenido Magiscatzin en el gobierno.* (ANÓNIMO, 1964, p. 80, grifo nosso).

Ressaltamos a palavra "*talentos*", pois essa dá lugar para interpretar o valor da personagem antes da chegada de Cortés. Porém, como já destacamos na apresentação do livro, a protagonista Teutila denuncia o colaborador indígena de Cortés por ter iniciado uma guerra com Zocotlán. No romance, a cena é descrita com as seguintes palavras:

[...] *un senador de Tlaxcala llamado Magiscatzin, [...] entró en nuestras tierras y quizo abusar de una joven parienta nuestra. La honrada zoclotana se defendió [...]. [S]e presenta Magiscatzin [no senado de Tlaxcala] [...] y acusa a sus pacíficos vecinos [...] de haber atentado contra su vida.* (ANÓNIMO, 1964, p. 90).

Em outro momento, o coadjuvante Xicotécatl, o velho, descreve seu conterrâneo corrupto da seguinte forma: "*traidor a sus juramentos, [...] injusto y calumniador, y ha hecho a los tlaxcaltecas los instrumentos de una venganza infame y criminal* (ANÓNIMO, 1964, p. 92). Como podemos ver aqui, na diegese, a corrupção já estava presente neste representante autóctone, inclusive antes do contato com os europeus.

Sobre os temas presentes no romance, temos como questão principal o fato histórico da chegada de Cortés à fronteira de Tlaxcala, a luta pela liberdade – na qual o autor enfatiza a figura de Xicotécatl para inverter a ideia de este ser um anti-herói tal qual fora etiquetado pela história oficial da conquista. Em segundo lugar

guerra, el libertinaje y los vicios más escandalosos! ¡Qué contradicción! ¡Dios mío, estos sucesos ponen a prueba mi creencia de tu sabiduría". (ANÓNIMO, 1964, p. 136-137). Também a doña Marina critica a religião do frei: "Aunque poco instruida en la doctrina de esta religión, sobre la que tú mismo vacilas y te contradices continuamente, veo, no obstante, en vosotros la monstruosa mezcla de las máximas más justas y más dulces con los hechos más atroces y más inicuos y de los discursos más profundos y delicados con los absurdos más necios y despreciables." (ANÓNIMO, 1964, p. 153).

está a tirania – representada pela coroa espanhola e pelo imperador asteca Moctezuma II, com o intuito de justificar a insurreição dos tlaxcaltecas –; em terceiro lugar se discute o bom selvagem – na qual a narrativa insere todos os autóctones de acordo com a definição de Rousseau.

Também percebemos a crítica³⁷ à Igreja católica – pelo duplo discurso utilizado durante a conquista e que os personagens Teutila, Xicoténcatl, o velho, e *doña* Marina contestam em conversações com o representante da Igreja na diegese: frei Bartolomé de Olmedo e a sua política de “os-fins-justificam-os-meios” durante a conquista – e, em quarto lugar, o debate sobre as formas de governo³⁸: a república de Tlaxcala vs. a coroa espanhola; a discussão sobre pátria, patriotismo³⁹ e nação – na personagem de Xicoténcatl e sua defesa de Tlaxcala.

Entre os autores, tais como Rojas Garcidueñas (1956), Nevárez (2004), Pulido Herrera (2011), Mitchell (2012), e outros, que estudam *Xicoténcatl* (1826), há um senso comum de que o Iluminismo pode ter influenciado o autor anônimo. Isso se deve ao fato de que muitos conceitos tais como o "didatismo e os preceitos da liberdade, a tirania e o bom selvagem, a crítica à igreja católica, a bondade inata do homem e o racionalismo de Rousseau e Voltaire" (MITCHELL, 2012)⁴⁰, dessa corrente filosófica, são patentes como argamassa que une os temas inseridos na obra. É por esse motivo que Rojas Garcidueñas (1956) recomenda não classificar o romance como dentro do romantismo, pois é necessário esclarecer primeiramente que o romantismo na América Latina não teve os mesmos pressupostos que o romanticismo europeu.

³⁷ (MITCHELL, 2012, p. 08 – tradução nossa): “Xicoténcatl mostra, particularmente, o tom didático da Ilustração Francesa além dos preceitos sobre a liberdade, tirania, o nobre ou bom selvagem, o anticlericalismo e a hipocrisia da Igreja Católica, a bondade nata do homem e o Racionalismo propostos pelos enciclopedistas como Jean-Jacques Rousseau e outros escritores satíricos, como Voltaire.”

³⁸ “[...] [Todas as personagens] ou são republicanas – e isso abrange respeitar as leis, os acordos, que defendem a liberdade e a justiça, que são favorecidos com virtudes – ou, pelo contrário, são defensoras da monarquia – isto é, tiranos (como acontece com Cortés), e, ao mesmo tempo em que os déspotas, são ambiciosos sem medida, corruptos, seres sem escrúpulos no seu intuito de obter poder. De acordo com o narrador, os conquistadores seriam: ‘uma banda de mercenários sob o comando de um déspota, que teve seu trono a duas mil léguas de distância.’” (PULIDO HERRÁEZ, 2011, p. 53 – tradução nossa).”

³⁹ Pulido Herráez (2011, p. 56 – tradução nossa): “No romance são importantes e defendidas as virtudes públicas, o bem-estar coletivo – quer dizer, social – a justiça e, portanto, a liberdade. Todas essas qualidades confluem no mais alto interesse – a pátria –, e no sentimento mais nobre –o patriotismo. Ambos vocábulos (pátria e patriotismo) são mencionadas frequentemente até afirmar que *Xicoténcatl* é, fundamentalmente, um romance sobre o patriotismo”.

⁴⁰ Já citado na nota 28.

Ao contrário dos europeus, os autores americanos não se inspiraram em temas medievais e na beleza do cavalheirismo. Segundo Lisa Nevárez (2004), nossos escritores latino-americanos preferiram reconstruir nosso passado elegendo certos personagens, cujos atos ajudariam a reforçar os futuros ideais na formação das jovens repúblicas. A autora Buchenau (apud NEVÁREZ, 2004, p. 68) observa que nessa procura pela autodefinição e pelo conceito de nação, o passado é reconstruído “[And by] *projecting these ideals onto those members of the colonial population which are appropriated as forefathers of the young nations, a nationalization of the past is achieved*”⁴¹. Dessa maneira, podemos dizer que todas as personagens da obra não foram escolhidas por acaso, mas para sustentar a ideia que o autor pretende apresentar aos seus leitores. A escolha de Malinche – com sua configuração de colaboradora dos colonizadores – assim como a de outra personagem feminina que atue como parte contrária estão dentro desse plano do autor.

Passamos, agora, ao tópico seguinte, no qual serão desenvolvidas as ideias de uma América Latina em formação, no discurso do romance, ao evidenciar a desconstrução de heróis históricos e a elevação de indígenas a heróis clássicos. Mostraremos o propósito da elevação dos indígenas a paradigmas heroicos para a construção da identidade latino-americana e, em seguida – no tópico 1.3 – analisaremos especificamente a personagem ficcional Malinche, momento em que aprofundaremos os pontos anteriormente levantados sobre a personagem alvo da nossa análise.

1.1 IDEIAS LATINO-AMERICANAS MANIFESTADAS EM *XICOTÉNCATL* (1826): O CAMINHO DA DESCOLONIZAÇÃO

O que podemos depreender até o presente estágio da análise do primeiro romance histórico latino-americano é que *Xicoténcatl* (1826) trata da temática do processo de conquista do território que hoje conhecemos por México, a partir do ponto de vista dos nativos envolvidos no episódio histórico renarrativizado pela

⁴¹ “[e ao] projetar esses ideais naqueles membros da população colonial que são colocados como os antepassados das jovens nações, atinge-se a nacionalização do passado” (BUCHENAU apud NEVÁREZ, 2004, p. 68 – tradução nossa).

ficção. Todavia, cabe esclarecer que a discussão crítica da tese do romance não necessariamente se restringe a essa localidade. Tlaxcala e os territórios defendidos pela personagem ficcional Xicoténcatl como pátria e nação são uma metonímia que remete mais amplamente ao conjunto dos países latino-americanos. O sentimento americano da época era similar em muitas das jovens nações, ex-colônias da Espanha, já que, no contexto de publicação da obra, a parte do continente que havia sido incorporada ao Império Espanhol, na condição de colônia, ainda passava pelo processo de independência e de formação de nações livres.

Por outro lado, o germe inicial da escrita romanesca crítica no contexto latino-americano – como escrita híbrida de história e ficção, *Xicoténcatl* (1826) – é o resultado de processos criativos da tradição literária ocidental. Castro Leal (1964) afirma, sobre o romance, que “*es la primera novela histórica sobre acontecimientos de la conquista española de América y de principios de la época colonial [...] es también anterior a las más antiguas novelas históricas españolas.*” (CASTRO LEAL, 1964, p. 76)⁴². Fleck (2014a, p. 82) menciona que “já se percebe claramente em *Jicoténcal* (1826) [...] a presença de um forte criticismo e desconstrucionismo do discurso historiográfico hegemônico presente nas releituras da história pela ficção hispano-americana [...]”. Tais constatações levam o estudioso a considerar esse romance como a escrita híbrida que impulsionou a produção crítica posterior em larga escala em nosso continente. Ademais, o pesquisador afirma que este romance romântico hispano-americano pode ser considerado o embrião que impulsionou o surgimento do novo romance histórico latino-americano mais de um século após a sua publicação.

Consoante a essa citação, Rojas Garcidueñas (1956, p. 63) indica o modo que o texto se manifesta nesses assuntos: “*ese aspecto de los interesados enfoques y la violencia con que esgrime sus argumentos hacen pensar en que el autor fue, de seguro, un luchador activo en aquella hora del liberalismo incipiente y romántico, muy probablemente un hispanoamericano exiliado [...]*”⁴³. Dessa maneira, segundo a pesquisadora, além de indicar que o autor provavelmente seria um ativista liberal e

⁴² "trata-se do primeiro romance histórico sobre os acontecimentos da conquista espanhola da América e dos inícios da época colonial [...] igualmente é anterior aos mais antigos romances históricos espanhóis." (CASTRO LEAL, 1964, p. 76 - tradução nossa).

⁴³ "esse aspecto das motivadas abordagens e a violência com que maneja seus argumentos sugerem que o autor foi, com certeza, um ativo lutador naquela hora do liberalismo emergente e romântico, muito provavelmente um hispano-americano exilado [...]" (ROJAS GARCIDUEÑAS, 1956, p. 63 - tradução nossa).

exilado, no texto há certos assuntos em foco e argumentos bem formados, dos quais trataremos em seguida. As características, a seguir expostas, fazem desta obra o primeiro romance histórico hispano/latino-americano, o primeiro romance indigenista hispano-americano e o germe híbrido de ficção e história que se enfrenta com o poder eurocêntrico, tanto em suas posições políticas quanto em sua estrutura e discurso ideológico literário, que promoverá uma das formas mais críticas de escrita literária do continente americano na era do *boom* da literatura latino-americana.

Como primeira característica que podemos mencionar em *Xicoténcatl* que nos possibilita vê-lo como o primeiro romance histórico escrito no contexto latino-americano é o fato de que a diegese nele desenvolvida não sai dos trilhos da narrativa da história oficial. Grillo (2004, p. 109, grifo nosso) faz um comentário interessante a respeito do uso de *Historia de la conquista de México*, escrito por Antonio de Solís y Rivadeneyra no século XVII, pelo autor anônimo de *Xicoténcatl* (1826):

*Paradójicamente, el anónimo Xicoténcatl, el texto más fiel a las fuentes hasta reproducir, entre comillas, enteros párrafos de Solís, es el que más revoluciona el discurso historiográfico oficial, proponiéndose como interesante anticipación del discurso poscolonial, del cual Hispanoamérica por las peculiaridades de su Historia parecería haberse autoexcluido.*⁴⁴

É no uso das citações das crônicas de Solís que se mostra o tom didático do romance. A autora aponta que, em *Xicoténcatl* (1826), vemos que o romancista revela total consciência de que, “*sin tergiversar la Historia oficial, sólo interpretándola y acompañándola con la historia familiar, se puede cambiar el discurso, es decir la evaluación de los acontecimientos.*” (GRILLO, 2004, p. 106)⁴⁵. Damos como exemplo o discurso apaixonado que a personagem Xicoténcatl faz diante do senado para responder ao pedido da “missão diplomática” formada por representantes da nação Cempoala, que Cortés envia para conferenciar com os tlaxcaltecas.

⁴⁴ "Paradoxalmente, o anônimo Xicoténcatl, o texto mais fiel às fontes chega até a reproduzir, entre aspas, parágrafos inteiros de Solís, porém, é desse modo que torna-se o texto que mais revoluciona o discurso historiográfico oficial, perfilando-se como interessante antecipação do discurso pós-colonial, da qual Hispano-américa, pelas suas características históricas aparenta ter-se auto-excluído." (GRILLO, 2004, p. 109 - tradução nossa).

⁴⁵ "sem distorcer a História oficial, e só ao interpretá-la e acompanhá-la com a história familiar, o discurso pode ser mudado, isto é, faz-se uma avaliação dos acontecimentos." (GRILLO, 2004, p. 106 – tradução nossa).

Os diplomáticos, na crônica, dirigem-se ao senado tlaxcalteca da seguinte forma: fazendo alusão aos vaticínios que a tradição dos povos mesoamericanos tinha sobre a volta de Quetzalcóatl⁴⁶: “[...] *han llegado a sus tierras unos hombres invencibles, que parecen deidades, porque navegan sobre grandes palácios y manejan los truenos y los rayos, armas reservadas al Cielo; ministros de otro Dios, superior a los nuestros [...].*” (ANÓNIMO, 1964, p. 81).

A resposta de Xicoténcatl, ainda no recorte feito à crônica de Solís, é categórica: “*Cierto es que ha corrido entre el vulgo una confusa tradición sobre la venida de unos reformadores orientales, cuya venida se perpetúa en el vaticinio y tarda en el desengaño. [...] ¡desgraciado el pueblo que se deje alucinar por los que intentan sacar partido de ellas!*” (ANÓNIMO, 1964, p. 82, grifo do autor). E continua citando Solís da seguinte maneira: “*Sus armas de fuego, sus palácios flotantes no son más que obras de la industria humana que se admiran, porque no se han visto. [...].*” (ANÓNIMO, 1964, p. 82). Com isso, o autor anônimo aponta para a posição clara de Xicoténcatl desde o início das notícias da chegada dos espanhóis ao seu território, deixando entrever que o comportamento da personagem configurada na ficção não se afasta dos textos referendados pela história oficial, nem do texto⁴⁷ do próprio Solís.

No contexto das relações entre história e ficção e a hegemonia do discurso objetivo e tradicional da historiografia, Grillo comenta sobre a discussão ainda vigente a respeito da veracidade da História. Essa questão, segundo a autora, já tinha sido discutida em 1826 no romance *Xicoténcatl*:

⁴⁶ "Quetzalcóatl é o deus da mitologia mesoamericana. Esse deus, criador da humanidade, da agricultura e da sociedade rural, segundo a mitologia, descobriu o primeiro grão de milho por meio de uma formiga. Quetzalcóatl foi tão importante como o Prometeu grego ou o Moisés judeu/cristão. Ao contrário do deus grego, ele trouxe a luz da educação. Manter um sistema educativo universal e obrigatório era a maneira como os astecas mantiveram o culto vivo a essa divindade. Igualmente, foi o princípio dador da vida da sociedade asteca, em oposição a *Huitzilopochtli*, deusa da guerra e da morte. Quetzalcóatl também foi um exilado, um viajante, um herói que foi embora e prometeu voltar." Disponível em: FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado* (1992, p. 45-47).

⁴⁷ Nas crônicas de Antonio de Solís, (1809, p. 234-239) as palavras são similares. Aparentemente o autor fez uma síntese do texto e a utilizou no seu romance. Citamos textualmente em espanhol: “[...] *Verdad es que se esperan entre nosotros esos reformadores orientales, cuya venida dura en el vaticinio, y tarda en el desengaño. [...]; pero [...], ¿qué seguridad tenemos de que sean nuestros prometidos estos extrangeros? [...] ¿Las armas de fuego, y las grandes embarcaciones, que llamas palacios marítimos, no pueden ser obra de la industria humana, que se admiran porque no se han visto? [...] Estos hombres, si ya no son algunos monstruos que arrojó la mar en nuestras costas, roban nuestros pueblos: viven al arbitrio de su antojo, sedientos del oro y de la plata, y dados a las delicias de la tierra: desprecian nuestras leyes, intentan novedades peligrosas en la justicia y en la religión, destruyen los templos, despedazan las aras, blasfean de los Dioses: ¿y se les dá estimación de celestiales? [...] Mi sentir es, que se junten nuestras fuerzas, y se acabe de una vez con ellos, [...].*” Disponível em: <<http://encurtador.com.br/yHW03>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Muestra de gran modernidad y 'diversidad' es la puesta en discusión de la Verdad de la Historia y de la necesidad de re-escribirla según la visión de los vencidos, cosa que parece adelantar de más de un siglo las propuestas historiográficas del poscolonialismo: En vano los historiadores intentan encubrir la negra infamia con que se cargó para siempre aquel insolente y astuto cuanto afortunado capitán; en vano el vértigo monárquico que ha embrutecido por tantos tiempos a Europa nos ha privado de los documentos históricos más preciosos sobre la república de Tlaxcala. El ojo perspicaz del filósofo sabe distinguir, entre el fango y basura que ensucian el papel de las historias, algunas chispas de verdad que no han podido apagar ni el fanatismo ni la servil adulación. (GRILLO, 2004, p. 109)⁴⁸

O autor, a quem Rosa María Grillo chama de filósofo⁴⁹ na citação, é o romancista anônimo que escreve o romance, pois este se apodera da oportunidade de discutir a veracidade da história e, para tal propósito, utiliza-se das palavras autorizadas de Solís como ferramenta que desmentirá a própria história oficial, estabelecendo, assim, uma intertextualidade explícita da ficção com a escrita oficial da historiografia. Dessa forma, o romance destaca-se como a primeira produção que apresenta a visão dos vencidos, uma perspectiva inovadora para a época segundo o comentário de Lobo García e Rodríguez em Wybo (2014, p. 26):

Contrariamente a las versiones oficiales y maniqueas de los españoles en el siglo XVI, el intercambio del punto de vista permite una crítica de la agresión de los conquistadores y, lo que es más, una visión más matizada y rica de las relaciones entre indios y españoles en la Conquista.⁵⁰

Portanto, a obra *Xicoténcatl* (1826) manifesta uma clara posição anticolonial, uma questão ideológica que se opõe ao modelo europeu instaurado, primeiramente,

⁴⁸ "Amostra da grande modernidade e 'diversidade', é o debate da Verdade da História e da necessidade de reescrevê-la segundo a visão dos vencidos. Esta questão parece adiantar mais de um século às propostas historiográficas do pós-colonialismo. Em vão os historiadores tentam encobrir a negra infâmia com que foi carregado para sempre aquele insolente e astuto quanto afortunado capitão; em vão a vertigem monarquista que embruteceu por tanto tempo a Europa nos privou dos documentos históricos mais preciosos sobre a república de Tlaxcala. O olho clarividente do filósofo sabe distinguir, dentre o barro e o lixo que sujam o papel das histórias, algumas faíscas de verdade que não puderam apagar nem o fanatismo nem a bajulação." (GRILLO, 2004, p. 109 - tradução nossa).

⁴⁹ O autor se autodenomina filósofo, conforme se percebe no fragmento da página 161 do romance: "el ojo perspicaz del filósofo sabe distinguir, entre el fango y basura que ensucian el papel de las historias, algunas chispas de verdad que no han podido apagar ni el fanatismo ni la servil adulación."

⁵⁰ "Contrariamente às versões oficiais e maniqueístas dos espanhóis no século XVI, a troca do ponto de vista permite uma crítica da agressão dos conquistadores e, além disso, uma visão mais matizada e rica das relações entre índios e espanhóis na Conquista." (GARCÍA; RODRÍGUEZ apud WYBO, 2014, p. 26 - tradução nossa).

pela escrita de Walter Scott no qual a versão da história hegemônica era cultivada sem alterações pela ficção. Esta seria uma característica que corresponde às produções latino-americanas que se utilizam das ferramentas da forma literária eurocêntrica para criar algo novo a partir da transformação do antigo, conferindo-lhe “novo viço”. (COUTINHO, 1995, p. 626).

Nesse sentido, podemos dizer que o que ocorre já na composição desse romance é a apropriação das formas europeias para, mediante um processo antropofágico, trazer à luz uma manifestação nova, revigorada e imbuída de uma complexidade que supera a anterior pela incorporação de distintas perspectivas e novas estratégias escriturais, assim como o fazem as escritas híbridas críticas mais contemporâneas, segundo defendem Santiago (2000) e Coutinho (1995, 2003). Dessa vez, a voz narrativa ficcional se insere na voz da crônica oficial para utilizá-la de modo que a possa subverter e, em nome da voz do vencido, criticar duramente o vencedor. Isso se dá em *Xicoténcatl* com a figura específica de Hernán Cortés, o herói⁵¹ da história oficial da "conquista" do México.

Congruente com essa discussão sobre o germe da novela histórica hispano/latino-americana, Pulido Herráez (2011, p. 61-62)⁵² destaca o seguinte:

De ese gesto se desprenden, a mi parecer, varias consecuencias: 1) la aspiración de veracidad, su intención referencial vincula a la novela histórica con las crónicas; 2) su preferencia por colocar en el centro de la construcción novelesca a personajes históricos; y 3) la forma de enunciación que con frecuencia construye un narrador con atributos de historiador, por lo que los narradores se asimilan a la figura autoral y a la del historiador o el filósofo, son narradores-autores, narradores-historiadores o narradores-filósofos.

Desse modo, conforme defende Fleck (2005), são evidenciadas as características do embrião do novo romance histórico latino-americano em

⁵¹ Silvia Benso (2016, p. 146 –tradução nossa), no seu artigo “*Xicoténcatl: para una representación del pasado tlaxcalteca*” aponta o comentário de Francisco López de Gómara sobre Cortés: “Hernán Cortés, o insigne e justo conquistador de muitas crônicas – ‘não vinha, segundo F. López de Gómara – senão para desfazer ofensas e favorecer os prisioneiros, ajudar os mesquinhos e remover as tiranias’”. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/bib/romanticismo/actas_pdf/romanticismo_3_4/benso.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2016.

⁵² Desse gesto depreende-se, a meu ver, várias consequências: 1) a aspiração à veracidade, sua intenção referencial vincula o romance histórico com as crônicas; 2) sua preferência por posicionar no centro da construção romanesca personagens históricos; e 3) a forma da enunciação que frequentemente constrói um narrador com características de historiador, pelo que os narradores assimilam a figura autoral e a do historiador ou filósofo, são narradores-autores, narradores-historiadores ou narradores-filósofos. (PULIDO HERRÁEZ, 2011, p. 61-62 - tradução nossa).

Xicoténcatl (1826). Em consonância com o que foi apresentado, Fleck (2005, p. 57) destaca que nessa obra já se evidenciam

[...] dois dos elementos que fariam eclodir a nova novela histórica latino-americana, (Menton, 1993): a recusa do Poder, fruto de uma história cheia de sequelas causadas por regimes autoritários em uma terra assolada pela violência e a exploração; e uma clara atitude anti-hispanista, apontada por Celia Fernández Prieto (2003, p. 138) como uma das características do romance histórico hispano-americano em sua fase avançada do modernismo.

Por conseguinte, *Xicoténcatl* (1826), tal como os pesquisadores acima citados expressam, configura-se como uma escrita diferenciada do modelo europeu da época. Isso se dá no sentido de que esse romance imprime elementos diferentes aos que na época eram produzidos como parâmetro no gênero. Se levarmos em conta a suposição de que a produção latino-americana era “devedora” diante do cânone europeu e que nossos autores somente conseguiam copiar modelos preestabelecidos, veremos que o autor anônimo soube muito bem imprimir críticas ao *status quo* da colonização, desviando-se das influências e enfrentando-se com as premissas eurocêntricas.

No processo de análise do romance, nos deparamos com a existência de símbolos na obra. A presença de Teutila – personagem que, diferentemente das outras no romance, não é de extração histórica –, por exemplo, traz ao romance a representação daquilo que há de melhor no mundo indígena: a beleza, a coragem das mulheres de Tlaxcala, a resistência à ocupação europeia; em todos os sentidos ela é símbolo de perfeição. Sua morte representa a extinção desse mundo, já que há a impossibilidade de a antiguidade continuar a funcionar tal qual o fazia antes da chegada dos europeus. Está presente a metáfora da impossibilidade de Teutila dar frutos, tal qual Nevárez (2004, p. 75) analisa:

*Teutila fails to leave “proof” of her life insofar as she does not produce a child for Xicoténcatl or Cortés. In so doing she does not leave a future hero or ancestor for her people and, in a text marked by La Malinche’s birth of Martín and Teutila’s presence in the birthing room, Teutila’s lack of offspring leaves a gap. The widow who housed Xicoténcatl repeats for Teutila, just before her attempted murder of Cortés, his grief at childlessness.*⁵³

⁵³ Teutila fracassa ao não deixar provas de sua vida por não gerar um filho para Xicoténcatl ou Cortés. Assim, ela não deixa um futuro herói ou ancestral para seu povo e, presente no momento em que Malinche dá à luz Martín, a falta de um fruto lhe deixa um vazio. Ironicamente, outra

Assim, conforme o apresentado, a personagem não será mãe de filhos autóctones, já que seu marido – Xicotécatl – morre, não será, da mesma forma, mãe de mestiços ao não se entregar a Cortés e preferir suicidar-se.

Teutila, nesse sentido, é uma personagem que se perde no tempo ao não ter relação direta com a nova nação mexicana, pois, segundo a análise de Nevárez (2004), o autor propositalmente cria essa personagem para liberar a Malinche da carga de traição por colaborar com Cortés e por não impedir que os fatos históricos ocorram como de fato se deram: “*However, La Malinche now has a counterpart who can be “blamed” for the colonization of Mexico: Teutila. This potential savior of the Aztecs remains unburied and unmourned at the conclusion of the novel, a testament to the failure of her sacrifice*”. (NEVÁREZ, 2004, p. 74)⁵⁴. Teutila, na obra, tenta assassinar Cortés, porém, nessa missão, morre antes de consegui-lo, fracassando na tentativa de impedir o espanhol de realizar seus planos. Já Malinche é perdoada pelo autor, como veremos na sequência de nossa análise.

Por outro lado, também, *doña* Marina conjuga vários símbolos: a nativa que aceita abertamente o estrangeiro, a autóctone que facilmente se corrompe ante a novidade vinda de fora. Porém, igualmente, ela é apresentada como a mãe da pátria mestiça, a mãe fecunda que traz a possibilidade de um novo mundo; a mulher que, percebendo o valor do seu mundo indígena, volta a ele, conscientemente, rejeitando a corrupção apreendida com os espanhóis. Dessa forma, constitui-se a dicotomia da formação da nação nova nessas duas personagens, já que o peso de “bode expiatório” é compartilhado por Teutila, liberando Malinche da exclusividade dessa responsabilidade no romance.

Antes ainda de iniciar a abordagem à análise das personagens Xicotécatl, o jovem, e Teutila, como heróis clássicos, retornamos à leitura daquilo que o primeiro teórico, a debruçar-se sobre o gênero romance histórico, escreveu com respeito à configuração do herói clássico; estamos falando de Georg Lukács (2007). O herói clássico⁵⁵ é um ser com força descomunal, um ser perfeito, um semideus. Diante

personagem secundária, a viúva que alojou Xicotécatl, reforça Teutila no seu sofrimento, momentos antes da sua tentativa de assassinar Cortés, pelo luto e pela carência de um filho. (NEVÁREZ, 2004, p. 75 - tradução nossa).

⁵⁴ “No entanto, La Malinche agora tem uma personagem que contrapesa a ‘culpa’ pela colonização do México: Teutila. Essa salvadora potencial dos astecas permanece sem velório e sem sepultamento no final do romance, o testamento do fracasso do seu sacrifício” (NEVÁREZ, 2004, p. 74 – Tradução - tradução nossa).

⁵⁵ Bittencourt (2016, p. 114) discorre sobre o herói apolíneo, clássico, no seguinte comentário: “Conforme a perspectiva nietzschiana, a épica homérica seria a encarnação estética dos preceitos

dos problemas do mundo, este ser superior se levanta e parte em uma jornada para resolvê-los.

A alma do herói, segundo Lukács (2007, p. 67), está relacionada com seu destino e é o veículo de sua nostalgia metafísica pela pátria. Em contrapartida, o herói da epopeia representa toda uma comunidade e é personificado somente por nobres, pois cabe a eles enfrentar, segundo esse estudioso, conflitos resultantes do problema trágico. O destino universal, na epopeia, confere conteúdo aos acontecimentos. Por outro lado, o fato de portar tal destino prende o herói épico com laços indissolúveis à comunidade, cuja sina cristaliza-se em sua vida.

O que podemos destacar da configuração ficcional de Xicoténcatl, o filho, é que se trata da exposição de um jovem de família nobre que, facilmente – graças às suas capacidades e liderança inata –, tornou-se uma personalidade principal na sociedade tlaxcalteca. Filho do senador tlaxcalteca de mesmo nome, o valente se sobressai entre os outros por ter coragem, honra, fidelidade aos seus princípios autóctones, inteligência e uma clara visão das reais intenções de Cortés na sua proposta de aliança. Perante as suas descobertas e análise dos fatos, opõe-se aos planos dos europeus. Xicoténcatl representa a nação tlaxcalteca e sua preocupação maior é com o futuro da sua nação. A personagem ama Tlaxcala e não poupa recursos para salvá-la. Seu destino é morrer lutando pela salvação do seu povo e, em extensão, do mundo indígena como um todo.

Sobre a subversão do discurso laudatório dirigido aos heróis convencionais da história oficial, apontamos à configuração de Hernán Cortés e suas ações. O "conquistador" do México apresenta, nessa narrativa, uma configuração, pela primeira vez, de antagonista. A voz narrativa o carrega de defeitos, como já apontamos anteriormente. Nessa configuração, o viés mostrado da personagem é egoísta, vil, baixo, devasso, corrupto, ambicioso, frio e calculista. Personifica o envilecimento/degradação/deterioração da cultura europeia. À diferença de Xicoténcatl, Cortés tem como preocupação maior o próprio interesse.

Além disso, em todos os aspectos, a configuração dada ao capitão estremenho se opõe à outorgada a Xicoténcatl. Assim, entre outras particularidades,

éticos do apolinismo, pois a afirmação da glória, da saúde vital, da beleza e da coragem peculiares aos versos homéricos representa a capacidade criativa do ideário do belo apolíneo enquanto expressão da harmonia divina presente no âmago humano, vencendo assim o temor existencial diante de uma realidade natural incapaz de ser controlada pela frágil condição humana". Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/8489/4954>>. Acesso em: 01 set. 2016.

enquanto Cortés é orgulhoso e egocêntrico, Xicoténcatl é generoso e pensa no bem-estar de seu povo. Como já sugeriu Rojas Garcidueñas⁵⁶ (1956), Pulido Herráez (2011, p. 53) comenta que essas características convertem essas personagens em tipos:

*Jicoténcal es una novela que centra su composición en los personajes. Estos devienen tipos, ideólogos que defienden una postura política y una actitud moral: o son republicanos, y ello implica que respetan las leyes y los acuerdos, que defienden la libertad y la justicia, que están dotados de virtudes; o, por el contrario, son defensores de la monarquía, es decir tiranos (como sucede con Cortés), y al tiempo que déspotas son ambiciosos sin medida, corruptos, seres sin escrúpulos en su meta de obtener el poder.*⁵⁷

Essa é uma das razões pela qual Castro Leal (1964) defende a autoria mexicana do romance, pois, segundo ele, só um autor mexicano poderia ser tão severo-desconstrucionista na configuração do “máximo herói da conquista do México”.

Diferente das imagens da história oficial, na perspectiva do romance em questão, o colonizador não é o exemplo a seguir, enquanto as personagens autóctones são elevadas à condição de heróis. Essa referência de herói é feita à maneira greco-romana⁵⁸, pois a sua configuração os apresenta como fisicamente lindos e possuidores dos máximos valores ocidentais⁵⁹: são honestos, respeitosos de suas tradições, valorizam a amizade verdadeira, respeitam aos outros, ambos procuram e acreditam na justiça, no amor, na pureza, na bondade e no desprendimento.

⁵⁶ O teórico afirma: “das personagens não devemos esperar complexidades nem matizes, trata-se de caracteres tipos, mesmo sendo indivíduos históricos, muitos deles são enxergados por meio de um prisma que polariza em cada certos vícios e virtudes”. (ROJAS GARCIDUEÑAS, 1956, p. 59 - tradução nossa).

⁵⁷ “*Jicoténcatl* é um romance que centra sua composição nas personagens. Essas provêm tipos ideólogos que defendem uma postura política e uma atitude moral: ou são republicanos, e isto implica que respeitam as leis e os acordos, que defendem a liberdade e a justiça que estão dotados de virtudes; ou, em contraste, são defensores da monarquia, isto é, tiranos (como acontece com Cortés), e, ao mesmo tempo que déspotas, são ambiciosos sem medida, corruptos, seres sem escrúpulos no seu objetivo de obter o poder. (PULIDO HERRÁEZ, 2011, p. 53 - tradução nossa).

⁵⁸ Já mencionamos Grillo (2011, p. 19) na nota 4.

⁵⁹ De acordo com Buchenau, o narrador onisciente parecer ter uma fé quase cristã, o qual explica o seu grau de esclarecimento e de civilização. Igualmente, toma como exemplo que Teutila, sem ser católica, insiste em acreditar num Criador. (NEVÁREZ, 2004, p. 71).

Na introdução mencionamos que todos os personagens em *Xicoténcatl* (1826) são históricos ficcionalizados, porém, a personagem Teutila⁶⁰ deixa dúvidas sobre essa condição e pode ser uma construção ficcional desenvolvida para representar o lado encantador e belo da cultura autóctone. Destarte, observamos a presença da mistura de personagens históricas com uma puramente ficcional, posicionadas como principais no romance. Há uma clara estratégia de misturar uma personagem ficcional – a modo de metonímia – com as de extração histórica, conferindo um tom experimentalista à obra, artifício que: “[...] caracteriza o modelo de romance histórico das décadas de 80 e 90, especialmente no contexto latino-americano.” (FLECK, 2008, p. 162).

Por outro lado, ainda no que diz respeito à personagem Teutila, contemplamos que, ao redor dela, se forma um núcleo de seguidores: Xicoténcatl, o jovem, Diego de Ordaz e Cortés. Os três se aproximam dela, com motivações diferentes, pois cada um, a sua maneira, a deseja⁶¹. Aparentemente, o enredo precisa exibir uma representante digna da beleza/pureza/inocência da cultura indígena para contrastar com Malinche, que também foi considerada bela, mas, como já comentamos, ela representa a corrupção nativa. Isso talvez seja um motivo que converta Teutila num símbolo dentro da obra: a personificação da América desejada pelas diferentes forças que lutam no plano narrativo.

Quando as personagens Ordaz e Bartolomé de Olmedo encontram, pela primeira vez, a jovem Teutila – fato relatado no primeiro livro – o narrador lembramos da referência sobre “*el incrédulo asombro de los antiguos cronistas*” (USLAR PIETRI, 1990, p. 346)⁶², para dar ao leitor uma ideia do espanto dos homens europeus em relação à beleza das nativas. Nessa cena, podemos vislumbrar o olhar maravilhado dos primeiros exploradores europeus quanto à aparência da gente que habita o continente americano. A beleza é uma das características que a narrativa mostra constantemente ao referir-se à nativa Teutila. Esse é um atributo à heroína,

⁶⁰ Begonia Pulido Hernández (2011, p. 53) aponta que a única personagem ficcional seria Teutila. Igualmente, Mitchell (2012, p. 13) afirma que, com exceção dela, todas as personagens são históricas. A proposta do romance traz a possibilidade da presença de uma amada para Xicoténcatl, o jovem, que não está registrada nos anais da história oficial, tal qual aponta Nevárez (2004, p. 74), pois, segundo a autora, além disso, ela não tem nem túmulo, nem uma ligação consanguínea com o povo mexicano (um descendente); assim, tratar-se-ia de um desafio assumido pelo autor.

⁶¹ González Acosta ([1997] apud MITCHEL, 2012, p. 13-14) afirma que tratar-se-ia de uma "comédia de erros" com o intuito de incluir um tópico amoroso entre as personagens, talvez tenha sido um "enxerto falho neste teatro de enredos".

⁶² "o incrédulo assombro dos antigos cronistas." (USLAR PIETRI, 1990, p. 346 - tradução nossa).

tal qual se vê em passagens como: “¡oh, hermosa joven!”; e “¿Quién eres, ¡oh criatura más hermosa que la estrella de la mañana! que has podido desarmar la justa cólera de un tlaxcalteca?” (ANÓNIMO, 1964, p. 87 e 90).

Outrossim, acreditamos que, por não ser uma personagem de extração histórica, Teutila possa ter sido, intencionalmente, configurada como símbolo da bela natureza americana, cuja essência será apreciada e desejada pelas diferentes facções que se enfrentam na luta pela sua conquista. Inclusive, nesse ponto, a descrição de sua formosura assemelha-se com a interpretação que fazemos da personagem Iracema, de José de Alencar, a exuberante nativa brasileira. Como Beth Brait comenta em *A personagem* (2002, p. 34), sobre a construção ficcional de Iracema:

Todas as comparações, todas as metáforas, todas as imagens que vão dando forma à personagem, só podem ser descodificadas a partir da cultura indígena recuperada e reinventada pelo escritor. Assim sendo, a consistência, a poesia e a beleza da personagem Iracema só podem ser julgadas (se é que alguma personagem pode ser julgada...) por meio de uma compreensão dessa atitude poética radical, desses recursos tradutores de um mundo recriado por Alencar e articulado de forma a estabelecer um diálogo entre a História e suas possibilidades. Invertendo a mão, o escritor brasileiro faz o texto falar a língua indígena numa dicção de um mundo possível, que só a literatura pode recuperar.

Brait comenta que a configuração de Iracema poderá ser entendida por meio de metáforas que somente serão decifradas a partir “da cultura indígena recuperada e reinventada pelo escritor”. No caso da personagem Teutila, as peças se encaixam quando refletimos sobre a construção da personagem. Da mesma forma que há a beleza da natureza do continente americano, na sua configuração está presente a metonímia de muitas das mulheres indígenas que, fieis aos seus maridos, resistiram à ocupação cultural, religiosa, territorial e física europeia. Isso se completa com a metáfora dada à sua morte, pois, segundo Nevárez (2004, p. 74), “*Teutila embodies native dignity, pride, and courage as she opts for suicide.*”⁶³.

Xicoténcatl ama Tlaxcala tanto quanto ama Teutila, que também representa o paradigma do mais puro da cosmovisão indígena. Com o decesso de Teutila, no final do romance, estamos diante da encenação do extermínio do mundo antigo, já

⁶³ “Teutila personifica a dignidade, o orgulho e a coragem dos autóctones quando escolhe o suicídio”. (NEVÁREZ, 2004, p. 74 - tradução nossa).

que as barreiras mais fortes que Cortés tinha para consolidar a "conquista" do México são quebradas quando se efetua a passagem por Tlaxcala a Tenochtitlán. À diferença de Malinche, que tem um filho com Cortés, e ambos tornaram-se pais simbólicos do povo mestiço mexicano, Teutila nunca⁶⁴ terá filhos, pois a sua era histórica, pura e digna está terminada com a "conquista" do México.

Dessa forma, a personagem se constitui no par perfeito de Xicoténcatl, não só pela beleza, mas também por, corajosamente, enfrentar-se ativamente com as adversidades e por ser “*la virtuosa Teutila*” (ANÓNIMO, 1964, p. 118), “*la amable Teutila*” (ANÓNIMO, 1964, p. 139), “*matrona ejemplar*” (ANÓNIMO, 1964, p. 169) etc. Neste último, mesmo não sendo mãe, ela é considerada uma mãe exemplar, pois, assim é a forma como um personagem secundário se dirige a ela.

Lopes (2015) sugere⁶⁵ que a personagem Teutila recebeu a configuração de representante da pureza e de amante incondicional de Xicoténcatl. Por esse lado, Teutila é a antítese de *doña* Marina, pois revela a representação da resistência autóctone. Essa personagem rejeita tornar-se a mãe do mundo mestiço, pois Teutila deseja a pureza da cultura autóctone. Sua morte apresenta, igualmente, uma dupla significação: primeiro, a morte do mundo indígena – a impossibilidade do mundo antigo continuar –, e segundo, a negação da maternidade da nova sociedade mestiça, que Malinche aceita definitivamente com sua relação com Cortés e a evidente gravidez que gerou.

Fazemos um parêntese aqui para corroborar a presença de oito personagens, ao redor das quais gira o único núcleo narrativo, sem fugir do que é narrado nos documentos oficiais: Xicoténcatl, o jovem; Teutila; Xicoténcatl, o velho; Cortés; Ordaz; frei Bartolomé; Magiscatzin e Malinche. Todas essas personagens, pelas suas configurações, constituem dois blocos antitéticos. Essa dicotomia presente na obra sugere o antagonismo entre colonizadores e colonizados, contudo, isso não isenta o romance de promover a construção de personagens malévolas tanto de um

⁶⁴ Nevárez (2004, p. 75) discorre como Teutila, ao negar-se a ter filhos com Cortés, preserva sua honra de autóctone. Dessa maneira, ela nega a possibilidade de mestiçagem e de ter um laço com o povo mexicano ao não chegar a ser mãe de filhos mestiços, por desejo dela. Assim, a "moral" da história seria que mulheres autóctones devem morrer para preservar a sua honra ou tornar-se-ão traidoras.

⁶⁵ “[...] [Teutila], apesar das dificuldades sofridas e da situação em que se encontrava, aprisionada, profere: ‘[...] *Yo he dado mi corazón, y éste no se da dos veces*’. (ANÓNIMO, 1964, p. 121). Dessa forma, configura-se a imagem de uma personagem pura e apaixonada, e, a narrativa passa ao leitor a impressão de Teutila manter-se-á fiel a seu marido em qualquer situação.” (LOPES, 2015, p. 100).

lado como do outro, criando tensões narrativas bastante complexas ao longo da obra (LOPES, 2015).

Das personagens, além de Xicotécatl, o jovem; Teutila e o antagonista Hernán Cortés, destacamos a importância da coadjuvante *doña Marina*⁶⁶, pois suas ações são decisivas para o andamento da narrativa, e porque aparece em 44 passagens, das quais elegemos algumas que serão analisadas na segunda parte desta pesquisa.

Tal qual comentado anteriormente, todas as personagens do romance podem ser classificadas como “tipo”. Não obstante, como Rojas Garcidueñas (1956, p. 59) ressalta, que “[D]e los personajes principales, *doña Marina* quiso ser el más complicado (acaso sin proponérselo el autor) y tal vez por eso resultó el más fallido y confuso.”⁶⁷. Essa afirmação revela a complexidade não pretendida que a personagem adquiriu ao longo da trama e com a qual, talvez, o autor não contava a princípio. Fato que faz da sua análise um desafio.

A narrativa deixa entrever os diferentes momentos da configuração de Malinche, desde a dúvida instaurada por Ordaz – na sua descrição indireta de como teria sido seduzida por Cortés, logo no primeiro capítulo – e nos subsequentes, nos quais se mostram traços como a pérfida para o seu povo, ou já mestre nas ferramentas da corrupção apreendida, depois a traidora, a intrigante, falsa e “coquete”⁶⁸. E, por fim, a arrependida, mãe amorosa e mulher amadurecida que volta ao modo de ser do seu povo. A possibilidade da presença de uma personagem complexa seria uma característica que diferenciaria *Xicotécatl* do modelo de Scott.

⁶⁶ Malinche é a personagem histórica nativa que, a partir dessa primeira configuração passaria a ser uma das mais recriadas pela ficção, seja no continente americano como fora dele. Segundo Baladão de Aguiar (2014), que cita González Hernández (2002), essa obra é o marco na formação de mitos de personagens históricos que inspirou várias obras subsequentes. Foi assim que Malintzin surgiu “como a anti-heroína, falsa, traidora, pérfida e lasciva em contraste com a outra personagem feminina autóctone, Teutila, quem representa os valores da identidade mexicana e, em geral, os valores morais de que carece Marina.” (GONZÁLEZ HERNÁNDEZ, 2002, apud BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 94 - tradução nossa).

⁶⁷ “Das personagens principais, *doña Marina* é a mais complicada (talvez sem se propor a isso o autor) e talvez devido a isso resultou o mais falho e confuso.” (ROJAS GARCIDUEÑAS, 1956, p. 59 - tradução nossa).

⁶⁸ Segundo o dicionário *on-line* Aulete, a palavra em português “coquete” traz os seguintes sentidos: “1. Diz-se de pessoa, esp. mulher, que procura despertar a admiração dos outros por sua aparência física, ger. apenas pelo prazer de seduzir. 2. P.ext. Diz-se de pessoa volúvel, inconstante em seus afetos. 3. Pessoa coquete. [F.: Do fr. coquette.]”. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/coquete>>. Acesso em: 22 jan. 2017. Porém, desejamos o sentido da palavra “coqueta” em espanhol. Para tal conferimos o significado do termo no dicionário RAE (2016, s.p.) traz no verbo “coquetear” o sentido de: “3. intr. En el juego amoroso, dar señales sin comprometerse”. É nesse sentido que desejamos seja entendida a palavra “coquete”.

Por isso, concordamos, parcialmente, com Rojas Garcidueñas, pois acreditamos que a única personagem, nesse sentido, diferente é Malinche, uma personagem circular, questão que será abordada ao longo da nossa análise.

Voltando ao grupo de personagens configuradas no romance, além da evidente formação de dois casais principais, Xicoténcatl/Teutila e Cortés/*doña* Marina, Janaína Baladão de Aguiar (2014) aponta para a presença de vários núcleos românticos, dos quais temos, segundo a autora: "*Doña Marina-Ordaz-Teutila*' o '*Cortés-Teutila-Xicoténcatl*' o '*Doña Marina-Cortés-Teutila*', *Malintzin no es 'la deseada'*". (BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 193). *Doña* Marina não é favorecida em nenhum desses grupos, segundo a pesquisadora, devido ao fato de que a intérprete de Cortés é a representação da aceitação imediata aos conquistadores da sua cultura, da sua religião e da sua língua tal como Cypess assevera em Nevárez (2004) enquanto Teutila é a representação da resistência autóctone.

Por outro lado, Mitchell (2012) afirma que: "*todas las relaciones amorosas entre los personajes son ficticias (excepto aquella entre Cortés y Marina) y sirven para establecer un sentido novelesco en la obra.*"⁶⁹. Porém, para o leitor, a formação do casal Cortés/*doña* Marina acontece mesmo não sendo mostrada nenhuma cena, como acontece na leitura que faz Baladão de Aguiar (2014). Na nossa leitura da obra, não há momento em que conste esta relação amorosa se comparado com o comportamento entre Xicoténcatl/Teutila, porque Cortés e Marina formam um casal pela história oficial e na diegese não se comportam como um verdadeiro par romântico.

Andrade (2014, p. 200), nesse sentido, comenta que na obra "tem-se [...] esse 'par amoroso' de Cortés e Marina, movidos por interesses próprios e traições entre eles ao qual se contrapõe o casal Jicotencal e Teutila, que representa os bons espíritos e as forças sãs da república." Na diegese, é criada a relação entre as personagens históricas Malinche e Cortés – cuja relação histórica será discutida mais à frente –, na qual supõe-se que formaram um "casal", que, no entanto, parece ser mais circunstancial, mais uma sociedade entre comparsas, mais do que uma relação romântica – diferentemente da relação romântica das personagens Xicoténcatl e Teutila. Assim, o triângulo Cortés/*doña* Marina/Teutila, assinalado por

⁶⁹ Segundo Mitchell (2012, p. 13 –tradução nossa): "todas as relações amorosas entre as personagens seriam ficcionais com exceção daquela entre Cortés e Marina, e todas as outras teriam sido montadas com o intuito de dar sentido ao relato.

Baladão de Aguiar (2014), não acontece, de fato, na narrativa, segundo nossa leitura.

Quanto à Magiscatzin, trata-se de uma personagem talentosa que, pelo interesse em destacar-se na cena política de Tlaxcala – já com o precedente de ter iniciado uma guerra com os vizinhos de Zocotlan –, abraça a causa de Cortés. Magiscatzin seria um dos personagens autóctones delineados para representar o bom selvagem de Rousseau. Consoante a isso, este personagem deveria ser, no início, um ser puro que, ao ser contaminado pela sociedade europeia, passa a degradar-se. Porém, como vimos na seção anterior, a personagem é acusada de tentativa de estupro, no início do romance, por Teutila. Portanto, já no princípio apresentava características decadentes. Contudo, no final, Magiscatzin se redime na sua tentativa de pedir perdão à beira da morte.

Agora, de alguma maneira, parece existir uma espécie de compreensão, uma simpatia do narrador com respeito às personagens representantes da corrupção nativa: Magiscatzin e Malinche⁷⁰. Assim como Scott apresentou personagens que não necessariamente refletem sobre seus objetivos e missões, mas que agem “*bajo determinadas circunstancias. Y el ambiente de la necesidad histórica surge precisamente de la finamente elaborada dialéctica entre el poder y la impotencia del juicio correcto en circunstancias históricas concretas*” (LUKÁCS, 1966, p. 65)⁷¹, a narrativa apresenta essas personagens nativas corruptas como sujeitos que necessitam fazer uma escolha em meio a circunstâncias que as levaram a isso. Magiscatzin, por exemplo, escolhe se unir a Cortés, pois compreende que novos tempos virão e que se aliar aos recém-chegados traria vantagens para ambos os lados.

Também a personagem Malinche confessa no romance que: “*la ambición de pasar desde la condición de esclava a ser la querida de un hombre poderoso me arrastró a abjurar de la religión de mis abuelos por la vuestra [...]*” (ANÓNIMO,

⁷⁰ Rojas Garcidueñas (1956, p. 65) aponta que “no final do romance o autor parece se arrepender de ter se assanhado com a personagem *doña* Marina, a personagem autóctone mais importante da conquista; no final ela se redime rejeitando a religião europeia e voltando às suas tradições nativas; *doña* Marina, comovida pela angustiante morte do traidor Maxiscatzin, arrepende-se ante o frei *Bartolomé de Olmedo*” (ROJAS GARCIDUEÑAS, 1956, p. 65- nossa tradução nossa). Por outro lado, Cypess (2000) considera que a figura de Malinche no romance *Xicoténcatl* (1826) traz uma figura negativa iniciando o mito de Malinche Eva traidora. Discutiremos o viés de Cypess no capítulo 2.

⁷¹ “sob determinadas circunstâncias. E o ambiente da necessidade histórica emerge precisamente da finamente elaborada dialéctica entre o poder e a impotência do julgamento correto nas circunstâncias históricas concretas.” (LUKÁCS, 1966, p. 65 - tradução nossa).

[1826], 1964, p. 153). Essa citação mostra que Malinche teve que fazer uma escolha – no texto, levada pela ambição – desde sua condição de escrava.

Ambas as personagens autóctones decidem escolher o lado dos europeus. No entanto, no momento da morte, Magizcatzin implora por perdão e Malinche renega os conquistadores, voltando às suas tradições. Com isso, o narrador mostra que, mesmo sob um destino trágico, aqueles que, por certas circunstâncias da vida, escolheram os que vieram do outro continente, com todas as novas tradições, são seres nobres, pois são capazes de reconhecer seus erros.

Assim, das abordagens feitas até aqui, depreende-se que *Xicoténcatl* (1826) revoluciona o modelo scottiano de romance histórico, lançando as raízes para a futura escrita crítica e desconstrucionista do novo romance histórico latino-americano que, oficialmente, surgiria em 1949. Outrossim, pelos recortes apontados e discutidos, as personagens *Xicoténcatl* e Teutila apresentam a configuração de heróis clássicos.

No tópico seguinte, expomos a comparação entre o modelo clássico scottiano de romance histórico e as rupturas que *Xicoténcatl* apresenta e de como essas são gênese do enfrentamento com os ditames do cânone para a formação de uma literatura de teor crítico em nosso contexto.

1.2 XICOTÉNCATL: DA TRADIÇÃO À RUPTURA – O PRIMEIRO ROMANCE HISTÓRICO LATINO-AMERICANO

Como aponta Fleck (2014a, p. 70), o uso da história na ficção já era uma tradição longamente utilizada, pois “a mistura entre estas duas vertentes narrativas sempre fez parte do modo de registrar as experiências humanas”. Entretanto, segundo o autor, o romance histórico, como tal, ganhou importância após as escritas de Walter Scott, em 1814, com sua obra *Waverly*, que introduziu os parâmetros do que viria a ser esse gênero híbrido de história e ficção, típico do romantismo europeu. Antes de passarmos à análise comparativa de *Xicoténcatl* com a modalidade de escrita híbrida inaugurada por Walter Scott, vejamos alguns dos aportes do autor escocês para o romance histórico como gênero de escrita híbrida entre história e ficção.

A literatura, segundo Lukács (1966), teve durante as guerras napoleônicas – período no qual surge o gênero romance histórico europeu – uma função propagandística, cuja intenção era ajudar a República Francesa a criar um exército de massas. Nessa nova forma literária, fazia-se um chamado às armas, revelando conteúdos sociais e as condições e circunstâncias históricas da luta. Desse modo, se estabelecia:

[...] *un nexo entre la guerra y toda la vida, entre la guerra y las posibilidades de desenvolvimiento de la nación. [...] las guerras de la Revolución y en parte también las de Napoleón fueron emprendidas conscientemente como guerras de propaganda.* (LUKÁCS, 1966, p. 21).⁷²

Por outro lado, esse aspecto propagandístico está também presente no romance *Xicoténcatl*, pois nele há uma chamada⁷³ constante à luta pela independência que coloca em evidência as atitudes desprezíveis dos “conquistadores” e exalta o modelo utópico de Tlaxcala e os valores autóctones diante das imposições dos conquistadores. Essa característica propagandística é importante, pois ela também teve um papel importante no contexto das guerras de independência na América Latina.

A conjuntura de guerras napoleônicas converte esse período turbulento da Europa em um momento de experiência de massas. É nessa ocasião, segundo Lukács (1966), que os indivíduos percebem a sua própria existência como algo condicionado historicamente. Finalmente se faz, na escrita literária dessa época, a conexão histórica com o cotidiano, como fatores que intervêm profundamente na vida das pessoas e que afetam seus interesses imediatos. A consequência disso se observa na formação de grandes movimentos nacionalistas contra as conquistas de Napoleão em todo o território europeu conquistado pelo exército napoleônico. A

⁷² “[...] um nexo entre a guerra e a vida toda, entre a guerra e as possibilidades de desenvolvimento da nação. [...] as guerras da Revolução, e, em parte também as napoleônicas, foram travadas conscientemente como guerras de propaganda.” (LUKÁCS, 1966, p. 21 - tradução nossa).

⁷³ Tomamos como exemplo a citação do texto de Solís, feita pelo autor anônimo: “Tlaxcaltecas: O imperador mexicano, cuja formidável potência traze-nos sempre com as armas nas mãos e envolvidos na infelicidade de uma guerra defensiva, roga-nos com sua amizade, sem pedir outra recompensa que a guerra aos espanhóis, em que unicamente propõe o que deveríamos de executar pelo nosso próprio bem e conveniência, pois, quando perdoemos a estes oportunistas a tentativa de aniquilar e destruir a nossa religião, não podemos negar que estarão tentando alterar as nossas leis e forma de governo, transformando em monarquia a república venerável dos tlaxcaltecas e reduzindo-nos ao domínio aborrecível dos imperadores, jugo tão pesado e tão violento que, ainda visto no colo dos nossos inimigos, é lastimosa essa consideração...” (ANÔNIMO, 1964, p. 146-147 – tradução nossa).

invocação à independência e à idiossincrasia nacional, ligada à história nacional e às lembranças do passado, renascem nesses territórios e conduzem o povo a enfrentar-se com os dominadores.

Anterior à produção de Walter Scott houve, sim, obras que evocaram a história, mas essas não tinham a reflexão que o escocês mostra nos seus romances históricos, pois, segundo Lukács (1966), nas obras antecedentes à produção scottiana, a temática “histórica” era puramente externa, já que não só a psicologia das personagens, mas também os costumes descritos nessas obras obedeciam, absolutamente, ao contexto histórico do romancista.

Como resultado desse uso não crítico do material histórico inserido nas obras anteriores ao surgimento do gênero romance histórico, tinha-se um tratamento meramente superficial desse conteúdo, como se ele fosse um “enfeite” a mais, no sentido de que nessas obras *“lo que interesa aquí realmente es la curiosidad y excentricidad del ambiente descrito, no la representación artísticamente fiel de un periodo histórico concreto.”* (LUKÁCS, 1966, p. 15)⁷⁴. Não se tinha a preocupação de inserir a época contextualizada de maneira verossímil.

Para o autor húngaro, o que faltou nessas obras anteriores às produções scottianas foi trazer à mostra a singularidade histórica da época na qualidade excepcional de cada personagem. Nelas não são inseridas as características essenciais da época, não se observa o uso do ângulo histórico, já que não se mostra claramente na obra o que é específico da época que recriam os romancistas.

Pushkin (apud LUKÁCS, 1966) inclusive qualifica de romance pseudo-histórico aquele que apresenta exagero de características claramente artificiais de história, que aproxima o passado vestindo o presente com roupagens históricas, que impõe nas personagens reações “modernas” embora tenham aparência histórica: *“Las heroínas góticas fueron educadas por Madame Camman, y los hombres de estado del siglo XVI leen el Times y el Journal des Débats”*. (PUSHKIN apud LUKÁCS, 1966, p. 81)⁷⁵. Em outras palavras, a temática é superficialmente histórica, pois nenhum personagem age como no contexto do qual foi extraído, nem a

⁷⁴ "o que realmente interessa aqui é a curiosidade e excentricidade do ambiente descrito, e não a representação artísticamente fiel de um período histórico concreto." (LUKÁCS, 1966, p. 15 - tradução nossa).

⁷⁵ "as heroínas góticas foram educadas pela Madame Cammam, e os homens do estado do século XVI lêem o Times e o Journal des Débats." (PUSHKIN apud LUKÁCS, 1966, p. 81 - tradução nossa).

psicologia nem os costumes que apresentam correspondem ao período histórico descrito na ficção.

Assim, dentro das características que o diferenciam do romance em geral, o romance histórico clássico scottiano apresenta uma ação romanesca narrada em primeiro plano, junto a personagens puramente fictícias. A essas personagens inventadas exclusivamente pelo autor são atribuídos os papéis principais da obra. Existe um pano de fundo histórico real, com personagens históricas recriadas na ficção que atuam como personagens secundárias na diegese e a ação narrada se encontra longe do tempo presente.

Sua narrativa reconstrói de forma rigorosa – segundo a história –, os acontecimentos em que ocorre a ação ficcional elaborada no primeiro plano do romance, numa mistura de invenção com discurso historiográfico. Desse modo, a ficção e a história se encontram unidas por meio de elementos fictícios e históricos de maneira que possam ser identificados o tempo e o espaço da ação em fatos históricos comprovados, cuja versão oficial é mantida pelo discurso ficcional, com total adequação das personagens à época reconstruída.

Cabe ainda observar que a configuração que faz Walter Scott das personagens que não são de extração histórica – protagonistas do romance – é tão acertada dentro das condições espaço-temporais históricas, contextualizadas na narrativa, que a simples separação entre personagens puramente fictícias daquelas cujas características vêm determinadas pela historiografia, torna-se um desafio bastante difícil.

Ademais, segundo Lukács (1966), Walter Scott traz nas suas obras a presença do herói mediano, um homem normal, representante das massas, ou um *gentleman*, aquele que, à diferença do herói romântico, é um ser comum e que, pelas circunstâncias, só reage para ajudar que os acontecimentos históricos de fato aconteçam, não sendo ele o propulsor desses acontecimentos. Nas obras de Scott se expõe a problemática tratada na obra desde a perspectiva do povo que sofre as consequências dos poderosos. Assim, seus heróis são coagidos a atuar, pois se encontram no centro de um turbilhão de forças. Mas, uma vez passado o perigo, eles voltam a ter suas vidas normais e medianas como qualquer outro representante das massas.

Por outro lado, os heróis de Scott são representantes das classes populares justamente para mostrar a humanidade que há neles, a sua imperfeição no meio de

transições críticas da história. De acordo com Belinski (apud LUKÁCS, 1966), dessa maneira os traços destacados no romance histórico clássico servem para o leitor simpatizar e se identificar com o herói imperfeito. Segundo o estudioso, essa seria uma estratégia para marcar a magnitude, a importância do acontecimento, deixando para trás a personalidade humana que só serviria para causar distração. Desse modo, Belinski (apud LUKÁCS, 1966) julga que Scott, por meio desse método, alcança, nas suas obras, um caráter puramente épico.

Scott utiliza a problemática das massas em momentos críticos da história para ilustrar, por meio de algumas personagens, os heróis medianos, a fim de revelar como o povo age nessas circunstâncias de pugnas entre correntes sociais e poderes históricos (LUKÁCS, 1966). Os protagonistas de Scott são personagens representantes típicas de uma nação, mas não são elevadas como os heróis dos romances românticos. O herói mediano na modalidade scottiana de romance histórico é o encarregado de sofrer a pugna de poderes na crise do seu tempo, exibindo que, mesmo no meio de adversidades, a nação segue a sua marcha, mostrando as relações humanas e a continuidade da vida.

Scott prefere heróis representantes da massa, heróis que não são perfeitos, que são pequenos se comparados com os heróis dos gregos ou os românticos idealizados, mas que, pelas circunstâncias históricas que lhe são impostas, arriscam-se a tomar parte da luta pelo bem de toda uma sociedade. Os protagonistas de Scott são seres medíocres (LUKÁCS, 1966), formam parte da nobreza, possuem uma inteligência prática, nunca extraordinária, porém, apresentam uma firmeza moral e decência que podem ser vistas como modelos a serem seguidos. Eles se sacrificam, mas não com a paixão dos heróis românticos. São heróis com aspecto humanizado.

Lukács, em seu estudo sobre o romance histórico, revela Scott como um ressuscitador da vida diária dos clãs, um autor que recria a situação primitiva e a necessidade interna de sua trágica decadência. Segundo Lukács (1966, p. 62), alguns pensadores como Ferguson⁷⁶ estabeleceram um parentesco com os heróis

⁷⁶ FERGUSON, ADAM (1723-1816) – Filósofo e historiador escocês, estudou em St. Andrews e na Universidade de Edinburg, na qual atuou depois como professor de Matemática e Filosofia moral (1764-1785). Em 1757, foi eleito Responsável da Biblioteca dos Advogados. Teve muito sucesso como professor de filosofia. Às suas aulas assistiam personagens distintos, ex-acadêmicos da faculdade. Entre 1778-1779 atuou como secretário de uma comissão do senado enviado pelo Lord North na tentativa de fazer um acordo com os colonos na América. Seus principais trabalhos são *Essay on the History of Civil Society* (1765), *Institutes of Moral Philosophy* (1769), *History of the*

homéricos e os nativos norte-americanos, porém, essa predileção permaneceu num plano abstrato, de sentimental moralização. Todavia, é Scott quem nos traz de volta o clã, nas suas produções híbridas. O autor escocês estampa a crise do clã e a sua decadência que os leva a ter destinos tragicamente traçados. Os clãs, nas narrativas de Scott, são incapazes:

[...] *de defender sus intereses comunes frente a la nobleza o la burguesía como el desgaste de sus energías en la estrechez local de sus pequeñas querellas, incapacidad y desgaste que necesariamente derivan del fundamento mismo de la existencia de los clanes.* (LUKÁCS, 1966, p. 64).⁷⁷

Nas obras de Scott, segundo Lukács (1966), os clãs são sempre os explorados, os ludibriados, os enganados; por causa de seu primitivismo na estrutura social, são eles os fantoches dos representantes de poderes dominantes em cada etapa da civilização. Assim, segundo Lukács, Walter Scott consegue capturar esse necessário fracasso da sociedade gentil perante a civilização. Por outro lado, nas obras scottianas são poucas as representações positivas das personagens da nobreza. Scott "*señala a menudo humorística, satírica o trágicamente la debilidad y la degeneración humana y moral de los estratos superiores.*" (LUKÁCS, 1966, p. 60-61)⁷⁸. Scott criou uma série de personagens que apresentam os aspectos brutais da nobreza e sua incapacidade ridícula.

Levando em consideração esses aspectos, *Xicoténcatl* (1826) se distingue do romance histórico clássico de Scott em alguns pontos bem específicos⁷⁹, de certo modo já tratados no tópico anterior, que, dessa maneira, provocam as primeiras

Progress and Termination of the Roman Republic (1782), e *Principles of Moral and Political Science* (1792), todos os quais foram traduzidos para o francês e alemão. Ferguson passou seus últimos anos em St. Andrews, onde faleceu em 1816, com 92 anos. Foi amigo íntimo de Sir Walter Scott. O filósofo francês Cousin deu a Ferguson um lugar entre seus predecessores na Escola Escocesa de filosofia. (p. 390-391). In: COUSIN, John W. *A Short Biographical Dictionary of English Literature*. [1910]. 2004. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/13240>>. Acesso em: 24. abr. 2016.

⁷⁷ "de defender seus interesses comuns diante a nobreza ou a burguesia como o desgaste de suas energias na estreiteza local das suas pequenas querelas, incapacidade e desgaste que necessariamente derivam do fundamento mesmo da existência dos clãs." (LUKÁCS, 1966, p. 64 - tradução nossa).

⁷⁸ "aponta com frequência humorística, satírica ou tragicamente, a debilidade e degeneração humana e moral dos estratos superiores." (LUKÁCS, 1966, p. 60-61 - tradução nossa).

⁷⁹ Um só nível narrativo; personagens históricos ficcionalizados que, ao lado de ficcionais, interagem como protagonistas (*Xicoténcatl*, o jovem e Teutila) nos papéis principais, pois a narrativa é envolta de suas ações; não foge do contado pela historiografia oficial, porém, faz-se uso dela como ferramenta para criticá-la; a posição de protagonistas, delineados como os heróis clássicos representam a voz dos vencidos, portanto, são enaltecidos, enquanto o paladino da historiografia oficial é rebaixado.

transformações no modelo clássico de romance histórico europeu. As rupturas presentes no romance do autor anônimo com respeito às produções de Scott iniciam já na eleição das personagens protagonistas que, na sua quase totalidade⁸⁰, são históricas e atuam como destaque num único fio narrativo que compõe a obra.

Portanto, todas as personagens incluídas na diegese de *Xicoténcatl*, salvo Teutila, são personalidades cujas vidas e presenças no contexto da “conquista” do México são comprováveis. A linha de acontecimentos que a diegese estabelece mantém a linearidade dos fatos relatados na historiografia desse contexto, porém, a perspectiva sob a qual as ações são reveladas sofre uma inversão: fatos e personagens são apresentados pela visão do conquistado, contrapondo-se, assim, à visão da historiografia.

E, mais ainda, o autor anônimo de *Xicoténcatl* configura suas personagens nativas protagonistas como protótipos morais a serem seguidos, em oposição àqueles da classe dominante europeia, cuja moral e decência são fortemente criticadas. Por exemplo, o príncipe de Tlaxcala, Xicoténcatl, o filho, é configurado como um herói rico em talentos. Consoante com a definição de herói “apolíneo”⁸¹, a personagem é apresentada como um jovem bonito, valente, fiel ao seu povo, o melhor guerreiro de Tlaxcala, defensor dos valores indígenas, respeitoso para com os mais velhos e apaixonado pela sua esposa Teutila. A voz narrativa o configura como o protótipo de indígena ideal, conforme se pode ver na descrição a seguir:

A la llegada de los embajadores de Hernán Cortés ocupaba este puesto distinguido el joven Xicoténcatl que, por sus talentos militares, sus buenas prendas y su puro y desinteresado patriotismo, obtuvo, aunque tan joven, la preferencia de los demás candidatos [...].
(ANÓNIMO, 1964, p. 80).

O jovem protagonista, portanto, é descrito como exemplar na posição que ocupa, constituindo-se, desse modo, em modelo dicotômico perante o conquistador espanhol que, por sua vez, é exaltado no discurso historiográfico hegemônico eurocêntrico.

⁸⁰ À exceção de Teutila, como já discutido.

⁸¹ Salvatore Donófrío (1983, p. 59) define: “[...] o herói 'apolíneo', qualificado para uma nobre missão e investido de atributos eufóricos (beleza, valor, nobreza de sentimentos etc.), que tem a função de expressar o triunfo dos valores sociais, de estabelecer ordem no cosmo, de desvendar os mistérios da vida, de apaziguar o homem consigo mesmo, com a sociedade e com a divindade [...]”.

É uma coincidência que tanto o romance francês *Cinq Mars*, de Alfred de Vigny, quanto *Xicoténcatl* tenham sido publicados no mesmo ano (1826), em diferentes continentes, com semelhanças no esquema de ruptura com respeito aos romances de Scott. *Xicoténcatl* tem elementos que Alfred de Vigny utilizou no seu *Cinq Mars*, pois os fatos históricos são elementos principais na narrativa (FLECK, 2014a). Contudo, é bastante improvável (MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, 1996) que o autor anônimo tenha tido contato com a obra do francês antes ou durante a escrita de seu romance.

Todo texto apresenta um discurso e, na leitura da obra em questão, observamos uma intenção declarada do autor anônimo de *Xicoténcatl* de, pela ficção romanesca, expor um projeto político-ideológico. A proposta que se revela na leitura do texto é a de fazer críticas ao *status quo* da Nova Espanha. Portanto, o romance elencado mostra, de maneira idealizada, o povo tlaxcalteca que é elevado à qualidade de sociedade utópica, diante da construção heroica dos conquistadores espanhóis presente na historiografia oficial.

Ressaltamos que o uso de modelos utópicos fez-se necessário no contexto de lutas pela independência na América Latina já que um modelo é como o espelho necessário no qual a construção de uma nova nação independente projeta-se para criar os seus próprios paradigmas. No caso latino-americano, voltou-se ao passado pré-colombiano nas produções literárias para inflamar o espírito nacionalista dos sujeitos a fim de revelar-lhes as antigas tradições, costumes e valores que governavam as populações antes da "conquista".

Como já mencionamos, a literatura teve um papel fundamental como fonte de propaganda para ajudar a criar um exército de massas. Verificamos essa intenção no primeiro romance histórico latino-americano quando vemos que o discurso nele enunciado exalta personagens indígenas como Xicoténcatl, o jovem, e revela, em oposição, a crueldade com que o conquistador Hernán Cortés arquiteta a execução do protagonista. A cena é um claro chamado à luta pela independência e à formação de uma idiosincrasia nacional no contexto de lutas pela independência de uma nação, apelando aos leitores para que reconheçam a grandeza da história do seu povo e para que se identifiquem com os tlaxcaltecas na luta pela independência.

No seguinte trecho, destacado da obra em análise, podemos apreciar como o narrador em *Xicoténcatl* contrasta o povo de Tlaxcala com o dos conquistadores:

*Estaba escrita en el libro del destino la caída del **grande imperio** de Moctezuma, bajo cuyas ruinas debían sepultarse la **república** de Tlaxcala y otros **gobiernos** de una **hermosa parte de la América**. Ya habían visto los hombres irrupciones de bárbaros medio salvajes que, abandonando sus guaridas y su ingrato país, se apoderaron de climas más benéficos, destruyendo a sus antiguos habitantes; algunos ambiciosos de genio, colocados a la cabeza de los pueblos, habían armado las naciones unas contra otras, para subyugarlas a todas, y el inmenso océano de las pasiones había presentado borrascas intestinas y espantosas en las que las **sociedades civiles** habían sufrido trastornos incapaces de describirse. (ANÓNIMO, [1826] 1964, p. 79, negritos e grifos nossos).*

Podemos observar nessa citação os termos associados aos povos nativos, grifados em negrito, e os termos associados aos colonizadores, grifados com sublinhado. As qualidades de “*grande imperio*”, “*república*”, “*gobiernos*”, “*hermosa parte de la América*” e “*sociedades civiles*” são todas avaliações positivas e ligadas à ideia de utopia. A narração apresenta uma Tlaxcala e, com isso, todas as sociedades indígenas apresentam valores greco-romanos. Não existiram repúblicas ou sociedades civis que fossem estruturadas dessa maneira no continente americano pré-colombiano, mas a liberdade da ficção pode projetar essa imagem com fins contrastivos, valendo-se da estratégia da anacronia como meio de estabelecer relações atemporais que revelam causas e consequências.

Por outro lado, nos termos sublinhados observamos graduações negativas, todas relacionadas aos conquistadores que são expostos como “*irrupciones de bárbaros medio salvajes*”, que foram, de certa forma, expulsos de sua terra-mãe, pois, “*abandonando sus guaridas y su ingrato país, se apoderaron de climas más benéficos*”. Nesse novo espaço, o resultado de suas ações é catastrófico já que “*habían armado las naciones unas contra otras, para subyugarlas a todas*”. Nessa comparação, o leitor é levado a se posicionar contra o *status quo* da coroa espanhola e acreditamos que esse tenha sido um dos claros objetivos ideológicos pelos quais *Xicoténcatl* foi escrito.

Se considerarmos que “*la tarea del novelista histórico consiste en plasmar este efecto recíproco concreto con la mayor riqueza poética posible y de acuerdo a las circunstancias históricas concretas del tiempo en cuestión*” (LUKÁCS, 1966, p. 48)⁸², o autor de *Xicoténcatl* esteve totalmente ciente disso. O autor quis plasmar o

⁸² “a tarefa do romancista histórico consiste em plasmar esse efeito recíproco concreto com a maior riqueza poética possível e de acordo com as circunstâncias históricas concretas do tempo em questão.” (LUKÁCS, 1966, p. 48 - tradução nossa).

heroísmo do povo Tlaxcalteca, fazendo de Xicoténcatl, o jovem, não um herói mediano, mas, sim, um herói clássico.

Evidenciar a configuração do herói autóctone com valores e atitudes elevadas é relevante, pois essa imagem serve de contraste com a vileza do herói da história tradicional, Hernán Cortés, a quem, por séculos, “*la tradición conservadora lo exalta*”. (FUENTES, 2000, s.p.)⁸³. A história dos vencidos não se registrava nas crônicas oficiais dos enviados da coroa espanhola e sim aquela que ressalta a ação conquistadora dos heróis que representam o poder dos vencedores. Em *Xicoténcatl* se questiona essa exaltação e põe-se em dúvida a história escrita pelo conquistador. Tal inovação se dá, especialmente, pela inversão do foco narrativo que, ao assumir a perspectiva daqueles que defendem sua pátria da invasão e da subjugação, revela outras ações em prol de um povo que teve sua terra e todos os seus bens usurpados e sua cultura relegada à margem ou à extinção.

No processo de recepção dessa obra, podemos imaginar que o leitor comum empreende a leitura com a sua bagagem de conhecimentos apreendidos na escola (a história oficial) e, aos poucos, perceberá, ao avançar na leitura do romance, pelos contrastes apresentados nele, que o “bem” não necessariamente deve ser representado pelo elemento europeu conquistador, sempre revelado como o redentor, o salvador, o herói no discurso historiográfico. Por outro lado, a leitura pode conduzir à compreensão de que os valores mostrados pelo valente guerreiro Xicoténcatl evidenciam a injustiça de representar o “mal” vinculado sempre aos elementos e aos sujeitos indígenas, como é costumeiro no senso comum e frequente em certas artes, como, por exemplo, o cinema ao estilo “*bang-bang*”, ou “faroeste” norte-americano.

O autor anônimo, propositalmente, exaltou na escrita romanesca o povo indígena. Valeu-se, para tanto, do modelo descritivo dos clãs que Scott utilizou em suas produções clássicas para, a partir desse paradigma, configurar as tribos nativas da América. Assim, o autor desse romance parece querer mostrar como os povos nativos americanos, após a chegada dos europeus conquistadores, estariam fadados a um desenlace trágico, a chamada necessidade interna de sua trágica decadência, a qual Scott projeta nos seus romances com relação ao contexto social e histórico dos clãs de sua ilha.

⁸³ “A tradição histórica o exalta.” (FUENTES, 2000, s.p. – tradução nossa).

O narrador de *Xicoténcatl* mostra tanto a nobreza como o primitivismo dos autóctones americanos e como os conquistadores os utilizaram para seus propósitos, como no caso, por exemplo, de Magizcatzin e de Malinche. Por outro lado, esse autor exhibe também – por meio da atuação do seu narrador, especialmente pela maneira que se dá a ficcionalização de Hernán Cortés – as representações críticas da perspectiva dos conquistados a respeito dos conquistadores, ao revelar toda a sua degeneração moral e humana, sua parte brutal. No caso da personagem Diego de Ordaz – que se revela benevolente com os nativos e não submisso a Cortés –, configura-se um representante dos conquistadores que é incapaz de agir a favor dos indígenas, mesmo não concordando com as ações imorais e violentas do comando espanhol.

Todas essas semelhanças revelam que as produções antecedentes de Walter Scott foram sim um modelo que ajudou a compor, na América Latina, uma obra que resgata os valores das sociedades nativas. Assim, as nações indígenas americanas foram delineadas, na primeira obra mista de história e ficção aqui escrita, como Scott fez com os clãs de sua pátria.

O autor, aparentemente, desejava demonstrar, igualmente, a decadência das nações indígenas e, ao mesmo tempo, a grandeza delas na narrativa de *Xicoténcatl*. Tal qual Scott apresenta “[...] *la caída de la sociedad gentil* [...] *como una tragedia heroica, no como una miserable degeneración*” (LUKÁCS, 1966, p. 65)⁸⁴, o autor de *Xicoténcatl* mostrou a queda de Tlaxcala como uma tragédia heroica.

Dessa maneira, entendemos que a comparação do modelo scottiano com o romance de autor anônimo nos ajuda a entender o processo de produção desse primeiro romance histórico latino-americano e a dimensão das transformações feitas no modelo europeu instituído na época. Essas transformações revelam a intenção clara do autor em enfrentar-se, desde seu lócus enunciativo latino-americano, com os modelos canônicos europeus e, sem negar a influência, subverter os paradigmas com a ideologia própria do sujeito latino-americano. Uma posição crítica que, segundo defende Fleck (2014a), seria intensamente explorada nas releituras críticas da história pela ficção nas modalidades posteriores a clássica e a tradicional no contexto de produção de romances históricos da América Latina a partir de meados do século XX.

⁸⁴ "a queda da sociedade gentil [...] como uma tragédia heroica, não como uma miserável degeneração." (LUKÁCS, 1966, p. 65 - tradução nossa).

Para dar seguimento a nossos propósitos de estudo, no item seguinte apontamos, especificamente, à configuração literária de Malinche na obra elencada, iniciando por breves observações sobre a sua biografia.

1.3 A PRIMEIRA CONFIGURAÇÃO LITERÁRIA DA NATIVA MALINCHE NO ROMANCE *XICOTÉNCATL* (1826): O CAMINHO DA HISTÓRIA À FICÇÃO

Os cronistas não concordam totalmente sobre o passado de Malinche, porém, especula-se, pela extraordinária capacidade de organizar os outros indígenas, pelo seu “*don de mando*”⁸⁵, que Malinche tenha nascido⁸⁶ entre os nobres e que teria sido vendida pela própria mãe quando ocorreu a morte de seu pai (HERREN, 1993, p. 28). De modo geral, os biógrafos de Malinche apresentam-na como uma integrante do grupo de vinte escravas que o povo Totonaca presenteou a Cortés. Ela rapidamente destacou-se entre o grupo pela sua juventude, beleza⁸⁷, inteligência, domínio de línguas nativas e facilidade de aprender o castelhano. Tendo passado por vários anos, tinha conhecimento das línguas indígenas necessárias para Cortés se comunicar com os diferentes povos que habitavam a região a qual ele explorava

⁸⁵ Alguns cronistas interpretam essa habilidade como varonil, como Rivera (1889, p. 61 – grifo nosso, tradução nossa): “Aquela mulher célebre teve quatro qualidades relevantes: juventude, pois tinha, então, 19 anos, notável formosura, grande talento e caráter *viril*; e com pensamentos e modos de uma grande senhora, poderia contar como quinta a boa qualidade e nobreza de sentimentos, se não fosse pelo grave defeito de falta de patriotismo: em corpo e alma seguiu a causa de Cortés e dos espanhóis e não favoreceu os índios. Rapidamente aprendeu a língua castelhana, fazendo desnecessária a presença de Aguilar, ainda que sempre tenha sido útil.”. Porém, em outros aspectos é igualmente considerada varonil, Diaz del Castillo escreveu sobre ela: “Mas que esforço tão *viril* tinha (que) jamais vimos fraqueza nela, muito mais do que o esforço de mulher.” (HERREN, 1993, p. 32 – grifo nosso, tradução nossa).

⁸⁶ Kartunnen (1997, p. 330-331 – tradução nossa): “Quer dizer que ela conseguia entender um certo registro de Nahuatl conhecido como *tecpillahtolli*, ‘língua dos senhores’. Este estilo de falar, o único estilo que poderia ser utilizado na presença de Montezuma, o grão senhor de todos. Um falante de Nahuatl mundano seria inútil ao lidar com este registro. [...] A simples intuição nativa não poderia ajudar neste caso, a pessoa deve ter apreendido o registro formalmente (na escola)”. Por outro lado, Herren discute a possibilidade de Malinche ter sido educada formalmente. Ele descarta essa possibilidade, pois, “se ela foi uma nobre, ela teria assistido ao *cálmencac*, uma espécie de instituição que educava meninas para servir no matrimônio, nos labores domésticos ou aos deuses nos templos. De ter assistido à escola, Malinche não teria estado disponível para venda como escrava, se é que foi bem assim tal qual afirma Bernal Díaz del Castillo. Portanto, devemos supor que ela não recebeu educação especial alguma, mas que teve um talento natural desenvolvido precocemente por meio da própria experiência de vida no contexto de 1519.” (HERREN, 1993, p. 40 –tradução nossa).

⁸⁷ “Singular mulher a formosa Marina, 'a índia', a quem os adoradores saudosistas dos astecas chamaram de traidora, e que os astecas adoravam quase como a uma deidade.” (SOMONTE apud GRILLO, 2011, p. 20 –tradução nossa).

na intenção de conquistar Tecnochtitlán. O capitão estremeceu de imediato percebeu as habilidades de Malinche e a fez a sua “língua”.

Ela é considerada o símbolo da simbiose americana. Chamada Malintzin pelos nativos, rapidamente os autóctones chamaram Cortés de Malinche, “*el amo de Marina*” (HERREN, 1993), demonstrando, com isso, que foi a primeira vez na história de nosso continente que o nome de uma escrava foi suficientemente importante para servir de referência ao seu próprio amo.

Os vários nomes adjudicados⁸⁸ a essa personagem histórica são motivos de estudos, entre os quais destacamos o trabalho de Rosa Maria Grillo (2011), com seu artigo “*El mito de un nombre: Malinche, Malinalli, Malintzin*”. Nele, a pesquisadora discursa sobre os diversos significados que suscita cada nome da personagem e a ideologia por trás da pessoa que escolheu cada nome para referir-se a ela. Inicia sua tese explicando que o nome Malinche adquiriu uma conotação pejorativa desde a época de Manuel Gamio, como veremos adiante.

Entre outros aspectos mencionados por Grillo (2011), vemos que escolher o nome *doña* Marina para referir-se a essa autóctone equivale a localizá-la ao lado dos espanhóis. O pronome de tratamento *doña* tem duas significações. Por um lado, eleva o *status* da personagem por considerar que ela foi: “*la única que merece el título respetadísimo de doña*” (GRILLO, 2011, p. 15)⁸⁹, com o qual a pessoa se posiciona como admiradora da personagem, alguém que é um igual, digna de se tomar em conta. Porém, por outro lado, a pessoa pode se posicionar como alguém que reconhece a personagem como a colaboradora dos espanhóis e a vê como alguém que quase se transformou numa europeia pela sua opção na “conquista”.

Segundo a autora, escolher Malintzin para referenciá-la é adotar a designação dada pelos indígenas à personagem que, como a lua, é “a única mulher num conjunto de homens europeus”⁹⁰ e no poder. É um nome de respeito. Junto a essas

⁸⁸ Townsend (2006 apud WOOD, 2007, p. 222 – tradução nossa) subscreve que “o nome verdadeiro da personagem histórica talvez não tenha sido Malinalli que, no entanto, transformou-se num apelativo que resiliente insiste em perdurar como nome indígena nas imagens revisionistas que fazem dela”.

⁸⁹ “a única que merece o título muito respeitado de dona” (GRILLO, 2011, p. 15 - tradução nossa).

⁹⁰ Cypess (2000, p. 188 – tradução nossa) cita Gutierre Tibón no comentário relacionado com o fato de Malinche ser a única mulher num grupo de homens: “Não acredito que alguém tenha percebido até agora que a Malinal Xochitl mitológica é também chamada de Malintzin... Ela, a irmã dos homens-estrelas e única fêmea entre os astros... chamada de maneira abreviada e reverencial de Malintzin (como a Malinche, a única fêmea entre os conquistadores).”.

denominações, geralmente acha-se também “Tenépal”⁹¹, que significaria 'pele clara como a lua'. Grillo, a respeito disso, declara que não se trata apenas do branqueamento da pele da personagem histórica, mas, também, de todo processo de “branqueamento epistêmico”⁹² pelo qual ela passou ao ser reinventada pelos cronistas. Também, segundo a autora, Tenépal⁹³ pode fazer referência à “*dueña de la palabra*”. (GRILLO, 2011, p. 16).

Nesse contexto de adjudicar nomes, os autóctones teriam continuado utilizando o nome Malinalli para se referir a ela, e acrescentando o sufixo “-tzin”, que significa 'dono', para se referir ao seu amo, Cortés. Portanto, Cortés passou a ser chamado Malintzin. Resgatamos, nesse ponto, um comentário de Rivera (1889, p. 60):

*A Malinalli, que fue la primera persona bautizada en México, le puso el nombre de Marina, por lo que los tlaxcaltecas i demas indios que siguieron la causa de Cortes nombraban a Marina con la partícula reverencial tzin, llamándola Malintzin; los españoles, destrozando como siempre el idioma mexicano, la llamaban Malinche, i los aztecas, enemigos de los españoles, quizá por burlarse del modo con que aquellos palurdos soldados pronunciaban su cultísimo idioma, al mismo Cortes le llamaban Malinche.*⁹⁴

⁹¹ A grafia para este nome é indistintamente: Tenepal, Ténepal e Tenépal, talvez pela sua procedência nativa nahuatl. Utilizaremos Tenépal, tal qual Grillo (2011) o faz.

⁹² “Em algum momento foi chamada igualmente de Tenépal, que que dizer 'feita de cal, de pele clara como a lua', ou pelo menos mais clara do que as outras mulheres de sua raça. Todos os cronistas espanhóis a descrevem como de pele clara, peça importante no processo de branqueamento ideológico a que foi submetida” (GRILLO, 2011, p. 16 – tradução nossa). Guadalupe Fernández de Velasco (apud CYPESS, 2000, p. 180 – tradução nossa) escreve que a origem do nome 'Malinche' acontece por não existir a letra *r* no alfabeto mexicano, então é substituído pela letra *l*, por analogia, e 'Marina' converteu-se em 'Malina', logo acrescentaram a terminação '-tzin', de carinho ou respeito, 'Malintzin', e que corrompido pelos espanhóis ficou 'Malinche'. Outros acreditam o contrário; que 'Marina' foi imposto no batismo, talvez por analogia com o que já possuía, e que deste, e não do novo, saiu diretamente o 'Malintzin' mudando a terminação pelo reverencial -tzin, segundo acontece na língua. Igualmente, 'Malinali' designa um dos 20 dias do calendário mexicano (significa 'retorcimento'). Os mexicas costumavam batizar suas crianças de acordo com o dia em que nasciam. Depois acrescentavam um segundo nome. Portanto, 'Marina' veio depois, no batismo, já que a sua linhagem, ou nome gentil, era Malintzin Tenépal. Malintzin ou Malinalli seria nome primitivo, tomado do dia do nascimento, e Tenépal foi tomado/acrescentado depois, segundo o costume geral.

⁹³ De '*tene*', “*que significa aquel que tiene facilidad de palabra*” segundo o filólogo em nauatl Mariano Rojas em Herren (1993, p. 35). Cypess (2000, p. 180 – tradução nossa) acrescenta ao comentário do estudioso de filologia nauatl: “uma pessoa que fala animadamente, o qual descreve o papel de Marina”.

⁹⁴ A Malinalli, que foi a primeira pessoa a ser batizada no México, deu-lhe o nome de Marina, pelo qual tlaxcaltecas e outros índios colaboradores da causa de Cortés pronunciavam Marina acrescentando a partícula reverencial -tzin, chamando-a de Malintzin; os espanhóis, estragando, como sempre, a língua mexicana, a chamaram de Malinche, e os astecas, inimigos dos espanhóis, talvez para se burlar do modo como esses soldados ignorantes pronunciavam seu cultíssima língua, chamaram ao próprio Cortés de Malinche.

O ato da nomeação nos faz recordar as palavras de Silva (1986, p. 277) sobre as personagens de ficção, cujo “nome funciona frequentemente como um indício, como se a relação entre o significante (nome) e o significado (conteúdo psicológico, ideológico, etc.) da personagem fosse motivado intrinsecamente”.

Da mesma forma como Rivera (1889), Herren (1993) e Grillo (2011) comentam como teria acontecido a distorção na pronúncia do nome da autóctone em língua nativa pelos espanhóis que pronunciaram Malinche em lugar de Malintzin para repetir a designação conferida a Cortés, o qual, posteriormente, foi utilizado para referir-se à “língua” dele. Por último, denomina-se a personagem de Marina, prenome de batismo: “*La joven de mirada vivaz que pasó al lecho del capitán Hernández de Portocarrero recibió un nuevo nombre por bautismo y empezó a llamarse desde entonces Marina, como la virgen gallega de Orense martirizada junto a sus siete hermanos.*” (HERREN, 1993, p. 26)⁹⁵.

Nós, neste trabalho, utilizamos indistintamente os vários nomes da personagem histórica, porém, ao utilizar Malinche, escolhemos a personagem *avant-garde* que a escritora Laura Esquivel propõe no seu romance *Malinche* (2006).

Por outro lado, é indubitável a presença ativa de Malinche na “conquista” do México. Os vários códices⁹⁶ da época retratam a *doña* Marina no centro da ação, ao lado de Cortés. Vejamos os exemplos dos códices de Tizatlan (1585) e de Tlaxcala (1550).

Figuras. À esquerda, recorte do Códice de Tizatlan. Manuscrito pictórico (1585). À direita, recorte do Códice de Tlaxcala. Manuscrito pictórico (1550).

⁹⁵ "A jovem da mirada vivaz que passou ao leito do capitão Hernández de Portocarrero recebeu o novo nome de batismo e começaram a chamá-la desde então de Marina, como a virgem galega de Orense, martirizada junto com seus sete irmãos." (HERREN, 1993, p. 26 - tradução nossa).

⁹⁶ Para mais informações, acessar a tese de Janaína Baladão de Aguiar (2014), que escreveu uma pesquisa abrangente sobre os documentos pictóricos da conquista do México, analisando a posição de Malinche neles.



Fontes: À esquerda, Benson Latin American Collection, University of Texas, Austin, USA⁹⁷. À direita, Oficina tipográfica de la Secretaría de Fomento, 1892. Fray Angélico Chávez History Library NMHM, John Bourne Collection 972 MexH – Image 29⁹⁸.

Os códices foram criados vários anos depois do período de "conquista" do México que se deu entre 1519-1521, a pedido de autoridades coloniais (BALADÃO DE AGUIAR, 2014). Esses documentos trazem importantes informações. Porém, até hoje há discussões a respeito do conteúdo delas, por causa da interpretação posterior dos conteúdos: *"Hay que tener en cuenta que los códices – y sus asemejados – no solo conservan una parte pequeña de la historia, sino que, además, requieren un narrador que explique la escena.* (BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 139)⁹⁹.

O fato de não existirem documentos elaborados pelos nativos na escrita alfabética trazida pelos europeus, limita, nesse sentido, a história contada por fontes autóctones, portanto, a história do vencido será sempre problematizada. Como exemplo do fato recorrente de historiadores não mencionarem o que consideravam de pouca importância nos documentos oficiais históricos, tomamos um trecho das

⁹⁷ Benson Latin American Collection, University of Texas, Austin, USA. Disponível em: <http://www.smith.edu/vistas/vistas_web/gallery/detail/tlaxcala_det.htm>. Acesso em: 5 jun. 2016.

⁹⁸ Tlaxcala scene. Lienzo de Tlaxcala [Tlaxcala Codex], Lithograph c. 1892 (Genaro Lopéz, active 1890s). Homenaje a Cristóbal Colón. (Antigüedades mexicanas); publicadas por la Junta colombina de México en el cuarto centenario del descubrimiento de América. Mexico City: Oficina tipográfica de la Secretaría de Fomento, 1892. Fray Angélico Chávez History Library NMHM, John Bourne Collection 972 MexH – Image 29. Disponível em: <<http://www.palaceofthegovernors.org/exhibits/elhilo/Tlaxcalla-29.jpg>>. Acesso em: 5 jun. 2016.

⁹⁹ "Devemos ter em conta os códices - e semelhantes - não somente conservam uma parte pequena da história, mas, além disso, precisam de um narrador que explique a cena. (BALADÃO DE AGUIAR, 2014, p. 139 - tradução nossa).

Cartas de relación (1866), escritas por Cortés, para evidenciar como o capitão estremenho via a atividade de Malinche:

*Y estando algo perplejo en esto, á la **lengua** que yo tengo, que es **una india desta tierra**, que hobe en Putunchan, que es el rio grande de que ya en la primera relación á V. M. hice memoria, le dijo otra, natural desta ciudad, como muy cerquita de allí estaba mucha gente de Muteczuma junta, y que los de la ciudad tenían fuera sus mujeres é hijos y toda su ropa, y que hablan de dar sobre nosotros para nos matar á todos; é si **ella** se queria salvar, que se fuese con **ella**, que **ella** la guarecería; la cual lo dijo á aquel Jerónimo de Aguilar, **lengua** que yo hobe en Yucatán, de que asimismo á Y. A. hobe escrito, y me lo hizo saber; é yo tuve uno de los naturales de la dicha ciudad, que por allí andaba, y le aparté secretamente, que nadie lo vio, y le interrogué, y confirmo con lo que la **india** y los naturales de Tascaltecal me habían dicho; é así por esto como por las señales que para ello había, acordé de prevenir antes de ser prevenido, é hice llamar á algunos de los señores de la ciudad, [...]. (CORTÉS, 1866, p. 73 – grifos nossos).*

Observamos que a figura ativa de Malinche foi propositalmente silenciada, já que, em todo o documento, a personagem é referenciada não pelo seu nome, mas pelos pronomes *ella*, *una* ou o substantivo *lengua* e o adjetivo *india*. Uma só vez aparece o nome de batismo de Malinche: “é á doña Marina, mugcr del dicho tesorero, se certificó questaban en la cibdad, [...] é así se apaciguó el dicho alboroto.” (CORTÉS, 1866, p. 387 – grifo nosso)¹⁰⁰. O estremenho teria citado, finalmente, o nome dela, pois nesse contexto, segundo o biógrafo Ricardo Herren (1993), ela já tinha sido obrigada a casar-se com o tesoureiro mencionado na citação e Cortés não precisaria mais dela, como afirma Menéndez (1964 apud BALADÃO DE AGUIAR, 2014), entre outros autores.

Os conquistadores europeus com frequência tinham a necessidade de mencionar somente as “personagens importantes da conquista”. Essa atitude marca um uso corriqueiro dos cronistas em geral que escreveram o que, efetivamente, era conveniente para eles. Até mesmo a pesquisadora espanhola Celia Fernández Prieto menciona que, no caso específico dos registros de Colombo e Cortés, não houve ficcionalização da realidade americana, porém algo pior, conforme expressa Beatriz Pastor (1983); houve fraude, mentira, pois, segundo comenta ela, “*precisamente este uso fraudulento de los discursos de verdad pone de relieve como*

¹⁰⁰ “é a doña Marina, mulher do referido tesoureiro, foi verificado que estavam na cidade, [...] e desse modo apaziguou-se tal tumulto.” (CORTÉS, 1866, p. 387 - tradução nossa). O texto consultado apresenta a grafia “mugcr” para “mujer”.

los conquistadores españoles contaban la historia de acuerdo con sus intereses políticos, silenciando cuanto podía acarrearles desprestigio ante sus superiores." (PASTOR 1983 apud PRIETO, 2003, p. 156)¹⁰¹.

Segundo Mignolo (1982), o discurso, nesse tipo de documento, apresenta marcas do tempo em que foram escritos e a ideologia predominante na época. Tudo o que era escrito não deveria, principalmente, colocar em dúvida as ações dos conquistadores ou contrariar os interesses dos escrivães/autores. Outra questão presente nos documentos é o silenciamento de personagens excêntricos, fato que explica a ausência explícita do nome da personagem autóctone, já que Malinche pertenceu a esse grupo: em primeiro lugar era mulher, em segundo, era escrava e, em terceiro, era nativa da terra que estava sendo conquistada.

Nos estudos de Cristina González (2002), aponta-se para a existência da problemática resultante do processo de colonização: a rejeição de filhos nascidos de casais "misturados" tanto pelos autóctones quanto pelos europeus durante a formação da população pós-invasão. Isso ocorria pelo fato de esses infantes trazerem à memória o trágico processo da "conquista" do México. Iniciava-se uma nova classe social: a mestiça. A pesquisadora menciona que são poucos os mestiços assumidos pelos seus pais europeus, entre eles Martin, filho reconhecido por Cortés, que foi separado da mãe (Malinche) e educado segundo os preceitos da cultura dos espanhóis.

González (2002) afirma que, mais tarde, se formaria um processo paralelo ao "*sentimiento patriota criollo*" que, aos poucos, tentou modificar a primeira imagem do mestiço: a revalorização do autóctone. Contudo, essa ação tornou-se ambígua, pois

*[...] la revalorización de lo autóctono y la apropiación del pasado indígena hecha por los criollos adoptó, no obstante, un carácter ambiguo, de valorización de lo indígena, pero no del indígena, con el que el criollo no se identificaba en absoluto. Será a partir de la lucha de Independencia cuando indígenas y, sobre todo, mestizos comiencen a formar parte de la historia mexicana. (GONZÁLEZ, 2002, p. 133).*¹⁰²

¹⁰¹ "[...] precisamente este uso fraudulento dos discursos da verdade coloca em destaque como os conquistadores espanhóis contavam a história de acordo com os seus interesses políticos, silenciando tudo quanto pudesse lhes trazer desprestígio em relação aos seus superiores." (PASTOR 1983 apud PRIETO, 2003, p. 156 – tradução nossa).

¹⁰² [...] a revalorização do autóctone e a apropriação do passado indígena feita pelos 'criollos' adoptou, porém, um caráter ambiguo, de valorizar todo o autóctone, mas não o indígena, pois o 'criollo' não se identificava absolutamente. Somente com a luta pela Independência é quando os

Mestiços e autóctones, segundo a autora, somente passam a ser considerados como elementos que formam “parte da história mexicana” perante a necessidade prática da presença ativa deles na luta pela independência. E, no início do século XX, uma inquietude no círculo intelectual e político mexicano se fez presente com o discurso *mestizófilo*: a necessidade de estabelecer uma política nacional indigenista com o propósito de unir uma nação que se encontrava dividida. Dessa maneira, segundo González (2002), tentava-se unir a ideia de mestiçagem à mexicanidade. Como primeiro passo desse processo de reestruturação identitária, entrega-se a paternidade da pátria mexicana a Hernán Cortés e Malinche, e o filho deles, Martín, é considerado, simbolicamente, o primeiro mestiço.

De acordo com González (2002), isso trouxe uma tentativa de “superar” o *hispanismo* e o *indigenismo* históricos que continham o germe da discórdia, mas que, na realidade, negava o elemento autóctone. Esse discurso nacionalista, segundo a pesquisadora, não conseguiu apagar a “mancha original” da nação e o mestiço: “*constituirá un permanente recordatorio del abyecto origen del pueblo mexicano, hijo de la traición personificada en la Malinche y de la violencia representada por Cortés.*” (GONZÁLEZ, 2002, p. 134)¹⁰³. Segundo a estudiosa, só com a revolução de 1910 é que teve início a aceitação da realidade mestiça do México.

No processo de construção do mito de Malinalli, *doña* Marina, Marina Ténépal – a agora definitivamente referenciada como Malinche – passou a ser considerada como o “*símbolo materno de la realidad interétnica de la nación y puente entre culturas, o alegoría de la claudicación ante el conquistador: la Malinche traidora a su pueblo.*” (MARTIN, 2007, p. 5)¹⁰⁴. A Malinche mitificada carrega um lado positivo e outro negativo, pois ela passa a ser considerada como “*la Eva-Malinche en palabras de Sonia Montecino, y [...] la ‘madre y puta, traidora y útero simbólico de la nación mexicana’ en la conocida frase de Fernanda Núñez Becerra.*”

indígenas e, sobretudo, mestiços começam a formar parte da história mexicana (GONZÁLEZ, 2002, p. 133 - tradução nossa).

¹⁰³ "convertir-se-ia numa recordação permanente da hedionda origem do povo mexicano, filho da traição personificada em La Malinche e da violência representada por Cortés." (GONZÁLEZ, 2002, p. 134 - tradução nossa).

¹⁰⁴ "símbolo materno de la realidad interétnica de la nación e ponte entre culturas, ou a alegoría da submissão ao conquistador: La Malinche traidora do seu povo." (MARTIN, 2007, p. 5 - tradução nossa).

(MARTIN, 2007, p. 11)¹⁰⁵. Esse seria o modo como o povo mexicano, e alguns estudiosos¹⁰⁶, vem considerando a personagem histórica.

Cabe, neste ponto, nos lembrarmos de que a configuração de personagens históricos é criada tradicionalmente pelos historiadores. Assim, observamos que a construção da personagem Malinche está presente já na história oficial, no sentido de que ela teve em suas mãos a possibilidade de “salvar” o mundo antigo de sua queda, mas não o fez, já que essa personagem transitou por ambos os lados com a capacidade de usar o seu conhecimento das línguas nativas e aquelas aprendidas ao longo de sua existência.

São várias as conjecturas que podem ser feitas a esse respeito. Porém, Malinche, a personagem histórica, não foi a única que teve seu passado reestruturado pelo discurso historiográfico. Borges (2006) escreve na sua dissertação que, inicialmente, a personagem histórica Xicotécatl foi colocada como o traidor “do seu povo e do projeto da conquista do México”. A autora destaca o silêncio de Cortés pouco depois do enforcamento do guerreiro tlaxcalteca e de como, em anos posteriores, cronistas como López de Gómara, representantes de Cortés, escreveram que Xicotécatl se opôs a continuar com o apoio aos espanhóis.

De acordo com Hassig (2004, apud BORGES, 2006, p. 25), “*By the mid-sixteenth century, Xicotécatl the Younger’s treason had become part of the standard tale of the Conquest*”¹⁰⁷. Dessa forma, o relato consagrado dos vencedores na história oficial criou estereótipos convenientes não somente no caso de Malinche, mas também no de Xicotécatl, o jovem.

Nos dias de hoje, Malinche, a personagem histórica, é considerada controversa já que recai sobre ela a culpa pela queda do Império Asteca. Com respeito à configuração ficcional que *doña Marina* recebe no romance, Cypess (2000) menciona o tema da traição à pátria¹⁰⁸ que, segundo a autora, estaria

¹⁰⁵ "segundo as palavras de Sonia Montecino: a Eva-Malinche, e, [...] a 'mãe e puta, traidora e útero simbólico da nação mexicana' segundo a conhecida frase de Fernanda Núñez Becerra." (MARTIN, 2007, p. 11 - tradução nossa).

¹⁰⁶ Mitchel (2012, p. 14, grifo nosso) adjudica o nome de *femme fatale* a Malinche: “*Doña Marina (léase, la femme fatale), la concubina de Cortés, seduce al buen capitán Ordaz pero este vuelve en sí, recupera su dignidad y rechaza a Marina violentamente*”.

¹⁰⁷ Em meados do século XVI, a descrição da traição de Xicotécatl, o jovem, já formava parte dos relatos da conquista (HASSIG, 2004, apud BORGES, 2006, p. 25 – tradução nossa).

¹⁰⁸ “[...] o tema da traição está claramente ligado a *doña Marina* em *Xicotécatl*, ela é uma das muitas personagens culpáveis de atos de traição. Gasta-se mais tempo narrativo na elaboração da traição de Magiscatzin e seus esforços patriotas dos Xicotécatls, já que o narrador claramente deseja

claramente ligado à figura de Malinche em *Xicoténcatl* (1826). Mas, se compararmos com os registros históricos, antes do período nacionalista mexicano que buscou revalorizar o autóctone, não se considerava a figura dessa personagem histórica de maneira tão negativa¹⁰⁹.

Segundo Cypess (2000), no romance, Malintzin é delineada como “falsa” tanto no que diz respeito aos seus conterrâneos quanto a Cortés¹¹⁰. Acreditamos que a estudiosa percebe o modo como a personagem lida com os problemas e os soluciona, fazendo uso do que aprendeu “das más artes dos europeus”. Esse aspecto está presente na maior parte do romance, porém, ao longo da narrativa isso muda.

Outro aspecto apontado pela pesquisadora é que *doña Marina* e Cortés são mostrados como monstros sexuais. Porém, segundo ela (CYPESS, 2000, p. 51):

*Marina's promiscuity is not supported by the Spanish chronicles. The invention here a sexual adventure between Marina and Ordaz functions to underscore several other related themes. It serves first as a synecdoche for the sexual interactions between Amerindian women and Europeans that engendered the Mexican mestizos*¹¹¹.

Assim, a promiscuidade não é comprovada pelas crônicas, mas funciona no romance como sinédoque para a interação mulheres autóctones/europeus que gerou mestiços. A personagem ficcional Marina, dessa forma, é ligada diretamente

mostrar os efeitos malignos que uma guerra civil traz para a república [...]”. (CYPESS, 2000, p. 49 – tradução nossa).

¹⁰⁹ Na opinião de Edmundo O’Gorman (apud CYPESS, 2000, p. 184 – tradução nossa), “o historiador mexicano resolveu criar um bode expiatório para justificar a desordem e ruína econômicas e o caos administrativo do período da pós-independência porque os mexicanos esperavam que à independência política seguir-se-ia o progresso e a melhora do nível econômico, como o modelo dos Estados Unidos”.

¹¹⁰ *Doña Marina* mostra-se infiel a Cortés quando tenta seduzir a Ordaz (ANÓNIMO, 1964, p. 101): “*Esta le dijo que, esclava y no amante de Hernán Cortés, aborrecía su soberbia dominación; que su afecto no había podido resistir al mérito y prendas de un hombre tan honrado como Ordaz; que, si ella fuera libre, no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones; pero que, no pudiendo en su condición de esclava obrar conforme a su libre voluntad, quería por lo menos robar a su tirano los instantes que pudiese, vengándose así de su opresión.*” Outro momento em que mostra a sua infidelidade é no seu encontro com *Xicoténcatl*: “Marina leva *Xicoténcatl* a acreditar que ela é a escrava involuntária de Cortés, que aguarda pacientemente o momento em que, nas suas palavras, ela possa ser ‘útil ao meu povo e para expiar, por meio de minha futura conduta, a aparência criminoso que minha vida mostra hoje em dia’.” (CYPESS, 2000, p. 52 – tradução nossa).

¹¹¹ “A promiscuidade sexual de Marina não é corroborada pelas crônicas. A invenção da aventura sexual entre Marina e Ordaz serve para enfatizar vários temas correlatos. Serve, em primeiro lugar, como sinédoque para a interação sexual entre ‘ameríndias’ e europeus que geraram os mestiços mexicanos”. (CYPESS, 2000, p. 51 – tradução nossa).

no romance a *La Chingada*¹¹². Sobre a “promiscuidade sexual das mulheres autóctones”, Hilde Krueger (apud KARTTUNEN 1997, p. 297) comenta que “*For these young Indian women, so animal-like in their approach to sex, the idea of chastity or virginity had no meaning at all.*”¹¹³. Portanto, realmente há muitas questões a considerar partindo do texto do romance anônimo com respeito não somente à configuração da personagem ficcional Malinche, mas também a outros assuntos que dispõem acerca da interpretação do modo de vida dos autóctones. No caso anteriormente apresentado, por exemplo, evidenciamos o olhar do autor anônimo, um homem latino-americano do início do século XIX na construção das configurações das personagens da sua obra.

No tocante à afirmação de Cypess (2000, p. 55):

*With regard to the Malinche paradigm, the more vivid portrait in this narrative is not that of Marina the mother but of the perfidious, malicious, poisonous snake. At no point does the narrator show Marina acting in a positive, constructive manner. She is never described performing the various deeds attributed to her by such favorable chronicles as Bernal Díaz's Historia.*¹¹⁴

Sobre o autor anônimo de Xicoténcatl não simpatizar com sua personagem Malinche, nessa citação, nós concordamos parcialmente, pois entendemos que ele nos apresenta uma configuração circular de *doña* Marina, na qual inicialmente o narrador, por meio da voz da personagem Ordaz, sugere que Malinche talvez seja vítima da sedução de Cortés.

Após esse momento, efetivamente, mostra-se a configuração de uma mulher transformada, corrupta, traiçoeira, sem escrúpulos que emprega todas as armas para concretizar seus planos. Passado esse instante, ocorre uma transformação maior, a personagem torna-se mãe. Dessa forma, observamos como a consciência

¹¹² De acordo com Cypess (2000, p. 56 – tradução nossa), “ela é sistematicamente exibida como um monstro sexual, o qual fundamenta que ela seja identificada como ‘La Chingada’, o termo utilizado para identificar a mulher que se abre ao outro. Essa imagem de La Malinche segue em conformidade com a tese geral do autor anônimo que diz que o efeito da invasão europeia no México foi prejudicial e nefasto à vida política, cultural e sexual da América”.

¹¹³ Para estas jovens mulheres indígenas, comparadas/consideradas como animais na questão do sexo, a ideia de castidade e virgindade não fazia nenhum sentido”. (KRUEGER apud KARTTUNEN 1997, p. 297 – tradução nossa).

¹¹⁴ “Com respeito ao paradigma de Malinche, a imagem mais vívida na narrativa não é a de Marina mãe, mas a pérfida, maliciosa, serpente venenosa. Em nenhum momento o narrador mostra Marina atuando numa maneira positiva/construtiva. Ela nunca é descrita efetuando as várias façanhas atribuídas a ela pelas favorecedoras crônicas da História de Bernal Díaz”. (CYPESS, 2000, p. 55 – tradução nossa).

da mulher autóctone cresce, ciente do seu *status* de escrava, reconhece ter sido seduzida pelos europeus e utilizado artimanhas contra seu povo. E, finalmente, *doña* Marina se arrepende das suas escolhas anteriores e decide voltar aos seus costumes nativos para se redimir.

Além do mais, o plano maior do autor anônimo é mostrar a sua tese sobre os autóctones e europeus. Todos os nativos da terra, segundo o autor, seriam, na realidade, bons selvagens. Esse plano não conseguiria se concretizar se uma das personagens autóctones não mostrasse essa nobreza interior.

Inclusive, podemos perceber que o autor que ficcionaliza, nessa primeira vez na literatura, Malinche, a personagem histórica, é favorecida em dois pontos. Primeiro, o autor anônimo cria Teutila para aliviar o peso de “bode expiatório” de La Malinche. O segundo ponto está em colocar a personagem totalmente ficcional Teutila para rejeitar o papel de mãe da nação mexicana. O autor ainda oportuniza momentos de reflexão para *doña* Marina, nos quais se comprova que a primeira configuração literária não é promotora da imagem negativa da personagem e sim o movimento indigenista mexicano do início do século XX.

Dessa forma, consideramos que o romance *Xicoténcatl* não mostra somente um viés negativo na primeira configuração ficcional na literatura da personagem histórica Malinche. Ao contrário, consideramos que a obra, pela sua escrita em 1826, apresenta uma configuração literária de Malinche que não está de acordo com a representação que a nativa adquiriu nos registros da história ao longo dos séculos.

Para Paul Ricoeur (2014) é evidente que a memória, a história e o esquecimento são parte de um construto social que dão identidade ao ser humano, e, como tal, elas são negociáveis ao longo do tempo e no momento que se consolidam como conhecimento. Segundo o autor, a memória é uma maneira de manter vivo um evento. Ela se fixa de acordo com o emocional. A memória resgata, conserva, estimula e alimenta amores e ódios/vinganças e é um dos combustíveis da história. Por outro lado, a história não pode tomar a memória como um testemunho documental, pois, da mesma maneira que documentos não são neutros, ela é só mais uma versão dos fatos.

Segundo Ricoeur, ao relatar um evento, selecionamos as nossas memórias. Validamos algumas, invalidamos outras. Perdoamos a alguns na narrativa histórica, escolhemos os vilões. Escolhemos de que lado da história ficar. Dessa forma, o ser

humano constrói a sua experiência nesse mundo. Joel Candau (2016, p. 16) afirma que

[...] a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa [...].

Segundo o afirmado por Candau, sempre haverá, portanto, a possibilidade de manipulação dos fatos acontecidos na formação de uma memória que possa ser relatada. Como vimos anteriormente, é a partir dos nacionalistas mexicanos do início do século XX que a memória de Malinche é reformulada e, como afirma González (2002), a personagem se converte no bode expiatório da conquista do México.

Porém, a primeira imagem ficcional da personagem histórica na literatura não a mostra simplesmente como a traidora, pois, pela sua configuração de personagem circular, vemos uma personagem complexa que inicia sua corrupção seduzida pelos europeus, uma personagem muito ativa, a comparsa perfeita de Cortés que, porém, mostra-se arrependida ao presenciar a horrível morte de Magizcatzin, outro “autóctone traidor”, e decide mudar, mais uma vez, ao refletir sobre a sua situação de escrava.

Personagens como La Malinche são importantes, pois, a partir deles, os povos formam/criam a sua identidade. A personagem histórica é uma referência à nossa latinoamericanidade, ao processo de formação das nações de hoje, resultado da conquista-colonização pelos europeus que precisa ser entendido/absorvido e aceito como realidade das nossas nações.

A conservação da memória (LE GOFF, 1996) para os povos de tradição oral ou sem escrita alfabética mostra-se dificultada, já que os documentos autóctones pictóricos ou de outra natureza não tem a mesma força que a escrita alfabética, desvalorizando-se em termos de confiabilidade, impossibilitando estudos das escritas dos vencidos. A possibilidade de compreender exatamente, por exemplo, as representações pictográficas deixadas pelos autóctones, é mínima. Vemos este problema nos documentos como El lienzo de Tlaxcala que, mesmo sendo mandado fazer por autoridades coloniais, é difícil de decodificá-los adequadamente.

A memória é um construto social que, junto à história e ao esquecimento, dá identidade ao ser humano e pode ser modificada de acordo com o momento em que se fixa como conhecimento. Infelizmente, os documentos não são neutros, e se

comportam mais como uma versão dos fatos (RICOEUR, 2014). Porém, tal como Gagnebin afirma em Albuquerque e Fleck (2015, p. 30): “[é] tarefa do historiador, do ficcionista ou o artista que precisam ‘transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados’”.

A seguir, apresentaremos o segundo capítulo da análise em que trechos escolhidos do romance serão explorados, e mostraremos os pontos anteriormente mencionados sobre a personagem ficcional *doña* Marina.

2 MALINCHE NO ESPELHO DAS TRADUÇÕES DE *XICOTÉNCATL* (1826): [1999 – 2013]

La langue est fasciste (BARTHES, 1977)

A tradução é uma atividade complexa que não se limita ao simples conhecimento de várias línguas, pois ela:

[...] é um processo de leitura aperfeiçoado possível de ser efetuado por um **leitor especializado** que pode e está disposto a transitar entre dois sistemas linguísticos e duas culturas diferentes, estabelecendo pontes entre eles que possibilitem a outros alcançar/conseguir na sua cultura, ressonâncias significativas na recepção textual, frutos de um engenhoso processo de criação ancorado num pressuposto anterior que lhe serve de guia e iluminação. (FLECK, 2014b – grifos do autor).

Nesse sentido, analisamos na sequência como, durante a leitura de *Xicoténcatl*, cada tradutor fez escolhas na língua meta e, assim, deu uma configuração à personagem histórica Malinche, a partir do original, na sua versão. Este é um trabalho delicado, pois cada palavra do romance foi cuidadosamente escolhida para expor o que o seu autor considerou necessário para compor o texto e dar uma existência literária a uma personagem histórica que foi rodeada de polêmica no contexto do movimento indigenista nacionalista mexicano.

Um dos principais motivos de termos obras relevantes para a história da literatura latino-americana – tais como o primeiro romance histórico latino-americano – sem uma versão em língua portuguesa, segundo defende Fleck (2014b), advém do fato de que o ato de traduzir sempre foi bastante controlado para que as diferentes línguas faladas na América não pudessem dialogar entre si. Dessa maneira, podem-se vigiar as vias de acesso à própria historicidade de uma nação à outra. Esse desconhecimento, segundo comenta o pesquisador, gera claramente a não integração das nações latino-americanas num projeto comum de inter-relações tradutórias e de conhecimento recíproco.

Para efetuarmos essa análise da passagem da configuração de Malinche do original às traduções de *Xicoténcatl* (1826) fizemos, primeiramente, uma leitura cuidadosa do romance no original para nele destacarmos todas as passagens nas quais ocorrem configurações¹¹⁵ dessa personagem histórica. Nesse intento,

¹¹⁵ Formas de caracterizar uma personagem e dar-lhe profundidade psicológica.

encontramos 44¹¹⁶ momentos em que a personagem foi mencionada, configurada ou aparece atuando ativamente na diegese, a realidade própria da narrativa. Ao isolarmos esses fragmentos ao longo do romance, delineamos a forma como o original configura essa personagem para, em seguida, localizar, nas traduções, as mesmas passagens para verificarmos como os tradutores lidaram com esse material, em especial, na hora de criar seus textos em sua língua materna.

Entre os trechos destacados, elegemos quinze que consideramos representativos para a configuração da personagem. Ao partirmos desse ponto de análise, em seguida, fazemos o cotejo das imagens aí produzidas com as versões da obra para o inglês de Castillo-Feliú¹¹⁷ e para o português de Sobierai¹¹⁸ e Fleck¹¹⁹. Nesse processo, verificamos se existem mudanças na configuração de *doña Marina* nas línguas meta.

Sobre a língua, Barthes (1977, p. 13) afirma:

[M]as a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer. Assim que ela é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Nela, infalivelmente, duas

¹¹⁶ A listagem completa nas três versões se encontra no Anexo A no final da dissertação.

¹¹⁷ Guillermo I. Castillo-Feliú é professor de Línguas Modernas na Winthrop University em Rock Hill, Carolina do Sul. É Ph.D. pela Michigan State University e autor de vários livros que são utilizados em cursos de línguas nos níveis acadêmicos e escolares nos Estados Unidos e em outros países. Previamente traduziu e publicou duas coleções de contos do peruano Clemente Palma, *Cuentos malévolos* e *Historietas malignas*, e continua seu trabalho nesse campo de estudo. Disponível em: <http://www.peterlang.com/download/datasheet/43331/datasheet_62148.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2016. (tradução nossa).

¹¹⁸ Anthoni Cley Sobierai é graduado em Letras, com habilitação em Português/Inglês, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná - *Campus* de Cascavel. Participou do projeto “Oficina de Tradução” da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduando em Comunicação Social - Jornalismo na Faculdade Assis Gurgacz - FAG. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/9035023133397419>>. Acesso em: 26 set. 2016.

¹¹⁹ Gilmei Francisco Fleck possui pós-doutorado (2015) em Literatura Comparada e Tradução pela Universidade de Vigo, com Bolsa da CAPES, Doutorado (2008) em Letras pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Mestrado em Letras (2005) pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/ Assis. Especialista em Língua Espanhola e respectivas literaturas (2000) pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC/Xanxerê e em Ensino de Inglês como língua estrangeira pela Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC/Chapecó. Possui graduação em Letras, com habilitação em Português/Espanhol e Respectivas Literaturas (2001) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI/Frederico Westphalen e graduação em Letras, com Habilitação Português/Inglês e Respectivas Literaturas (1996) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI/Frederico Westphalen. Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em literaturas hispânicas e língua espanhola, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura hispânica, literatura comparada, literatura hispano-americana e espanhola e prática educacional. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/1060297750923928>>. Acesso em: 26 set. 2016.

rubricas se delineiam: a autoridade da asserção, o gregarismo da repetição.

A língua, ao ser fascista, segundo Barthes (1977), obriga-nos a dizer, já que o signo nela existente carrega significados, arrasta um conteúdo construído por uma comunidade cultural, ideologias, contextos históricos e paradigmas. Assim, de acordo com Barthes (1977, p. 15), é a literatura “que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem”. Isso posto, vemos que a literatura tem um papel fundamental na função de pôr em dúvida/desmistificar/desconstruir o poder/ideologia/paradigma dentro da língua.

Nesta proposta de estudo, tomamos a tradução como o “profundo e questionador elemento das práticas discursivas da cultura ocidental instituída”. (CUNHA 1999, apud RODRIGUES, 1999) e como ferramenta que ajuda a questionar o discurso oficial. Nesse sentido, é necessário, primeiramente, meditar sobre as três questões básicas, comentadas por Maria Auxiliadora de Jesus Ferreira (2008, p. 2), da linha de reflexão da tarefa ou fazer tradutório de Amparo Hurtado Albir: “por quê?, para quê? e para quem se traduz?”.

A primeira pergunta, segundo a pesquisadora, tem a ver com o fato de as diversas línguas e culturas serem diferentes entre si, a segunda, com a função comunicativa da tradução e a terceira está relacionada com a necessidade de pensar no público leitor da obra traduzida: “Traduz-se para alguém que desconhece o sistema linguístico de uma determinada língua, e geralmente também a cultura, da qual se originou o texto, que poderá ser escrito, oral ou audiovisual.” (FERREIRA, 2008, p. 2). Haja vista as reflexões colocadas, expomos os comentários dos tradutores com respeito ao seu próprio fazer tradutório para ficarmos a par de como se realizou a tradução do romance.

No caso de Castillo-Feliú (1999, p. vii), o tradutor tem ciência do dilema de tentar uma perfeita e exata transposição de palavras, pensamentos e culturas de um texto a outro de diferente idioma, conforme expressa ele: “*Translators are always aware that they face an impossible dilemma in any attempt to perfectly and exactly transpose words, thoughts, and culture – that is, all of the signifiers that make one*

*particular language a unique mode of expression.*¹²⁰ Entre as dificuldades da tradução que ele expõe estão:

Aside from the difficulties already inherent in the process of translating the Spanish into English, the modern translator faces an insurmountable challenge posed by the chronological gap that renders impossible any collaboration between author and translator. [...] In my desire to update the language of his early nineteenth-century work for the modern reader, I have at times taken some linguistic liberties whenever they do not detract from the serious speech of the major characters. At the same time, to retain the flavor of this late neoclassic narrative, I have endeavored to remain faithful to the elevated oratory of the characters. (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. vii-viii)¹²¹

Quando Castillo-Feliú comenta sobre a não possibilidade de contar com o *feedback* do próprio autor no momento de traduzir, o trabalho de colaboração mútua entre escritor e tradutor, lembra-nos da relação entre Guimarães Rosa e seus tradutores. Com o alemão, Curt Meyer-Clason, se corresponderam ativamente entre 1958 e 1967¹²². De forma similar, este escritor brasileiro e seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri, inclusive também com a publicação das cartas trocadas entre ambos, no período de 1959-1967¹²³. Aparentemente, Castillo-Feliú teve acesso ao original para fazer a tradução para o inglês. O estudioso não teria utilizado a edição de Castro Leal (1964).

¹²⁰ Os tradutores sempre têm ciência de que enfrentam um dilema impossível na tentativa de transpor de forma perfeita e exata palavras, pensamentos e cultura – quer dizer, todos os significantes que formam parte da complexidade de uma língua como modo de expressão única (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. vii – tradução nossa).

¹²¹ Além das dificuldades já presentes no processo de traduzir do espanhol para o inglês, o tradutor moderno enfrenta um desafio intransponível imposto pelo salto cronológico que não dá a possibilidade de contar com o *feedback* do próprio autor no momento de traduzir. [...] Com a intenção de atualizar a linguagem do início do século XIX para o leitor de hoje, tomei algumas liberdades linguísticas quando oportuno, evitando não desviar a linguagem usada pelas personagens principais. Ao mesmo tempo, com o intuito de reter o gosto desta narrativa neoclássica tardia, esforcei-me para manter fielmente o discurso elevado das personagens (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. vii-viii – tradução nossa).

¹²² O livro *João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer Clason (1958-1967)* reúne as cartas trocadas durante as traduções, que entusiasmavam especialmente o autor brasileiro. Ao elucidar as dúvidas de Clason, Guimarães Rosa explica, minuciosamente, as origens das palavras, expressões e personagens, apresentando um valioso painel de seu processo criativo. Esta é uma oportunidade rara de admirar Guimarães Rosa tratando de sua própria obra e revelando segredos de sua escrita. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/esyCO>>. Acesso em: 28 set. 2016.

¹²³ BIZZARRI, Edoardo. *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1981.

Sobre as “liberdades linguísticas”, presumivelmente, Castillo-Feliú arriscou muito, segundo o crítico Raúl Coronado (2013)¹²⁴, na sua tradução. O estudioso Coronado (2013, p. 495) assevera que o tradutor de *Xicoténcatl* (1826) da única versão para o inglês: “*Not only does Castillo-Feliú not address Leal and Cortina's claim regarding Varela's authorship, but in his otherwise good translation he makes significant stylistic changes in verb tense that alter the theatrical feel of the original Spanish*”¹²⁵.

Por outro lado, Castillo-Feliú (1999, p. viii) refere-se a sua tradução como uma tentativa escrupulosa de transmutação, com o máximo possível de proximidade, com o intuito de dar aos personagens o mesmo brilho do original. Nesse sentido, acrescenta: “*otherwise would have been a disservice to the original intent of the author, who obviously wished to ennoble the original inhabitants of the New world even as he clearly denigrated most of the usurpers from the Old*”¹²⁶. Bassnett observa a importância dos comentários dos tradutores nos prefácios porque neles estão declarados não somente critérios individuais, mas, também, as concepções de tradução partilhadas nas comunidades: “os depoimentos sobre o seu trabalho pode dizer-nos algo sobre o estatuto da tradução como acto textual” (BASSNETT, 2003, p. XVIII).

O processo de leitura do tradutor é o ponto inicial básico no seu trabalho, pois só dessa maneira poderá entender e reconhecer as relações de poder presentes no texto. Para o tradutor iniciar o processo de “escrita criativa” (BASSNETT, 2003), precisa, primeiramente, debruçar-se sobre a leitura do original para compreendê-lo nos seus mínimos detalhes. Para o tradutor, segundo Arrojo (2007, p. 76), “aprender a ‘ler’ significa [...] aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto,

¹²⁴ Em notas sobre o poema “*En una tempestad*”, de José María Heredia, Raúl Coronado comenta sobre a tradução que Castillo-Feliú produz do romance *Xicoténcatl* (1826) no seu livro *A world not to come: A History of Latino writing and print culture* (2013). Esse crítico adere à teoria apresentada por Luis Leal em 1956 e igualmente por Luis Leal e Rodolfo Cortina nas suas notas introdutórias ao romance publicado em 1995, desse modo, Coronado acredita, também, que o cubano Félix Varela seja o autor do romance *Xicoténcatl* (1826).

¹²⁵ “[...] Não somente Castillo-Feliú não faz referência nenhuma à reivindicação de Leal e Cortina sobre a autoria de Varela, mas também, no seu trabalho, o tradutor introduz mudanças significativas no tempo verbal que, do contrário, conformaria um trabalho tradutório bom, pois alteram a poeticidade teatral do original em espanhol”. In: CORONADO, Raúl. **A world not to come: a History of Latino writing and print culture**. Cambridge, Massachusetts; London, England: Harvard University Press, 2013. Disponível em: < <http://encurtador.com.br/bNYZ2> >. Acesso em 26 set. 2016. (CORONADO, 2013, p. 495 – tradução nossa).

¹²⁶ “caso contrário, teria prejudicado a intenção do autor, quem obviamente desejava enobrecer/engrandecer os habitantes originários do Novo Mundo inclusive ao denegrir claramente a maioria dos usurpadores do Velho Mundo” (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. viii – tradução nossa).

que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor”. E, sobretudo, ter em conta que conhecer línguas não é o mesmo que traduzir. A tradução exige, acima de tudo, conhecimento do assunto da obra a traduzir. (WYLER, 2003).

No caso dos tradutores de *Xicoténcatl* (1826), a tradução se iniciou no momento da primeira leitura, que foi minuciosa, para compreender e perceber o propósito do autor anônimo, a sutileza no posicionamento das personagens representantes dos autóctones e a degradação dos conquistadores, o estudo do contexto histórico no qual o autor anônimo da obra se baseia para recriar a narrativa. Tudo isso para, finalmente, escrever um texto tendo em conta seus leitores finais, de modo que estes possam participar de uma leitura bem-sucedida do texto “original” traduzido.

Nos apontamentos finais, Sobierai e Fleck declaram a dificuldade de utilizar não o original¹²⁷, mas a versão para o inglês para elaborar seu trabalho. Assim, o processo, nesse caso, iniciou-se com base na versão de Castillo-Feliú até chegar ao terceiro livro. Após esse momento, utilizou-se tanto a obra original quanto a tradução de 1999. O intuito era traduzir para proporcionar “um ‘caminho do meio’, que procurou não pender para nenhuma das versões. Sempre que isto não era possível, preferimos, então, uma versão que se aproximasse mais do original em detrimento da versão em inglês para questões de maior fidelidade.” (SOBIERAI; FLECK, 2013, p. 177).

Na introdução do trabalho de conclusão de curso, Sobierai aponta a natureza de “tradução experimental” do seu trabalho, com a intenção de mostrar ao público leitor “um novo viés acerca do processo de conquista do México, em 1519, apresentado na obra anônima pela inclusão do discurso dos nativos, do povo conquistado”. (SOBIERAI, FLECK, 2013, p. 8). Já no final do trabalho, Sobierai afirma: “[...] vemos também uma descrição bastante minuciosa e bastante completa dos povos que habitavam a América Latina na época da colonização, descrição esta que nos proporcionou um novo retrato dos povos autóctones pré-colombianos.” (SOBIERAI, FLECK, 2013, p. 176), e agrega: “A cultura nativa latino-americana

¹²⁷ Nesse caso, e na nossa dissertação, tomamos como original a segunda edição do romance, por Castro Leal em 1964, como parte do livro: *La novela del México colonial*. O organizador declara sobre sua edição: “A primeira, de há mais de cento e trinta anos, está esgotada já há muito tempo e é quase que impossível consegui-la. Na nossa edição modernizamos tanto a ortografia quanto a pontuação”. (CASTRO LEAL, 1964, p. 78 – tradução nossa).

tornou-se muito mais clara, muito mais próxima de nós do que antes da efetivação da pesquisa e da tradução”. (SOBIERAI, FLECK, 2013, p. 176).

Igualmente, nos apontamentos finais, os tradutores paranaenses declaram: “[p]recisamos lembrar que a versão aqui apresentada ainda não é a versão final do texto” (SOBIERAI, FLECK, 2013, p. 177), portanto, observamos que os pesquisadores entendem sobre o longo processo tradutório que requer não somente a finalização da tradução *per se*, mas também os ajustes, as revisões, os cuidados para chegar à publicação da obra. E acrescentam: “Espera-se que, em um futuro não tão distante, esta obra única esteja disponível para que qualquer brasileiro, interessado em conhecer a história do continente em que vive, possa lê-la, compartilhá-la e analisá-la”. (SOBIERAI, FLECK, 2013, p. 177). Essas declarações nos fazem perceber o interesse dos tradutores nos seus leitores finais.

Tanto a versão de Castillo-Feliú (1999) quanto a de Sobierai e Fleck (2013) adotam o título com a grafia *Xicoténcatl*, tal qual Castro Leal utiliza com o objetivo de escrever o nome autóctone: “conforme al Diccionario de la lengua náhuatl o mexicana de Simeón” (FORERO QUINTERO, 2012, p. 83, grifo nosso), e não a grafia do texto *Jicoténcal*, de 1826. Segundo o Instituto Latinoamericano de la Comunicación Educativa (ILCE, 2000), a divergência no uso do /x/ e do /j/ na escrita da língua espanhola iniciou-se nas mudanças fonológicas/ortográficas acontecidas no século XVI¹²⁸, momento no qual adaptaram-se as vozes autóctones ao alfabeto trazido pelos europeus. Na época, o fonema da língua espanhola [ʃ] que hoje na escrita equivale a /sh/, naquele tempo era representado na escrita por /x/.

Assim, toda palavra que era até então escrita com /x/ passou a ser escrita com /j/. Essa mudança afetou não só a grafia das palavras de origem autóctone, como os exemplos dados no site do ILCE: (*exotl* = *ejote*, *wexolotl* = *guajolote*, etc.), mas também muitas palavras espanholas, como é o caso de: “dixo” por “dijo”. A palavra que denomina a nação “México” é de origem autóctone¹²⁹ e o cronista

¹²⁸ Para mais informações, consultar a página da biblioteca digital do ILCE, na qual são mostradas as divergências e convergências apresentadas por estudiosos sobre o uso do /x/ e do /j/ e os seus respectivos sons no século XVI e hoje. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/fondo2000/vol1/algunas-minucias/html/27.html>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

¹²⁹ Inclusive ainda hoje existem controvérsias com respeito ao uso da grafia *México* e *Méjico*. A esse respeito, a *Real Academia de la Lengua Española* aceita tanto o uso da grafia *México* quanto *Méjico*. Porém, recomenda o uso de *México* por ser uma grafia amplamente utilizada nos países hispanofalantes do continente americano e afirma que a pronúncia é [méjiko] (e não [méksiko]). Disponível em: <<http://lema.rae.es/dpd/srv/search?id=yw4cM0fJdD6eNgXK1j>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

espanhol frei Servando (apud ILCE, 2000, s.p.) recomendou sua escrita com /x/ para “salvaguardar la debida pronunciación (sh) del topónimo”¹³⁰ em 1821 na sua “Carta de despedida a los mexicanos”.

O problema está em que hoje em dia a pronúncia da letra /x/ pelos hispanofalantes é diferente da dos espanhóis do século XVI que chegaram a esse território, segundo Rafael Bernal (2015)¹³¹. E, ainda, de acordo com o pesquisador, a escrita dos espanhóis na época não tinha uma padronização como a atual, existindo, por exemplo, o uso simultâneo de “s, c, z” e “ç, ss, sç” entre os cronistas. Além disso:

[...] los conquistadores y pobladores no se preocupan, al contrario de los nahuatlats, por la pureza del idioma náhuatl. Toman las voces que les sirven y las modifican como quieren y estas modificaciones son, generalmente, las que sobreviven. Así, cuando los misioneros escribían **México** para que se pronunciara **Méshico**, los ignorantes de la lengua indígena, siguiendo la costumbre hispánica de pronunciar la **x** como **j**, dijeron Méjico [...]. Pero la pronunciación de la **x** parece haber quedado dudosa, ya que en otros casos la **x** se convierte en **s**, como en Xochimilco, que se pronuncia Sochimilco [...]. (BERNAL, 2015, s.p., grifos do autor)¹³².

Dessa forma, fica explicada a escrita e pronúncia controversa de /x/ em palavras autóctones da região mexicana. Infelizmente, a escrita atual desses vocábulos nem sempre condiz com sua pronúncia original. Enquanto o título completo da versão para o inglês é “*Xicoténcatl: an anonymous historical novel about the events leading up to the conquest of the Aztec empire*”¹³³, na versão para o português é *Xicoténcatl. Romance anônimo. O primeiro Romance histórico Latino-Americano*. Assim, enquanto Castillo-Feliú enfatiza o tema do romance como “os eventos que terminaram na conquista do império asteca”, os tradutores brasileiros

¹³⁰ “salvar a devida pronúncia (sh) do topônimo”. (ILCE, 2000, s.p. – tradução nossa).

¹³¹ Para mais informações, fazer a leitura de BERNAL, Rafael. **Mestizaje y criollismo en la literatura de la Nueva España del siglo XVI**. México: Fondo de Cultura Económica, 2015. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/dgyR1>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

¹³² “Porém, os conquistadores e moradores não se preocupam com isto, diferentemente dos autóctones nauatlés, pela pureza da sua língua. Pegam os vocábulos que lhes serve e os modificam como querem e estas modificações são, geralmente, as que sobrevivem. Assim, quando os missionários escreviam **México** para que fosse pronunciado **Méshico**, os que desconheciam sobre a língua autóctone, seguindo o costume hispânico de pronunciar x como j [r do português], disseram Méjico [...]. Mas a pronúncia do x vira em s, como em Xochimilco, que se pronuncia Sochimilco [...]”. (BERNAL, 2015, s.p., negritos do autor, nossos comentários – tradução nossa).

¹³³ “*Xicoténcatl*: uma novela histórica anônima sobre os eventos que levaram à conquista do Império Asteca”. (tradução nossa).

ênfatizam a importância de o romance ser: “o primeiro romance histórico latino-americano”.

Ambos os textos apresentam uma análise do romance. Castillo-Feliú não menciona o estudo preliminar de 1964, por Castro Leal, do qual traduz trechos completos sem citá-lo diretamente e acrescenta a isso algumas questões como a ainda não determinada autoria do romance, fazendo um percurso por todos os teóricos e citando suas razões sobre a postura tomada com relação a esse ponto controverso. Por sua vez, levanta a questão da configuração da personagem ficcional Xicoténcatl, o jovem, como símbolo da dicotomia do mexicano contemporâneo. Igualmente, discorre sobre a configuração multidimensional da personagem ficcional Malinche na obra.

Castillo-Feliú observa que o autor do romance escreve claramente influenciado pela bagagem cultural da Península Ibérica, e dá como prova a questão de honra espanhola presente no romance na cena de ciúmes entre os jovens Xicoténcatl, Teutila e Ordaz. De acordo com o tradutor, o propósito do autor anônimo de *Xicoténcatl* não era somente o de ficcionalizar fatos históricos, mas estava ciente de que o leitor mexicano do seu tempo faria uma clara relação entre os eventos relatados de Tlaxcala-Tenochtitlán com a situação do contexto de 1826.

Salientamos ao leitor que até ser elaborada a tradução de Castillo-Feliú se passaram quase dois séculos (173 anos) e a distância com a tradução de Sobierai e Fleck é de 187 anos. Os sentidos na língua mudaram. Não possuímos todos os recursos necessários para fazer um estudo detalhado das línguas arroladas, porém, a nossa tentativa não deixa de ser relevante.

Igualmente destacamos que não nos deteremos em fazer uma detalhada análise das estruturas das frases (sintagmas nominais e verbais, entre outros) de cada uma das traduções, comparando-as com as do texto fonte. Iniciamos nossa análise baseados na segunda edição da obra, com atualizações feitas em 1964 por Castro Leal. Nosso intuito reside na análise da configuração da personagem – campo mais amplo e mais diversificado que o da semântica ou da morfologia – e os reflexos espelhados dessa nas traduções já feitas da obra, com interesses voltados mais ao âmbito da literatura e da cultura – na compreensão da transformação dessas imagens no imaginário popular mexicano – que das especificidades linguísticas ao longo dos tempos.

Desse modo, o objetivo desta pesquisa concentra sua atenção nas estratégias empregadas por cada tradutor do romance ao trazer um texto escrito em espanhol no início do século XIX para o final do século XX, em inglês, e para o início da segunda década do século XXI, em português, ao recriar a configuração ficcional de *doña Marina*.

Nossa intenção com esse procedimento é, primeiramente, analisar como as escolhas e as estratégias dos tradutores se enfrentam com o original e, em seguida, analisar como as imagens construídas nas traduções poderiam ser recebidas na cultura da língua meta. Evitaremos emitir juízos de valor, já que esse não é o objetivo desta pesquisa, mas sim comparar como as escolhas dos tradutores geram determinadas configurações da personagem ficcional *doña Marina* em ambas as versões.

Como sabemos, até o momento, existem apenas duas traduções da obra *Xicoténcatl* desde sua aparição em 1826: a primeira, de Guillermo I. Castillo-Feliú, elaborada em 1999, traz a única versão para o inglês desse romance. A segunda versão, ainda não publicada, é a versão para o português, feita em 2013, de Sobierai e Fleck, obra que nasceu de um projeto de iniciação à pesquisa, começado nas dependências do “Tradutório”, um espaço experimental de tradução vinculado ao projeto “teorias contemporâneas de análise da narrativa” que integra as atividades do Programa de Ensino de Literatura e Cultura (PELCA), coordenado pelo professor Fleck, vinculado à Pró-reitoria de Extensão (PROEX) da Unioeste-Cascavel-PR.

Esse espaço, na prática, é um laboratório de pesquisa e de tradução no qual se fazem experiências de tradução na área específica da tradução literária no âmbito universitário e está vinculado ao programa PELCA de extensão sob a coordenação do professor Gilmei Francisco Fleck. É nele que adquirimos conhecimentos teóricos e práticos sobre tradução.

O PELCA desenvolve três projetos de extensão: “Estudo das teorias contemporâneas de análise literária”, que abrange também as atividades do Tradutório; “Literatório”: a literatura em prática nas escolas, no qual se realizam atividades de leitura e análise literária nas escolas, e “Literatura, História, Memória e Sociedade: Estudos das inter-relações e suas dinâmicas”, que promove os eventos relacionados ao programa.

No primeiro projeto, se encontra elencado o subprojeto Tradutório, o qual nasceu do interesse e da demanda dos acadêmicos da UNIOESTE pela prática da tradução. O PELCA também é um espaço no qual os acadêmicos da graduação e da pós-graduação podem atuar, já que a atividade de extensão é parte integrante de nosso curso. Após ser iniciado esse projeto de tradução nesse ambiente e, por causa de sua extensão e importância, ele foi levado também à esfera do ensino, convertendo-se no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do jovem aprendiz de tradução Anthoni Cley Sobierai.

No caso da versão de *Xicoténcatl* para o inglês, Guillermo I. Castillo-Feliú fez a tradução no âmbito acadêmico, nos Estados Unidos. Sobre a sua versão, o tradutor menciona que a personagem Malinche aparece descrita não somente como a antítese de Teutila, mas aponta para o fato de ter sido a única personagem que recebeu uma configuração esférica. Essa análise define a personagem como

[...] false, passionate, and sensual, driven by self-interest and her attraction to Cortés and the power derived from her association with him. The birth of her bastard son, however, awakens sentiments in her that seem, in part, to ennoble her and help her recognize her role in history as the symbolic mother of the nation. (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. 3-4)¹³⁴.

O tradutor confirma a suposição de que Malinche e as outras personagens nativas foram criadas para enobrecer ainda mais as representações dos autóctones, em oposição aos bárbaros europeus do romance, quebrando o modelo de herói oficial: branco, homem e europeu.

Por outro lado, a tradução de Sobierai e Fleck (2013) busca realizar uma análise do texto como um todo, para posterior encaminhamento para publicação, trabalho que, nesse sentido, foi continuado pela pesquisa desta dissertação.

Em seguida, apresentamos algumas discussões teóricas que serviram de embasamento para este estudo.

¹³⁴ [...] falsa, apaixonada e sensual, movida [pelo próprio interesse e a sua atração por Cortés e o poder derivado de sua associação a ele. Porém, o nascimento do seu bastardo acorda nela sentimentos que parecem enobrecê-la e ajudá-la a reconhecer seu papel na história como a mãe simbólica da nação. (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. 3-4 – tradução nossa).

2.1 O ESPELHO DAS TRADUÇÕES: IMAGENS REFRACTADAS EM SUAS ESSÊNCIAS DE PAPEL E TINTA

Como já afirmamos no início deste estudo, o objetivo é levantar as imagens da personagem de extração histórica (Malinche) presente nas obras de 1826, 1999 e 2013 para compará-las entre si e verificar se elas influenciaram de alguma maneira a formação da imagem da personagem histórica Malinche no imaginário coletivo mexicano atual. Por esse motivo, antes de continuar com a análise, é necessário apontar para que faremos uso de informações históricas, já que estas contribuem para a verificação do escrito na história sobre Malinche.

A relação entre a literatura e a história é o ponto fulcral das discussões acadêmicas ao se falar em romance histórico. O ser humano sempre buscou interpretar a sua realidade. “Tal interpretação dá-se por meio de um processo crítico de leitura do mundo”. (FLECK, 2016, p. 158). Porém, a capacidade de entendimento do ser humano consegue analisar/compreender apenas uma fração da realidade, como a ideia da “*imposibilidad de conocer la verdad histórica o la realidad*”¹³⁵ borgiana. (MENTON, 1993, p. 42). Não somos capazes de entender a realidade como um todo; desse modo, ao tentar registrar a nossa interpretação, só conseguiremos expor uma fração dela.

Tal “registro parcial” poderia ser comparado com o ato de esquecer/abandonar peças e de provocar a “leitura” de um quebra-cabeça incompleto. As explicações de como acontecem os registros da história, mencionadas anteriormente, são recentes. Como indica Esteves (2010, p. 17):

A partir da segunda metade do século XX, é quase consenso generalizado que a história e a literatura têm algo em comum: ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que produz infinita proliferação de discursos.

Dessa forma, segundo Esteves (2010), o homem contemporâneo está ciente do processo de representar a história, questionando a possibilidade da inexatidão dos registros. Antes desse paradigma, os registros da história eram considerados a verdade pura e absoluta. Porém, com os estudos de Peter Burke (1992), Michel de

¹³⁵ “[a ideia da] impossibilidade de conhecer a verdade histórica ou a realidade” borgiana. (MENTON, 1993, p. 42 – tradução nossa).

Certeau (2011), André Trouche (2006), Michelle Perrot (2005), Jacques Leenhardt e Sandra Jatahy Pesavento (1998), entre outros, foi estabelecido o questionamento da completude intocável dos registros oficiais.

Fernández Prieto (2003) observa que devido ao fato dos registros históricos serem organizados em estruturas narrativas, tem-se a implicação de que os eventos que realmente ocorreram no passado foram selecionados pelo historiador e inscritos numa trama que os ordena, hierarquiza e lhes confere um sentido (ideológico, político, moral). Confluentes com Fernández Prieto, Leenhardt e Pesavento (1998, p. 10) afirmam que:

Desta incerteza, reabre-se o debate em torno da verdade, do simbólico, da finalidade das narrativas histórica e literária, da gerência do tempo e da recepção do texto, questões estas que colocam a história e a literatura como leituras possíveis de uma recriação imaginária do real.

Dessa forma, entendemos que o registrado pela história aconteceu, porém, é necessário revisar outras histórias não contadas – as histórias “excêntricas”, a dos marginalizados/excluídos pela história – para obter um melhor entendimento da “verdade”. Quanto mais peças juntarmos do quebra-cabeça da realidade histórica, melhor será nosso entendimento.

Entretanto, a literatura se permite atuar como peça do quebra-cabeça ao trazer a visão dos excluídos. Como afirma Ricoeur (apud LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p. 11): “a narrativa literária se permite trilhar outros caminhos referenciais, que passam pela estética, pela poesia, e a sua relação como os ‘traços da passividade’ é mais liberada”. As narrativas literárias não precisam ser submetidas a “testagens” como as narrativas históricas, que exigem validação como documento histórico (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998). A poesia, a estética, a imaginação e a liberdade de criação conferem à literatura essa liberdade (FLECK, 2016). Desse modo, a literatura não pode ser comparada com o teor científico que a história tem, porém, o discurso do romancista desmistifica, “tenta trazer o passado sobre a perspectiva ‘daquilo que poderia ter sido’”. (FLECK, 2016, p. 163).

À vista disso, como já discutido, o romance histórico na América Latina aporta com sua semente descolonizadora desde o início com *Xicoténcatl* (1826), ao se posicionar com um tom “anti *status quo* colonial” e, como tal, recria os acontecimentos do contexto da “conquista” do México pelos espanhóis. O modelo

fundador do romance histórico na América Latina, desde a sua idealização e construção, à semelhança de uma nova crônica sobre "a queda de Xicoténcatl, o jovem", aporta – buscando uma consciência histórica crítica – possibilidades/novos olhares para a história da América Latina como um todo.

Como afirma Fleck (2016, p. 165), o leitor do romance histórico tem a possibilidade de participar ativamente “no processo de construção de sentidos dos discursos [...] posicionando-se, aceitando ou rejeitando suposições e criando suas próprias versões, olhando para o passado [...] buscando aí as origens da sua existência atual”. Esse gênero híbrido proporciona a possibilidade para o leitor latino-americano de ter “a certeza de uma história própria, uma existência coletiva e uma consciência do que é ser parte deste complexo passado que uniu dois mundos opostos”. (FLECK, 2016, p. 165). Nesse sentido, faz-se necessário entendermos a importância de ter traduzida essa obra para o português, porque *Xicoténcatl* (1826), já no início do século XIX, critica os registros da história oficial e oferece outro olhar ao passado latino-americano.

Ao intitularmos este bloco “O espelho das traduções”, pensamos no termo “refracção” utilizado por Lefevere para substituir o antigo termo “influência”. Assim:

A reflexão envolve o espelho, a cópia do original; a refracção envolve uma mudança de percepção e esta imagem é muito útil para descrever o que acontece quando um texto é transferido de uma cultura para outra. Além disso, a teoria da refracção implica necessariamente a consideração da evolução literária e, portanto, coloca a tradução num *continuum* temporal ao invés de a encarar como uma atividade que acontece no vazio. (LEFEVERE apud BASSNETT, 2003, p. XXIII-XXIV).

Se o prisma é o contexto temporal, social, ideológico etc., através do qual o tradutor faz sua leitura do texto inicial, entendemos que as traduções de Castillo-Feliú (1999) e de Sobierai e Fleck (2013) são o resultado de ler *Xicoténcatl* através desses prismas particulares, que provocaram as refracções-versão do romance de 1826. Esse resultado, a refracção, traz imagens que são apresentadas ao público leitor das línguas inglesa e portuguesa. As imagens/refracções entrarão no imaginário coletivo dessas comunidades linguísticas e a percepção das imagens, sem dúvida, não necessariamente será a mesma que tiveram os primeiros leitores da obra em 1826.

A preocupação por elucidar teorias que estudam a arte de traduzir é tão antiga quanto o ato da tradução em si. A disciplina de Estudos de Tradução alcança seu nome formal em 1978, quando “André Lefevere propõe que a designação Estudos de Tradução fosse adotada para a disciplina que se ocupa ‘dos problemas levantados pela produção e descrição de traduções’”. (BASSNETT, 2003, p. 19). Essa disciplina já foi considerada um ramo, entre outras, da Literatura Comparada ou da Linguística, no entanto, atualmente, segundo Bassnett (2003), caminha com seus próprios passos, independentemente, sobretudo no século XX, a partir dos trabalhos "fundacionais" do Círculo de Praga e seus seguidores.

Entretanto, Sara Viola Rodrigues (1999, p. 123) salienta que existe uma ligação íntima entre a tradução literária, a teoria literária e a literatura comparada; sendo que se entende a tradução como: “o elemento veiculador por excelência dos estudos culturais, na medida em que a leitura e a interpretação desses fenômenos já significam, por si só, tradução, na concepção que Gadamer¹³⁶ [...] empresta a essa atividade”.

Dentro das implicações fundamentais do Estudo de Tradução temos a proposição de Jakobson (apud BASSNETT, 2003, p. 39), que argumenta que “a tradução é apenas uma interpretação adequada de uma unidade de código e a equivalência é impossível”. Dessa forma, os tradutores estão frente não a um trabalho técnico exato, mas diante de uma arte, já que nem sempre a “equivalência completa se produz, uma vez que cada unidade contém em si um conjunto de associações e conotações não transferíveis”. (BASSNETT, 2003, p. 38). Assim, segundo a autora:

Em tradução, a equivalência não deve, portanto, ser entendida como a busca da identidade entre textos, pois que essa identidade nem sequer existe entre duas versões do mesmo texto na língua de chegada quanto mais entre a versão da LP e da LC.¹³⁷ (BASSNETT, 2003, p. 60).

A tentativa de achar a equivalência "completa" na tradução de um texto foi, é e continuará a ser uma tarefa difícil de cumprir pelos tradutores. Borges ([1980] apud ARROJO, 2007), em: *Pierre Menard, autor del Quijote*, nos presenteia com um conto

¹³⁶ “Ler já é traduzir, e traduzir é ler pela segunda vez [...]. O processo da tradução, em sua essência, encerra o segredo da compreensão do mundo e da comunicação social”. (GADAMER apud RODRIGUES, 1999, p. 126).

¹³⁷ Bassnett utiliza a nomenclatura LP (língua de partida) e LC (língua de chegada).

fabuloso, que de uma forma simples explicita a alta complexidade da problemática da reescrita de textos. Arrojo (2007) aproveita esse escrito para discutir, tal como fez Gadamer, como o trabalho do tradutor inicia-se já na leitura da obra a ser traduzida, pois a leitura é também uma tradução: o ato de ler já se constitui numa reescrita do texto "original" e, o tradutor, como ser humano com vivências e contexto diferente do autor, não conseguirá chegar a pensar, a sentir ou a ser o autor desse texto para produzir a utópica "equivalência completa". Dessa maneira, o trabalho de transpor na sua totalidade um texto em uma língua de chegada será impossível. Porém, segundo Wyler (2003, p. 19): “[a] fidelidade em tradução é não somente possível, quanto factível. A questão que hoje ocupa os teóricos da área é a que são fiéis a tradução e o tradutor”. Discutiremos essa questão chave adiante.

Os textos desenvolvidos pelo ato de traduzir são criações novas. Esse texto "original redefinido", ou tradução, de acordo com Arrojo (2007, p. 23), “[...], como o signo, deixa de ser a representação ‘fiel’ de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial”.

Arrojo (2007) propõe o uso do termo "palimpsesto" para nos referirmos ao texto traduzido. Assim, toda vez que virmos uma tradução, observaremos uma proposição nova, um palimpsesto que “se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do ‘mesmo’ texto”. (ARROJO, 2007, p. 24). Essa reflexão esclarece o papel do tradutor e descreve de alguma maneira o trabalho dos tradutores de *Xicoténcatl* (1826), pessoas reais que criaram seus palimpsestos para as línguas inglesa (1999) e portuguesa (2013).

Nesse ponto, Seymour Menton (1993) lembra que nos estudos de literatura comparada utiliza-se o termo palimpsesto como exemplo de intertextualidade extrema. A intertextualidade, segundo o autor, é abundante e utilizada de maneira explícita no Novo Romance Histórico Latino-Americano, já que há um uso constante de alusões a outras obras, tais como documentos históricos, às quais desconstrói criticamente. A presença dessa característica em *Xicoténcatl* se evidencia quando o autor anônimo, por exemplo, como já foi comentado, explicita o uso do texto de Solís.

Os Estudos de Tradução também se aproximam do discurso da metáfora do canibal de Silviano Santiago, pois, segundo Bassnett (2003, p. XX), esta imagem se aplica à do tradutor: “como canibal devorando o texto original num ritual que resulta

na criação de algo completamente novo”. De acordo com a pesquisadora: “A concepção canibalista de tradução envolve um conceito modificado do valor do texto original em relação à sua recepção na cultura de chegada”. (BASSNETT, 2003, p. XXI). Esse conceito, novo para Bassnett, casa, segundo a autora, com a proposta de Jacques Derrida, em que o processo de tradução cria um texto "original". Dessa forma, essa perspectiva, segundo Bassnett, encara a tradução como um processo de manipulação literária, que atravessa fronteiras linguísticas.

Os círculos de acadêmicos e tradutores não europeus se distinguem por ter um ponto de vista diferente, já que constata, de seus lugares correspondentes, o uso da desigualdade da relação de tradução como instrumento do poder colonial. Estudos, como os de Dingwaney (apud BASSNETT, 2003, p. 6), apontam para os “graus de violência variáveis, em especial quando a cultura traduzida se constitui como a do ‘outro’”. Dessa maneira, de acordo com Bassnett, os Estudos de Tradução enfatizam a presença da desigualdade nas relações de poder presentes no processo de tradução quando se fala em termos de texto original superior/cópia inferior e os analisa sob o olhar pós-colonialista.

Essa nova abordagem, segundo a pesquisadora, considera a tradução como um processo dialógico de intercâmbio linguístico, “um processo que ocorre num espaço que não pertence nem ao ponto de partida nem ao ponto de chegada.” (BASSNETT, 2003, p. 10). Assim, entendemos que a tradução também ocorre num “terceiro espaço” – “[um novo] espaço, um terceiro espaço onde a sutileza e a abertura imperam. Caberia examinar essas rupturas das convenções e das práticas de escritura que romperiam com o realismo para abrir outros espaços.” (BHABHA apud BERND, 1998, p. 267) – no qual as interseções entre campos ideológicos/conceituais/culturais são validados ou postos à prova.

Thomas Bonnici (2012, p. 17) observa ao estudar as literaturas pós-coloniais que “o desenvolvimento de literaturas dos povos colonizados deu-se como uma imitação servil de padrões europeus, atrelada a uma teoria literária unívoca, essencialista e universalista”. O autor mostra como, no império britânico, após estudos da literatura pós-colonial – que deflagrou o mecanismo maniqueísta de manipulação do poder, que desacreditara a cultura excêntrica –, passou-se a estudar as literaturas que estavam fora do centro. Isto deu como resultado que, nesse país, autores não britânicos fossem em sua maioria premiados e que muitos teóricos se preocupassem por estudar, atualmente, as literaturas pós-coloniais.

Porém, no Brasil, segundo Bonnici (2012, p. 18), salvo exceções¹³⁸, “essa nova estética ainda não informou a literatura brasileira” e ressalta seu estranhamento diante do desinteresse do estudo crítico das literaturas dos excluídos em nosso país. Enquanto Bonnici classifica a literatura brasileira como literatura pós-colonial, Lia Wyler indica no seu livro *Línguas, poetas e bacharéis* (2003, p. 13) que no Brasil,

80% dos livros de prosa, poesia e referência, bem como manuais e catálogos são traduzidos. Isso demonstra que no Brasil, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos e na Inglaterra, contam-se aos milhares os tradutores que transpõem para o português não apenas livros, mas todo tipo de informações dos países mais desenvolvidos, informações que irão alimentar os vários setores da vida nacional, particularmente os de produção, reprodução, comunicação e saber.

Dessa maneira, continua Wyler (2003, p. 13), “enquanto no Brasil o volume de publicações em geral traduzidas é de 80%, nos Estados Unidos isso não ultrapassa a marca dos 2,5-3,5%”. A pesquisadora afirma que: “No Brasil, dado o seu grande volume, mais que fonte de prazer e exotismo, a tradução tem sido durante cinco séculos um veículo de aculturação”. (WYLER, 2003, p. 25). Ela aponta para a intervenção de programas de governos estrangeiros interessados em terem seus livros publicados em português para serem vendidos no Brasil:

Os números refletem também o investimento maciço dos Estados Unidos na indústria editorial brasileira através do chamado *Book Program* iniciado em 1960. O programa selecionava os assuntos e autores do interesse do governo norte-americano, pagava os direitos autorais, selecionava e subsidiava os tradutores e até financiava os custos de produção dos livros. (WILER, 2003, p. 138).

Em números menores que o do governo norte-americano, outros, “como os da França, Itália e Alemanha, procuraram garantir um quinhão nesse atraente mercado consumidor [...]”. (WYLER, 2003, p. 139). Nesse sentido, precisamos voltar-nos à questão, introduzida por Wyler (2003): “a que são fiéis a tradução e o tradutor?”. Acreditamos que é o incentivo o que move essa fidelidade. Por essa razão, pesquisas como a nossa são necessárias ao introduzir a tradução de textos importantes para o desenvolvimento da crítica literária brasileira. A tradução,

¹³⁸ Entre as exceções apontadas por Bonnici, estão Silvano Santiago e Lynn Mário T. Menezes de Souza. Mais informações em: BONNICI, 2012.

segundo Adriana Silvina Pagano (2000, p. 160), configura-se como um instrumento descolonizador, que pode ser utilizado para desafiar o poder e inserir a “[...] possibilidade de acesso a uma voz e inserção de uma cultura oprimida [...]”.

Para tal, o conceito chave do pós-estruturalismo: "a textualidade", é aplicado à tradução desmistificadora/pós-colonialista. A textualidade, conceito ligado ao mosaico de citações de Kristeva, de acordo com Rodrigues (1999), é uma nova forma de olhar a escrita, a leitura e a relação entre ambas, que se coloca em oposição à ideia de "obra" como algo completo e estável:

a obra é algo completo, com existência no espaço, produzida pelo poder criativo de um autor e possui significado estável que atravessa o tempo e as culturas; o texto, por sua vez, habita e é habitado pela linguagem, sem um espaço externo privilegiado – fonte ou origem – para garantir ou autorizar seu significado. A fonte de cada texto é sempre um outro texto, mas há sempre outro anterior. Nenhum texto consegue escapar ao jogo infinito da linguagem e nenhum texto é completo: cada texto exhibe traços ou sedimentos de outro texto numa relação lacunar infundável. (PREMINGER; BROGAN apud RODRIGUES, 1999, p. 128).

Nesse aspecto, com o uso da textualidade, os textos são desmascarados, pois: “no mundo da textualidade, o conhecimento é produzido e essa produção é sempre aberta a questionamento” (PREMINGER; BROGAN apud RODRIGUES, 1999, p. 128). Dessa forma, conforme Rodrigues (1999), a tradução utiliza a textualidade para enfrentar as relações de poder nos textos traduzidos. Nesse sentido, é necessário entender que traduzir é também um ato político:

Contemporary studies on translation are aware of the need to examine in depth the relationship between the production of knowledge in a given culture and its transmission, relocation, and reinterpretation in the target culture. This obviously has to do with the production and ostentation of power and with the strategies used by this power in order to represent the other culture. (ÁLVAREZ; VIDAL, 1996, p. 2)¹³⁹.

Traduzir para aculturar ou para o desenvolvimento? Qual a postura que deverá ser tomada diante da visível estratégia utilizada pelos sistemas do poder? É

¹³⁹ "Os estudos contemporâneos em tradução estão cientes da necessidade de examinar profundamente a relação entre a produção de conhecimento numa dada cultura e sua transmissão, realocamento e reinterpretação na cultura alvo. Isso obviamente tem a ver com a produção da ostentação de poder e as estratégias utilizadas por esse poder ao representar a outra cultura". (ÁLVAREZ; VIDAL, 1996, p. 2 – tradução nossa).

necessário que o tradutor esteja consciente do seu papel na manipulação dos textos a serem traduzidos. Como Álvarez e Vidal (1996, p. 8) afirmam: “*It is a question of making clear that the subject who speaks and translates is not as responsible for what he or she says as for what s/he does not say and how s/he says it*”¹⁴⁰.

Se bem é certo que a produção literária e a tradução no Brasil iniciaram-se com pouquíssimos leitores¹⁴¹, segundo Wyler (2003), o século XIX já mostrava um crescimento importante nas traduções. Um exemplo interessante disso está nas traduções do francês em várias áreas do conhecimento, incluindo textos “que influenciaram o Romantismo nativo – [...] a busca do passado à la Walter Scott [...]. O positivismo francês instrumentou a instauração da República e, adotado pelas academias militares e escolas superiores do país, produziu efeitos marcantes até o século XX”. (WYLER, 2003, p. 60).

Nessa perspectiva, Marcia A. P. Martins, no artigo “O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários” (2011), discute a interação e integração das tradições literárias das culturas receptoras com os diferentes aportes de outros sistemas, culturas e tradições. A autora considera a proposta de polissistema de Even-Zohar para a literatura, na qual os cânones literários se formam nas relações de poder entre o centro e a periferia. As traduções, igualmente, conformariam um sistema próprio e o impacto dessas dependeria do poder do cânone literário. O interessante é que, como Martins (2011, p. 115) expõe:

Esse processo tende a produzir traduções que se afastam dos modelos textuais e normas da cultura de origem e privilegiam aqueles existentes na cultura de chegada, de modo a garantir sua aceitação no novo ambiente de recepção. [...] Há circunstâncias, no entanto, em que a literatura traduzida se vê numa posição de participar ativamente da formação do centro do seu respectivo polissistema, integrando o conjunto de forças inovadoras.

É dessa forma que, segundo a autora, os polissistemas ainda não consolidados tendem a incorporar modelos estrangeiros para expandir o repertório literário. Isso teria acontecido também com o sistema literário no Brasil. Martins e

¹⁴⁰ “É questão de deixar claro que o sujeito que fala e traduz não é responsável pelo que diz, mas pela forma como o diz.” (ÁLVAREZ; VIDAL, 1996, p. 8, grifos dos autores – tradução nossa).

¹⁴¹ Da transferência da Corte portuguesa para a colônia em 1808 à Independência em 1822, havia no Brasil [...] 0,5% de leitores em uma população total de 4 milhões [de letrados]. [...] Cento e vinte e três anos mais tarde nem a tônica dos discursos oficiais nem o número de analfabetos pareciam ter sofrido grande alteração. (WYLER, 2003, p. 56).

Wyler (2003) mencionam que a primeira tradução de *Os miseráveis*, de Victor Hugo, “introduziu a ficção em prosa na literatura brasileira, uma vez que trouxeram os elementos estruturais, então inexistentes, que se fariam presentes nos primeiros romances nacionais”. (MARTINS, 2011, p. 116).

Outro caso, citado por Martins (2011, p. 117), é o estudo de Silene Moreno que afirma, na sua tese de doutorado, que “a disseminação dos preceitos do movimento de poesia concreta foi feita também por meio da tradução”, por meio das escolhas dos irmãos tradutores Haroldo e Augusto de Campos. John Milton (1993, p. 163) comenta que entre outras questões, os irmãos Campos: “somente traduziram autores que consideraram que mudaram, afetaram ou revolucionaram o estilo poético [...] Muitas vezes citam o adágio de Maiakovski, que enfatiza a importância de formas novas: ‘sem forma revolucionária não há arte revolucionária’”. O trabalho dos irmãos Campos é longamente reconhecido por introduzir no país novas formas estilísticas literárias.

Martins (2011, p. 122), igualmente, indica o caso do sistema literário húngaro, que até 1844 seus textos “mais antigos eram traduções, não havendo uma distinção nítida entre obras ‘originais’ e ‘traduzidas’”. Os pensadores da época, impregnados pelos ideais da luta pela independência nacional, utilizaram cada vez mais a língua húngara para a escrita dos textos literários e intensificaram as traduções para fecundar o seu repertório em duas etapas: 1) a tradução de obras estrangeiras para renovar a língua, e, 2) a promoção de produção de obras usando as formas recém-incorporadas.

Desse modo, podemos afirmar que não sabemos por que o romance *Xicoténcatl* não foi traduzido para a língua portuguesa. A tradição da coroa portuguesa de manter o monopólio do fornecimento de livros e papéis avulsos e da proibição de imprimir no Brasil, citado por Wyler (2003), talvez, criou um condicionamento para o pouco interesse em introduzir literatura estrangeira no país. Porém, conforme Wyler, por todo o século XIX e primeira metade do século XX, iniciou-se a importação de modelos franceses e ingleses, através de traduções francesas, introduzindo inclusive o romance histórico de Scott.

Com a primeira tradução, em 1862, de *Os miseráveis* por José Justiniano da Rocha, os escritores nacionais começaram a escrever, pela primeira vez, romances no Brasil. Isso poderia ter suscitado interesse em traduzir *Xicoténcatl*, porém, não foi o que aconteceu.

Seymour Menton (1993) apresenta uma lista dos Novos Romances Históricos latino-americanos produzidos entre 1949 e 1992, desde a publicação de *El reino de este mundo*, de Alejo Carpentier, em 1949. Observamos que, enquanto na América hispânica, a produção de Novos Romances Históricos Hispano-americanos é abundante, no Brasil, somente a partir de 1976 – com a publicação do primeiro Novo Romance Histórico brasileiro, *Gálvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza – apresenta a produção de apenas sete Novos Romances Históricos brasileiros, de 57 no total latino-americanos. Nesse mesmo período, a produção brasileira apresenta 54 romances históricos tradicionais, de 310 latino-americanos.

São vinte e seis anos que separam a publicação do primeiro novo romance histórico latino-americano da primeira novela histórica brasileira. Esse longo espaço de tempo se configura num atraso na produção de leitura crítica no Brasil, talvez provocado pela falta de tradução do germe do novo romance histórico latino-americano em nosso país. A tradução de *Xicoténcatl* (1826), sem dúvida, poderia ter influenciado, na época, o sistema literário emergente. E, possivelmente, a tradução desse romance de releitura crítica hispânica teria ocasionado o desenvolvimento de teorias de análise crítica do passado no Brasil.

Como já discutido, o romance *Xicoténcatl* apresenta um claro enfrentamento com o cânone europeu, efetuado, segundo nossa visão, na condição de embrião do Novo Romance Histórico Hispano-americano. A lacuna criada no entendimento da trajetória da Literatura Latino-americana, pelo desconhecimento desse romance fundacional, privou os estudos do círculo acadêmico no Brasil do esclarecimento de a produção latino-americana possuir desde o início a sua capacidade autônoma na proposição de novos paradigmas, sobretudo no aspecto de pensamento latino-americano como ferramenta descolonizadora, elevando a cultura latino-americana ao mesmo nível das outras culturas que algum dia construíram imagens como superiores. Com esse reconhecimento, embora tardio, e com a ajuda da tradução problematizadora de obras como *Xicoténcatl* (1826), é possível constatar a desconstrução das teorias eurocêntricas.

A seguir, apresentamos 15 trechos escolhidos das 44 passagens nas quais se encontram as imagens de Malinche que desejamos analisar. Em seguida, será feita a análise dos trechos escolhidos correspondentes nas três versões: do anônimo (1826), de Castillo-Feliú (1999) e de Sobierai e Fleck (2013). Ao isolarmos esses fragmentos ao longo do romance, delineamos a forma como o original

descreve/configura essa personagem e como os tradutores lidaram com esse material, em especial na hora de criar seus textos em sua língua materna.

2.2 MALINCHE: NA TRANSVERSALIDADE DO ESPELHO – IMAGENS REFRACTADAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA EMANADORA

Iniciamos esta seção com os 15 fragmentos escolhidos do original, e seus respectivos trechos nas traduções de Castillo-Feliú e Sobierai e Fleck, listados na sua integridade no anexo desta dissertação. Dessa forma, tentamos evidenciar as possíveis aproximações, distanciamentos e acréscimos realizados na construção das imagens de Malinche em *Xicoténcatl* (1826) e nas suas versões para o inglês e o português. Antes, vale ressaltar que a versão de Sobierai e Fleck (2013) teve como base a versão de Castillo-Feliú (1999) até o terceiro livro. Depois disso, a tradução foi feita utilizando ambos os textos em espanhol e inglês. Para a versão original utilizaremos a edição de Castro Leal publicada em 1964.

O trecho do fragmento selecionado nº 1, do livro 1,¹⁴² apresentado a seguir, no **Quadro 1**, trata da primeira imagem da personagem Malinche no romance – no qual a personagem Ordaz, um capitão das tropas espanholas, configurado como um ser exemplar ao longo da obra, comenta sobre seu desapontamento com respeito à figura do chefe, Hernán Cortés:

Quadro 1 – Trecho do fragmento selecionado nº 1

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 85 [...] <i>casi hace ostentación de sus amores adúlteros <u>con esa india, quizá víctima de su seducción.</u></i> [...].	p. 16 [...] <i>he almost boast of his adulterous affair <u>with that Indian woman, who is maybe a victim of his seduction.</u></i> [...].	p. 45 [...] ele quase chega a orgulhar-se de seu romance adúltero <u>com aquela índia, que talvez seja uma vítima de sua sedução.</u> [...].

Nesse trecho, o texto de 1964 mostra que a personagem Ordaz menciona Malinche, introduzindo-a no romance, como tendo “*amores adúlteros*” com Cortés, e o que observamos de interessante é a voz do jovem, de sua posição de personagem ímpoluto, que permite lançar dúvidas sobre o que teria levado essa mulher a tal

¹⁴² Ver fragmento completo no **Anexo**, página 174.

situação e, nesse contexto, expressa o seguinte pensamento sobre ela: “*quizá víctima de su seducción*”. Segundo o *Diccionario da Real Academia Española* (2001, p. 1885), o termo “*quizá*” “*Denota posibilidad de que ocurra o sea cierto lo que se expresa.*”¹⁴³. A personagem Ordaz não afirma, porém abre a possibilidade de interpretar a conduta de Malinche como resultado de ela ter sido vítima da sedução de Cortés. Não rejeitamos a possibilidade de que a última parte da frase do recorte seja a voz do narrador.

Esse fragmento é importante pelo fato de que mostra o ponto inicial da construção da personagem ficcional Malinche no texto de 1826: “Malinche vítima, talvez, da sedução de Cortés”. De qualquer forma, não poderíamos esquecer-nos da situação de escravidão da personagem histórica Malinche. Os escravos não escolhem, eles simplesmente obedecem. O amo não seduz um escravo, simplesmente ordena. A menção feita pela personagem de extração histórica Ordaz também deve ser levada em consideração com relação ao pacto de leitura que, normalmente, se estabelece entre o leitor e o narrador. Colocar essa menção na voz do único europeu digno presente no romance nos parece bastante significativa nesse sentido.

No quadro com os recortes, observamos que – tanto na versão em inglês quanto na versão em português – a configuração da personagem de extração histórica Malinche inicia-se de forma similar ao original nas traduções, na dúvida expressa na voz da personagem Ordaz: “*who is maybe a victim of his seduction*” e “talvez seja uma vítima de sua sedução”. Portanto, nas três versões a configuração de Malinche inicia do mesmo ponto: vítima da sedução de Cortés.

Logo, ao avançar na leitura da diegese, a configuração da personagem histórica *doña* Marina expõe outras faces. No trecho do fragmento selecionado (2)¹⁴⁴, que faz parte do livro 2 do romance, apresentado no quadro a seguir, encontramos a primeira caracterização de Malinche feita pela voz narrativa:

¹⁴³ “O expressado inclui a possibilidade de acontecer ou de ser verdadeiro.” (RAE, 2001, p. 1885 – tradução nossa).

¹⁴⁴ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 174-176.

Quadro 2 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>después de varios accidentes de fortuna, vino a ser esclava del cacique de Tabasco. Este la pasó al dominio de Hernán Cortés, después de la sumisión de su país, con otras esclavas que le presentó de regalo.</i> [...].	p. 37 [...] <i>who after several accidents of fate came to be a slave of the cacique of Tabasco. He gave her to Hernán Cortés, after the capitulation of her country, along with other slaves that he gave him as a gift.</i> [...].	p. 66 [...] <i>após vários acidentes do destino, acabou se tornando uma escrava do cacique de Tabasco. Ele a entregou para Hernán Cortés, após a submissão de seu país, juntamente com outras escravas que foram dadas aos espanhóis como presentes.</i> [...].

Duas questões podem ser verificadas nesse quadro: uma refere-se aos “*varios accidentes de fortuna*” de Malinche, e, a outra à frase no original: “*Este la pasó al dominio de Hernán Cortés*”. No primeiro apontamento, observamos que, no original em espanhol, lê-se “*accidentes de fortuna*”, e, na versão em português, “*acidentes do destino*”. A interpretação de “*fortuna*”, que, de acordo com a RAE (2016, s.p.)¹⁴⁵, na sua primeira acepção, significa: “*Del lat. Fortūna. 1. f. Encadenamiento de los sucesos, considerado como fortuito.*” Também em português, no *Dicionário Houaiss* (2009, p. 671 – grifos nossos), a primeira entrada para o vocábulo “*destino*”, define: “*tudo que é determinado pela providência ou pelas leis naturais; sorte, fado, fortuna*”.

Dessa maneira, “*accidentes de fortuna*” coincide com a escolha dos tradutores brasileiros, “*acidentes do destino*”, tem o mesmo sentido no latim, de destino, que pode ser bom ou ruim, diferentemente do derivado “*afortunado*” que tem sentido de “*abençoado*”, portanto, ambas as frases, em espanhol e português, respectivamente, apresentam uma equivalência de sentidos.

Por outro lado, o tradutor da versão de 1999 utiliza “*accidents of fate*”. De acordo com o dicionário *online* Merriam-Webster (2015, s.p.), “*fate*”¹⁴⁶ significa nas suas duas primeiras acepções: “*1: the will or principle or determining cause by which things in general are believed to come to be as they are or events to happen as they do: destiny; 2 a: an inevitable and often adverse outcome, condition, or end b: disaster; especially: death; [...]*”. Portanto, nessa versão publicada pela Texas

¹⁴⁵Fortuna: Do lat. Fortūna. 1. f. Encadeamento dos eventos, considerado como fortuito. [...] Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=IHQ510O>>. Acesso em: 10 out. 2016. (tradução nossa).

¹⁴⁶“1: a inevitabilidade ou princípio ou causa determinante pela qual acredita-se que as coisas em geral vêm a ser como são ou eventos que acontecem como tal: destino; 2 a: um resultado, condição ou final inevitável e com frequência adverso; b: desastre; em especial: morte; [...]” (MERRIAM-WEBSTER ONLINE, 2015, s.p. - tradução nossa). Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/fate>>. Acesso em: 10 out. 2016.

University Press (1999): acidentes levaram Marina ao seu destino, é equivalente ao original.

Em contrapartida, acreditamos que, mesmo assim, o autor anônimo propõe para sua personagem de extração histórica Malinche uma configuração que leva à ideia de um ser afortunado, pois teve boa sorte: teve vários acidentes de fortuna. O filósofo Nicholas Rescher (1997, p. 101), em seu livro *La suerte: aventuras y desventuras de la vida cotidiana* reflete sobre o assunto “*la relevancia de la suerte en los asuntos humanos*”¹⁴⁷ e afirma que “*En tiempos de guerra, peste o desastre natural, el esfuerzo cuenta poco, y la suerte es todo*”¹⁴⁸. Desse modo, nesse sentido, acreditamos que Malinche foi, sim, afortunada. Porém, Cypess (2000, p. 60) considera que o autor do texto não simpatiza com Malinche; nas suas palavras:

[...] *the author of Xicoténcatl succinctly describes her as merely an American who after 'a series of misfortunes came to be a slave of the cacique of Tabasco'. The terse phrase 'a series of misfortunes,' [...] reveals the unsympathetic way the narrator treats Marina, she is the evil temptress and traitor to the American cause [...].*¹⁴⁹

Assim, segundo Cypess (2000), longe de mostrar todos os fatos apresentados positivamente como o faz o cronista espanhol Bernal Díaz del Castillo¹⁵⁰, o autor anônimo trata sua personagem como um ser qualquer e normal que “*después de varios accidentes de fortuna*” chega às mãos de Cortés. Dessa maneira, segundo a interpretação de Cypess do texto anônimo, La Malinche foi “a escolhida”, mas poderia ter sido qualquer outra que chegasse também por meio de vários acidentes do destino até Cortés. Ela não teria sido vítima dos acontecimentos, pois estes levaram-na ao seu estado afortunado de chegar às mãos de Cortés. Em outras

¹⁴⁷ Este seria o título do capítulo do livro de Rescher: *A relevância da sorte nos assuntos humanos*. (Disponível em: <<http://encurtador.com.br/jrT05>>. Acesso em: 10 dez. 2016).

¹⁴⁸ “Em tempos de guerra, peste ou desastre natural, o esforço conta pouco, e a sorte é tudo”. (RESCHER, 1997, p. 101 – tradução nossa).

¹⁴⁹ “O autor em Xicoténcatl resumidamente a descreve como uma simples americana que depois de uma série de acidentes de fortuna veio a ser escrava do cacique de Tabasco. Essa frase concisa 'uma série de acidentes de fortuna,' [...] revela a pouca simpatia com que o narrador trata Marina, ela é a tentadora malvada e traidora à causa americana [...].” (CYPESS, 2000, p. 60 – tradução nossa).

¹⁵⁰ O cronista participou nas três expedições ao México: a primeira com Francisco Hernández de Córdoba (1517), a segunda com Juan Grijalva (1518) e a terceira com Hernán Cortés (1519). Em 1632, Bernal Díaz del Castillo publica *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*. Mais informações em: <http://www.españaescultura.es/es/artistas_creadores/bernal_diaz_del_castillo.html>. Acesso em: 31 dez. 2016.

palavras, Malinche, no romance, teve a sorte de ter acidentes na sua vida que a levaram diretamente a ter contato com Cortés.

Porém, acreditamos que ambas as possibilidades devem ser levadas em conta, pois, se, por um lado, para a personagem histórica de nada teria servido ser tão capaz e inteligente se não tivesse estado no momento certo para entrar nos “anais da história”, por outro, a personagem histórica, definitivamente, não foi uma nativa qualquer. Desse modo, concordamos com Cypess (2000), no ponto em que se afirma que dificilmente alguém poderia ter tomado o seu lugar na história.

Como aponta Karttunen (1997, p. 291), sobre a Malinche: “*there was no one remotely like her then, nor has there been since in the semimillennial history of the Americas after Columbus*”¹⁵¹. A habilidade de aprender línguas, “o dom de mando”, a disposição da personagem histórica, seus conhecimentos do mundo indígena e o momento histórico foram quesitos que deram lugar à participação única dessa personagem na história. Dessa maneira, interpretamos que, nos três fragmentos equivalentes, o autor anônimo não faz uso completo da neutralidade com respeito ao fato de Malinche ter caído nas mãos de Cortés. Fica implícito o fato de que poderia ter sido qualquer outra autóctone.

Para tratar da segunda questão do fragmento nº 2, sobre a frase no texto de 1964: “*Este la pasó al dominio de Hernán Cortés*”, apresentamos o quadro a seguir:

Quadro 3 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>Este</i> [el cacique de Tabasco] <i>la pasó al dominio de Hernán Cortés</i> , [...].	p. 37 [...] <i>He</i> [the cacique of Tabasco] <i>gave her to Hernán Cortés</i> , [...].	p. 66 [...] <i>Ele</i> [o cacique de Tabasco] <i>a entregou para</i> Hernán Cortés, [...].

No recorte, observamos que a frase no original “[...] *Este* [el cacique de Tabasco] *la pasó al dominio de Hernán Cortés*, [...]” sugere, pelo uso do signo “*dominio*”, que o cacique de Tabasco entrega Malinche a Cortés, não apenas no sentido de dar, mas que está presente a ideia de dois sujeitos dominadores de uma propriedade (a escrava Malinche). Esse sentido desaparece na expressão do inglês “*He gave her to Hernán Cortés*”. Isto é, o uso de “*to give*” (dar) na expressão em inglês não repassa a questão de “sujeitos dominadores de propriedade”.

¹⁵¹ “Não houve ninguém nem remotamente igual a ela na época, nem houve desde então na história quase milenar da América depois de Colombo.” (KARTTUNEN, 1997, p. 291 – tradução nossa).

Enquanto isso, verificamos uma semelhança de tradução na versão em português com a feita em 1999. Há uma similaridade nas duas versões porque, nesse estágio de tradução para o português, ainda era usada como base a versão de Castillo-Feliú. Portanto, existe um sentido distinto no original em espanhol que desaparece nas duas versões (estadunidense e brasileira). Antes de prosseguir, precisamos apontar outra questão que só encontramos na versão em inglês, ainda relativa ao fragmento selecionado nº 2:

Quadro 4 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anônimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>Este la pasó al dominio de Hernán Cortés, después de la sumisión de <u>su</u> país, con otras esclavas que le presentó de regalo.</i> [...].	p. 37 [...] <i>He gave her to Hernán Cortés, after the capitulation of <u>her</u> country, along with other slaves that he gave him as a gift.</i> [...].	p. 66 [...] <i>Ele a entregou para Hernán Cortés, após a submissão de <u>seu</u> país, juntamente com outras escravas que foram dadas aos espanhóis como presentes.</i> [...].

No recorte analisado houve mais uma mudança de sentido, na versão de 1999: “*He* [o cacique de Tabasco] *gave her* [Malinche] *to Hernán Cortés, after the capitulation of her country* [o país de Malinche], *along with other slaves that he* [o cacique de Tabasco] *gave him* [Cortés] *as a gift.*”

No texto original, temos: “*Este* [o cacique de Tabasco] *la* [Malinche] *pasó al dominio de Hernán Cortés, después de la sumisión de su país* [país do cacique], *con otras esclavas que le* [a Cortés] *presentó de regalo.*”. A versão de Castillo-Feliú sugere que o cacique de Tabasco deu Malinche a Cortés depois da capitulação do povo dela (ante Cortés). O contrário acontece no texto original: O cacique de Tabasco deu Malinche a Cortés depois que o povo (do cacique) de Tabasco capitulou ante Cortés.

Como já conferimos, os historiadores confirmam o sugerido pelo texto em espanhol. Não houve capitulação do povo de Malinche¹⁵² diante de Cortés, fato que resultasse em ela ter sido entregue ao capitão espanhol. Nesse sentido, a tradução equivocada do pronome “*su*” altera, na versão em inglês, o próprio fato histórico e não somente o sujeito ao qual o pronome está conectado no original.

¹⁵² O que houve, sim, foi um reencontro entre Malinche, a mãe e seu irmão, quando a expedição de Cortés passou, casualmente, por Coatzacoalcos [...]. (HERREN, 1993, p. 147-149).

Esse problema não acontece na versão em português, porque o uso do pronome possessivo “seu” é semelhante ao pronome em espanhol “su”. Portanto, na leitura do texto em português de 2013, se sugere, como em espanhol, que Malinche foi entregue a Cortés após a submissão do país do cacique de Tabasco.

Passamos ao seguinte fragmento, sequência do analisado¹⁵³:

Quadro 5 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>Los buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo</i> [...].	p. 37 [...] <i>The fine talents and charms that she possessed attracted her master</i> [...].	p. 66 [...] Os finos talentos e os encantos dessa escrava chamaram a atenção de seu mestre [...].

No trecho da citação no original: “*Los buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo*”, segundo nossa leitura, não há lugar para interpretações de “*buenos talentos y gracias*” com ironia. Além do mais, como verificamos na síntese do romance, a intenção do autor anônimo é destacar o caráter de “bom selvagem” das personagens autóctones. Recorremos também a Frances Karttunen (1997) para complementar a análise dessa parte do texto. A pesquisadora traz informações do cronista Bernal Díaz referentes aos talentos e às graças da personagem histórica Malinche:

According to Bernal Díaz's account of the conquest, doña Marina was beautiful and intelligent, capable and loyal, admired and well liked by the men whose lives were on the line in the conflict. He credits her with repeatedly saving them all from disaster. Cortés himself is almost silent about the woman who not only interpreted for him but also bore him a son whom he named Martín after his father. But his men and their children and grandchildren corroborated Bernal Díaz's testimony. (KARTTUNEN, 1997, p. 296).¹⁵⁴

Além do testemunho do cronista Bernal Díaz sobre Malinche, que alguns acusam de favorecer a memória da figura histórica, Townsend (apud WOOD, 2007, p. 220) afirma: “*that the adolescent indigenous girl started her new life among the invaders as a slave 'who had no choice in the matter' except to do as she was*

¹⁵³ O trecho completo encontra-se no **Anexo**, páginas 174-176.

¹⁵⁴ Conforme o relato da conquista de Bernal Díaz, *doña Marina* era bela e inteligente, competente e leal, admirada e querida pelos homens cujas vidas estavam na linha de conflito. O cronista assegura que ela, repetidamente, salvou-os do desastre. O mesmo Cortés quase silencia suas palavras sobre a mulher que não somente serviu-lhe de intérprete, mas que, também, deu-lhe um filho, a quem chamou de Martín, como seu pai. Seus homens e seus filhos e netos corroboraram o testemunho de Bernal Díaz. (KARTTUNEN, 1997, p. 296 - tradução nossa).

*told*¹⁵⁵. Ao que tudo indica, a condição de escrava a que a personagem histórica Malinche esteve submetida não impediu o autor anônimo de criar uma situação em que Cortés fosse atraído por seus atributos: “*Los buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo*”.

Porém, lemos, nos “anais da história”, que a personalidade histórica Cortés procurou sempre dividir o saque com seus homens, pois sabia que esse tipo de ação assegurava-lhe a lealdade da hoste. Por saque, entenda-se, não somente de joias, de bens preciosos etc., mas também de mulheres. Como bem comenta Ann Pescatello (apud CYPESS, 2000, p. 185): “*it was a social courtesy among several Mexican tribes for families to present their daughters to guests or allies as a token of friendship, and 'presentation of women as gifts or tokens of friendship' was considered an important procedural part of Indian foreign relations*”¹⁵⁶, já que “*las hembras cumplían la función de objetos de intercambio en el mundo masculino*.” (HERREN, 1993, p. 25)¹⁵⁷, não somente autóctone, mas também “*hasta cierto punto, entre los españoles. Ambas culturas admitían la esclavitud como institución legítima [...]*.” (HERREN, 1993, p. 25)¹⁵⁸.

Por outro lado, o biógrafo Herren (1993, p. 25-26)¹⁵⁹ relata, sobre a personagem histórica, que

Cortés repartió prontamente las mujeres entre sus oficiales. La de mejor aspecto de entre ellas, moza menuda de cuerpo y ojos despiertos, que tendría unos dieciséis años correspondió al capitán de más abolengo de la hueste, por el que Cortés sentía una especial debilidad: Alonso Hernández de Portocarrero, [...].

¹⁵⁵ que a menina autóctone adolescente iniciou a sua nova vida ao lado dos invasores como escrava ‘que não tinha opção no assunto’ exceto fazer o que era mandada fazer. (TOWNSEND apud WOOD, 2007, p. 220 - tradução nossa).

¹⁵⁶ “entre as muitas etnias mexicanas era costume/convenção de cortesia social que as famílias dessem de presente as suas filhas aos convidados e aliados como gesto de amizade. Esse ‘presentear mulheres’ ou ‘gestos de amizade’ era parte de um procedimento importante de relações internacionais dos autóctones americanos.” (PESCATELLO apud CYPESS, 2000, p. 185 - tradução nossa).

¹⁵⁷ “as fêmeas cumpriam a função de objetos de intercâmbio no mundo masculino” (HERREN, 1993 p. 25 - tradução nossa).

¹⁵⁸ “até certo ponto, entre os espanhóis. Ambas as culturas admitiam a escravidão como instituição legítima [...].” (HERREN, 1993, p. 25 - tradução nossa).

¹⁵⁹ “Cortés repartiu rapidamente as mulheres entre seus oficiais. A de melhor aparência dentre elas, jovem miúda de corpo e olhos vivazes, que tinha uns dezesseis anos foi para o capitão de maior linhagem da hoste, pois Cortés sentia uma simpatia especial por ele. Alonso Hernández de Portocarrero [...].” (HERREN, 1993, p. 25-26 - tradução nossa).

Assim, a Malinche histórica não caiu, imediatamente, nas mãos do Cortés histórico, pois ele a deu ao seu favorito Alonso Hernández de Portocarrero. Passaram-se dias para que Cortés percebesse o potencial de Malintzin como 'língua'. O biógrafo Herren comenta que, na falta de um intérprete de nahuatl, chegada a ocasião, Cortés a viu conversando na língua de uma comitiva autóctone a quem o intérprete espanhol Aguilar não conseguia entender, segundo as crônicas de Francisco López de Gómara: "*Cortés llamó aparte a Marina, junto a Aguilar, y le prometió más que su libertad si ella conseguía la amistad de los mexicas con él, indicándole que la quería además como su intérprete y secretaria.*" (HERREN, 1993, p. 27)¹⁶⁰.

Na versão do romance de 1999, percebemos, sobre as personagens de extração histórica, em: "*The fine talents and charms that she possessed attracted her master [...]*" que o sentido continua sendo o mesmo atrelado no texto original. Da mesma forma, não pensamos que esse trecho seja irônico. Também continua nessa versão a construção, feita pelo autor anônimo na narrativa, da situação em que a personagem de extração histórica Cortés, desde o início, guarda essa "dívida dos nativos" para si, devido a qualquer atração provocada pelas qualidades ou atributos da personagem Malinche, questão que apresenta menor convergência com a história, como já foi comentado anteriormente.

Por outro lado, no romance, no trecho em inglês: "*The fine talents and charms that she possessed attracted her master [...]*" omite-se a palavra "escrava" do original: "*Los buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo [...]*". O sentido é o mesmo, mas a omissão faz com que o leitor não capture a ênfase do uso da palavra "escrava" que o tradutor deve ter achado desnecessário e redundante.

Já na versão de 2013, igualmente, percebemos a frase: "Os finos talentos e os encantos", como uma tradução literal do inglês, já que lê-se o trecho em espanhol: "*los buenos talentos y las gracias*". A imagem aqui, com a eleição "finos talentos", traz a ideia de fineza, segundo o *Dicionário Houaiss* (2009, p. 899), o qual traz as seguintes acepções: "2) aguçado, afiado; [...] 7) que percebe leves impressões, apurado, sensível; 8) que revela educação, amável, refinado; 9) de bom

¹⁶⁰ "Cortés chamou Marina aparte, junto de Aguilar, e prometeu-lhe mais do que sua liberdade se ela conseguisse a amizade dos mexicas com ele. Também lhe disse que queria que fosse a sua intérprete e secretária." (HERREN, 1993, p. 27 – tradução nossa).

gosto, requintado; 10) composto pelos melhores, aristocrático, seletivo; 11) marcado pela graciosidade, esbelto, elegante; 12) de boa qualidade, excelente [...].”.

Por sua vez, no *Dicionário Merriam-Webster* (2002, p. 688), as acepções da palavra “*fine*” são: “[...] 3) *delicate, subtle or sensible in quality, perception or discrimination*; 4) *superior in kind, quality or appearance: excellent [...]*”¹⁶¹. Dessa forma, os talentos de Malinche chegam ao nível de elegantes, excelentes etc. No dicionário da RAE (2001, p. 362) “*bueno*” significa, entre outros: “*adj. Que tiene bondad en su género. //2. Útil y a propósito para algo. // 3. Gustoso, apetecible, agradable, divertido [...]*”¹⁶².

Portanto, a imagem da personagem mudou consideravelmente. E, como já comentamos, não percebemos ironia no texto. Além do mais, apresentar uma Malinche ficcional corrompida desde o início não serviria para a tese do autor, que busca comprovar que todos os autóctones são bons. Acreditamos, também, que é importante, para o autor anônimo, mostrar a personagem ficcional circular Malinche. Essa configuração planejada pelo autor aparece claramente no fragmento selecionado (26)¹⁶³ em que a personagem afirma que seu proceder deve servir de exemplo para todos.

No fragmento selecionado (2) da versão de 2013, também chama a nossa atenção a palavra “escrava” no texto em português, pois nesse momento era ainda utilizado como base o texto de Castillo-Feliú e já coincide com o uso da palavra “esclava” que aparece no texto em espanhol e não está presente no inglês. Ademais achamos interessante apontar ao uso de “mestre”, como tradução literal do inglês, pois a acepção do inglês inclui: “1) *owner/leader (old fashioned) a man who has control or authority over other people, for example servants of workers.*” (LONGMAN, 1995, p. 879)¹⁶⁴, sentido que não é incluído ao português de acordo com o *Dicionário Houaiss* (2009, p. 1280).

Na sequência, referente ainda ao trecho selecionado nº 2¹⁶⁵, temos:

¹⁶¹ [fine] [...] 3) delicado, sutil ou sensível na qualidade, percepção ou discriminação; 4) superior em classe, qualidade ou aparência: excelente [...]” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 688 – tradução nossa).

¹⁶² “[bueno]. Que tem bondade no seu gênero. //2. útil para essa finalidade. // 3. gostoso, apetecível, agradável, divertido [...]” (RAE, 2001, p. 362 – tradução nossa).

¹⁶³ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 197-200.

¹⁶⁴ “1) dono/cabeça (antiquado) homem que tem controle ou autoridade sobre pessoas, por exemplo serventes ou trabalhadores (LONGMAN, 1995, p. 879 – tradução nossa).

¹⁶⁵ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 174-176.

Quadro 6 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>el que, después de haberla hecho bautizar con el nombre de Marina, puso en ella su amor y su confianza, de manera que en pocos días pasó de su esclava a su concubina y confidenta.</i> [...].	p. 37 [...] <i>who, after having baptized her with the name of Marina, who [...] gave her his love and trust in such a way that in a few days she went from being his slave to being his concubine and confidente.</i> [...].	p. 66 [...] <i>após tê-la batizado com o nome de Marina, dera-lhe seu amor e confiança de tal maneira que em poucos dias ela passara de escrava a concubina e confidente.</i> [...].

Nessa citação, devemos levar em conta a menção feita ao batismo de Malinche no recorte do romance: “*después de haberla hecho bautizar con el nombre de Marina, puso en ella su amor y su confianza*” (ANÓNIMO, 1964, p. 99 – grifos nossos). Herren (1993, p. 26) descreve que as escravas recebidas foram batizadas para cumprir a lei que proibia: “*mantener acceso ni coito carnal con ninguna mujer, fuera de nuestra ley*”¹⁶⁶. Porém, segundo o estudioso, isso, na verdade, era uma interpretação curiosa do sexto mandamento da religião que não permite fornicar fora do matrimônio. Os conquistadores entendiam que: “*tal interdicción no existía siempre y cuando su compañera de cama no fuera ‘pagana’, sino cristiana. [...] Así, el bautismo las convertía en legítimas hembras de cama de los españoles permitiendo paradójicamente, los pecados de la carne.*” (HERREN, 1993, p. 26)¹⁶⁷.

Como já comentado anteriormente, as informações históricas contribuem para a compreensão de como é caracterizada a personagem literária. Essa correlação implícita entre informação histórica e ficcional ocorre em todo o romance. Portanto, para entender esse trecho, recorreremos, novamente, ao biógrafo Herren (1993), que nos esclarece com os aspectos históricos desse episódio. Segundo ele, na “conquista” não houve tempo nem espaço para o amor. A principal função das cativas não sacrificadas nos templos era encarregar-se dos afazeres do lar: fazer farinha para a tortilha de milho, o pão de cada dia dos mexicanos e, quando tinham a idade e atrativos suficientes, serviam na cama aos seus amos.

Ainda, segundo Herren, as relações sexuais não eram consideradas pecado, pois eram realizadas com escravas. A moral “asteca”, segundo o estudioso, era similar à “cristã”, no sentido de que tinha aspectos repressivos com respeito às

¹⁶⁶ “manter nem acceso nem coito carnal com nenhuma mulher que estivesse fora da nossa lei.” (HERREN, 1993, p. 26 – tradução nossa).

¹⁶⁷ “dita interdicción no existía sempre e cuando a sua companheira de cama não fosse pagã, porém, cristã. [...]. Assim, o batismo as convertia em legítimas fêmeas de cama dos espanhóis, permitindo, paradoxalmente, os pecados da carne.” (HERREN, 1993, p. 26 – tradução nossa).

mulheres: a virgindade e a fidelidade conjugal eram as principais virtudes femininas, e o adultério era brutalmente punido (HERREN, 1993). Porém, isso não se aplicava às escravas, como era o caso de Malinche.

Mariano García Somonte (apud HERREN, 1993, p. 42) afirma que:

*No hay por qué creer que doña Marina fuera la amante del distinguido aristócrata [Hernández de Portocarrero], capitán a cuyos servicios entró como criada. Tampoco fue Marina la amante o querida de Cortés, como no lo fueron las demás hijas de caciques que repartió entre sus capitanes.*¹⁶⁸

As afirmações de Somonte, acreditamos, não convertem as mulheres autóctones e os conquistadores em “seres assexuados”, como afirma Herren. Porém, prova que houve sexo, consentido ou não, sem, necessariamente, existir sentimentos ou laços entre as escravas e os seus amos. Concordamos com Herren quando afirma que as cativas não eram amásias ou concubinas, como interpreta Salvador de Madariaga (apud HERREN, 1993), pois na realidade as relações entre nativas batizadas e espanhóis foram: “*maratónicos contatos sexuales de los conquistadores con las nativas realizados dentro de inveteradas y poco cristianas prácticas poligínicas.*” (HERREN, 1993, p. 42-43)¹⁶⁹.

Assim, sobre a afirmação no romance de que a personagem de extração histórica Cortés: “*puso en ella su amor y su confianza, de manera que en pocos días pasó de su esclava a su concubina y confidenta*” (ANÓNIMO, 1964, p. 99 – grifos nossos), entendemos que esse recorte apresenta pouca convergência com a história, como visto até este momento. A Malinche histórica passou ao leito de Cortés só após o fato de Alonso Hernández de Portocarrero ser designado como mensageiro, junto a Francisco de Montejo, para voltar à Espanha, em 26 de julho de 1519 (HERREN, 1993). Como afirma o biógrafo de Marina, “*es probable [...] que Cortés quisiera matar dos pájaros de un tiro. Pero la principal preocupación del*

¹⁶⁸ “Não temos por que acreditar que *doña* Marina fosse a amante do distinguido aristocrata [Hernández de Portocarrero], capitão a quem entrou a servir como criada. Também não foi Marina a amante ou querida de Cortés, como também não o foram as outras filhas de caciques que distribuiu entre seus capitães”. (HERREN, 1993, p. 42 – tradução nossa).

¹⁶⁹ “maratonas de contatos sexuais dos conquistadores com as nativas efetuadas dentro de práticas poligâmicas arraigadas e pouco cristãs.” (HERREN, 1993, p. 42-43 – tradução nossa).

capitán [...] era conseguir la aquiescencia del monarca después de su rebelión [...] frente al gobernador Velázquez." (HERREN, 1993, p. 72)¹⁷⁰.

Não houve amor¹⁷¹. Herren (1993, p. 141)¹⁷² afirma que: "*no parece [...] haya habido sitio para un ápice de romanticismo en las relaciones de Cortés con todas sus mujeres, sin exceptuar a Marina*". Porém, Townsend (apud WOOD, 2007, p. 223)¹⁷³ afirma que, nas ações de Malinche, houve um grau de energia e gosto ao tornar possível a "conquista" do México para Cortés. Ao aprender rapidamente a língua castelhana, que Antonio Solís e Fernando de Alba Ixtlilxóchitl, igualmente, afirmam (apud HERREN, 1993, p. 73):

[...] aceleró la integración de Marina en la cultura de sus amos, facilitando la comunicación [...] Y muy pronto aprendió a encarnar los intereses de los castellanos y a actuar por su cuenta para hacer aún más eficaces la guerra psicológica y las labores diplomáticas que allanaran el camino a los extranjeros. (HERREN, 1993, p. 73)¹⁷⁴.

Com sua integração à trupe de Cortés, Malinche dedicou-se à empresa dos europeus. Passou quatro meses (HERREN, 1993) nas mãos de Hernández de

¹⁷⁰ "é provável [...] que Cortés quisesse matar dois coelhos com uma cajadada só. Mas a principal preocupação do capitão [...] era de conseguir o consentimento do monarca depois da sua rebelião [...] contra o governador Velázquez." (HERREN, 1993, p. 72 – tradução nossa).

¹⁷¹ Este ponto é difícil de analisar, pois cada pesquisador poderia entrar no perigo de acrescentar praticamente qualquer coisa, tal qual Townsend (apud WOOD, 2007) comenta. Sobre esse assunto, Wood (2007, p. 221 – tradução nossa) afirma: "[...] a consumada intérprete que serviu de ponte para o mundo atlântico não nos pode falar diretamente do passado; os historiadores carecem por completo de um documento escrito pela própria Malintzin. O melhor que podemos fazer é tentar capturar a perspectiva única de Malintzin em eventos cruciais rastreando seus passos por meio de todas as fontes que ou a mencionam ou que possam nos ajudar a reconstruir o viés autóctone do período de maneira geral". Curiosamente, Herren (1993, p.73-74 – tradução nossa) afirma: "Se não estava apaixonada, era certeza de que ela estava totalmente disposta a se entregar de corpo e alma ao seu imponente senhor. Ela, que tinha sido apenas um simples objeto de compra-venda ou troca ao longo de boa parte de sua vida, até há poucas semanas, agora poderia ser do homem de maior poder que tinha pisado aquelas suas terras e, ao mesmo tempo, poderia receber o respeito e admiração destes reputados teules – palavra nahuatlé para significar deuses - pelos seus bons serviços não só como intérprete, mas também como secretária, conselheira política, espiã, diplomata."

¹⁷² "não parece [...] ter existido espaço para um pingo de romantismo nas relações de Cortés com todas as suas mulheres, e Marina não foi uma exceção". (HERREN, 1993, p. 141 – tradução nossa).

¹⁷³ "ela trabalhou ao seu lado, era eficiente no seu trabalho, e deu à luz um filho, porém, não é descartada a possibilidade de que teve sexo sem seu consentimento. Ou, até fazer sexo inclusive pode ter sido prestado com seu consentimento, como algo sem muita importância, sem criar um relacionamento pessoal do tipo que nos faz evocar quando pensamos em 'amante'". (TOWNSEND apud WOOD, 2007, p. 223 – tradução nossa).

¹⁷⁴ "[...] acelerou a integração de Marina à cultura dos seus amos, facilitando a comunicação [...] E rapidamente aprendeu a encarnar os interesses dos castelhanos e a agir pela sua conta para fazer mais eficientes à guerra psicológica e aos labores diplomáticos que abriu caminhos para os estrangeiros." (HERREN, 1993, p. 73 – tradução nossa).

Portocarrero até que a “intérprete de Cortés”, finalmente, tornou-se a sua escrava particular. Porém, de início, o seu labor de intérprete a tinha elevado a uma esfera¹⁷⁵ antes desconhecida por ela:

En esos cuatro meses aprendería a conocer al capitán general, admiraría su poder, su inteligencia, sus astucias, gozaría por asociación del nimbo de teules y de la veneración que les prodigaban a los hombres a quienes servía no solo sus antiguos amos de Tabasco sino también los embajadores de Moctezuma, los caciques Cempoala y Cingapacinga, es decir, lo que constituía la mayor parte del mundo que Marina conocía. (HERREN, 1993, p. 73).¹⁷⁶

Não sabemos o impacto real desses acontecimentos para a personagem histórica Malinche, porém, para confrontar a narrativa anônima com a história, o que nos resta é tentar procurar pelos rastros deixados por ela, estudados pelos historiadores, tal qual Wood (2007) afirma.

Na narrativa do romance *Xicoténcatl*, porém, é utilizada outra estratégia para informar que Cortés batizou Malinche. Conforme já foi discutido sobre a questão de batizar as escravas recebidas, é muito curioso ler nessas linhas, o “tanto cuidado e amor” que o narrador do autor anônimo confere à personagem de extração histórica Cortés com respeito ao seu ato de cuidado depositado na personagem de extração histórica La Malinche. Isso se expressa na tradução de 1999, da seguinte forma: “*in such a way that in a few days she went from being his slave to being his concubine and confidente*”; e na versão de 2013, deste modo: “de tal maneira que em poucos dias ela passara de escrava a concubina e confidente [...]”. Novamente, apontamos que, nesse ponto, a convergência entre história e ficção é mínima.

La Malinche, historicamente, como afirma Herren (1993, p. 73), “*si no estaba enamorada, es seguro que sí estaba totalmente dispuesta a entregarse en cuerpo y*

¹⁷⁵ “Townsend entende tanto a frágil posição da escrava quanto o poder impressionante do *tatloani*, o regente (literalmente ‘aquele quem fala’) entre os Nahuas. Para Malintzin, a transição de menina escrava para mulher com voz mandante, ainda que ela não fosse uma *tlatloani*/senhora, é tremendamente significativo para entender as representações pictóricas dela, as quais frequentemente a mostram no mesmo nível da figura imponente de Cortés e gesticulando com autoridade.” (WOOD, 2007, p. 223, grifo da autora – tradução nossa).

¹⁷⁶ “Nesses quatro meses aprenderia a conhecer o capitão-geral, admiraria seu poder, sua inteligência, suas astúcias, gozaria por associação do resplendor dos teules e da veneração que era prodigada aos homens a quem servia não só aos amos antigos de Tabasco, mas também aos embaixadores de Moctezuma, aos caciques Cempoala e Cingapacinga, quer dizer, o que formava a maior parte do mundo que Marina conhecia”. (HERREN, 1993, p. 73 – tradução nossa).

alma a su imponente señor"¹⁷⁷. Nos recortes das versões de 1999 e 2013, achamos, portanto, que o discurso continua sendo o mesmo que o original, pois Cortés se constitui o ativo dador de cuidados para com Malinche: dá seu amor e confiança e a faz a sua "*concubine and confidente*" / "concubina e confidente".

Por outro lado, no recorte mencionado, nas três línguas, somente temos a imagem de Cortés como o doador de amor e cuidados com respeito à Malinche, omitindo a possibilidade de algum sentimento que possa advir de parte da personagem *doña* Marina. Isso possibilita a leitura da imagem de uma Malinche fria e talvez calculista. Ainda no fragmento selecionado nº 2¹⁷⁸ temos o trecho:

Quadro 7 – Trecho do fragmento selecionado nº 2

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 99 [...] <i>Este último oficio lo desempeñó con grandes ventajas para Hernán Cortés, pues, no sospechando en ella los naturales las artes y el dolo de los europeos, supo emplear con más efecto la corrupción y la intriga, en que hizo grandes progresos</i> [...].	p. 37 [...] <i>This last office she carried out with great advantages for Hernán Cortés, for the natives did not suspect in her the guile and deceit of the Europeans. She was able to employ corruption and intrigue more effectively, activities in which she made great progress</i> [...].	p. 65 [...] Este último ofício ela desempenhava com grandes vantagens para Hernán Cortés, pois os nativos não suspeitavam que ela tivesse a malícia e o engano dos europeus, soube, assim, empregar com mais efeitos a corrupção e intriga, atividades nas quais fazia grande progresso [...].

No que toca à citação anterior, sobre a sua correspondência na história, Herren (1993) confirma a exposição da personagem ao modo como os espanhóis atuavam no momento das negociações, dos pactos, ou seja, as formas de "contornar" as situações. O trecho sugere que, na atividade de confidente, Malinche trouxe vantagens para Cortés, pois seus conterrâneos não suspeitaram nela a corrupção aprendida com os europeus, e ela empregou esses vícios com muito sucesso. Assim, segundo o narrador, a personagem de extração histórica La Malinche apreendeu "*las artes y el dolo de los europeos*", e foi corrompida. Avistamos aqui, mais uma vez, a tese do "bom selvagem" – o ser puro e inocente que é corrompido pela sociedade.

Herren (1993, p. 73) aponta sobre o comportamento da personagem histórica que: "*Y, a su vez, dejaría boquiabiertos al mismo Cortés y al resto de los españoles*

¹⁷⁷ "de não ter estado apaixonada, pelo menos é certo que esteve totalmente disposta a se entregar de corpo e alma ao seu imponente senhor". (HERREN, 1993, p. 73 – tradução nossa).

¹⁷⁸ Ver o fragmento completo no **Anexo**, páginas 174-176.

por sus iniciativas y sus habilidades en el manejo sutil de las cuestiones políticas"¹⁷⁹. No recorte do romance, observamos que a voz narrativa aponta para o fato de que os conterrâneos autóctones foram ingênuos (melhores selvagens que Malinche) ao não perceberem os modos corruptos europeus na personagem de extração histórica La Malinche. Dessa forma, segundo o trecho, *doña* Marina aproveitou-se dessa situação e foi mais efetiva no uso da corrupção e das intrigas.

Na sequência, na versão de Castillo-Feliú, em: "*the natives did not suspect in her the guile and deceit of the Europeans*" e "*She was able to employ corruption and intrigue more effectively, activities in which she made great progress*", observamos a imagem da personagem de extração histórica Malinche que já incorporou os vícios dos europeus: "*guile and deceit*", os quais utiliza muito bem. Não constatamos mudanças nesse ponto. "*Suspect*", no dicionário Merriam-Webster (2002, p. 1859), significa, na acepção de verbo intransitivo: "*to imagine something to be true or likely*"¹⁸⁰. Dessa forma, segundo a versão em inglês, os autóctones não tinham ideia dos vícios europeus presentes nela; com o uso da corrupção, ela foi bem-sucedida. Como no original, temos a mesma imagem dos nativos como seres inocentes que desconhecem o que estava acontecendo: os bons selvagens; e a configuração de Marina apresenta-se muito negativa com relação aos vícios de corrupção.

Sobre a imagem na versão em português, no fragmento: "os nativos não suspeitavam que ela tivesse a malícia e o engano dos europeus, soube, assim, empregar com mais efeitos a corrupção e intriga, atividades nas quais fazia grande progresso", vemos que a personagem de extração histórica apresenta a mesma atitude expressada nos outros dois textos. A configuração conferida a Malinche é a de uma personagem que, segundo a proposta do autor, sabia se utilizar, com destreza, de artimanhas de forma consciente do ato e de suas implicações.

O trecho destacado no quadro a seguir, do fragmento selecionado nº 3¹⁸¹, do livro 2, ilustra o momento em que *doña* Marina, decide seduzir Ordaz:

¹⁷⁹ "E, por sua vez, deixaria de queixo caído ao próprio Cortés e ao restante dos espanhóis pelas suas iniciativas e habilidades ao lidar sutilmente com as questões políticas". (HERREN, 1993, p. 73 - tradução nossa).

¹⁸⁰ "imaginar que algo seja verdade ou alguma coisa similar". (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1852 - tradução nossa).

¹⁸¹ O trecho completo se encontra no **Anexo**, nas páginas 176-177.

Quadro 8 – Trecho do fragmento selecionado nº 3

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 101 [...] <i>Diffícil sería querer pintar la sorpresa del honrado español al oír la libre declaración de amor que le hizo doña Marina. Esta le dijo que, esclava y no amante de Hernán Cortés, aborrecía su soberbia dominación; que su afecto no había podido resistir al mérito y prendas de un hombre tan honrado como Ordaz; que, si ella fuera libre, no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones; pero que, no pudiendo en su condición de esclava obrar conforme a su libre voluntad, quería lo menos robar a su tirano los instantes que pudiese, vengándose así de su opresión.</i> [...].</p>	<p>p. 39-40 [...] <i>It would be difficult to describe how surprised the honest Spaniard was upon hearing the open declaration of love emanating from doña Marina. She said to him that, as a slave and not a lover of Hernán Cortés, she detested his haughty domination; that her affection had been unable to resist the merit and natural gifts of a man as honest as Ordaz; that, were she free, she would not doubt for a moment in her election and would instantly abandon her oppressor to give herself totally to his inclinations; but that, not being able, in her condition as slave, to proceed according to her free will, thus taking revenge against his oppression.</i> [...].</p>	<p>p. 68 [...] Seria difícil descrever o quão surpreso o honesto espanhol ficou ao ouvir a <u>aberta declaração de amor</u> que lhe fez Doña Marina. Ela lhe disse que, como <u>escrava e não amante</u> de Hernán Cortés, ela detestava sua arrogante dominação; que <u>a afeição dela não havia sido capaz de resistir ao mérito e aos dotes naturais de um homem tão honesto quanto Ordaz</u>; que, em sendo ela livre, ela <u>não duvidaria por um momento sequer em sua eleição e que abandonaria, instantaneamente, seu opressor para entregar-se totalmente à disposição dele</u>; mas que, não sendo possível, na condição dela como escrava, proceder por livre vontade, ela desejava ao menos roubar de seu tirano os momentos que pudesse, vingando-se, deste modo, de sua opressão. [...].</p>

O trecho inteiro citado inclui a imagem de Malinche como “monstro sexual”¹⁸², relacionada com os símbolos de traição e de prostituição que o imaginário mexicano construiu dela. De acordo com Karttunen (1997, p. 297), “[t]o *this day it seems that hardly any writer, male or female, can describe her in any terms but sexual.*”¹⁸³ A intenção da personagem de extração histórica Malinche, no trecho do romance, é confirmada quando revela: “*que su afecto no había podido resistir al mérito y prendas de un hombre tan honrado como Ordaz*”. Já foi discutido que a relação de Malinche com Ordaz foi criada pelo autor anônimo para mostrar a perfídia da “língua de Cortés”. Por outro lado, podemos entender também que a personagem de extração histórica Malinche realmente tem sentimentos por Ordaz.

Enquanto isso, o último grifo nosso no recorte: “*si ella fuera libre, no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones*”, narrado em terceira pessoa, abre espaço a novas

¹⁸² Já comentamos anteriormente que a história nos documentos deixados pelos cronistas não comprova que La Malinche tenha traído Cortés. Porém, Herren (1993, p. 129-141) dedica um capítulo inteiro para falar do relacionamento com sua intérprete. Nele consta, comprovadamente, que Cortés teve uma conduta sexual que poderíamos chamar hoje de escandalosa. Nada disso menciona o romance, porém, a conduta sexual de Cortés é sugerida nas cenas com a personagem ficcional Teutila.

¹⁸³ “Hoje em dia, aparentemente quase nenhum escritor ou escritora pode descrevê-la em outros termos que não sejam sexuais”. (KARTTUNEN, 1997, p. 297 – tradução nossa).

interpretações, como, por exemplo, que a personagem assume sua posição de escrava que não pode concretizar seus desejos; ou que, nessa afirmação em terceira pessoa, Marina finge ante Ordaz e jura que não é a sua vontade ficar com Cortés.

Com respeito a isso, destaca-se também no fragmento selecionado nº 3¹⁸⁴:

Quadro 9 – Trecho do fragmento selecionado nº 3

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 101 [...] <i>Difficil sería querer pintar la sorpresa del honrado español al oír <u>la libre declaración de amor que le hizo doña Marina.</u></i> [...].	p. 39-40 [...] <i>It would be difficult to describe how surprised the honest Spaniard was upon hearing <u>the open declaration of love emanating from doña Marina.</u></i> [...].	p. 68 [...] Seria difícil descrever o quão surpreso o honesto espanhol ficou ao ouvir a <u>aberta declaração de amor</u> que lhe fez Doña Marina. [...].

Achamos uma diferença entre o texto em espanhol e a tradução em inglês entre: “*la libre declaración de amor*” e “*open declaration of love*”. No dicionário RAE (2016, s.p.) para o termo “*libre*” há os seguintes primeiros cinco significados: “1. *adj. Que tiene facultad para obrar o no obrar.* 2. *adj. Que no es esclavo.* 3. *adj. Que no está preso.* 4. *adj. Licencioso, insubordinado.* 5. *adj. Atrevido, desenfrenado*”. Aparentemente, “livre declaração” traz o sentido de espontaneidade na ação de Malinche. Na língua inglesa, temos para o vocábulo “*open*” no dicionário *online* Merriam-Webster (2015, s.p.): “1) *having no enclosing or confining barrier, [...] 3) a. exposed to general view or knowledge b. exposed or vulnerable to attack or question*”¹⁸⁵. Na língua inglesa “*open declaration of love*” é mais uma declaração sem barreiras, exposta a todos.

Segundo a página do dicionário e buscador de traduções *on-line* Linguee, as acepções¹⁸⁶ utilizadas pelos tradutores para a frase “*open declaration*” mostram: 1) declaração explícita, 2) declaração aberta ou 3) declaração pública. De acordo com o *site* Sesli Sözlük (2016, s.p.), define “*open declaration*” como: “[a] *frank*

¹⁸⁴ Ver o fragmento completo no **Anexo**, nas páginas 176-177.

¹⁸⁵ “não ter enclausuramento ou barreira restringidora, [...] 3) a. exposto a vista ou conhecimento de todos. b. exposto ou vulnerável de ser atacado ou questionado [...]” (MERRIAM-WEBSTER, 2015, s.p. – tradução nossa).

¹⁸⁶ Disponível em: <<http://www.linguee.com.br/portugues-ingles/search?source=auto&query=open+declaration+of+love>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

acknowledgment; as an avowal of such principles."¹⁸⁷. Acreditamos que essa diferença, entre o original e a versão de 1999, na aceção dos termos, causa também distintas leituras da situação narrada. Assim, entendemos que a declaração de Malinche a Ordaz na versão de Castillo-Feliú apresenta uma tonalidade mais sincera.

A versão em português apresenta, aparentemente, uma semelhança com o texto em inglês: “aberta declaração de amor”, porém, não carrega esse sentido de sinceridade que o mesmo trecho em inglês mostra nem o tom de espontaneidade da versão de 1964.

Ainda no fragmento nº 3¹⁸⁸, apontamos para o seguinte recorte:

Quadro 10 – Trecho do fragmento selecionado nº 3

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 101 [...] <i>que su afecto no había podido resistir al mérito y prendas de un hombre tan honrado como Ordaz</i> ; [...].	p. 39-40 [...] <i>that her affection had been unable to resist the merit and natural gifts of a man as honest as Ordaz</i> ; [...].	p. 68 [...] <i>que a afeição dela não havia sido capaz de resistir ao mérito e aos dotes naturais de um homem tão honesto quanto Ordaz</i> ; [...].

Observa-se que, no texto de 1964, apesar de sua situação de escrava, a personagem de extração histórica Malinche expressa que não resistiu ao mérito e às qualidades naturais do honesto Ordaz. O mesmo acontece na versão de Castillo-Feliú: “*her affection had been unable to resist the merit and natural gifts of a man as honest as Ordaz*”. O vocábulo “*affection*”, segundo o dicionário *online* Merriam-Webster (2015, s.p.) significa: “1: a moderate feeling or emotion; 2: tender attachment.”¹⁸⁹. De modo geral, a declaração de amor de Malinche faz-se no mesmo tom da declaração feita em espanhol: a ideia de que a honra e os méritos de Ordaz despertam nela uma atração. O recorte em português apresenta o mesmo sentido. Continuando no fragmento nº 3¹⁹⁰, observamos que:

¹⁸⁷ “[um] ato de reconhecimento sincero; como um juramento de tais princípios” (tradução nossa). Disponível em: <<https://www.seslisozluk.net/en/what-is-the-meaning-of-an-open-declaration%3B-frank-acknowledgment%3B-as,-an-avowal-of-such-principles/>>. Acesso em: 16 dez. 2016.

¹⁸⁸ Ver o fragmento completo no **Anexo**, nas páginas 176-177.

¹⁸⁹ “[affection] 1: sentimento ou emoção moderadas; 2: apego carinhoso” (MERRIAM-WEBSTER, 2015, s.p. – tradução nossa).

¹⁹⁰ Ver o fragmento completo no **Anexo**, nas páginas 176-177.

Quadro 11 – Trecho do fragmento selecionado nº 3

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 101 [...] <i>que, si ella fuera libre, <u>no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones</u>; pero que, no pudiendo en su condición de esclava obrar conforme a su libre voluntad, quería lo menos robar a su tirano los instantes que pudiese, vengándose así de su opresión.</i> [...].	p. 39-40 [...] <i>that, were she free, <u>she would not doubt for a moment in her election and would instantly abandon her oppressor to give herself totally to his inclinations</u>; but that, not being able, in her condition as slave, to proceed according to her free will, thus taking revenge against his oppression.</i> [...].	p. 68 [...] <i>que, em sendo ela livre, ela <u>não duvidaria por um momento sequer em sua eleição e que abandonaria, instantaneamente, seu opressor para entregar-se totalmente à disposição dele</u>; mas que, não sendo possível, na condição dela como escrava, proceder por livre vontade, ela desejava ao menos roubar de seu tirano os momentos que pudesse, vingando-se, deste modo, de sua opressão.</i> [...].

Nesse recorte, é mencionado que ela escolheria Ordaz se não fosse escrava e vemos, na sequência, uma alteração significativa no sentido primeiro do texto: “*were she free, she would not doubt for a moment in her election and would instantly abandon her oppressor to give herself totally to his inclinations*”. Na versão em inglês, a personagem Malinche afirma que se fosse livre, não duvidaria na hora de escolher e, num instante, abandonaria o seu opressor “*to give herself totally to his inclinations*”.

Na escrita original em espanhol, não há indícios de compreensão da fala da personagem nesse sentido: “*para darse toda entera a sus inclinaciones*”. O emprego do possessivo “*sus*”, no original, não corresponde às inclinações dele, mas, sim, dela, pois, segundo a leitura do original, Malinche se daria por inteiro às suas próprias orientações, seguindo seus próprios sentimentos. Da maneira que isso foi interpretado pelo tradutor, na versão em inglês, lê-se que Malinche se submeteria a um novo ‘amo’, pois “ela dar-se-ia inteira às inclinações dele (Ordaz). O sentido do discurso mudou completamente. Nessa versão, Malinche não seria uma mulher que se manifestaria livre para uma nova relação, mas, sim, um ser que deseja submeter-se a um novo par.

Observamos, em seguida, na correspondente tradução do trecho em português, a Malinche do recorte escolhido não resistiu à integridade de Ordaz e por isso declara-lhe seu amor. Novamente, como no texto em inglês: “*to give herself totally to his inclinations*”, Malinche abandonaria Cortés para ficar totalmente à disposição de Ordaz: “para entregar-se totalmente à disposição dele”. Assim, nesse

ponto, a tradução para o português é semelhante para o texto em inglês, que muda algumas imagens expressas no original: a de declaração aberta e a de Marina como uma mulher que deseja ser subjugada por Ordaz.

No fragmento selecionado nº 9¹⁹¹, observamos a criação da imagem de pérfida para a personagem de extração histórica Malinche. *Doña* Marina não só é representada como desleal com Cortés, mas também com Teutila, pois esta acredita que tem em La Malinche uma querida amiga. No contexto, Cortés ordena a *doña* Marina que faça comentários negativos sobre Xicoténcatl a Teutila para que desse modo esta desconfie do seu amado. Cortés envia Malinche como sua espiã para observar e espionar os pensamentos da jovem. Porém:

Quadro 12 – Trecho do fragmento selecionado nº 9

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 113 [...] <i>Mas como las intrigas no siempre llenan su objeto, por esta vez obraron lo contrario de lo que se había propuesto Cortés. Doña Marina conocía bien cuánto podía perjudicar a sus intereses destruir el amor de Teutila, [...].</i>	p. 58 [...] But since intrigue does not always succeed in fulfilling its objective, this time it produced an effect contrary to that which Cortés had proposed. Doña Marina knew well how much her own interests would be harmed if she were to destroy Teutila's love, [...].	p. 86 [...] Mas como as intrigas nem sempre sucedem em cumprir seus objetivos, desta vez ela produziu um efeito contrário ao qual Cortés havia proposto. Doña Marina sabia bem o quanto seus próprios interesses seriam afetados se ela destruísse o amor de Teutila, [...].

Nesse recorte, observamos que Malinche atua de acordo com aquilo que lhe convém, procurando evitar ser prejudicada. Ao destruir o amor de Teutila por Xicoténcatl, talvez ela pudesse perder o “posto de favorita” de Cortés. A historiografia revela dados contrários ao proposto no texto do romance. Em primeiro lugar, a respeito ao firme caráter de La Malinche. Herren (1993, p. 39)¹⁹² discorre sobre as várias características¹⁹³ positivas da personagem histórica. Entre essas, o

¹⁹¹ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 182-183.

¹⁹² “Na verdade, a Índia sabia mandar e tinha iniciativas próprias, mas, antes de tudo, sabia obedecer como um bom soldado. É claro que a disciplina, submissão e subordinação eram executadas dentro da hierarquia estabelecida no mundo militar ao qual se adaptou rapidamente: seu homem em primeiro lugar (Hernández de Portocarrero por quatro meses e, depois, Cortés), os capitães, na medida em que não contradissem ao primeiro, e aos soldados com quem compartilhava a sorte”. (HERREN, 1993, p. 39 – tradução nossa).

¹⁹³ “Não há dúvida de que possuía um caráter firme e bem moldado, uma forte integridade, o estoicismo pessoal tão próprio dos de sua raça e uma inteligência que estava acima do normal, com notável habilidade para se adaptar às circunstâncias e uma extraordinária capacidade de aprender. Isto surpreendente tanto porque na sociedade mexicana a posição da mulher era de total submissão

estudioso menciona que Malinche era submissa a seu dono, porém, ela saberia como mandar e tinha iniciativas próprias, todavia, antes de tudo, saberia obedecer como um bom soldado.

Nesse ponto, novamente, a história e a ficção não se aproximam. Fica em dúvida se, nesse sentido, a personagem histórica alguma vez atuou em seu próprio benefício, tal qual ilustra o recorte anterior, ou não. Sobre os ciúmes da personagem de extração histórica Malinche por Teutila e o medo de perder seu lugar, achamos em registros¹⁹⁴ históricos de que as escravas mesoamericanas estavam acostumadas a viver num harém. Herren (1993, p. 66) acrescenta, sobre a personagem histórica, que *“Los celos, además, suelen ser consecuencia del amor y no puede presumirse que existiera tal sentimiento en estas relaciones de sometimiento en las que la voluntad y la capacidad de elección estaban por completo ausentes.”*¹⁹⁵

Com isso, observamos que, sem descartar totalmente a possibilidade de que o ciúme fosse verossímil, no texto, são filtradas várias questões culturais do contexto histórico do autor anônimo, como a questão do anti-hispanismo e a configuração machista de Xicoténcatl, aspecto que será visto mais à frente, e a ideia de como deveria se comportar uma mulher na sociedade, ideia que se reitera sempre que o narrador buscar confrontar constantemente a configuração de Malinche e Teutila. Acreditamos que, nesse ponto, sobre Malinche, o autor já tinha uma ideia formada com respeito ao que desejava apresentar na sua obra. Nesse contexto nacionalista, e na construção da diegese da obra, faz-se natural presumir que Malinche sinta ciúmes por Cortés.

No recorte correspondente em inglês e português, podemos ver uma imagem de *doña* Marina como sujeito que não obedece cegamente a Cortés, já que, ao fazer o que seu senhor lhe ordenava, poderia ser prejudicada. Percebe-se pelo discurso da narrativa que ela tem ciúmes do que poderia acontecer se Teutila acedesse a Cortés. Essa mesma leitura, como vimos anteriormente, ocorre no texto em espanhol e já foi discutido junto a textos históricos. Assim, a personagem, nas

ao homem, características que não faltam em Marina, e que, talvez, estavam agudizadas pelos longos anos que passara sendo uma simples escrava." (HERREN, 1993, p. 38-39 -tradução nossa).

¹⁹⁴ “[...] as mexicas estavam culturalmente habituadas à poligamia, costume geral entre os caciques ou senhores de, praticamente, todo o continente americano”. (HERREN, 1993, p. 66 – tradução nossa).

¹⁹⁵ “Os ciúmes, também, costumam ser consequência do amor e não podemos presumir que existisse tal sentimento nestas relações de submissão, mas que a vontade e a capacidade de eleição estavam por completo ausentes.” (HERREN, 1993, p. 66 – tradução nossa).

versões de 1999 e 2013, toma iniciativas próprias e deixa de acatar ordens quando estas forem contrárias aos seus interesses, uma imagem que se espelha do original à tradução.

A imagem de infidelidade de Marina, como mencionado, não é somente com respeito a Cortés, mas também a Teutila. Essa infidelidade aparece tanto no fragmento (9)¹⁹⁶ quanto no (10)¹⁹⁷ nos três trechos equivalentes, como verificaremos nas seguintes páginas. Porém, Herren (1993) sugere que a Malinche histórica tenha apresentado uma conduta destacada como impecável e de constante fidelidade¹⁹⁸. Enquanto isso, no romance, Malinche desobedece a Cortés quando é necessário cuidar dos próprios interesses. Nesse momento, Teutila é, para a personagem de extração histórica, uma possível concorrente, portanto, também observamos a imagem de Malinche com ciúmes e temendo ser prejudicada.

No fragmento selecionado (9) Malinche desponta como desleal a Teutila ao dar conselhos que somente convêm a si mesma, mas que parecem razoáveis, pela manipulação dos conteúdos repassados – outra imagem se forma no romance: La Malinche, a manipuladora.

Vemos essa infidelidade a Teutila no fragmento escolhido nº 10¹⁹⁹ (grifos nossos) do livro 3:

Quadro 13 – Trecho do fragmento selecionado nº 10

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 114 [...] <i>Y como de la compasión al amor no hay grande distancia, el bravo tlaxcalteca <u>cayó poco a poco en las redes de su astuta y hábil compatriota.</u></i> [...].	p. 59-60 [...] <i>And since the distance between compassion and love is not great, the brave Tlaxcalan <u>slowly fell into the web being spun by his able and astute compatriot.</u></i> [...].	p. 87 [...] E uma vez que a distância entre a compaixão e o amor não é grande, o bravo Tlaxcalteca lentamente <u>caiu na teia</u> de sua hábil e astuta compatriota. [...].

Xicotécatl, nessa cena, é seduzido por Malinche. Observamos que a voz do narrador concede os adjetivos "astuta" e "hábil" a Malinche. Essa mesma voz narrativa explica que a atitude subsequente de Xicotécatl inicia como a compaixão que sente por sua "conterrânea", e que, em seguida, torna-se "paixão". Teutila, até o

¹⁹⁶ Veja o **Anexo**, páginas 182-183.

¹⁹⁷ Veja o **Anexo**, páginas 183-185.

¹⁹⁸ "Num mundo como o dos castelhanos, cheio de traições e de facadas traiçoeiras, a conduta de Marina se destaca ainda mais pela sua impecável e constante fidelidade." (HERREN, 1993, p. 152 – tradução nossa).

¹⁹⁹ Veja o **Anexo**, páginas 183-185.

momento, é prisioneira de Cortés, e Xicotécatl se permite este sentimento por *doña* Marina. Se olharmos por outra perspectiva, Xicotécatl é infiel a Teutila, mas isso não é comentado, somente numa cena posterior, na qual o guerreiro pede perdão a Teutila. Nessa cena, ambos utilizam vários adjetivos negativos para qualificar Malinche²⁰⁰. O narrador trata a ambos sob o substantivo plural, “compatriotas”. Já discutimos o fato de Marina ser de outra etnia. O sentido de pátria ainda não existia. Só se formos considerar de forma mais geral que ambos, Xicotécatl e Malinche, eram americanos; em comparação com os espanhóis, talvez, caiba o termo “conterrâneo”, mas não “compatriota”.

Chama a nossa atenção, por outro lado, o uso dos vocábulo “*red*” (espanhol), “*web*” (inglês) e “*teia*” (português). A ideia que traz o termo em espanhol é, segundo a RAE (2016, s.p.): “1. f. *Aparejo hecho con hilos, cuerdas o alambres trabados en forma de mallas, y convenientemente dispuesto para pescar, cazar, cercar, sujetar, etc.; 5. f. Ardid o engaño de que alguien se vale para atraer a otra persona.*”²⁰¹. Desse modo, no texto original, a imagem é a de uma Malinche que joga uma rede (como os pescadores fazem para apanhar os peixes) para atrair Xicotécatl. A imagem é negativa, pois supõe enganar o outro.

Na versão de Castillo-Feliú, a imagem muda. Segundo o Longman’s (1995, 1621-1622 – grifo do autor) a definição de “*web*” seria: “1: *a net of thin threads made by a SPIDER to catch insects [...]; 2: a web of sth a closely related set of things that can be very complicated: a web of lies [...]*”²⁰². Assim, a ideia, na versão em inglês, é a de uma teia de aranha, a armadilha preparada por uma criatura peçonhenta para atrair sua presa. O *Dicionário Houaiss* (2009, p. 1822 – grifos nossos) apresenta: “**teia**: 1: tecido formado ao longo da urdidura, pelo entrelaçamento dos fios no tear; trama [...]” e especificamente: “**teia de aranha**: armação de fios finíssimos de seda produzidos por algumas espécies de aranha que dispõem de glândulas na extremidade posterior do abdome”.

Na língua espanhola, utiliza-se “*tela de araña*” e não “*red de araña*” para ter uma imagem similar às do inglês e do português. Portanto, observamos que na

²⁰⁰ Para mais informações, veja o trecho escolhido (20) na página 194-195 do anexo.

²⁰¹ “1.f. equipamento feito de fios, cordas e arame tramados em forma de malha, e convenientemente disposto para pescar, caçar, cercar, segurar etc.; 5.f. estratégia ou engano de que alguém se utiliza para atrair outra pessoa”. (tradução nossa).

²⁰² “1: uma rede de fios finos elaborados por uma ARANHA para caçar insetos [...]; 2: uma teia de [alguma coisa] um conjunto de coisas relacionadas que podem ser muito complicadas: uma [rede] de mentiras [...]” (LONGMAN, 1995, p. 1621-1622 – tradução nossa).

tradução ao inglês foi introduzida a ideia desse inseto, e, ao ser trasladado para o português, o conceito veio junto. Segundo o *Dicionário Houaiss* (2009), a versão em português traz na acepção da palavra “teia” tanto a possibilidade inscrita na língua espanhola (rede com a presença da palavra “trama”), quanto na da língua inglesa (teia como a de aranha). Concluímos desse recorte, que a imagem mais negativa se encontra na versão em inglês, seguida pela de 2013 e logo no original de 1964 em ordem descendente.

Também, no mesmo trecho escolhido, inicialmente, o guerreiro tlaxcalteca interroga a Malinche se ela se identifica como “americana” ou se já foi corrompida pelos espanhóis. Essa cena é similar nos três trechos equivalentes²⁰³. Porém, para surpresa do jovem, ela se apresenta como a escrava de Cortés que não teve saída e que procura ser útil aos seus “conterrâneos”. Xicoténcatl, nessa cena, sente-se seduzido pelas palavras de Malinche:

Quadro 14 – Trecho do fragmento selecionado nº 10

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 114 [...] <i>En una palabra: sin dejar de amar a su Teutila se enamoró de las gracias con que doña Marina se había embellecido en su trato con los europeos, y, hablando con ésta de la otra, se explayaba su pasión a las dos. [...].</i>	p. 59-60 [...] <i>In one word: without ceasing to love his Teutila, he fell in love with the graces with which doña Marina had beautified herself in her dealings with the Europeans, and speaking with ones about the other, he spread his passion toward the two of them. [...].</i>	p. 87 [...] Em uma palavra: sem deixar de amar a sua Teutila, ele se apaixonou pelas graças com as quais doña Marina havia se embelezado em suas tarefas com os europeus, e falando com esta sobre a outra, se expandia sua paixão pelas duas. [...].

Nos três textos, a narrativa indica que Xicoténcatl se apaixona por *doña Marina*. Como veremos a seguir, ainda no trecho do fragmento nº 10²⁰⁴, o uso cuidadoso das suas palavras traz resultados positivos para Malinche, no original e nas versões:

²⁰³ Veja a descrição da cena completa nas páginas 183-185.

²⁰⁴ Veja o **Anexo**, páginas 183-185.

Quadro 15 – Trecho do fragmento selecionado nº 10

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 114 [...] <i>Bien pronto conoció doña Marina su conquista, la que procuró conservar sin comprometerse, con la idea de encontrar en cualquier evento un refugio en su desgracia. Ordaz era el único ídolo de su corazón, el mismo que la despreciaba y aborrecía; pero ella no desconfiaba poderlo comprometer otra vez, esperando quebrantar su austeridad a fuerza de repetidas derrotas. [...].</i>	p. 59-60 [...] <i>Doña Marina quickly recognized her conquest, which she endeavored to maintain without compromising herself, with the idea of finding in any event a refuge in her misfortune. Ordaz was the only idol in her heart, the same man who despised and loathed her, but she was sure that she would be able to compromise him again, hoping to break down his reticence by dint of repeated defeats. [...].</i>	p. 87 [...] <i>Doña Marina rapidamente reconheceu sua conquista, a qual ela esforçou-se para manter sem comprometer-se, com a ideia de encontrar em quaisquer eventos um refúgio para seu infortúnio. Ordaz era o único ídolo em seu coração, o mesmo homem que a desprezava, mas ela estava certa de que seria capaz de comprometê-lo novamente, com a esperança de romper sua reticência pela força de repetidas derrotas. [...].</i>

A ideia em: “*Bien pronto conoció doña Marina su conquista, la que procuró conservar sin comprometerse, con la idea de encontrar en cualquier evento un refugio en su desgracia*” é que a personagem de extração histórica procura manter uma porta de saída emergencial a qualquer evento que venha a ser nefasto para ela. Aparentemente, Malinche sabe que, se a empreitada de Cortés não der certo, ela deverá conseguir uma forma de fugir.

O que sabemos sobre a vida da personagem histórica Malinche, segundo Karttunen (1997, p. 312), é que: “[Malinche’s history] *is no love history, no tale of blind ambition and racial betrayal, no morality play. It is the record of a gifted woman in impossible circumstances carving out survival one day at a time*”²⁰⁵. Por outro lado, no romance, nessa cena conseguimos confirmar que a Malinche ficcional estaria apaixonada por Ordaz: “*Ordaz era el único ídolo de su corazón*”.

Nesse recorte em inglês, igualmente, vemos a imagem de uma Malinche que consegue “enganar” ao próprio Xicoténcatl. De acordo com o enunciado, ela ainda é apresentada como “*young and beautiful woman*”, “*in enslaved condition*” e “*knows and loves virtue*” etc. Segundo o discurso do romance, ela disfarça muito bem as suas intenções. Malinche percebe que conquistou a confiança do seu “compatriota”, nas versões de 1964 e 2013, ela tenta mantê-la, mas não deseja comprometer-se, pois procura por um subterfúgio em caso de infortúnio. O trecho selecionado, no

²⁰⁵ “[a história de Malinche] não é uma história de amor, não é um relato de ambição cega e traição racial, não é um jogo moral. É o registro de uma mulher dotada/talentosa sob circunstâncias impossíveis conquistando a sua sobrevivência dia após dia.” (KARTTUNEN, 1997, p. 312 – tradução nossa).

original e nas versões, deixa claro que o único que tinha em seu coração era Ordaz. Portanto, conforme esse discurso, há a possibilidade de que a declaração feita ao jovem espanhol tenha sido sincera.

Desse modo, nos três trechos equivalentes, descobrimos que é coincidente a imagem de Malinche manipuladora, pois a personagem percebe quando Xicoténcatl acredita na sua conversa. Nas três leituras, a narrativa denota que ela se insinua, mesmo sabendo dos sentimentos que Teutila tem pelo tlaxcalteca. Portanto, nesse fragmento escolhido, a personagem de extração histórica é apresentada como infiel, de maneira que essas informações do romance convergem minimamente com a história²⁰⁶. Também verificamos que os três trechos equivalentes apresentam a imagem de Malinche como a de uma mulher preocupada com seu próprio futuro e que tenta buscar formas de fugir da possível desgraça. E, finalmente, os três textos elencados mostram a possibilidade de Malinche realmente ter sentimentos por Ordaz, “o único no seu coração”.

Logo após essa cena destacada, Xicoténcatl acredita estar apaixonado por *doña* Marina. Porém, em seguida, descobre que ela está grávida de Cortés e ele se expressa da seguinte maneira (fragmento nº 14)²⁰⁷:

²⁰⁶ Ver nota nº 153.

²⁰⁷ Ver **Anexo**, páginas 189-190.

Quadro 16 – Trecho do fragmento selecionado nº 14

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 117 [...] —¿Es posible, ¡gran Dios! — exclamó después de un profundo y largo silencio—, es posible <u>tanta perfidia</u>, y <u>tanta doblez</u>, y <u>tanta falsedad</u>, y <u>tanto arte</u>, y <u>tanta infamia</u>? Esa <u>americana indigna</u>, <u>hija espúrea</u> de estas sencillas regiones, mil veces más detestable que sus corruptores, ha abusado indignamente de la franqueza de mi corazón. ¿Quién hubiera podido descubrir <u>el veneno de sus dulces palabras</u>? Aquellas miradas tiernas y modestas, aquel palpitar del corazón, aquellas alarmas continuas contra su flaqueza: ¿cabe todo esto en una <u>pérfida</u> al salir de un <u>lecho adúltero</u>? “¿Y cuándo? Cuando <u>en su seno lleva el fruto de su amor criminal</u>... ¡Oh horror! ¡Oh abominación!... ¡Y mi corazón ha podido olvidar a la pura y celestial Teutila por una <u>serpiente tan venenosa</u>! [...].</p>	<p>p. 65 [...] ‘It is possible, great Lord!’ he exclaimed after a long and deep silence, ‘is it possible for there to be <u>such treachery</u>, and <u>so much duplicity</u>, and <u>so much falseness</u>, and <u>so much artifice</u>, and <u>so much infamy</u>? <u>That unworthy American, spurious daughter</u> of these simple regions, a thousand times more detestable than those who have corrupted her, has unworthily abused the sincerity of my heart. Who could have discovered <u>the poison in her tender words</u>? Those kind and modest looks, that heartbeat, those continuous displays of alarm against her weakness: does all of this befit a <u>betrayal</u> as she leaves her <u>adulterous bed</u>?’ ‘And when? When <u>inside her she is carrying the fruit of her criminal love</u>! How horrible! How abominable! And my heart was able to forget the pure and heavenly Teutila over <u>such a poisonous serpent</u>! [...].</p>	<p>p. 87 [...] – Será possível, grande Deus! – ele exclamou depois de um silêncio longo e profundo. – Será possível que haja <u>tanta traição</u>, <u>tanta duplicidade</u>, <u>tanta falsidade</u>, <u>tantos artifícios</u> e <u>tanta infâmia</u>? Essa <u>indígena americana</u>, <u>filha ilegítima</u> destas regiões simples, mil vezes mais detestável que aqueles que a corromperam, indignamente abusou da sinceridade de meu coração. Quem poderia ter descoberto <u>o veneno em suas gentis palavras</u>? Aqueles olhares gentis e modestos, aquele coração palpitante, aquelas demonstrações contínuas de alarme contra sua fraqueza: isto tudo convém a uma <u>traidora</u> ao deixar sua <u>cama de adultério</u>? E quando? Quando <u>dentro dela ela carrega o fruto de seu amor criminoso</u>! Que horror! Que abominação...! E meu coração foi capaz de esquecer a pura e celestial Teutila por tal <u>serpente venenosa</u>! [...].</p>

Observamos que a personagem Xicotécatl utiliza uma série de adjetivos negativos para descrever Malinche: “*perfidia*”, “*doblez*”, “*falsedad*”, “*arte*”, “*infamia*”, “*indigna*”, “*espúrea*” (espúria), “*perfidia*”, “*adúltera*”, “*serpiente venenosa*”. No trecho anterior a esse, Malinche trocou umas palavras com Xicotécatl e percebeu que conseguiu conquistá-lo “mas não se compromete”. No trecho destacado, Xicotécatl sente-se enganado e ferido e, assim, profere esses qualificativos contra Malinche. Ao que parece, toda tentativa de *doña* Marina volta-se contra ela. Perguntamo-nos, a título de reflexão: Será que a personagem histórica Xicotécatl teria se importado com as palavras de uma escrava de outro senhor? Cremos que não dessa maneira.

O trecho nos faz acreditar que o autor anônimo inclui, nesse momento, na configuração da personagem de extração histórica Xicotécatl o estereótipo sobre Malinche, criado no contexto de existência do autor. Nesse recorte da narrativa são incluídos, por meio da voz de Xicotécatl, adjetivos que darão base para a construção das imagens mais negativas sobre Malinche no imaginário coletivo do povo mexicano. Essas imagens, resultado da raiva que neste aflora "ao se perceber

enganado", são: perfídia, duplicidade, falsidade, artimanha, infâmia, filha ilegítima, indigna americana, mil vezes mais corrupta que os seus corruptores, de palavras venenosas, traidora, carregadora do fruto do seu amor criminoso.

Já vimos, no romance, nos três textos analisados, que Xicoténcatl se permite apaixonar-se por Malinche, mesmo tendo jurado amor a Teutila. Depois de uma única entrevista, ele chega a esquecer de Teutila. A raiva tem sua origem na possibilidade de desonra que a personagem Xicoténcatl sente não somente por ter acreditado nas palavras de Malinche, mas, também, por ter imaginado casar-se com ela²⁰⁸. Essa "desonrosa" situação o deixa em estado de cólera. Mas ninguém questiona o proceder dessa personagem masculina.

Acreditamos que essa seria a razão pela qual acontece a sua furiosa reação: a personagem do grande guerreiro tlaxcalteca foi configurado nas bases da "honra espanhola": *"Any act committed by such a female that could be deemed to be an offense against his honor would require the shedding of blood in order to cleanse the blot against reputation. Even the perception of a dishonorable act was often as serious as its actual commission."* (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. 4)²⁰⁹. Dessa forma, Xicoténcatl, o nobre tlaxcalteca, sente-se desonrado com a simples possibilidade de ter sido enganado por Malinche; uma imagem que procede do "tipo machista" hispânico que se espelha na configuração masculina da personagem literária autóctone.

No fragmento nº 19²¹⁰ observamos a cena em que Ordaz planeja resgatar Teutila. Para isso, obriga, com ameaças, *doña* Marina a colaborar. Esta não consegue manejar a situação:

Quadro 17 – Trecho do fragmento selecionado nº 19

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 119 [...] <i>Rabiosa</i> <i>doña Marina</i> de verse vencida contra su voluntad, y <i>asustada</i> al mismo tiempo de los riesgos que corría si llegaba a descubrirse su condescendencia, toma el partido de vengarse de Ordaz avisando a <i>Hernán Cortés</i> , con cuya diligencia <i>miraba también</i> por su propia seguridad. [...].	p. 67-68 [...] <i>Doña Marina</i> , <i>furious</i> at seeing herself defeated against her will, and <i>frightened</i> at the same time of the risks she was taking if her role was ever discovered, decided to take revenge on Ordaz by notifying <i>Hernán Cortés</i> , in such a way also looking out for her own security. [...].	p. 95 [...] <i>Doña Marina</i> , <i>furiosa</i> ao ver-se derrotada contra sua vontade, e <i>assustada</i> ao mesmo tempo pelos riscos que corria se seu papel fosse descoberto, decidiu vingar-se de Ordaz, avisando <i>Hernán Cortés</i> , de forma que também cuidasse de sua segurança. [...].

²⁰⁸ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 186-190.

²⁰⁹ "Qualquer ato cometido por qualquer mulher, ato que pudesse vir a ser considerado uma ofensa contra sua honra, requeria o derramamento de sangue para limpar a mancha na sua reputação. Inclusive a ideia de um ato desonroso era, com frequência, tão sério como se de fato tivesse acontecido." (CASTILLO-FELIÚ, 1999, p. 4 – tradução nossa).

²¹⁰ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 192-194.

No recorte apresentado, nos três trechos equivalentes, a personagem de extração histórica se vê possuída por uma fúria, pois não consegue controlar os acontecimentos. Ela fica fora de si nas três versões. A narrativa evidencia que a razão de a personagem ficar transtornada é porque está aterrorizada com o que pudesse acontecer com ela quando Cortés soubesse que havia possibilitado a fuga de Teutila da sua prisão. Isso permite que continuemos acreditando que, na narrativa, na relação entre as personagens de extração histórica Malinche e Cortés não existe amor, mas uma relação de escrava-amor. Outro ponto a destacar é a imagem dada à personagem de extração histórica Malinche, nesse contexto, o apelativo de “vingativa”.

Na sequência, ainda no fragmento nº 19 Malinche envia um recado para Cortés. Esta, no contexto mencionado, decide denunciar Ordaz. Para tanto, utiliza-se de palavras que enfeitam sua relação com Cortés:

Quadro 18 – Trecho do fragmento selecionado nº 19

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 119 [...] <i>dile a mi querido héroe que su <u>fiel</u> Marina, luchando en la cama con los dolores que le causa el <u>fruto de su amor</u>, vela sobre sus <u>intereses</u> cuando quizá él busca otras nuevas rivales con quien repartir sus caricias, que la prisión de Teutila está allanada.</i> [...].	p. 67-68 [...] <i>tell my beloved hero that his <u>faithful</u> Marina, suffering in her bed the pains caused by the <u>fruit of her</u> love, watches over <u>his</u> interests while he, perhaps, looks for other rivals with whom to share his caresses, that Teutila's prison has been breached.</i> [...].	p. 95 [...] diga a meu amado herói que sua <u>fiel</u> Marina, sofrendo em <u>sua</u> cama as dores causadas pelo <u>fruto de seu amor</u> , cuida dos <u>interesses dele</u> , enquanto ele, talvez, procura outros rivais com quem compartilhar suas carícias, que a prisão de Teutila foi violada [...].

No trecho escolhido, observamos que a personagem recorre à denúncia para se vingar da pressão que Ordaz faz sobre ela e, ao mesmo tempo, para assegurar-se de que Cortés não suspeitaria dela. Nessa passagem, a personagem de extração histórica Malinche visa somente à própria segurança, e, com medo, utiliza palavras que reforçam a sua fidelidade a Cortés: “*fiel, fruto de su amor, vela sobre sus intereses*”, “*his faithful Marina*”, “fruto de seu amor, vela sobre seus interesses” etc.

Do mesmo modo, destacamos o seguinte:

Quadro 19 – Trecho do fragmento selecionado nº 19

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 119 [...] <i>luchando <u>en la cama</u> con los dolores que le causa el <u>fruto de su amor</u>, [...].</i>	p. 67-68 [...] <i>suffering in <u>her</u> bed the pains caused by the <u>fruit of her</u> love [...].</i>	p. 95 [...] sofrendo em <u>sua</u> cama as dores causadas pelo <u>fruto de seu amor</u> , [...].

No recorte, de 1964, contemplamos “[Marina] *en la cama*” (de ambos, porque supomos ser usual proferir: na casa, na cama, na cozinha etc, no contexto familiar de um casal para se referir a algo que pertence implicitamente aos dois) “*luchando con los dolores que le causa el fruto de su amor*”. Assim, não só esta se encontra na cama de ambos, como também luta contra as dores (ela não desiste, ativamente reage às dores para tentar se livrar delas).

No recorte correspondente à versão de 1999, procuramos a acepção em inglês, de “*suffering*” no Longman’s (1995, p. 1444) que indica: “*physical or mental pain and difficulty, or an experience of this*”²¹¹. Portanto, “a personagem encontra-se na cama dela e sofrendo das dores”. A figura em inglês resgata: ‘Malinche está na cama (dela) experimentando dor física’.

Dessa forma, nesse fragmento da versão de Castillo-Feliú, chama-nos a atenção a tradução de: “*suffering in her bed the pains caused by the fruit of her love*”, pois, na leitura do texto em espanhol, temos: “*luchando en la cama con los dolores que le causa el fruto de su amor*”; um enunciado pelo qual entendemos que as dores são uma causa do fruto do seu (dele, Cortés e também dos dois, Malinche e Cortés) amor, que ela está sofrendo por sua (dele/ou do amor de ambos) causa, ao contrário da versão do texto em inglês que não deixa dúvidas, pelo emprego do possessivo feminino “*her*” que a dor que a personagem sente é fruto do amor dela, que está sofrendo por causa dela mesma. Até mesmo se pode ler que declara que seu sofrimento se deve por causa da escolha que ela fez de amá-lo.

Nesse sentido, vemos que a tradução do possessivo “*sus*” – que não tem no espanhol a especificidade de gênero – em inglês pode levar à inversão do sentido – já que nessa língua esse termo, necessariamente, deve ser escolhido segundo o gênero – “*his*” (masculino), “*her*” (feminino). Desse modo, segundo nossa leitura, a escolha do “*her*” (dela) feita pelo tradutor alterou o sentido da leitura natural do original, concentrando na personagem Malinche toda a força da ação, ao contrário do que ocorre no original.

Na versão brasileira, na mensagem enviada a Cortés está presente a noção geral de que Malinche se encontra de cama sofrendo as dores causadas pelo fruto do amor de Cortés por ela. Mas na “sua cama” projeta a ideia de possessão. De quem é a cama? Em português, como no espanhol, o uso comum de conversa de

²¹¹ "dor e dificuldades física ou mental, ou sofrer/experimentar isto". (LONGMAN, 1995, p. 1444 – tradução nossa).

casal com respeito à propriedade de ambos: “en la cama” e seu equivalente “na cama”, para destacar onde se encontra Malinche, ou, “de cama”, para evidenciar que está indisposta. O uso do possessivo é para enfatizar, mesmo que seja de forma sutil, que o dono da cama é Cortés, Malinche ou ambos. Porém, na nossa leitura da versão em português, é Malinche quem declara que está na cama dela, sofrendo pelo fruto do amor dela por Cortés.

Continuando, ainda no livro 3, antes da cena mostrada a seguir, Teutila quase consegue fugir, porém, Cortés encontra o grupo em flagrante. Este se enfurece e desembainha sua espada. Ordaz se interpõe, evitando que Cortés consiga ferir Xicoténcatl, que está desarmado. Passado esse momento, o estremenho, irado, ordena então que seu subalterno fosse para a cadeia, e, assim, Ordaz é preso. Em seguida, temos a cena em que Cortés envia Malinche à missão de "sugerir-lhe" que peça perdão a seu capitão, no fragmento nº 22²¹²:

Quadro 20 – Trecho do fragmento selecionado nº 22

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 123 [...] <i>emprendió doña Marina con calor la comisión de Hernán Cortés no porque le pesase el peligro en que estaba Diego de Ordaz, sino porque <u>preveía su pérdida inevitable si se llegaba a descubrir que ella había franqueado la entrada en la prisión de Teutila. Así, pues, empleó todos los medios que le dictó su imaginación para inclinar a Ordaz a que solicitase una gracia en su crítica situación. [...] —Si yo no supiera —le decía— que <u>tú te hallas muy comprometida en este lance, porque, al fin, debe saberse cómo y por qué medios conseguimos la entrada en la prisión, creería que ese orgulloso y cobarde te enviaba, temiendo las consecuencias de sus excesos. Pero <u>disimulo en ti un proceder semejante: eres una mujer y conoces lo que puedes esperar de tu señor ofendido.</u></u></u></i> [...].</p>	<p>p. 72 [...] <i>While the conversation was going on, doña Marina set out determinedly on her mission for Hernán Cortés, not because she was concerned about the danger in which Diego de Ordaz found himself, but rather because <u>she foresaw her inevitable loss if it were to be discovered that she had cleared the way for entry into Teutila's prison. Thus, she employed all the methods possible to convince Ordaz to request a favor in his critical situation. [...] 'If I didn't know,' he was saying to her, 'that you are so involved in this affair, because, after all, it must be known how and by what means we managed to enter the prison, I would believe that that proud and cowardly man sent you, fearing the consequences of his excesses. But <u>I sense in you a similar conduct: you are a woman and you know what you can expect from your offended lord.</u></u></i> [...].</p>	<p>p. 100-101 [...] <i>doña Marina partiu determinada em sua missão para Hernán Cortés, não porque estava preocupada com o perigo em que Diego de Ordaz se encontrava, mas porque <u>ela havia previsto sua perda inevitável se fosse descoberto que ela havia aberto caminho para a prisão de Teutila. Assim ela empregou todos os métodos possíveis para convencer Ordaz a pedir um favor em sua crítica situação. [...] Se eu não soubesse – ele lhe dizia, – que <u>tu te encontras tão envolvida neste assunto, porque, afinal, deve-se saber como e de que maneira conseguimos entrar na prisão, eu acreditaria que aquele homem orgulhoso e cobarde te enviou, temendo as consequências de seus excessos. Mas eu sinto em ti uma conduta similar: tu és uma mulher e tu sabes o que podes esperar de teu senhor ofendido.</u></u></i> [...].</p>

²¹² Ver fragmento completo no anexo **Anexo**, páginas 196-197.

Novamente podemos observar a insegurança que Malinche sente com respeito a sua situação. Sua posição de escrava mais uma vez está presente. Ela tem medo das consequências e Ordaz percebe o agir dissimulado dela. Enfim, a partir da leitura dos fragmentos nº 19 e nº 20, percebemos que o *modus operandi* de Malinche é de se resguardar da fúria do seu amo, Cortés.

De modo semelhante ao da versão publicada por Castro Leal (1964), verificamos, nas traduções de Castillo-Feliú e de Sobierai e Fleck, a imagem de uma mulher com medo e que se utiliza de todas as armas que tem na tentativa de sair livre do possível revés. Nas duas versões se mostra uma Malinche escrava, que enxerga constantemente um futuro inseguro. Nesse mesmo contexto, igual ao original, Ordaz analisa claramente a situação de *doña* Marina e diz a ela, nos dois textos – “*I sense in you a similar conduct*” (*proud and cowardly, fearing the consequences*) e “eu sinto em ti uma conduta similar” (orgulhosa e covarde, temendo as consequências) – que está sendo dissimulada e covarde. Se na cena anterior observamos uma Malinche vingativa, agora, também, distinguimos uma mulher covarde, falsa e dissimulada, pois ela primeiro declara seu amor por Ordaz e, em seguida, entrega-o a Cortés, para, depois, continuar a fingir interesse no bem-estar do “amado”.

No fragmento nº 26²¹³, do livro quatro, podemos observar uma mudança grande na personagem Malinche. Ela está prestes a ganhar seu filho, sentindo as dores do parto. Nesse momento de grande dor, Marina confessa ao frei Bartolomé de Olmedo:

Quadro 21 – Trecho do fragmento selecionado nº 26

Anônimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 139 [...]— <i>No, padre mío —decía a su confesor—; no hay remedio para mí. Yo soy una grande pecadora y es menester que todo el Universo conozca mis culpas y vea mis remordimientos, que el martirio que sufro sirva de ejemplo y de escarmiento a los que, como yo, abandonan la senda de la virtud.</i> [...].	p. 98 [...] <i>‘No, Father,’ she said to her confessor, ‘there is no remedy for me, I am a great sinner and the whole universe must know of my faults and see my remorse; let my suffering serve as example and lesson to those who, like me, abandon the path of virtue.’</i> [...].	p. 122 [...] – Não, meu padre, – dizia a seu confessor – não há remédio para mim. <u>Sou uma grande pecadora</u> e é importante <u>que todo o Universo conheça minhas culpas e veja meus remorsos, que o martírio que sofro sirva de exemplo e de lição aos que, como eu, abandonam a senda da virtude.</u> [...].

²¹³ Ver fragmento no **Anexo**, páginas 197-200.

Nessa passagem, no original editado por Castro Leal, e nas duas versões, a narrativa mostra Malinche assumindo as suas culpas: “*Yo soy una grande pecadora*”, “*I am a great sinner*”, “sou uma grande pecadora”. Logo, a personagem pretende que sua experiência de vida “sirva de exemplo e de lição aos que, como ela, abandonaram a senda da virtude”. Servir de exemplo e andar pelo caminho da virtude são duas questões importantes que servem de instrumento didático para o narrador.

Com essa imagem, acreditamos que o autor anônimo mostra qual a intenção de criar esta personagem da forma que vem recebendo a configuração. A imagem nos recortes dos três textos analisados é a mesma na questão de servir de exemplo para quem abandona os caminhos da virtude. Ainda no fragmento nº 22²¹⁴:

Quadro 22 – Trecho do fragmento selecionado nº 22

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 139 [...] <i>Con mucha sorpresa, y no sin satisfacción del buen religioso, infierno, tormentos, escrúpulos, culpas, reparación, todo cede como por encanto al cariño maternal a la vista del hijo que acaba de nacer. Violenta en sus pasiones, y viva y traviesa en sus talentos, esta americana hubiera podido ser una mujer apreciable sin la corrupción a que se la adiestró desde que se reunió a los españoles. Sin embargo, el tierno amor maternal derramó una dulce tinta sobre sus sentimientos, [...].</i>	p. 98 [...] <i>Amid great surprise, and not without the good friar's satisfaction, Hell, torment, scruples, faults, reparation, everything gave in as if miraculously, to maternal affection at the sight of the boy that had just been born. Violent in her passions, and lively and mischievous in her talents, this American could have been a woman worthy of appreciation without the corruption to which she devoted herself when she associated with the Spaniards. Nevertheless, tender maternal love spilled a sweet cover over her feelings.[...].</i>	p. 123 [...] Com muita surpresa, e não sem satisfação do bom religioso, inferno, tormentos, escrúpulos, culpas, reparação, tudo cede como por encanto ao carinho maternal à vista do filho que acaba de nascer. <u>Violenta em suas paixões, e viva e travessa em seus talentos, esta americana poderia ter sido uma mulher apreciável sem a corrupção a que se devotara desde que se reunira aos espanhóis.</u> Ainda assim, <u>o terno amor maternal derramou uma doce tinta sobre seus sentimentos [...].</u>

Por outro lado, quando a voz narradora afirma que ela “poderia ter sido uma mulher digna”, sem a corrupção à qual se entregou ao se associar aos espanhóis, percebemos o ato doutrinador já comentado. Observamos, nesta cena, que a mola propulsora da transformação de Malinche é, sobretudo, a sua maternidade. Continuando no fragmento nº 22:

²¹⁴ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 197-200.

Quadro 23 – Trecho do fragmento selecionado nº 22

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 139 [...] — <i>Ordaz, yo soy madre. ¡Ojalá mi pasada conducta no me hiciera indigna de esta dicha! No obstante, quizá la Naturaleza podrá en mí más que la corrupción.</i> [...].	p. 98 [...] ' <i>Ordaz, I am a mother. I wish my past conduct did not make me unworthy of this joy! Nevertheless, perhaps Nature will be stronger in me than corruption.</i> [...].'	p. 123 [...] – Ordaz, eu sou mãe! Quisera eu que minha conduta passada não me tivesse feito indigna desta alegria! Ainda assim, talvez a Natureza seja mais forte em mim que a corrupção. [...].

De outro lado, a imagem dessa Malinche nos mostra alguém que deseja, fortemente, que sua vida passada não a faça indigna de disfrutar da maternidade. Assim, tem esperanças, pois, talvez, a natureza seja mais forte que sua corrupção e ela ainda possa mudar de rumo. Do mesmo modo, acreditamos que o autor anônimo, neste ponto, nos três textos analisados, mostra a tese da necessidade do cultivo das virtudes que condiz com os preceitos iluministas e tem esperanças em mudar o destino da sua nação. cremos que, relacionados a esta cena, igualmente, está presente a tese da predestinação nacional, entre outros aspectos, apontados por Forero Quintero (2012)²¹⁵.

Ressaltamos, para a versão em inglês, o uso dos vocábulos “*indigna*”, “*worthy*”, “*indigna*”. No dicionário RAE (2001, p.1267), na entrada para o vocábulo *indigno/na*, lê-se: “1. *adj. Que no tiene mérito ni disposición para algo.* 2. *adj. Que es inferior a la calidad y mérito de alguien o no corresponde a sus circunstancias.*”²¹⁶ Segundo o Merriam-Webster (2002, p. 2029) o vocábulo *unworthy* significa: “1 a: *lacking in excellence or value: poor, worthless;* b: *base, dishonorable;* 2: *not meritorious: undeserving [...];* 3: *not deserved: unmerited [...];* 4: *inappropriate to one's condition or station [...]*”²¹⁷. Por outro lado, a palavra “indigno” no *Dicionário Houaiss* (2009, p. 1073) apresenta os seguintes significados: “1: não digno; desmerecedor [...]; 2: contrário às conveniências; impróprio, indevido [...]; 3: que desonra (diz-se de ato, procedimento); indecoroso, torpe; [...] 7: que ou quem

²¹⁵ O autor discorre sobre a tese do romance, no qual o autor anônimo teria escrito sob as bases da teoria da predestinação de Lutero. Assim, a tese mostraria como o povo mexicano é o povo escolhido “para dirigir o processo de liberação do continente”. (FORERO QUINTERO, 2012, p. 12).

²¹⁶ “1. *adj. Que não tem mérito ou disposição para algo.* 2. *adj. Que é inferior à qualidade e mérito de alguém ou não corresponde às suas circunstâncias*” (RAE, 2001, p. 1267 - tradução nossa).

²¹⁷ 1 a. falta de excelência ou valor: pobre, não vale a pena; b: baixo, desonesto; 2: não meritório: que não merece [...]; 3: que não é digno de: sem mérito [...]; 4: inapropriado para uma condição ou estado [...].” (MERRIAM WEBSTER, 2002, p. 2029 – tradução nossa).

merece desprezo; infame, vil [...]”. Assim, no mais, as imagens são equivalentes nas três versões.

Na sequência, no fragmento nº 33²¹⁸, do livro 5, temos que:

Quadro 24 – Trecho do fragmento selecionado nº 33

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 152 [...] <i>la tranquilidad en que quedó y, más que todo, el ejemplo vivo de Teutila, la llamaron dentro de sí misma y <u>principió a tomar gusto por las dulces hábitos de la virtud.</u> También se iba acostumbrando a ver a Ordaz como un amigo sincero y desinteresado y <u>desahogaba la sensibilidad de su corazón con las inocentes caricias que prodigaba a su hijo.</u> [...].</i>	p. 118-119 [...] <i>the tranquility that she was left with and, especially, the vivid example of Teutila struck a chord inside her, and she began to take pleasure in the sweet habit of being virtuous. [...] and <u>she revealed her heart's sensitivity when she saw the innocent, tender care that he lavished on her son.</u> [...].</i>	p. 140 [...] a tranquilidade em que ficou e, mais que tudo, o exemplo vivo de Teutila, a chamaram dentro de si mesma e <u>começou a tomar gostos pelos doces hábitos da virtude.</u> [...] <u>desafogava a sensibilidade de seu coração com as inocentes carícias que prodigava a seu filho.</u> [...].

Na passagem da versão de 1964, Malinche já mostra mudanças. A personagem de extração histórica tomou gosto pelo exemplo de virtude de Teutila, ela reflete interiormente e, igualmente, há uma transmutação no tom do narrador. Este, finalmente, utiliza palavras positivas para referir-se à personagem doña Marina: “*sensibilidad, inocentes caricias, buenas semillas comenzaban a germinar, conversión a la virtude.*”.

Na versão de 1999, o bom exemplo de Teutila fez com que mudanças se operassem no interior de Malinche. A partir deste momento, o narrador inicia uma transformação de visão com respeito à personagem e passa a utilizar-se de palavras positivas para descrevê-la: “*sensitivity, tender care, good seeds, virtuous life*”. Ao comparar o original e o texto estadunidense, percebemos que os dois mostram a mesma imagem de transição positiva para Malinche. Apontamos, porém, ao fragmento: “*the vivid example of Teutila struck a chord inside her*”. A expressão idiomática “*to struck a chord*”²¹⁹ significa “alguma coisa que desencadeia em alguém um sentimento, estado emocional ou memória de tal modo que as pessoas se sintam afetadas”.

²¹⁸ Ver **Anexo**, páginas 203-204.

²¹⁹ Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/dictionary/strike>>. Acesso em: 14 out. 2016.

Essa expressão idiomática presente na língua inglesa, de forma poética, anuncia como a tranquilidade e o exemplo de virtude de Teutila chegam a tocar/sensibilizar a personagem Malinche para logo vir a acontecer uma mudança integral em seu espírito e caráter. De forma similar, a mudança acontece no original em língua espanhola. O exemplo de Teutila e a tranquilidade ecoam (fazem eco, a chamam) de dentro dela com um poder forte que inicia a transformação: “[...] *la tranquilidad [...] y el ejemplo vivo de Teutila, la llamaron dentro de sí misma y principió a tomar gusto por las dulces habitudes de la virtud.*”

Na versão em português, o narrador destaca que Malinche começa a mudar pela tranquilidade e pelo exemplo de Teutila, pelos hábitos da virtude e pelo filho. Em: “*el ejemplo vivo de Teutila, la llamaron dentro de sí misma*”, de 1964; “*the vivid example of Teutila struck a chord inside her*” da versão de 1999 e no português: “o exemplo vivo de Teutila, a chamaram dentro de si mesma”, percebemos que nos textos em castelhano e português a construção é similar, porém ambos são similares ao texto em inglês. Parece-nos, que a frase é mais poética na língua inglesa: uma voz interna a chamou e acontece a mudança. Ainda no fragmento nº 33²²⁰:

Quadro 25 – Trecho do fragmento selecionado nº 33

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 152 [...] <i>Estas <u>buenas semillas</u> comenzaban a germinar en el corazón de Marina cuando la muerte de Magiscatzin vino a determinar irrevocablemente su <u>conversión a la virtud.</u></i> [...].	p. 119 [...] <i>These <u>good seeds</u> were starting to germinate in the heart of doña Marina when the death of Magiscatzin caused her irrevocable <u>conversion to the virtuous life.</u></i> [...].	p. 140 [...] <i>Estas boas sementes começavam a germinar no coração de Marina quando a morte de Magiscatzin veio determinar irrevogavelmente sua <u>conversão à virtude.</u></i> [...].

A imagem de “boas sementes que começam a germinar” está presente nos três trechos equivalentes: “buenas semillas comenzaban a germinar”, “*These good seeds were starting to germinate*”. Do mesmo modo, a imagem de “conversão à virtude” está presente nos três textos: “conversión a la virtud” e “*conversion to the virtuous life*”. Aparentemente, segundo a tese do romance, a “virtude” é uma religião à qual é necessário ser convertido.

A cena seguinte precede à morte de Magizcatzin, outro vilão colaborador de Cortés. Nas suas últimas palavras, Magizcatzin busca se redimir, porém morre de forma que causa um forte impacto aos que presenciam a cena, como, por exemplo,

²²⁰ Ver **Anexo**, páginas 203-204.

em Malinche. Esta, após o pranto ante o cadáver, dirige-se, conforme trecho do fragmento nº 35²²¹, ao frei da seguinte forma:

Quadro 26 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 153 [...]<u>—Extranjero, la ambición de pasar desde la condición de esclava a ser la querida de un hombre poderoso me arrastró a abjurar de la religión de mis abuelos por la vuestra. Aunque poco instruida en la doctrina de esta religión, sobre la que tú mismo vacilas y te contradices continuamente, veo, no obstante, en vosotros la monstruosa mezcla de las máximas más justas y más dulces con los hechos más atroces y más inicuos y de los discursos más profundos y delicados con los absurdos más necios y despreciables. “Cuando yo seguía mi culto sencillo y puro, pues que salía de mi corazón: cuando yo era una idólatra, según tú me llamabas, yo fui una mujer virtuosa y mi humilde y desgraciada fortuna me tenían muy lejos del heroísmo de esa matrona respetable que tienes a la vista; pero, desde que fui cristiana, mis progresos en la carrera del crimen fueron más grandes que las hermosas virtudes de Teutila. “Abjuro para siempre de una religión que me habéis enseñado con la mentira, con la intriga, con la codicia, con la destemplanza y, sobre todo, con la indiferencia a los crímenes más atroces. La doctrina se predica con el ejemplo, y, cuando éste se ha ganado el respeto, el entendimiento se sujeta a la convicción. [...].</u></p>	<p>p. 120 [...]<u>’Foreigner, my ambition of going from servitude to lover of a powerful man influenced me to renounce the religion of my ancestors in favor of yours. Even though little instructed in the doctrine of this religion, about which you yourself vacillate and contradict yourself continuously, I see in you, nevertheless, the monstrous mixture of the most just and kind maxims with the most atrocious and iniquitous deeds and the most profound and delicate discourses with the most foolish and contemptible absurdities. ‘When I observed my simple and pure worship, well, it came right from my heart. When I was an idolater, as you referred to me, I was always a virtuous woman, and my humble and wretched lot kept me very far from the heroism of that respectable woman that you have before you. But from the moment that I became a Christian, my progress along the road to crime was greater than the beautiful virtues of Teutila. ‘I renounce forever that religion that you have taught me with lies, with intrigue, with greed, with misery, and, specially, with indifference before the most atrocious crimes. Doctrine is preached through example, and when it has won over respect, understanding is held through conviction. [...].</u></p>	<p>p. 142 [...]<u>– Estrangeiro, a ambição de passar da condição de escrava para a de querida de um homem poderoso me influenciou a abjurar da religião de meus avós pela vossa. Ainda que pouco instruída na doutrina desta religião, sobre a qual tu mesmo vacilas e te contradizes continuamente, vejo, não obstante, em vós a monstruosa mescla das máximas mais justas e mais doces com os feitos mais atrozes e mais iníquos e dos discursos mais profundos e delicados com os absurdos mais estúpidos e depreciáveis. Quando eu seguia meu culto simples e puro, bem, saía de meu coração; quando eu era uma idólatra, segundo tu me chamavas, eu fui uma mulher virtuosa e meu humilde e desgraçado destino me mantiveram longe do heroísmo desta respeitável matrona que tens diante de ti; mas, desde que me tornei cristã, meus progressos na carreira do crime foram maiores que as formosas virtudes de Teutila. Abjuro para sempre de uma religião que me tens ensinado com mentira, com intriga, com cobiça, com destemperança e, sobretudo, com a indiferença aos crimes mais atrozes. A doutrina se predica com o exemplo, e, quando este ganhar o respeito, o entendimento se sujeita à convicção. [...].</u></p>

Esse momento não é uma simples confissão, é o resultado da reflexão feita pela personagem Malinche sobre os últimos acontecimentos.

Já mencionamos, anteriormente, a questão da possibilidade de escolha que uma escrava teria neste contexto: nenhuma. Por outro lado, na narrativa, passar do sentimento de escrava a sentir-se amante pode ser entendido como algo plausível.

²²¹ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 204-207.

Doña Marina reconhece que foi ambiciosa ao desejar passar de escrava a “querida” de um homem poderoso.

Observemos na passagem: “*going from servitude to lover*” usa-se a palavra “*servitude*” e não “*slave*”, que no original em espanhol, como vemos na tabela, mostra: “*pasar desde la condición de esclava a ser la querida*”. Porém, a palavra “*esclava*” (1964) é mais forte do que “*servitude*” (1999). A RAE (2016, s.p.) apresenta para “*esclava*” na sua primeira acepção: “1. *adj. Dicho de una persona: Que carece de libertad por estar bajo el dominio de otra. U. m. c. s.*”²²². Para a palavra *servidumbre*, a RAE (2016, s.p.) apresenta nas três primeiras entradas: “1. *f. Estado o condición de siervo. 2. f. Trabajo o ejercicio propio del siervo. 3. f. Conjunto de personas que trabajaba en el servicio doméstico de una casa.*”²²³. Igualmente, procuramos o significado de “*esclavitud*” e achamos o seguinte na RAE (2016, s.p.) na terceira acepção: “3. *f. Sujeción excesiva por la cual se ve sometida una persona a otra, o a un trabajo u obligación.*”²²⁴. Dessa maneira, na língua espanhola, a condição do ser humano muda. Se for escrava, perde a liberdade e estaria submetido/subordinado/sujeito/subjugado como propriedade a outra pessoa. E, se for serva, esta pessoa trabalha no serviço doméstico de uma casa. A relação de submetimento é mais intensa ao se tratar da condição de escravidão.

O dicionário Longman (1995, p. 1302) apresenta para o vocábulo “*servitude*” a definição: “*the condition of being a SLAVE or being forced to obey someone else*”²²⁵. Enquanto que, para a palavra “*slave*” mostra, na primeira entrada: “1 *Someone who is legally owned by another person and works for them for no money [...]*” (LONGMAN, 1995, p. 1350)²²⁶. Dessa forma, mesmo que na língua inglesa o vocábulo “*servitude*” apresenta no dicionário o sentido de “*slave*”, este último vocábulo se diferencia por significar “*possessão/propriedade legal*” de outra pessoa. Por outro lado, o dicionário Merriam-Webster (2002, p. 1727), apresenta para “*slave*”

²²² “Disse-se de uma pessoa: que carece de liberdade por estar sob o domínio de outra” (RAE, 2016, s.p. – tradução nossa). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=GEIf0MV>>. Acesso em 02 jan. 2017.

²²³ “1. *f. Estado ou condição de servo. 2. f. Trabalho ou exercício próprio do servo. 3. f. Conjunto de pessoas que trabalha no serviço doméstico de uma casa.*” (RAE, 2016, s.p. – tradução nossa). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=XhcBi6o>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

²²⁴ “3. *f. Sujeição excessiva pela qual se ve submetida uma pessoa a outra, ou a um trabalho ou obrigação.*” (RAE, 2016, s.p. – tradução nossa). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=GEhIL8e>>. Acesso em: 02 jan. 2017.

²²⁵ “A condição de ser um ESCRAVO o ser forçado a obedecer alguém” (LONGMAN, 1995, p. 1302, grifo do autor – tradução nossa).

²²⁶ “Alguém que é propriedade legal de outra pessoa e que trabalha para eles sem ser pago” (LONGMAN, 1995, p. 1350 – tradução nossa).

as seguintes definições nas duas primeiras entradas: “1: a person held in servitude as the chattel of another; 2: one that is completely subservient to a dominating influence”²²⁷. No caso do vocábulo “servitude”, o Merriam-Webster (2002, p. 1678) mostra: “1: a condition in which one lacks liberty especially to determine one’s course of action or way of life; 2: a right by which something (as a piece of land) owned by one person is subject to a specified use or enjoyment by another”²²⁸.

O dicionário Houaiss (2009, p. 803) mostra na primeira acepção de “escrava”: “1: mulher que se encontra em escravidão”. E para “escravidão”, na primeira acepção: “1: condição de escravo; servidão, cativo, escravaria, escravatura <a e. humilha os seres humanos>” (HOUAISS, 2009, p. 803). Para “servidão”, o dicionário Houaiss (2009, p. 1737) apresenta nas duas primeiras acepções: “1 estado ou condição de servo ou de escravo; serventia, escravidão; 2 estado de dependência de uma pessoa, inteiramente submetida a outra; sujeição, dependência.”. Para “servo”: “aquele que não é livre, não tem direitos e bens 2: aquele que obedece ou serve a alguém.” (HOUAISS, 2009, p. 1737). Tendo em vista as definições nas três línguas, observemos novamente o recorte com as palavras “*esclava*”, “*slave*”/“*servitude*”, “servidão”/“servo”/“escrava”:

Quadro 27 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anônimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 153 [...] desde la condición de esclava a ser la querida de un hombre poderoso [...].	p. 120 [...] ‘from servitude to lover of a powerful man [...].	p. 142 [...] da condição de escrava para a de querida de um homem poderoso [...].

Dessa forma, observamos que, por meio da consulta aos dicionários citados, na língua inglesa existe o sentido de “*slave*” de propriedade legal de alguém. A definição de “*servitude*” é muito próxima e pode ser utilizada como sinônimo de “*slave*”. Porém, não apresenta o mesmo sentido que o original. Parece-nos, que na tradução de 1999 há uma atenuação na definição que pede o original. Está claro para nós que na versão de Castillo-Feliú, Malinche não é uma escrava, mas uma

²²⁷ “1: uma pessoa mantida em serviço como a propriedade de outra; 2: alguém que é completamente subserviente/submisso/servil a uma influência dominante.” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1727 – tradução nossa).

²²⁸ “1: uma condição na qual alguém não possui liberdade, sobretudo para resolver/definir o curso de ação de alguém o de seu modo de vida; 2: um direito pelo qual algo (como um terreno/superfície de terra) possuído por uma pessoa está sujeita a um uso específico ou desfrute de outra pessoa” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1678 – tradução nossa).

serva. Mais uma vez se perde um sentido: o de escrava. Este problema não aparece na versão de Sobierai e Fleck.

Sobre os vocábulos “querida” e “lover” existe também uma diferença semântica. Segunda o *dicionário da RAE* (2016, s.p.), além da fórmula afetuosa para se dirigir a alguém, na terceira e quarta acepção, o termo “querida” em espanhol tem o sentido de: “3. *m. y f. coloq. amante* (|| *persona que mantiene con otra una relación amorosa*). 4. *m. y f. mantenido* (|| *persona que vive a expensas de su amante*).”²²⁹ Portanto, o sentido é coloquial e de conotação negativa. Já, para o caso de “lover”, o *dicionário Merriam-Webster* (2002, p. 1087) apresenta: “1: a) *a person in love*; **especially**: *a man in love with a woman*, b) **plural**: *two persons in love with each other*; 2: *an affectionate or benevolent friend*; 3: *DEVOTEE*; 4: *a PARAMOUR*, b: *a person with whom one has sexual relations*”²³⁰. Com respeito ao uso de “querida” na língua portuguesa, consultamos o *dicionário Houaiss*, que apresenta a seguinte definição:

querido: [adj] 1) muito estimado; dileto, prezado [...]; 2) que se quer muito, a quem se ama; amado [...]; 3) muito apreciado (por beleza, valor etc.) [...]. [s.m] 4) pessoa amada; eleito, preferido [...]; 5) aquele que ama ou a quem se ama; amante, namorado [...] 6) [informal] ato de abraçar, de apertar entre os braços; abraço, amplexo. [ETIM part. de *querer*. (HOUAISS, 2009, p. 1591).

Observamos problemas nos sentidos utilizados para a tradução de “querida” para o inglês e português. Após leitura das definições nos dicionários, podemos inferir que o texto original, neste recorte, apresenta muitas diferenças com respeito às versões de 1999 e 2013. Enquanto que o autor anônimo utiliza a imagem depreciativa de “querida” como “mantida”²³¹ para Malinche, na versão de Castillo-

²²⁹ “3. [coloquial usado para masculino e femenino]. Amante (|| *persona que mantiene con otra una relación amorosa*). 4. [usado para masculino e femenino]. Manteúdo (|| *persona que vive às custas de seu/sua amante*)” (RAE, 2016, s.p. – nossa tradução). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=Uo1X6Ql>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

²³⁰ “1: a) *uma pessoa apaixonada*; em especial: *um homem apaixonado por uma mulher*, b) plural: *duas pessoas apaixonadas entre si*; 2: *um amigo afetuoso ou benevolente*; 3: *DEVOTO*; 4: *um AMANTE*, b: *uma pessoa com a qual alguém tem relações sexuais*”. (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1087 – tradução nossa).

²³¹ Segundo o *dicionário Houaiss* (2009, p. 1237), existe o vocábulo “**manteúdo** [adj] 1. Cujas despesas são pagas por outrem; mantido, sustentado <mulher teúda e m.> [...]”. Inclusive, o *dicionário Aulete digital* (s.d., s.p.) traz um exemplo: *amante teúda e manteúda*. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/mante%C3%BAdo>>. Acesso em: 07 jan. 2017. Nós não utilizaremos este vocábulo por estar em desuso. Preferimos sugerir o uso de “mantida”.

Feliú temos somente uma imagem de amante, amada, alguém por quem se está apaixonado, e por último, alguém com quem se tem relações sexuais.

Da mesma forma, a versão em português apresenta o uso do falso cognato “querida” que está mais próximo da definição em inglês que a do original. Faltou repassar o sentido negativo presente em “mantida”, além de amante, de se viver à expensas do amante do original em espanhol e alguém com quem se tem relações sexuais do inglês.

Fazemos um recorte para mostrar a ideologia da narrativa, ainda no fragmento nº 35:

Quadro 28 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 153 [...] “<i>Cuando yo seguía mi culto sencillo y puro, pues que salía de mi corazón; cuando yo era una idólatra, según tú me llamabas, yo fui una mujer virtuosa y mi humilde y desgraciada fortuna me tenían muy lejos del heroísmo de esa matrona respetable que tienes a la vista; pero, desde que fui cristiana, mis progresos en la carrera del crimen fueron más grandes que las hermosas virtudes de Teutila. [...]</i>”</p>	<p>p. 120 [...] ‘<i>When I observed my simple and pure worship, well, it came right from my heart. When I was an idolater, as you referred to me, I was always a virtuous woman, and my humble and wretched lot kept me very far from the heroism of that respectable woman that you have before you. But from the moment that I became a Christian, my progress along the road to crime was greater than the beautiful virtues of Teutila. [...]</i>’</p>	<p>p. 142 [...] Quando eu seguia meu culto simples e puro, bem, saía de meu coração; quando eu era uma idólatra, segundo tu me chamavas, eu fui uma mulher virtuosa e meu humilde e desgraçado destino me mantiveram longe do heroísmo desta respeitável matrona que tens diante de ti; mas, desde que me tornei cristã, meus progressos na carreira do crime foram maiores que as formosas virtudes de Teutila. [...]</p>

Este recorte mostra o momento em que Malinche tece reflexões diante das virtudes de Teutila e decide abjurar da religião nova imposta pelos espanhóis. É na voz de Malinche que a narrativa concede a Teutila a categoria de mãe, ao utilizar a expressão “*matrona respetable*”, pois mesmo que Teutila não tenha filhos, na diegese, na citação, a voz de Malinche a eleva a essa “classe”. Na tradução de Castillo-Feliú se perde a qualidade a que Teutila foi elevada, pois foi utilizado o vocábulo “respeitável” na versão em inglês foi utilizada a expressão: “*respectable woman*”, deixando de lado o sentido do original. No português, como podemos observar no quadro, o sentido do original permanece.

Ainda no fragmento nº 35²³²:

²³² Ver fragmento completo no anexo, páginas 204-207.

Quadro 29 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
<p>p. 153 [...] <i>Di a Hernán Cortés que su esclava amasará su pan, que lavará sus ropas, pero que no volverá a ser la cooperadora de sus planes ambiciosos ni su cómplice en sus desórdenes.</i> [...] <i>Ella no quería continuar ni en el amor ni en la confianza de Hernán Cortés, y sostenía con todas sus fuerzas que, siguiendo en sus intrigas amorosas y políticas, se separaba infaliblemente del camino de la virtud.</i> [...].</p>	<p>p. 121 [...] <i>'Tell Hernán Cortés that his slave will knead his bread, that she will wash his clothes, but that she will no longer be the party to his ambitious plans or the accomplice to his excesses.'</i> [...] <i>She did not wish to continue her affair with Hernán Cortés or be his confidante, and she avowed with all her strength that, if she continued in his amorous and political intrigue, she would separate herself, no matter what, from the road to virtue.</i> [...].</p>	<p>p. 142 [...] Diz a Hernán Cortés que sua escrava amassará seu pão, que lavará suas roupas, mas que não voltará a ser a colaboradora de seus planos ambiciosos nem sua cúmplice em suas desordens. [...] Ela não queria continuar nem no amor nem na confiança de Hernán Cortés, e sustentava com todas as suas forças que, seguindo em suas intrigas amorosas e políticas, separava-se, infalivelmente, do caminho da virtude. [...].</p>

Neste trecho, Malinche não deseja continuar a sua relação como colaboradora de Cortés. Antes disso, atuava colaborando de forma livre, participativa, até espontânea, mas, desta passagem em diante, decide parar de colaborar. Até este momento ela não tinha se sentido uma simples escrava, mas, sim, uma agente atuante da empresa de conquista espanhola. Dessa forma, acreditamos que, epistemologicamente, volta a ser independente, mesmo sendo escrava. Ela já não deseja mais fazer parte dos “planos ambiciosos” e excessos do seu amo para, segundo a narrativa, atingir, novamente, o caminho da virtude.

O biógrafo Herren (1993, p. 7) dedica boa parte de seu livro a esta questão da vida da personagem histórica: “[...] *puede bien presumirse que Marina tiene que haber respaldado los audaces planes de su capitán o, al menos, haberle manifestado su incondicional lealtad para someterse a lo que él decidiera*”²³³. O estudioso coloca que Malinche teve, repetidas vezes, a possibilidade de abandonar Cortés, mas isso não aconteceu.

Assim, verificamos a similar presença de imagens em ambas as versões: uma *doña* Marina reflexiva sobre sua condição, que prefere obedecer como escrava a participar dos excessos de Cortés. O uso do vocábulo “excesses” para “desórdenes”, nesse contexto, cabe com toda propriedade, pois no dicionário da RAE on-line (2016, s.p.) temos, na quarta acepção, para “desorden”: “exceso o

²³³ “é possível presumir que Marina deve ter apoiado os audaciosos planos do seu capitão, ou pelo menos evidenciou sua lealdade incondicional para submeter-se a qualquer decisão do estremenho”. (HERREN, 1993, p. 97 – tradução nossa).

abuso.”²³⁴, enquanto a *Merriam-Webster on-line* (2015, s.p.) apresenta para “*excesses*”: “*behavior that is considered wrong because it goes beyond what is usual, normal, or proper*”²³⁵. Por outro lado, na versão em português, observamos um problema com o uso do vocábulo “desordens”. Para tal, mostramos novamente o recorte, ainda no fragmento nº 35, onde ocorre esta palavra:

Quadro 31 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 153 [...] <i>pero que no volverá a ser la cooperadora de sus planes ambiciosos ni su cómplice en sus desórdenes.</i> [...].	p. 121 [...] <i>‘Tell Hernán Cortés that his slave will knead his bread, that she will wash his clothes, but that she will no longer be the party to his ambitious plans or the accomplice to his excesses.</i> ’ [...].	p. 142 [...] Diz a Hernán Cortés que sua escrava amassará seu pão, que lavará suas roupas, mas que não voltará a ser a colaboradora de seus planos ambiciosos nem sua cúmplice em suas desordens . [...].

Previamente analisamos que nos trechos equivalentes em espanhol e inglês o sentido para “*desórdenes* [de Cortés]” e “[Cortés’s] *excesses*” é equivalente. Quanto aos significados presentes no dicionário Houaiss (2009, p. 662) para “desordem”, temos:

0: falta de ordem; 1: ausência de arrumação, de organização (falando de objetos, de coisas) [...]; 2: falta de lógica; incoerência, desvario [...]; 3: falta de regularidade; desigualdade, desarmonia [...]; 4: desarranjo resultante de má administração, da má gestão; 5: ausência ou ruptura da ordem; agitação, indisciplina [...]; 6: perturbação da ordem; briga, rixa, tumulto, confusão [...].

A imagem sobre os atos de Cortés, neste caso, difere muito nesta versão em português dos outros dois textos equivalentes, pois já observamos que tanto em inglês quanto em espanhol o sentido seria de: “abuso, comportamento considerado negativo porque vai além do inapropriado”. Na versão em português, como vimos anteriormente, tem a ver com má administração/regência, e sabemos que Cortés, nesse aspecto foi eficiente. De fato, a palavra “desordens” não é um bom equivalente para “*desordenes*” em nenhuma das acepções do verbete. Talvez, caberia melhor o uso do vocábulo “desmando”, que, segundo o *dicionário Houaiss* (2009, p. 658), traz o seguinte significado, nas duas primeiras acepções: “1)

²³⁴ “excesso ou abuso.” (tradução nossa). Disponível em: <<http://dle.rae.es/?id=DF5Xi1F>>. Acesso em: 14 out. 2016.

²³⁵ “comportamento considerado errado (mau comportamento) porque vai além do usual, normal ou adequado.” (tradução nossa). Disponível em: <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/excesses>>. Acesso em: 14 out. 2016.

imoderação, excesso na maneira de proceder ou de tratar (algo); exagero, abuso [...]; 2) desregramento moral, dissolução de costumes: devassidão; [...]”.

Logo em seguida à cena da “declaração (de independência epistêmica de doña Marina)”, o frei exclama, ainda em trecho do fragmento nº 35²³⁶:

Quadro 32 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 154 [...] — <i>Pues bien, idólatra obstinada, la gracia del Señor te abandona. Anda y púdrete en el asqueroso cenegal de tus antiguos errores; pero dame ese niño redimido por la sangre del Cordero Inmaculado, que no es justo que su alma pura mame con la leche las semillas de la idolatría y del error.</i> [...].	p. 120 [...] “ <i>Well, then, you obstinate idolater, God’s grace abandons you. Go and rot in the filthy swamp of your former errors; but give me that child, redeemed in the blood of the Immaculate Lamb, for it isn’t right that his pure soul nurse with his milk the seeds of idolatry and error.</i> ” [...].	p. 143 [...] – Pois bem, idólatra obstinada, a graça do Senhor te abandona. Anda e apodreça no pântano asqueroso de teus antigos erros; mas dá-me este menino redimido pelo sangue do Cordeiro Imaculado, pois não é justo que sua alma pura mame com o leite as sementes da idolatria e do erro. [...].

Parece-nos, que o frei ameaça Malinche, na ficção, para explicar o que teria acontecido, na vida real, com Martín: “*su hijo, a quien nunca más verá, queda al cuidado de [...] Juan Altamirano por orden del padre [Cortés]*” (HERREN, 1993, p. 154 – comentário nosso)²³⁷. O filho primogênito da personagem histórica Malinche, é tirado da mãe ainda com poucos anos de vida. Na narrativa, diante de tal ameaça, a personagem não se cala e reage, conforme se pode verificar no trecho destacado a seguir:

Quadro 33 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 154 [...] — <i>¡Hábil hipócrita! Tú sabes atacarme por los sentimientos de la Naturaleza. Lo mismo hizo tu astuto jefe; después que se insinuó en mi corazón trató de esclavizar un entendimiento. Pero... Las lágrimas no la dejaron continuar.</i> [...].	p. 121 [...] <i>You skillful hypocrite! You know how to attack me, employing Nature’s elements. You clever leader did the same. After he ingratiated himself in my heart, he tried to enslave my understanding. But – Her tears did not allow her to continue.</i> [...].	p. 143 [...] – Hábil hipócrita! Tu sabes atacar-me com os sentimentos da Natureza. O mesmo fez teu astuto chefe; depois que se insinuou em meu coração tratou de escravizar um entendimento. Mas... As lágrimas não a deixaram continuar. [...].

Nesse momento, a personagem ficcional Malinche reconhece que tanto o representante da religião europeia, frei Bartolomé, quanto seu amo, Cortés, utilizam-se de seus sentimentos para conseguir o que desejam. Aqui percebemos, também,

²³⁶ Ver fragmento completo no **Anexo**, páginas 204-207.

²³⁷ “[...] seu filho, a quem nunca mais viu, fica ao cuidado de [...] Juan Altamirano por ordens do pai [Cortés]”. (HERREN, 1993, p. 154 – tradução nossa).

uma denúncia: a manipulação para escravizar o entendimento dos autóctones, representados por Malinche.

Por outro lado, constatamos que, no original em castelhano, na frase: “*sabes atacarme por los sentimientos de la Naturaleza*”, o vocábulo “Natureza”, é escrito com maiúscula –, pois a Natureza personifica um ente superior (reflexão do Iluminismo) –. Isto é, na versão de 1964, a Malinche, porque a natureza proporcionou-lhe sentimentos (de mãe), é atingida. Graças à natureza, a sensibilidade nela presente provocou essa possibilidade. Também o sofrimento é demonstrado com as lágrimas que seguem a esta fala. Na versão inglesa é utilizada a frase “*Nature’s elements*”, a natureza serve como arma ao frei, pois esta possui certos “elementos”, utilizados de forma ciente por ele, que atingem *doña* Marina profundamente, comprovado pelas lágrimas que se seguem. E, na versão em português, também se recorre ao uso de: “com os sentimentos da Natureza” como no original em espanhol.

Também, no recorte, a personagem denuncia os conquistadores: o frei e Cortés insinuaram-se para ela e ganharam o seu coração para, logo, tentar subjugar seu raciocínio. Nesse ponto da narrativa, a personagem *doña* Marina entende, perfeitamente, o proceder dos colonizadores e mostra, outra vez, a sua independência epistemológica pelas suas reflexões.

Aqui, e nas versões, Malinche mostra-se, epistemologicamente, independente. Ela interpreta, facilmente, a manipulação do frei e de Cortés. No trecho, igualmente, vemos a natureza como um ente superior. Se no original “o frei consegue atingir Malinche porque a natureza proporcionou a esta sentimentos”, é “através dos sentimentos que sabe atingi-la” (“*sabes atacarme por los sentimientos de la Naturaleza*”). Tanto na versão em inglês, quanto em português, os textos apresentam uma estrutura diferente do original. Enquanto em inglês, “os elementos da natureza servem como arma para o frei que atingem Malinche profundamente” (“*employing Nature’s elements*”), no português, o frei utiliza os sentimentos como ferramentas para atingir *doña* Marina (“sabes atacar-me com os sentimentos da Natureza”).

A seguir apresentamos o fragmento escolhido nº 36²³⁸, ainda no livro 5, depois que Cortés descobre os acontecimentos pelo frei e fica sabendo da tentativa rebelde de *doña* Marina:

Quadro 34 – Trecho do fragmento selecionado nº 35

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] <i>La cooperación de esta hábil americana le era demasiado útil para que renunciase fácilmente a ella por escrúpulos mujeriles.</i> [...].	p. 123-124 [...] <i>The able American's cooperation was too useful to him to easily give her up because of womanish scruples.</i> [...].	p. 145 [...] <i>A cooperação desta hábil americana lhe era demasiado útil para que renunciasse facilmente a ela por escrúpulos femininos.</i> [...].

Na cena, a personagem Cortés não deseja renunciar à cooperação de Malinche, pois, na narrativa toda, porém afirmado pelo recorte, ele considera esta como uma mulher hábil e útil a seus projetos. Entretanto, Cortés procura alguma razão para o comportamento de Malinche e acredita que seja devido a “escrúpulos de mulher”. No texto original, lê-se: “*escrúpulos mujeriles*” (ANÓNIMO, 1964, p. 155). No *dicionário RAE* (2001, p. 964), a primeira acepção mostra: “*Duda o recelo que punza la consciencia sobre si algo es o no cierto, si es bueno o malo, si obliga o no obliga; lo que trae inquieto y desanimado el ánimo*”²³⁹.

No texto de Castillo-Feliú, está “*womanish scruples*” (ANONYMOUS, 1999, p. 123). Para o substantivo “*scruple*”, na língua inglesa, temos as únicas acepções: “1: *an ethical consideration or principle that inhibits action*; 2: *the quality or state of being scrupulous*; 3: *mental reservation*” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1648)²⁴⁰. Também, achamos o verbo intransitivo de “*scruple*” com os dois únicos sentidos de: “1: *to have scruples*; 2: *to show reluctance on grounds of conscience: hesitate*.” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1648)²⁴¹.

Para as frases em inglês, poderíamos pensar na hesitação/consideração mental “que as mulheres fazem”/“próprio de mulheres”. De qualquer forma, “*scruples*” apresenta equivalência com “escrúpulos” em espanhol. Já os termos “*mujeriles*” e “*womanish*” trazem uma conotação, similar, que desvaloriza o sintagma

²³⁸ Veja-se a passagem completa no anexo, páginas 207-208.

²³⁹ “Dúvida ou receio que penetra na consciencia sobre se alguma coisa é certa ou não, se é bom ou mau, se obriga ou não; o que traz o ânimo preocupado e desanimado.” (RAE, 2001, p. 964 – tradução nossa).

²⁴⁰ “substantivo 'scruple': 1: uma consideração ou princípio ético que inibe/impede a ação.; 2: a qualidade ou estado de ser escrupuloso; 3: ressalva/hesitação mental” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1648 – tradução nossa).

²⁴¹ Verbo intransitivo scruple: “1: ter escrúpulos; 2: mostrar indecisão ou fundamentos/motivos de consciencia: hesitar” (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1648 – tradução nossa).

todo. Nas traduções possíveis dos sintagmas no espanhol e inglês, temos, portanto, além de “escrúpulos femininos”: “escrúpulos afeminados”, “coisas de mulher”, “escrúpulos que não precisam ser considerados porque saíram de uma mulher”, sempre no sentido depreciativo. É nesse sentido que a voz narrativa, nos textos de 1964 e 1999, descreve como pensa a personagem de extração histórica Cortés ao qualificar a atitude de Malinche: com menosprezo.

No *dicionário Houaiss* (2009, p. 804), estão os seguintes sentidos para o vocábulo “*escrúpulo*”: “1: estado de hesitação da consciência; dúvida ou inquietação espiritual [...]; 2: atitude cuidadosa, cheia de zelo; meticulosidade [...]; 3: consciência dotada de sentido moral; caráter íntegro”. Dessa forma, o termo “*escrúpulo*” tanto na língua inglesa quanto na portuguesa tem um sentido positivo e elevado (“ético, moral”). Desse modo, podemos arriscar a dizer que percebemos uma sutil gradação nas versões. Assim, na ordem crescente de imagem positiva, mesmo com o uso depreciativo de “*womanish*” e “*mujeriles*”, temos: “*escrúpulos mujeriles*”, “*womanish scruples*” e o sintagma mais moderado das três versões: “escrúpulos femininos”.

O recorte seguinte é a continuação da cena anterior: Cortés suspeita de sua colaboradora e, por isso, dirige-se a Malinche da seguinte maneira no trecho do fragmento nº 36:

Quadro 35 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] — <i>Parece, Marina —le dijo—, que quieres hacer la mojigata.</i> [...].	p. 123-124 [...] “ <i>It seems, Marina,</i> ” <i>he said to her, “that you want to be prudish.</i> [...].	p. 145 [...] — <i>Parece, Marina, — lhe disse — que quieres fazer a puritana.</i> [...].

Cortés, neste trecho, trata Malinche de “*mojigata*” (em espanhol), “*prudish*” (em inglês) e “*puritana*” (em português). O termo em espanhol “*mojigata*” apresenta o significado de: “*que afecta (finge) humildad o cobardía para lograr su intento en la ocasión*” (RAE, 2001, p. 1523)²⁴². A definição em inglês para “*prudish*”, derivado de “*prude*” é: “*a person who is excessively or priggishly attentive to propriety or decorum; especially: a woman who shows or affects extreme modesty*”. (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1476)²⁴³. O sentido do vocábulo “*puritana*” em português

²⁴² “que enfeita (finge) humildade ou covardia para conseguir sua tentativa da vez” (RAE, 2001, p. 1523 – tradução nossa).

²⁴³ “pessoa que de forma excessiva ou exagerada tenta propriedade ou decoro, em especial: uma mulher que mostra ou finge modéstia extremada”. (MERRIAM-WEBSTER, 2002, p. 1476 – tradução nossa).

corresponde a de "alguém que demonstra uma escrupulosa pureza moral, um austero e rígido respeito pelos princípios e zela pelos costumes." (HOUAISS, 2009, 1579).

Dessa forma, enquanto na língua castelhana a imagem mostra que Cortés acusa Malinche de falso fingimento para conseguir seus propósitos, na versão em inglês o estremenho aponta a que sua “*língua e secretária*” está sendo excessivamente modesta. Enquanto isso, na versão em português o capitão Cortés acusa Marina de moralmente rígida.

Observamos que nas duas versões de 1999 e 2013 mostram-se imagens brandas se comparadas à imagem de 1964, na qual Cortés entende que Marina está fingindo para conseguir seus propósitos. Observamos que a atitude de Cortés perante Marina é de suspeita e o seu tom é depreciativo para com ela.

Verificamos a sequência da cena, no recorte do fragmento escolhido nº 36, ainda na voz de Cortés:

Quadro 36 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] <u><i>Yo te conozco y sospecho que algún joven tlaxcalteca es quizá la causa de esta conversión. Mas temblad uno y otro de mi resentimiento, que será tan grande como lo han sido mis bondades.</i></u> [...].	p. 123-124 [...] <u><i>I know you and I suspect that some young Tlaxcalan is perhaps the cause of this conversion. But beware, both of you, that my resentment will be as great as my kindness has been.</i></u> [...].	p. 145 [...] <u><i>Eu te conheço e suspeito que algum jovem tlaxcalteca seja talvez a causa desta conversa. Mas saibam um e outro de meu ressentimento, que será tão grande como tem sido minhas bondades.</i></u> [...].

Cortés suspeita que essa conversão se dera pela influência de “um jovem tlaxcalteca”: “*that some young Tlaxcalan*” – expressão que, nesse idioma, poderia corresponder tanto a Xicotécatl como a Teutila – pois não há nela nenhum sintagma de gênero. Porém, no espanhol, fica bem claro a quem a expressão faz referência: “un joven” – cuja presença explícita do gênero conduz direto a Xicotécatl e, por que não, a outro homem. Tal processo de leitura ambígua na tradução leva a uma possível diferença, significativa, na leitura do romance. Este trecho em língua portuguesa é similar ao original em espanhol.

Cortés se dirige a ela acusando-a com seus conhecimentos sobre o passado de *doña* Marina: “você quer se fazer de santa, mas eu te conheço; e tudo isto deve de ser por causa de algum jovem tlaxcalteca”. Assim, a personagem Cortés aponta,

indiretamente, para a possível vida sexual/amorosa de *doña* Marina. Esta cena se configura em acusação sobre o comportamento de Malinche. Logo a ameaça.

Na sequência, Malinche responde a seu senhor, ainda no fragmento nº 36:

Quadro 37 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] —Señor, yo <u>soy vuestra esclava, y vos podéis disponer a vuestra voluntad del trabajo de mis manos y de mi persona, pero mi corazón ha vuelto irrevocablemente a la virtud.</u> Y la que, en la carrera del vicio ha podido no temblar, de las venganzas del Cielo, bien podrá en las sendas de su deber estar tranquila ante la cólera de un hombre. Este lenguaje desconcertó a Hernán Cortés. <u>La resolución de Marina estaba, según todas las apariencias, sostenida por la constancia natural a las gentes que no ha enervado el refinamiento de la sociedad y fortalecida por las luces que había adquirido en el comercio de los europeos.</u> [...].	p. 123-124 [...] “Sire, I am your slave, and you can willfully avail yourself of me and the labor of my hands, but my heart has returned to virtue irrevocably. And she who, in her life of vice, might not have trembled before Heaven’s retribution might very well be calm before the anger of a man when performing her duty.” [...] <u>Marina’s resolve was, by all appearances, sustained by the constancy that is natural to all people who have not been enervated by the refinement of society and strengthened by the enlightenment that she had acquired in her dealings with the Europeans.</u> [...].	p. 145 [...] – Senhor, eu <u>sou tua escrava, e tu podes dispor como quiserdes do trabalho de minhas mãos e de minha pessoa, mas meu coração voltou irrevogavelmente à virtude.</u> E aquela que, na vida de vício pôde não temer as vinganças do Céu, bem poderá nas sendas de seu dever estar tranquila ante a cólera de um homem. [...] <u>A resolução de Marina estava, segundo todas as aparências, sustentada pela constância natural a todas as pessoas que não foram enervadas pelo refinamento da sociedade e fortalecidas pelas luzes que haviam adquirido no comércio com os europeus.</u> [...].

Malinche, nesta passagem, simplesmente, reafirma o dito ao frei: ela é somente uma escrava, e que, desse momento em diante, seu coração (e consciência) não pertence mais a ele. No último sublinhado, o capitão Cortés reconhece na sua escrava a integridade que ela tinha perdido ao aceitar os costumes europeus. Ela voltou a ser uma “boa selvagem”. Verificamos também nessa cena que a causa das reflexões todas de Malinche são os conhecimentos da Ilustração a que a personagem de extração histórica foi exposta no contato com os europeus. Ao que parece, de positivo, Europa tem como representantes não só a Ordaz, mas, também, ao Iluminismo, na tese do texto.

Por último, temos o seguinte diálogo, ainda no fragmento nº 36, que segue à afirmação de Cortés:

Quadro 38 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] —¡Ingrata! —le dijo su amo —. ¿Y abandonarás así al hombre que tanto ha hecho por tu bien? ¿Al padre tierno de tu hijo? Dime, ¿en qué te ha faltado mi cariño? [...].	p. 123-124 [...] “Ingrate!” her lord said to her. “And will you thus abandon the man who has done so much for your well-being? Your son’s tender father? Tell me, in what way has my affection been lacking? [...].	p. 145 [...] – Ingrata! – disse-lhe seu amo . – E abandonarás assim ao homem que tanto fez pelo teu bem? Ao pai terno de teu filho? Diga-me, em que te faltou meu carinho? [...].

Neste recorte, a imagem descrita na cena mostra Cortés ao agir do seu lugar como amo/dono de escrava. Podemos observar também que, novamente, à figura de Cortés se acrescenta o cuidado e o afeto para com Malinche desde o dia em que a batizou. A voz da personagem Cortés, não com estas palavras exatamente, manifesta-se como “amante” de Malinche.

Outro ponto a destacar é que Castillo-Feliú utiliza indistintamente “*máster*”²⁴⁴, “*sire*”²⁴⁵ e “*lord*”²⁴⁶ para caracterizar Cortés. Isso coincide com o uso de “*slave*”²⁴⁷ e “*servitude*”²⁴⁸ para se referir à escrava (Malinche ou Teutila). Porém, acreditamos que seria interessante se permanecesse o uso de *master* e *slave* para obter o sentido histórico de amo/escravo presente nos 44 fragmentos selecionados para análise.

Na continuação da cena, ainda no fragmento escolhido nº 36²⁴⁹, analisemos as palavras proferidas por Malinche para seu amo:

Quadro 39 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] <i>—Señor, la memoria de los males que me habéis causado no disminuirá ni un ápice ni reconocimiento a vuestros beneficios ni mi estimación a vuestra persona. Y si mi pasada conducta os autoriza para suponerme capaz de tan negra y vil ingratitud, el tiempo os desengañará de que Marina es otra muy distinta de la que habéis conocido. —¿Y quién ha causado esa mudanza? —La Naturaleza, señor; esta madre solícita necesitaba de mis sentimientos para sus grandes fines y supo despertarlos. [...].</i>	p. 155 [...] <i>‘Sire, the memory of the evils you have caused to befall me will in no way diminish my recognition of your benefits or my esteem for you. And if my past conduct authorizes you to suppose that I could be capable of such dark and vile ingratitude, time will serve to free you from the illusion that Marina is someone very different from the one whom you have known.’ “And who is responsible for his change?” “Nature, sire; this solicitous mother needed my instincts for her great goals and was able to awaken them. [...].</i>	p. 145 [...] – Senhor, a memória dos males que me causaste não diminuirá nem um pouco meu reconhecimento aos teus benefícios nem minha estima à tua pessoa. E se minha conduta passada os autoriza a supor-me capaz de tão negra e vil ingratidão, o tempo os desiludirá de que Marina é outra pessoa muito distinta da que conheceram. – E quem causara essa mudança? – A Natureza, senhor; esta mãe solícita necessitava de meus sentimentos para seus grandes fins e soube despertá-los. [...].

Essa cena, segundo a nossa leitura, é o ápice da transformação de Malinche. Ante a acusação de Cortés de ingratidão, ela responde que reconhece os benefícios atingidos por estar ao lado dele. Também afirma que continua a estimá-lo como pessoa (estima, não ama). Malinche assegura que não é ingratidão o que sente e demonstra (no recorte), e que reconhece os benefícios de estar ao lado de Cortés, a

²⁴⁴ Ver o exemplo no **Anexo**, página 175.

²⁴⁵ Ver o exemplo no **Anexo**, páginas 207, 208 e 210.

²⁴⁶ Ver o exemplo no **Anexo**, páginas 196 e 208 quando referidos a Cortés.

²⁴⁷ Ver o exemplo no **Anexo**, páginas 174-177, 183, 188, 193, 205-207 e 210.

²⁴⁸ Ver o exemplo no **Anexo**, página 204.

²⁴⁹ Ver a passagem completa no **Anexo**, páginas 207-208.

quem estima, pois ela continua sendo a mesma. De fato, Herren (1993, p. 97) estabelece que a personagem histórica Malinche sofreu uma aculturação parcial: “*Seguía vistiendo como índia [...], peinándose como una índia, conduciéndose como una índia. Y de ese modo siguió hasta el final de sus días sin intentar ni pretender convertirse en blanca o española, como hicieron otras [...]*”²⁵⁰. Desse modo, segundo o biógrafo, Malinche continuou a ser a mesma; e, nessa passagem, a ficção mostra, talvez, este aspecto de sua vida.

Porém, a nossa leitura indica que há uma mudança de atitude na personagem *doña Marina*, pois ela não é a mesma desde o momento em que se torna mãe, símbolo de maternidade de uma nova nação. Sua mudança se fez, segundo o texto, por causa da “Natureza”, que tem grandes planos com respeito a essa maternidade, no sentido da proposta do texto, de que o México é uma nação pré-destinada. Quando a “Natureza” é mencionada pela personagem, percebemos, igualmente, que tudo tinha uma finalidade no texto: demonstrar a natureza de bom selvagem dos autóctones. Assim, a tese do romance é demonstrada.

Essa imagem está presente nos três textos analisados e, aparentemente, como já comentamos, com base em Herren (1993), talvez o autor teve a intenção de trazer a realidade para a ficção, pois, pelos documentos históricos estudados pelo biógrafo, La Malinche foi uma das mulheres que continuou a se comportar como autóctone. Continuando no mesmo trecho:

Quadro 40 – Trecho do fragmento selecionado nº 36

Anónimo (1964)	Castillo-Feliú (1999)	Sobierai e Fleck (2013)
p. 155 [...] <i>el tiempo os desengañará de que Marina es otra muy distinta de la que habéis conocido.</i> —¿Y quién ha causado esa mudanza? —La Naturaleza, señor; esta madre solícita necesitaba de mis sentimientos para sus grandes fines y supo despertarlos. [...].	p. 155 [...] <i>time will serve to free you from the illusion that Marina is someone very different from the one whom you have known.</i> “And who is responsible for his change?” “Nature, sire; this solicitous mother needed my instincts for her great goals and was able to awaken them. [...].	p. 145 [...] <i>o tempo os desiludirá de que Marina é outra pessoa muito distinta da que conheceram.</i> – E quem causara essa mudança? – A Natureza, senhor; esta mãe solícita necessitava de meus sentimentos para seus grandes fins e soube despertá-los. [...].

Sobre as estruturas: "o tempo os desiludirá de que Marina é outra pessoa muito distinta da que conheceram", "*time will serve to free you from the illusion that*

²⁵⁰ "Continuava a se vestir como índia [...], arrumava o cabelo como uma índia, comportava-se como uma índia. E desse modo continuou até o fim dos seus dias sem tentar ou pretender virar uma branca ou espanhola, como outras sim fizeram [...]" (HERREN, 1993, p. 97 – tradução nossa).

[...]” e “*el tiempo os desengañará de que [...]*”, analisemos o significado que o termo “desiludir” traz no português.

Segundo o *dicionário Houaiss* (2009, p. 654), “desiludir” significa: “1: fazer perder ou perder a ilusão, a esperança em (alguém ou algo); enganar(-se), desenganar(-se); 2: causar ou sofrer decepção; decepcionar(-se), desapontar(-se) [...]; 3: deixar de acreditar”.

Sobre o recorte: “[...] *time will serve to free you from the illusion that [...]*”, observamos que é o tempo que servirá de ferramenta para liberar Cortés da ilusão de que (naquele momento doña Marina seja diferente do que quando a conheceu). No texto de 1964, lê-se: “[...] *el tiempo os desengañará de que [...]*”. A RAE (2016, s.p.) apresenta a seguinte definição: “*desengañar*: 1. tr. Hacer reconocer el engaño o el error. U. t. c. prnl.; [...]”²⁵¹. Dessa forma, na versão original, o tempo fará com que Cortés reconheça o engano/erro sobre sua suposição de que, naquele momento, Malinche seja diferente do que quando a conheceu. Portanto, enquanto em inglês lê-se que “o tempo libera Cortés da falácia”, no espanhol “o tempo demonstrará a Cortés que está errado sobre sua suposição”. São duas formas semelhantes de abordar o mesmo assunto.

Analisamos as frases no original em espanhol e a versão em inglês. Enquanto no espanhol, “o tempo ensinará Cortés a ver que Marina continua sendo a mesma, que não mudou”, a versão em inglês traz o sentido de “o tempo ajudará Cortés ser libertado da falácia (Marina mudou)”. Já, na versão em português, entendemos que “Cortés ficará desiludido de que Marina é outra pessoa”. Assim, a figura muda totalmente na versão de 2013.

A seguir, apresentamos, nas conclusões, além de outros aspectos a serem considerados, uma pequena síntese dos resultados das comparações feitas neste item das versões feitas pelos tradutores Castillo-Feliú e Sobierai e Fleck em determinados trechos significativos da obra em que se configura a personagem Malinche, cujas imagens geradas a partir dessas palavras, refletidas no espelho da tradução, é o tópico principal de nosso interesse.

²⁵¹ “desengañar: 1. tr. fazer reconhecer o engano ou erro. U.t.c.prnl.; [...]”. (RAE, 2016, s.p. – tradução nossa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador e o romancista se utilizam da linguagem para mostrar uma versão da história. Ambos com propósitos diferentes, um ligado ao que fazer científico e o outro às artes. Necessariamente, ambos, o historiador e o romancista ao utilizarem a linguagem fazem escolhas e sua visão de mundo interfere na sua escrita. A Historiografia e o Romance Histórico convergem por serem representações da realidade, e se separam, pois a Historiografia pode ser comprovada enquanto o Romance Histórico tem cunho ficcional, porém preenche as lacunas deixadas pela história, trazendo possibilidades do que poderia ter acontecido.

Há controvérsias com respeito ao que os cronistas deixaram escrito nos registros históricos. Os novos estudos mostram que todo historiador/cronista teve que fazer escolhas dentre os fatos/fontes para poder escrever a sua interpretação do que aconteceu. Com o nascimento do Novo Romance Histórico Latino-americano, em 1949, uma nova era de entendimento sobre a nossa história latino-americana se abre, sobretudo porque nestas releituras do passado o autor latino-americano questiona os fatos pregados pela historiografia, tomando em conta que a história que aprendemos na escola foi escrita pelo vencedor e não temos ideia do que poderia ter sido escrito na história vista pelo vencido.

O romance histórico *Xicoténcatl* (1826), nesse sentido, é um exemplo de como, desde inícios do século XIX, o pensamento latino-americano questionava a sua própria formação histórica. Nesta obra, o autor anônimo, um ideólogo republicano, apresenta a sua tese do México ser a nação pré-destinada – “*El destino heroico de la nación mexicana*” (FORERO QUINTERO, 2012) –. Isto é feito inovando, alterando o modelo europeu do Romance Histórico Clássico que Walter Scott iniciou com *Waverly* em 1814.

Em *Xicoténcatl* – obra inaugural do gênero híbrido de literatura e história em nosso contexto como manifestação dessa escrita mista em suas primeiras expressões – questiona-se o discurso da Restauração espanhola presente na crônica escrita por Antonio Solís, na qual seu máximo herói é Hernán Cortés. O verdadeiro herói latino-americano, segundo a proposta do romance oitocentista, é um autóctone, o líder tlaxcalteca Xicoténcatl, o jovem, personagem que é mostrado com todas as virtudes do herói clássico e elevado a representante do povo

autóctone nas Américas no contexto da chegada dos espanhóis junto a Cortés. Por outro lado, observa-se na narrativa a degradação do “herói da conquista de México pelos espanhóis”, Hernán Cortés.

A tese apresentada no romance mostra que a queda do mundo indígena é acelerada ao serem corrompidos os naturais deste continente pelos europeus, de modo a consumir o destino fatal das etnias autóctones. Porém, a boa notícia é o nascimento de uma nova nação na miscigenação das culturas americana e europeia. Neste ponto, surge como elemento importante uma mãe simbólica do povo mexicano: La Malinche. Esta personagem histórica tem sua configuração ficcional efetuada pela primeira vez na literatura neste romance. O biógrafo Herren (1993) comenta que a base para o estereótipo criado sobre La Malinche foi o romance *Xicoténcatl* (1826).

Atualmente – graças ao movimento nacionalista mexicano de inícios do século XX – o imaginário coletivo mexicano considera essa mulher histórica como a responsável pela queda do Império Asteca e pela facilitação da conquista para os espanhóis, liderados por Cortés, pelo seu papel de intérprete. La Malinche é a mãe simbólica do povo mexicano e o filho que teve com Cortés é considerado o primeiro mestiço. Fala-se em “malinchismo” quando se quer explicar o modo de agir dos “vende-pátria”. Inclusive o termo “Malinche” é utilizado para ofender.

Para Octavio Paz (apud HERREN, 1993), os mexicanos se consideram filhos de La Malinche, mas não a querem aceitar, pois se acreditam filhos “*de la chingada*”, ou filhos da estuprada mãe que não se opôs a este ato de violência. Ou como Salvador Reyes Nevares (apud HERREN, 1993, p. 163) afirma, o mexicano mestiço “*se identifica con el elemento violado de la conquista, con el elemento indígena, pero a la vez se avergüenza de él*”²⁵².

Além disso, cabe referir que o romance *Xicoténcatl* (1826), o embrião do Novo Romance Histórico Latino-americano (FLECK, 2005), é uma leitura importante, inclusive, para quem deseja entender a lucidez do autor anônimo, já em 1826, sobre a questão da posição subordinada da América Latina diante das políticas internacionais da grande metrópole e do início expansionista/imperialista dos Estados Unidos (FORERO QUINTERO, 2012). Essa última questão favorece supor

²⁵² [o mexicano mestiço] se identifica com o elemento estuprado da conquista, com o elemento indígena, mas ao mesmo tempo se envergonha dele" (NEVÁREZ apud HERREN, 1993, p. 163 – tradução nossa).

o porquê da autoria anônima, pois a obra apresenta um conteúdo subversivo que, no contexto do escritor, poderia trazer problemas políticos ao autor. O livro foi publicado, em espanhol, na Filadélfia, Estados Unidos, cidade de moda para os revolucionários latino-americanos exilados ou autoexilados que desejavam contribuir com as lutas pela independência da América Hispânica.

Outros estudiosos de *Xicoténcatl* (1826), mesmo não concordando entre si, preferem dar nomes diferentes a esse autor anônimo. Nós optamos por entender que é difícil discutir essa questão, pois, até hoje, são poucas as provas que, com sucesso, demonstram quem foi o verdadeiro autor. Assim, o anonimato nesta dissertação é respeitado, como Forero Quintero (2012) o faz.

Ademais, a obra somente possui duas traduções. A única ao inglês, a versão estadunidense, efetuada por Guillermo Castillo-Feliú, no âmbito acadêmico, e publicado em 1999 pela Texas University Press. A única ao português, a versão brasileira, elaborada por Anthoni Cley Sobierai e Gilmei Francisco Fleck, no âmbito do projeto PELCA-UNIOESTE, em 2013. Esta última, ainda não foi publicada, porém, pretende-se efetuar a publicação após o término dos processos de revisão e do estudo crítico que terá esta dissertação como base, com a orientação do professor Dr. Gilmei Francisco Fleck.

A tradução brasileira parte da proposição da tradução como ato político (ÁLVAREZ; VIDAL, 1996) que se responsabiliza por introduzir saberes/teorias/tecnologias que possam ampliar o nosso entendimento em todas as áreas e, sobretudo, sob o argumento do tradutor como “responsável do que não diz e como o diz” (ÁLVAREZ; VIDAL, 1996). Acreditamos que a tradução do romance *Xicoténcatl* (1826) ajudará no âmbito acadêmico brasileiro para o esclarecimento de como aconteceu a formação do pensamento latino-americano no início do século XIX e a entender melhor o posicionamento das escritas analisadas pelos estudos literários pós-coloniais no nosso contexto latino-americano.

Os tradutores brasileiros reconhecem essa obra como o primeiro posicionamento crítico latino-americano frente ao cânone literário europeu e, conseqüentemente, a tomada de uma posição inovadora frente a tal poder ao transformar, radicalmente, o modelo estabelecido pelo romantismo europeu para as escritas romanecas híbridas de história e ficção. Levar ao conhecimento do público brasileiro essa ação escritural hispano-americana de 1826, pensamos, pode auxiliar, até mesmo, no entendimento sobre a tardia criticidade brasileira na escrita ficcional

frente à metrópole, cuja causa possa ter sido o desconhecimento de uma ação como foi a escrita de *Xicoténcatl*.

Desse modo, a tradução do romance *Xicoténcatl*, mesmo que tardia, ajuda a possibilitar uma maior produção de leitura crítica no nosso país e de análise do nosso passado histórico de submissão aos códigos europeus.

O objetivo desta dissertação foi de analisar a versão original do romance em espanhol, organizada por Castro Leal em 1964, e isolar as imagens de Malinche em *Xicoténcatl* e compará-las com suas correspondentes nas duas únicas versões em outras línguas: a estadunidense (1999) e a brasileira (2013). A seguir, mostramos as imagens recolhidas neste estudo sobre Malinche, que nos ajudarão a identificar se essas imagens primeiras, presentes na literatura que configura esta personagem histórica, serviram como base para a formação da imagem negativa atual dela, presente no imaginário coletivo mexicano.

Diante das imagens analisadas da personagem Malinche no romance *Xicoténcatl* (1826), observamos que a narrativa propõe uma configuração artística de Malinche como uma personagem circular que inicia como todo “bom selvagem”: é corrompida e, no final, busca redenção, se transformando, no término da diegese, ao deixar de ser a ativa colaboradora voluntária de Cortés. A seguir, mostramos as imagens por bloco analisado no romance *Xicoténcatl*. Desse modo, podemos resumir os textos analisados nos 15 recortes escolhidos.

Malinche inicia a saga na diegese como “vítima da sedução de Cortés”, tal qual consta no fragmento escolhido nº 1 do romance. Nesse recorte, o espanhol Ordaz, desde a sua posição impolita se permite qualificar a personagem. Isto, ao longo do romance, se confirma, sobretudo, nos fragmentos 35 e 36. Esta primeira imagem está presente no original e suas duas versões. Do fragmento selecionado nº 1, cabe destacar o uso dos termos: “*amo*” (1964), “*máster*” (1999) e “mestre” (2013), nos textos respectivos. A imagem, no original e na versão estadunidense, é semelhante, porém, na versão brasileira, a imagem é de “indivíduo que ensina”. Dessa maneira, na versão de 2013 inclui-se a ideia de que Cortés teria ensinado tudo a Malinche.

No fragmento escolhido nº 2 observamos várias imagens novas para a personagem de extração histórica Malinche. Inicia o recorte como uma mulher que com suas graças e talentos atraiu a atenção de Cortés – o narrador emprega a frase “graças e talentos” sem o uso de ironias. Persiste também, no texto original e nas

traduções, a ideia de Cortés ter preservado *doña* Marina para si: fê-la batizar, deu-lhe seu amor e confiança, fez dela sua confidente e concubina. Nesse sentido, lê-se que quem dá cuidados, amor e confiança é Cortés, e Malinche unicamente atua como receptora, sem mostrar alguma posição dela com respeito a esta nova situação, dando a ideia de frieza, calculismo. Isto dá base para, no final da narrativa, reforçar a ideia de ela se comportar como uma desagradeada (a Cortés): “¿Y abandonarás así al hombre que tanto ha hecho por tu bien? ¿Al padre tierno de tu hijo? Dime, ¿en qué te ha faltado mi cariño? [...]” (ANÓNIMO, 1964, p. 155).

Igualmente, no mesmo recorte (1964, 1999, 2013), o autor não deixa claro que o interesse maior do Cortés histórico, ao escolhê-la, estaria nas suas funções como intérprete e que o fato de tê-la tomado para si historicamente aconteceu quatro meses depois de tê-la recebido como escrava e não imediatamente como sugere a narrativa. Aliás, a necessidade histórica de ter Malinche como intérprete de Cortés é apagada na narrativa. Todos os personagens, todos de diferentes etnias, falam perfeitamente o castelhano.

Nesse sentido, sobre a questão de que na diegese, no original, Malinche teve a sorte de cair nas mãos de Cortés, discutimos no estudo que foi necessário o encontro de dois quesitos: as habilidades da personagem histórica e da oportunidade histórica de utilizar essas habilidades. Desse modo, a ideia, de que poderia ter sido qualquer outra a pessoa escolhida por Cortés para resultar numa outra Malinche, se distancia do fato histórico. Karttunen (1997) demonstra que a personagem histórica não foi uma pessoa qualquer. Igualmente, não se pode afirmar, segundo os “anais da história”, que houve amor e cuidados da forma como refere o fragmento selecionado nº 2 de Cortés para Malinche.

Dessa forma, mesmo apresentando equivalência nas imagens, nos fragmentos de 1964, 1999 e 2013, “*accidentes de fortuna*”, “*accidentes of fate*” e “*accidentes do destino*”, respectivamente, encontra-se aberta a possibilidade, sugerida pela narrativa, de que qualquer uma poderia ter tomado o lugar de Malinche na história.

Ainda, no mesmo trecho, no original se aponta a que houve uma relação de donos de escravos/escrava quando se afirma no texto original que: “*Este [o cacique de Tabasco] la pasó al **dominio** de Hernán Cortés*” (ANÓNIMO, 1964, p. 99, grifo nosso). Este sentido se perde na tradução, quando no texto em inglês se lê: “*He gave her to Hernán Cortés*” (ANONYMOUS, 1999, p. 37), pois somente se utiliza o

sentido de dar. O mesmo acontece na tradução em português, com o sentido de entregar: “*Ele a entregou para Hernán Cortés*” (ANÔNIMO, 2013, p. 66).

Nesse mesmo recorte, na versão em inglês, entende-se que Malinche passou às mãos de Cortés logo após o povo desta capitular, mudando o sentido da história. No original, na versão brasileira, e nos dados históricos, entende-se que Malinche foi entregue a Cortés quando o povo de Tabasco capitulou diante de Cortés.

De igual modo, no mesmo recorte equivalente para os textos 1964, 1999 e 2013, observamos a correlação entre o original e a tradução no sentido de mostrar que os nativos, os que negociam diretamente com Malinche, são ingênuos (melhores selvagens), pois não conseguem ver a corrupção europeia presente nela, e, esta tira proveito disso, com sucesso, de forma consciente do ato e suas implicações, para favorecer Cortés.

Sobre os talentos de Malinche, na versão original se entende que são “bons talentos” ou “talentos úteis”, enquanto que na versão em inglês se encontra a noção de “fineza” e “boa qualidade” e na versão em português “talentos apurados, sensíveis, requintados”. Curiosamente, a descrição de Malinche é de alguém com fineza na última tradução. O sentido muda consideravelmente se tomarmos em conta que a tese do autor seria de evidenciar que os autóctones são “bons”. Assim, a imagem de “bom selvagem” muda radicalmente de uma imagem de Malinche de “bons talentos” a outras duas com “talentos finos/de boa qualidade”.

No subsequente fragmento selecionado nº 3, observamos o material que o imaginário coletivo mexicano pode ter utilizado para elaborar o construto de monstro sexual a respeito da personagem histórica La Malinche. Todavia, no romance, a passagem pelos diferentes momentos de transformação da personagem de extração histórica é necessária para que a tese do autor seja efetivada. Esta seria uma das faces de Malinche, segundo a narrativa.

Devido ao precedente da afirmação de Cortés ter sido o dador de cuidados e carinho para Malinche no trecho escolhido nº 2, nesse fragmento escolhido nº 3 a narrativa aponta a imagem de Malinche como de monstro sexual, pérfida, traidora, infiel, prostituta etc., ao mostrar o “seu lado libidinoso” ao desejar ter Ordaz para si, nos três textos estudados. Nesse aspecto, na narrativa, Malinche chega a ser infiel, pois, como “concubina” de Cortés, ela seduz outro.

Nessa cena, no original, narrada em terceira pessoa, abre-se espaço a novas interpretações, como, por exemplo, que a personagem assume sua posição de

escrava que não pode concretizar seus desejos; ou que, nessa afirmação em terceira pessoa, *doña* Marina finge ante Ordaz e jura que não é a sua vontade ficar com Cortés. No texto em inglês, por outro lado, temos outra imagem de Malinche ao dar uma “declaração sincera de amor”, alterando, desse modo, o sentido do enunciado original. No mesmo recorte, há coincidência no fato de que a personagem Malinche não resiste à integridade e aos atributos de Ordaz, da mesma forma que se expressa no texto em espanhol.

Destaca-se, nessa parte da narrativa que, na versão inglesa, a personagem feminina declara que se pudesse escolher, não duvidaria e abandonaria a Cortés e entregar-se-ia totalmente às inclinações de Ordaz. Dessa forma, na versão em inglês, Malinche, submetida à Cortés, deseja se submeter a um novo amante (Ordaz). De outro lado, a imagem da nativa, no original, é a de uma mulher que poderia entregar-se às suas próprias vontades e desejos, de ser livre nas escolhas e atos. Em consequência, temos uma jogada masoquista nas versões de 1999 e 2013, pois a personagem sai de um para entrar em outro submetimento, imagem que não aparece no original. Portanto, se bem no original de 1964 constatamos a imagem de La Malinche como “monstro sexual”, na versão de Castillo-Feliú esta ideia se subscreve com mais força. Igualmente, nos pontos destacados, observamos a imagem de *doña* Marina, a mulher infiel, em ambas as versões.

No fragmento nº 9, podemos apreciar, nos três textos, novamente, a perfídia/deslealdade de Malinche para com Cortés e sua “amiga” Teutila. Permanece a ideia de Malinche que desobedece a ordens, quando necessário, e o faz sem hesitar, pois vela pelos próprios interesses. A imagem dela como alguém que ousa não obedecer às ordens de seu amo, fica, porém, pouco convergente com a História, tal como Herren (1993) afirma, pois segundo o autor, a personagem histórica obedecia como um bom soldado de caráter firme e íntegro. Também, deparamos a imagem de Malinche com ciúmes de Teutila – outra imagem de baixa convergência com a História, pois as escravas mexicas estavam acostumadas a viver em haréns (HERREN, 1993) – e insegurança de ser prejudicada.

Malinche, na narrativa, atua insegura do que possa acontecer no seu futuro. Ela comunica a Teutila somente o conveniente e manipula-a para conseguir encaminhar os fatos ao seu favor. Além disso, Malinche é infiel a Teutila ao se insinuar a Xicotécatl. A narrativa, porém, deixa claro que *doña* Marina age dessa forma de maneira a não se comprometer diretamente, pois simplesmente procura

por um subterfúgio caso seja necessário ter um lugar para onde fugir. Sendo assim, descobrimos a imagem de Malinche manipuladora. Isso acontece nos três textos.

Do mesmo modo, constatamos a alegoria de caçadora na versão original, e a de aranha que tece sua teia com palavras em torno de Xicotécatl nas outras duas versões. Provamos a presença da primeira imagem no uso do vocábulo em espanhol “red” que atende à ideia de rede ou armadilha na versão original: “*las redes de Marina*”: “que joga para pescar/capturar Xicotécatl”, no sentido de trazer para seu lado, já que busca uma possível saída aos problemas futuros. A evidência da ideia de aranha nas versões de 1999 e 2013 se encontra no uso do termo “teia” nas duas versões.

Assim, depois de verificar os respectivos termos nos dicionários correspondentes, arriscamos a ideia de que a personagem teceria “suas teias (de aranha)” para enredar o tlaxcalteca. Como resultado da comparação dessas imagens, temos que a menos forte é a achada no termo “red” de 1964. A gradação ascendente mostra-se assim: “red”, “teia” e “web”.

No fragmento escolhido nº 10, nos três textos, Malinche ganha a confiança de Xicotécatl, habilidosamente, numa única entrevista. A narrativa, por outro lado, aponta sua preocupação em não se comprometer, pois deseja ter uma segunda saída se os eventos forem desgraçados para ela. O narrador, por sua vez, confirma que ela ama a Ordaz. É interessante apontar, novamente, à imagem percebida de constante insegurança na vida de Malinche, segundo a narrativa.

No fragmento escolhido nº 14 – nos textos de 1964, 1999 e 2013 – quando Xicotécatl, que é uma personagem moldada nas bases da honra masculina espanhola, descobre a gravidez de *doña* Marina, explode pela raiva que neste aflora, emitindo qualificativos negativos com relação à Malinche, os quais podem ter servido de base para a construção das imagens negativas de Malinche no imaginário coletivo mexicano. Observamos, porém, que a grande vergonha desonrosa que causa a explosão é o ter desejado casar com Malinche. O tlaxcalteca sente-se desonrado ao se perceber enganado.

Já, no fragmento selecionado nº 19, obtemos a imagem de Malinche, nos três textos, como mulher furiosa e vingativa que chega a delatar Ordaz, seu “amado”. Igualmente, temos a imagem de Malinche aterrorizada com o que pudesse acontecer com sua pessoa quando Cortés soubesse que foi ela quem liberou a

entrada à cela de Teutila. Esta seria outra das circunstâncias em que a personagem mostra que age sempre visando à própria segurança.

No mesmo trecho escolhido, temos no texto publicado por Castro Leal: “luchando en la cama con los dolores que le causa el fruto de su amor”. Enquanto na versão de Castillo-Feliú, lê-se: “suffering in her bed the pains caused by the fruit of her love” e, na dos tradutores brasileiros lê-se: “sofrendo em sua cama as dores causadas pelo fruto de seu amor”.

Após realizada nossa leitura e análise, conferimos que, no original, Malinche não só está na cama do casal (ênfatisa a relação de casal), mas também sofre com as dores causadas pelo fruto do amor de Cortés (não dela, ou de ambos, pois nesse fragmento ela enfatiza o trabalho dela na gravidez por causa dele). Por outro lado, ressaltamos que esses sentidos são modificados nas duas versões. Desse modo, na versão de 1999, Malinche sofre na cama “dela” pelas dores causadas pelo fruto do amor dela a Cortés: uma declaração de amor e fidelidade. Finalmente, na versão de 2013, Malinche sofre na cama de Cortés (ênfatisa que ela não é dona de nada) as dores causadas pelo fruto do seu amor – neste caso, poderia também ser dele/dela/deles, porém, o contexto apresenta ênfase para o “amor dele”.

Como consequência da cena anterior, no fragmento escolhido nº 22, nos três textos analisados, Ordaz a desmascara e a chama de: covarde e sugere que seja falsa e dissimulada. Novamente, apontamos à imagem de uma *doña* Marina com medo e preocupação pela própria segurança.

No fragmento selecionado nº 26, no livro 4, nos três textos, destacamos a evolução na personagem. A mola propulsora dessa mudança teria sido a sua maternidade. Malinche assume suas culpas diante do frei: “sou uma grande pecadora”; “*Yo soy una grande pecadora*”, “*I am a great sinner*” e, o mais importante, o que serve de base para a tese do autor, “ela deseja servir de exemplo”. Por outro lado, o narrador opina, na versão em espanhol, que “Malinche seria digna de apreço, pois é de reconhecer e estimar o seu mérito”. Concluímos que, no recorte equivalente na língua inglesa, da mesma forma, a voz narrativa pondera que Malinche mereceria respeito e admiração pelas suas “boas qualidades”. Finalmente, na versão em português, o segmento aparece com o mesmo sentido das anteriores: “Malinche mereceria respeito”. Todas essas imagens são semelhantes nos recortes de 1964, 1999 e 2013. Neste ponto, verificamos que a voz narrativa começa a

mudar em relação à opinião sobre Malinche. Partindo desse momento, o narrador utilizará evocações positivas para delinear a personagem.

No fragmento nº 33, livro 5, notamos que, nos três textos, há progressão de imagens sobre Malinche. Analisamos os fragmentos: “*el ejemplo vivo de Teutila, la llamaron dentro de sí misma*” de 1964; “*the vivid example of Teutila struck a chord inside her*” da versão de 1999, e, no português: “o exemplo vivo de Teutila, a chamaram dentro de si mesma”. No texto de 1964, Malinche reflete sobre seu passado ao tomar como exemplo vivo a Teutila, a quem chama de “matrona exemplar” no fragmento selecionado nº 35, mesmo que esta não deixe descendência na trama. Dessa forma, *doña* Marina começa a refletir sobre seu passado, sua condição e situação no momento. Percebemos que tanto no castelhano quanto no português, e inglês, a construção é similar. Por outro lado, essa mudança é confirmada na cena da morte de Magiscatzin, nas três versões.

Também, em outro momento, a narrativa usa a imagem de “*buenas semillas*”, “*good seeds*” e “boas sementes”, imagens positivas, para explicar como a mudança acontece na personagem. Também, constatamos o trato dado ao papel que exerce “a virtude” na narrativa. Nos três textos elencados, essa é comparada a uma religião à qual as pessoas devem ser convertidas: “conversão à virtude”, “*conversión a la virtud*” e “*conversion to the virtuous life*”.

No fragmento nº 35, depois da morte de Magiscatzin, verificamos as mesmas imagens presentes nas três versões: Marina arrepende-se de seus atos; está ciente da manipulação de Cortés, do frei e da religião; ela abjura oficialmente desta última para retomar o caminho da virtude. Destarte, observamos a dura crítica à religião colonizadora que se mantém nas três versões do texto.

Ainda no fragmento nº 35, no diálogo da nativa com frei Bartolomé, confluyente com a crítica à religião, ela afirma que a partir desse momento somente cumprirá ordens, já que não deseja mais fazer parte dos planos ambiciosos de seu amo nem ser sua cúmplice nos seus excessos. Pela atitude revelada, a personagem é excomungada pelo frei, porém, já nessa parte da diegese, ela mostra ser epistemologicamente independente, pois interpreta, facilmente, a manipulação a que foi submetida pelo frei, pela religião e Cortés. Tal imagem de Malinche se reitera nas três textos analisados de *Xicoténcatl*.

Nesse trecho ainda, com respeito ao uso de “*esclava*” (1964), “*servant*” (1999) e “*escrava*” (2013), observamos na tradução de 1999 que há uma atenuação na

definição que pede o original. Está claro para nós que na versão de Castillo-Feliú, Malinche não é uma escrava, mas uma serva. Mais uma vez se perde um sentido: o de escrava. Este problema não aparece na versão de Sobierai e Fleck. Igualmente, com respeito a “*querida*” (1964), “*lover*” (1999) e “*querida*” (2013), destacamos que a escolha da versão estadunidense e o uso do falso-cognato na versão brasileira para “*querida*” do original perdem o sentido de pessoa que é mantida pelo amante, suas contas são pagas pelo amante.

Outra imagem em especial não aparece de modo análogo no original e suas versões. Referimo-nos ao extrato: “não voltará a ser a colaboradora [...] nem sua cúmplice em suas desordens”. No original em espanhol e na versão em inglês, o sentido para “*desórdenes [de Cortés]*” e “[*Cortés’s*] *excesses*”, respectivamente, são similares. Porém, na versão em português, como verificamos no *dicionário Houaiss* (2009), tem a ver com má administração/regência, e sabemos que, pelo sucesso obtido historicamente, Cortés, nesse aspecto, foi eficiente. Dessa forma, a imagem, na versão de 2013, de administração má não confere nem com o original nem com o escrito na história. Sugerimos o uso do termo “desmando” para aproximar o sentido do trecho em português ao do original.

Também no fragmento selecionado nº 35, depois de ser excomungada, Malinche revida, no original e suas versões, e responde ao frei chamando-o de: “hipócrita”, e este ameaça tirar-lhe o filho. Pela história, esta cena, torna-se realista e comprovamos isto com os dados históricos aportados pelo biógrafo (HERREN, 1993). Por outro lado, pelo contexto analisado, apontamos à presença da imagem no original que mostra que o frei “através dos sentimentos sabe atingi-la” (“*sabes atacarme por los sentimientos de la Naturaleza*”). Nas duas versões, a imagem muda ligeiramente. Se na versão de 1999, o frei utiliza os elementos da natureza para atingi-la, na versão de 2013, ele utiliza os sentimentos para isso.

No fragmento nº 36, por último, observamos que, nos três trechos equivalentes, as imagens que Cortés tem sobre sua escrava são a de uma escrava, aliada, habilidosa e útil, demasiado útil para que ele renuncie facilmente a ela pelos “escrúpulos” que a personagem revela. Conforme vemos na diegese, dos três textos arrolados, ao tentar recuperá-la para seus projetos, o capitão estremenho trata Malinche de “*mojigata*” (em espanhol), “*prudish*” (em inglês) e “puritana” (em português).

Como resultado da comparação dos três termos, com o uso dos dicionários pertinentes, podemos arriscar a dizer que as versões de 1999 e 2013 mostram que Cortés entende que Malinche está sendo “muito rígida”, no português, e, “muito modesta”, em inglês. Entretanto, essas imagens são brandas se comparadas à imagem de 1964, na qual observamos que a personagem Cortés entende que “Marina está fingindo para conseguir seus próprios propósitos”. Quando questionada pelo motivo da mudança, nos três textos, Marina aponta à Natureza (ser elevado que aparece no livro todo) como causante de tudo.

No que toca a “*escrúpulos mujeriles*”, “*womanish scruples*” e “*escrúpulos femininos*”, observamos – ainda que com o tom negativo que acrescenta “*mujeriles*” e “*womanish*” nas imagens propostas – a presença de gradação crescente positiva nos três trechos equivalentes, a seguir: “*escrúpulos mujeriles*”, “*womanish scruples*” e o sintagma mais moderado das três versões: “*escrúpulos femininos*”.

Para finalizar, no fragmento nº 36, nos três textos, Malinche mostra-se grata a Cortés, por tudo o que significou para ela (os benefícios que obteve ao seu lado), afirma que continua a estimá-lo e que, mesmo não parecendo, ainda é a mesma mulher. O problema de análise nos sentidos das traduções está nos recortes a seguir. No original: “*el tiempo os desengañará de que [...]*”; na versão de 1999: “*time will serve to free you from the illusion that [...]*” e no português: “o tempo os desiludirá de que [...]”. Entendemos que a figura em espanhol aporta o sentido de: “o tempo ensinará Cortés a ver que Marina continua sendo a mesma, que não mudou”. Por sua vez, na versão em inglês o sentido presente é de “o tempo ajudará Cortés ser libertado da falácia (Marina mudou)”. Porém, no português entendemos que “Cortés fica desapontado por Marina ter se tornado outra pessoa”. Assim, entendemos que a figura muda totalmente na versão de 2013.

Depois de verificar as imagens da personagem histórica Malinche nesta obra, percebemos a possibilidade de que as imagens negativas em *Xicoténcatl* podem ter sido tomadas como base para a construção do mito Malinche. Inclui-se, também, no mito, a maternidade de Malinche. Porém, foi abandonado o aspecto humano da personagem ficcional. O olhar do leitor do romance difere dependendo, entre outros aspectos, do seu contexto de vida. O leitor nonocentista deve ter-se escandalizado com as cenas em que La Malinche foi colocada na narrativa.

O nosso olhar, porém, mais de acordo com a nossa contemporaneidade, enxerga nas linhas do romance a saga de uma mulher valente à qual o narrador lhe

permite se mostrar com defeitos e virtudes, uma personagem ficcional tão verossímil como um ser humano real. Os novos paradigmas dos pensamentos teóricos de nossa era nos deixam mais permissivos, mais compreensivos.

Da mesma forma, não precisamos mais de um bode expiatório a quem culpar dos desastres causados por nossos antepassados. Entendemos que todos os acontecimentos na formação da América Latina são o resultado complexo de vários grupos atuantes e fatores diversos. O que desejamos hoje é entender o passado para encarar melhor as possibilidades futuras. Daí a importância da necessidade de conhecer textos fundadores como *Xicoténcatl* (1826).

Após ter sido feito o cotejo entre o original e as duas versões do romance, parece-nos ainda mais óbvia a necessidade grande de o tradutor conhecer muito bem os fatos históricos para não incluir erros na tradução acarretadas pelo não entendimento de certos usos e construções ou, no caso, alterações de fatos históricos como o ocorrido na versão em inglês com a troca do pronome “*su*”.

A versão em inglês apresenta o sentido de o cacique de Tabasco entregando Malinche a Cortés depois do povo dela ter capitulado. Nessa escolha, ao decidir-se pelo uso do pronome possessivo feminino “*her*” em detrimento de “*his*”, o sentido muda de forma dramática: “*He* [o cacique de Tabasco] *gave her* [Malinche] *to Hernán Cortés, after the capitulation of her country* [o país de Malinche]”. Na história, Malinche foi entregue como presente quando o povo de Tabasco capitulou.

A tradução ao português de *Xicoténcatl* (1826), como documento crítico exemplar do pensamento latino-americano oitocentista, nos trabalhos prévios aos trabalhos de edição, receberá todos os cuidados que uma tradução literário-histórica merece. Neste caso, verificaremos nos mínimos detalhes a primeira tradução ao português (2013), e, em seguida, passará por uma revisão minuciosa, com as alterações sugeridas, baseadas neste estudo, para, proximamente, apresentar a versão à publicação.

Contudo, no cotejo do original com as duas únicas traduções do romance histórico *Xicoténcatl* (1826), mesmo com os problemas de tradução, apontados na dissertação, concluímos que as imagens de Malinche no romance oitocentista permanecem inalteradas nas suas correspondências na tradução estadunidense e na brasileira, respectivamente.

Finalmente, não podemos deixar de mencionar a importância que o gênero romance histórico adquiriu na América Latina como forma de descolonização mental.

Bonnici (2012) comenta que durante muitos anos fomos convencidos a aceitar que a colonização tinha como intuito tirar os povos colonizados da escuridão em que sua cultura os mantinha e que era necessário aceitar a outra cultura, a europeia, fato que tinha que ser aceito, “pelas vias da paz ou à força”, pelo bem de todos.

O estudo do romance histórico aporta pensamento crítico ao desvendar as entrelinhas da história e mostrar que existe mais do que uma única “verdadeira” história. Nos termos de Bonnici (2012), esse gênero da estética literária se constitui em ferramenta do pós-colonialismo, ajudando aos seus leitores a desvendar os textos velados nos palimpsestos históricos.

A proposta de tradução de textos como *Xicoténcatl* no projeto PELCA tem por finalidade propor novos caminhos para desenvolver uma reflexão crítica sobre o papel da tradução, e sua importância, no contexto da América Latina. Centramo-nos, para tanto, no projeto, nas produções híbridas de história e ficção, mais especificamente no gênero romance histórico e, também, executamos a prática da tradução nesse contexto. Isto, com o intuito de dar fundamentação a formas críticas de leitura com ênfase na formação de leitores mais conscientes do passado histórico e das formas como este foi registrado no espaço latino-americano pelo discurso do conquistador, silenciando todas as vozes colonizadas.

Assim, esperamos, a América Latina, especialmente o Brasil, terá condições de melhor conhecer-se e reconhecer-se como sujeitos capazes de enfrentar os ditames do colonialismo e transformá-los, em busca das possíveis vias de descolonização: a leitura de *Xicoténcatl* (1826-1999-2013) está entre as mais privilegiadas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Adenilson; FLECK, Gilmei F. **Canudos**: entre o multiperspectivismo de Vargas Llosa (1981) e a mediação de Ailton Fonseca (2009). Curitiba: CVR, 2015.

ÁLVAREZ, Román; VIDAL, M. Carmen-África. Translating: a political act. In: _____ (Ed.). **Translation power subversion**. Philadelphia: Multilingual matters, 1996.

ANDRADE, Brenda Carlos de. **Traçado de uma história**: ficção e realidades nas narrativas hispano-americanas do século XIX. 272f. 2014. Tese. Faculdade de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ANÓNIMO. *Xicoténcatl*. Prólogo, organização, estudo preliminar e notas de Antonio Castro Leal. [2. ed.]. p. 73-177. In: CASTRO LEAL, Antonio (Org.). **La novela del México colonial**. México: Aguilar, 1964.

ANÔNIMO. **Xicoténcatl**: romance. O primeiro romance histórico latino-americano. Trad. E. Anthoni Cley Sobierai; Gilmei Francisco Fleck. In: SOBIERAI, Anthoni Cley. **Uma tradução experimental de Xicoténcatl** (1826) ao português: o primeiro romance histórico Latino-americano. 2013c. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Letras). Colegiado de Letras, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

ANÓNIMO. **Xicoténcatl**. Edición, estudio preliminar y notas de Gustavo Forero Quintero. Madrid: Vervuert, 2012.

ANONYMOUS. [Xicoténcatl. English] **Xicoténcatl**: an anonymous historical novel about the events leading up to the conquest of the Aztec Empire. Translation, Translator's notes and Introduction by Guillermo I. Castillo-Feliú. 1. ed. Texas: University of Texas Press, 1999.

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. 5. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BALADÃO DE AGUIAR, Janaina de Azevedo. **El sexto sol de Malinalli**. 2014. 358 f. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1977.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Trad. Vivina de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BENSO, Silvia. **Xicoténcatl**: para una representación del pasado tlaxcalteca. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2016. Disponível em:

<<http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcms5s0>>. Acesso em: 09 set. 2016.

BERND, Zilá. **Escrituras híbridas**: estudos em literatura comparada interamericana. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

_____. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 25-45.

BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. 2. ed. Maringá: Eduem, 2012.

BORGES, Ana Isabel Guimarães. **Sonhos de criação e morte**: primero sueño e nação em *Muerte sem fim*. Tese (Doutorado em Letras). UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp020041.pdf>>. Acesso em: 07 jun. 2016.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CARVALHAL, Tania. **Literatura comparada**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

CORTÉS, Hernán. **Cartas de relación**. 1866. Disponível em: <<https://archive.org/details/cartasyrelacion00cortgoog>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

COUTINHO, F. Eduardo. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latino-americano? In: CONGRESSO DA ABRALIC, 2., 1995, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: ABRALIC, 1995. V. II, p. 621-633.

_____. **Literatura Comparada na América Latina**: ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

_____. La literatura comparada en América Latina: Sentidos y función. Voz y Escritura. **Revista de Estudios Literarios**. n. 14, ene-dic. 2004. p. 237-258.

CYPESS, Sandra Messinger. **La Malinche in Mexican Literature**: from History to Myth. 4 ed. Austin: University of Texas Press, 2000.

DONÓFRIO, Salvatore. **O texto literário**: teoria e aplicação. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

FERNÁNDEZ PRIETO, Celia. **Historia y novela**: poética de la novela histórica. 2. ed. Barañáin (Navarra): EUNSA, 2003.

FERREIRA, Maria Auxiliadora de Jesus. Lazarillos del “Lazarillos de Tormes”: uma análise descritivo-comparativa de duas traduções da obra. 2008. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/fuw4x4>>. Acesso em: 09 set. 2016.

FLECK, Gilmei Francisco. **Imagens metaficcionalis de Cristovão Colombo**: uma poética da hipertextualidade. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Assis, 2005.

_____. **O romance, leituras da história**: a saga de Cristovão Colombo em terras americanas. Tese. UNESP, Assis, 2008.

_____. O romance histórico: uma breve trajetória. In: ABRÃO, Daniel; GIACON, Eliane M. O. (Orgs.). **Pesquisa em literatura**. Deslocamentos, conexões e diferenças. Reflexões de crítica, teoria e historiografia literárias do mestrado em letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Curitiba: Appris, 2014a.

_____. O tradutório: unha experiencia de tradución literaria en ámbito académico. Mediateca. Vigo, Espanha: UVigo tv. 6 de novembro de 2014b. **Vídeo** de palestra. Disponível em: <<http://tv.uvigo.es/es/video/mm/24522.html>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

_____. O romance histórico: processo de leituras cruzadas – uma via de descolonização para a América Latina. In: _____. **Coleção Literatura comparada**. Curitiba: Atena, 2016. p. 157- 167. Disponível em: <<http://atenaeditora.com.br/index.php?productID=293>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

FUENTES, Carlos. **El espejo enterrado**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

_____. Hernán Cortés. In: **Letra internacional**, 67, verano 2000, pp. 9-10. Disponível em: <<http://hispanoteca.eu/Landeskunde-LA/Hern%C3%A1n%20Cort%C3%A9s-Carlos%20Fuentes.htm>>. Acesso em: 5 maio 2016.

GONZÁLEZ, Cristina. **Doña Marina (La Malinche) y la formación de la identidad mexicana**. Madrid: Ed. Encuentro, 2002. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8474906547>>. Acesso em: 28 mai. 2016.

GRILLO, Rosa Maria. Tres novelas para la misma historia: el encuentro entre Cortés y Xicoténcatl. **América sin nombre**, v. 5, p. 83-93, 2004.

_____. El mito de un nombre: Malinche, Malinalli, Malintzin. **Mitologías hoy**, v. 4, p. 15-26, 2011.

HERREN, Ricardo. **Doña Marina**, La Malinche. México: Ed. Planeta, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. (dir.). **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KARTTUNEN, Frances. Rethinking Malinche. In: SCHROEDER, Susan; WOOD, Stephanie; HASKETT, Robert (Eds). **Indian women of early Mexico**. s.n.: University

of Oklahoma Press, 1997. p. 291-314. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/bmzA0>>. Acesso em: 16 set. 2016.

KLAUER, Alfonso. **El mundo pre-inka**: Los abismos del condor. 3. ed. Lima: [s.n.], 2000. t.2.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão {et. al.}. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1998.

LONGMAN. **Dictionary of contemporary English**. 3. ed. Bungay, Suffolk: Oxford University Press, 1995.

LOPES, Rodrigo Smaha; FLECK, Gilmei Francisco. Xicoténcatl (1826): primeiro romance histórico latino-americano. **Darandina Revisteletrônica**, 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2014/03/artigo_rodrigo_gilmei.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

LOPES, Rodrigo Smaha. **Romances históricos americanos: *The Last of The Mohicans* (1826), *Xicoténcatl* (1826) e *O Guarani* (1857)** – Configurações das Identidades Ameríndias. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015.

LUKÁCS, Georg. **La novela histórica**. Trad. Jasmin Reuter. 1. ed. México: Editora Era, 1966.

_____. **A teoría do romance**. Trad., posfácio e notas José Marcos Mariani Macedo. 1. ed. 3. Reimpressão. São Paulo: Duas cidades, 2007.

MARTÍN, Maria Teresa Díez. Perspectivas historiográficas: mujeres indias en la sociedad colonial hispanoamericana. **Frentes Avanzados de la Historia**. Revista de difusión histórica interatlántica y de género/S- Investigación, genealogía profesional. Universidad Nacional de Educación a Distancia. UNED/España. 2007. Disponível em: <<http://maytediez.blogia.com/2007/022704-perspectivas-historiograficas-mujeres-indias-en-la-sociedad-colonial-hispanoamer.php>>. Acesso em: 02 jan. 2015.

MARTINS, Marcia A. P. O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários. In.: WEINHARDT, Marilene; CARDOSO, Mauricio M. (Orgs.). **Centro, centros**: literatura e literatura comparada em discussão. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, Alexis. **Historia y ficción em la novela venezolana**. 2. ed. Caracas: Ediciones La Casa de Bello, 1996.

_____. Arturo Uslar Pietri y la literatura. **Conferencia**. Caracas, 2006. Disponível em: <<http://www.conlalengua.com/uslar.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

MASTRANZO, Nazário A. Sánchez. Los códigos de Tlaxcala. In: INAH. **Boletín. Memoria del Foro**. Cap. 10. 2010. p. 127- 152. Disponível em: < http://www.inah.gob.mx/images/stories/Boletines/2010/Especiales/Memoria_del_Foro/capitulo10.pdf >. Acesso em: 07. dez. 2015.

MENTON, Seymour. **La Nueva Novela Histórica de la América Latina, 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MERRIAM-WEBSTER (Ed.). **Webster's New Encyclopedic dictionary**. Springfield: Federal Street Press, 2002.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster Dictionary and Thesaurus** [Online]. 11. ed. 2015. Disponível em:<<http://www.merriam-webster.com/>>. Acesso em: 14 out. 2016.

MIGNOLO, Walter. Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y de la conquista. In: CARHART, Tracy. **Historia de la literatura hispanoamericana**. 1982. s.p. Disponível em: < <http://encurtador.com.br/uvE68> >. Acesso em: 07 dez. 2015.

MILTON, John. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poética, 1993.

MITCHELL, Geoffrey. Teorizando la ilustración: Rosseau y Voltaire en Jicoténcal. **Literatura mexicana**. v. 23, n. 1, México. p. 07-30. ago. 2012. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/orOQ5>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

NEVÁREZ, Lisa. My reputation precedes me: La Malinche and Palimpsests of Sacrifice, Scapegoating, and Mestizaje In Xicoténcatl and Los mártires del Anáhuac. **Decimononica**, v. 1, n. 1, p. 67-85. 2004. Disponível em: <http://www.decimononica.org/wp-content/uploads/2013/01/Nevarez_V1.1.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2016.

NITRINI, Sandra. **Literatura comparada: história, teoria e crítica**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

MILTON, John. A teoria da tradução literária no Brasil. In: _____. **O poder da tradução**. São Paulo: Ars Poetica, 1993. p. 162-184.

PAGANO, Adriana Silvina. América latina, tradução e pós-colonialismo. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 44, n. 1, 2000. p. 157-167.

PASTOR, Beatriz. **Discurso narrativo de la conquista de América**. Ciudad de Havana: Casa de las Américas, 1983.

PULIDO HERRÁEZ, Begoña. Jicoténcal: una disputa entre la monarquía y la república. **Cuadernos Americanos**. México, n. 137, p. 47-66, mar. 2011.

RAE. **Diccionario de la lengua española**. 22. ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001.

_____. **Diccionario de la lengua española** [en línea]. 23. ed. 2016. Disponível em: < <http://dle.rae.es/?w=diccionario>>. Acesso em: 14 out. 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução Alain François [et. al.]. 6. reimpressão. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

RIVERA, Agustín. **Anales mexicanos** o sea cuadro cronologico de los hechos mas notables pertenecientes a la Historia de México, desde el siglo VI hasta este año de 1889. Tomo I. Lagos, Tipografía de Vicente Veloz. 1889. Disponível em: <http://cdigital.dgb.uanl.mx/la/1080022768/1080022768_08.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2015.

RODRIGUES, Sara Viola. Os limiars da crítica da tradução na pós-modernidade. In: CARVALHAL, Tania Franco (Org.). **Culturas, contextos e discursos**: limiars críticos do comparatismo. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

ROJAS GARCIDUEÑAS, José. Jicoténcal: una novela histórica hispanoamericana precedente al romanticismo español. **Anales** del Instituto de Investigaciones Estéticas. México, n.24, p. 53-76, 1956.

_____. Otra novela sobre el tema de Xicoténcatl. **Anales** del Instituto de Investigaciones Estéticas. México, v. 8, n. 30, p. 101-112, 1961. Disponível em: < <http://www.analesiie.unam.mx/index.php/analesiie/article/view/701/688>>. Acesso em: 25 jul. 2016.

SANTIAGO, Silviano. **Intérpretes do Brasil**. São Paulo: Nova Aguilar, 2000.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. 7 ed., Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

SOBIERAI, Anthoni Cley. Uma tradução experimental de Xicoténcatl (1826) ao português: o primeiro romance histórico latino-americano. 2013. 29p. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português/Inglês) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2013.

SOLÍS, don Antonio de. **Historia de la conquista de México**, población y progresos de la América septentrional conocida por el nombre de Nueva España. s.l.: Imprenta de R. Juigné, 1809. Disponível em: <<https://archive.org/details/historiadelacon01solgoog>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

TROUCHÉ, André. **América**: história e ficção. Niterói: EdUff, 2006.

UREÑA, Pedro. Henriquez. **Las corrientes literarias en la América Hispánica**. México: Ed. Fondo de Cultura Económica, 1994.

USLAR PIETRI, Arturo. **El mestizaje y el nuevo mundo**. In: _____. *Cuarenta ensayos*. 1. ed. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Latinoamericana, 1990.

VARELA, Félix. **Jicoténcal**. Edición y estudio preliminar de Luis Leal y Rodolfo J. Cortina. Texas: Arte Público Press, 1995.

WOOD, Stephanie. Contextualizing Malinche. Review of Camilla Townsend's *Malintzin's Choices: An Indian Woman in the Conquest of Mexico* (Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006). **A Contracorriente**, v. 4, n. 3, p. 219-233, 2007.

WYBO, An-Sofie. **La Malinche resucitada**: autores recientes frente al desafío de la desmitificación. Hacia un análisis comparativo de las novelas *La india de Cortés* (2004) de Carole Achache, *La verdadera historia de Malinche* (2009) de Fanny del R. Tesina de maestría. (Máster en Literatura). 2014. Disponível em: <<http://lib.ugent.be/catalog/rug01:002162635>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

WYLER, Lia. **Línguas, poetas e bacharéis**: uma crônica da tradução no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ANEXO– QUADRO DE SISTEMATIZAÇÃO DOS FRAGMENTOS DO ROMANCE *XICOTÉNCATL* (1826 [1964]-1999-2013) NOS QUAIS APARECEM REFERÊNCIAS À PERSONAGEM MALINCHE.

Os fragmentos seguem a ordem de aparição na obra original.

Primeira coluna – original em língua espanhola (Anónimo). Foi utilizada a edição de Castro Leal publicada em 1964; segunda coluna – tradução ao Inglês (Castillo-Feliú); terceira coluna – tradução experimental ao Português (Gilmei Francisco Fleck).

Nº	Original em espanhol	Versão em inglês	Versão em português
1	<p>p. 85 (Ordaz sobre Cortés e Malinche) Su conducta en Santiago de Cuba pasó por una galantería; pero, desde que ha empuñado el mando, se ha quitado la máscara y, sin consideración a su carácter ni a la religión que propala, casi hace ostentación de sus amores adúlteros con esa india, quizá víctima de su seducción. [...]</p>	<p>p. 16 [...] His conduct in Santiago de Cuba was regarded as an act of gallantry; but, once he took command he removed his mask, and, without considering his character or the religion that he promotes, he almost boast his of his adulterous affair with that Indian woman, who is maybe a victim of his seduction.</p>	<p>p. 45 Sua conduta em Santiago de Cuba foi considerada um ato de galanteria de galanteria; mas, uma vez que ele tomou o comando, ele removeu sua máscara, e, sem considerar seu caráter ou a religião que ele promove, ele quase chega a orgulhar-se de seu romance adúltero com aquela índia, que talvez seja uma vítima de sua sedução.</p>
2	<p>p. 99 Nada era bastante para abatir ni moderar el orgullo ultrajado de la americana; desconfiada ésta, y con razón, de todos los españoles, no tenía más momentos de consuelo que los que pasaba con doña Marina, que la solía acompañar en su prisión. Esta doña Marina era una americana, natural de Guazacoalco, que, después de varios accidentes de fortuna, vino a ser esclava del cacique de Tabasco. Este la pasó al dominio de Hernán Cortés, después de la sumisión de su país, con otras esclavas que le presentó de regalo. Los</p>	<p>p. 37 Nothing was sufficient to dash or to moderate the offended pride of the American; mistrustful, and with reason, of all Spaniards, her only moments of consolation were the ones she spent with doña Marina, who would accompany her in her prison. Doña Marina was an American, a native of Guazacoalco, who after several accidents of fate came to be a slave of the cacique of Tabasco. He gave her to Hernán Cortés, after the capitulation of her country, along with other slaves that he gave him as a gift. The fine talents and charms that she possessed</p>	<p>p. 65 Nada era capaz de abater ou mesmo de moderar o orgulho ferido da americana; desconfiada, e com razão, de todos os espanhóis, seus únicos momentos de consolação eram (p. 66) aqueles que passava com doña Marina, que a acompanhava na prisão. Esta doña Marina era uma americana, uma nativa de Guazacoalco que, após vários acidentes do destino, acabou se tornando uma escrava do cacique de Tabasco. Ele a entregou para Hernán Cortés, após a submissão de seu país, juntamente com outras escravas que foram dadas aos espanhóis</p>

<p>buenos talentos y las gracias de esta esclava llamaron la atención de su amo, el que, después de haberla hecho bautizar con el nombre de Marina, puso en ella su amor y su confianza, de manera que en pocos días pasó de su esclava a su concubina y confidenta. Este último oficio lo desempeñó con grandes ventajas para Hernán Cortés, pues, no sospechando en ella los naturales las artes y el dolo de los europeos, supo emplear con más efecto la corrupción y la intriga, en que hizo grandes progresos. Hernán Cortés le había encargado particularmente que consolase a Teutila en su dolor y que procurase ganarla con dulzura y afabilidad, evitando a cualquier costa que el rigor la arrastrase a un partido desesperado, de lo que parecía tan capaz. Doña Marina la consolaba, más con caricias que con razones, guardándose bien de elogiar a sus tiranos, y manifestándose ella misma deseosa de sacudir también su yugo. En las grandes aflicciones las almas más fuertes tienen necesidad de un consuelo que mitigue sus sufrimientos, y esta necesidad tan natural las hace ser poco escrupulosas en el examen de los que les ofrece el acaso. Así la infeliz Teutila cayó en las redes de su astuta y falsa amiga y se abandonó con confianza a su perfidia para gozar por algún tiempo de la dulce ilusión de una honrada amistad y sufrir después el</p>	<p>attracted her master, who, after having baptized her with the name of Marina, gave her his love and trust in such a way that in a few days she went from being his slave to being his concubine and confident. This last office she carried out with great advantages for Hernán Cortés, for the natives did not suspect in her the guile and deceit of the Europeans. She was able to employ corruption and intrigue more effectively, activities in which she made great progress. Hernán Cortés had charged her, particularly, with consoling Teutila in her grief and with winning her over with sweetness and pleasantness, to prevent at all costs harshness from dragging her to some desperate course of action, something that she seemed very capable of. Doña Marina consoled her, more with affection than with reason, being careful not to praise her tyrants and showing herself to be anxious to shake off their yoke. When faced with the greatest afflictions, the strongest spirits have need of consolation that might mitigate their suffering, and this need, which is so natural, causes them to be little scrupulous with the one that offers them such solace. Thus, unhappy Teutila fell into the net of her astute and false friend and gave in trustingly to her deceit, thus enjoying for some time the sweet illusion of an honest friendship and later suffering the bitter torment of seeing herself again</p>	<p>como presentes. Os finos talentos e os encantos dessa escrava chamaram a atenção de seu mestre, que, após tê-la batizado com o nome de Marina, dera-lhe seu amor e confiança de tal maneira que em poucos dias ela passara de escrava a concubina e confidente. Este último ofício ela desempenhava com grandes vantagens para Hernán Cortés, pois os nativos não suspeitavam que ela tivesse a malícia e o engano dos europeus, soube, assim, empregar com mais efeitos a corrupção e intriga, atividades nas quais fazia grande progresso. Hernán Cortés a havia encarregado, principalmente, de consolar Teutila em seu luto e ganhá-la com doçura e suavidade, para prevenir a todo custo as asperezas de arrastá-la para algum curso desesperado de ação, algo que ela parecia bem capaz de fazer. Doña Marina a consolava, mais com afeição que com razão, sendo cuidadosa para não exaltar seus tiranos e mostrando-se ansiosa para afastar seu yugo. Quando colocados face a face com as grandes aflições, os espíritos mais fortes precisam de consolo que possa mitigar seu sofrimento e tal necessidade tão natural torna-lhes pouco escrupulosas com aqueles que, por acaso, oferecem lhes tal consolo. Deste modo, a infeliz Teutila caiu nas redes da falsa e astuta amiga e se entregou confiante em sua</p>
--	---	--

	amargo tormento de verse de nuevo engañada.	deceived.	deslealdade, aproveitando, assim, por algum tempo, a doce ilusão de uma amizade honesta e sofrer, depois, o amargo tormento de ver-se enganada novamente.
3	<p>p. 101 (Cortés) También había encargado particularísimamente a doña Marina que no la abandonase ni un momento mientras su ausencia. Sin embargo, doña Marina se quedó en la cama a pretexto de una indisposición y mandó llamar a Diego de Ordaz suponiendo que tenía que comunicarle asuntos de grande importancia. Difícil sería querer pintar la sorpresa del honrado español al oír la libre declaración de amor que le hizo doña Marina. Esta le dijo que, esclava y no amante de Hernán Cortés, aborrecía su soberbia dominación; que su afecto no había podido resistir al mérito y prendas de un hombre tan honrado como Ordaz; que, si ella fuera libre, no dudaría un momento en la elección y abandonaría al instante a su opresor, para darse toda entera a sus inclinaciones; pero que, no pudiendo en su condición de esclava obrar conforme a su libre voluntad, quería lo menos robar a su tirano los instantes que pudiese, vengándose así de su opresión. — No sé, señora doña Marina — le contestó Ordaz—, la respuesta que debo dar a una proposición de tal naturaleza. Si otro que una mujer hubiera tenido bastante</p>	<p>p. 39 (Cortés) He had also charged doña Marina, most expressly, not to leave her for a single moment during his absence. Nevertheless, doña Marina remained in bed under the pretext of being indisposed and has Diego de Ordaz summoned, implying that she had matters of great importance to communicate to him. It would be difficult to describe how surprised the honest Spaniard was upon hearing the open declaration of love emanating from doña Marina. She said to him that, as a slave and not a lover of Hernán Cortés, she detested his haughty domination; that her affection had been unable to (p. 40) resist the merit and natural gifts of a man as honest as Ordaz; that, were she free, she would not doubt for a moment in her election and would instantly abandon her oppressor to give herself totally to his inclinations; but that, not being able, in her condition as slave, to proceed according to her free will, thus taking revenge against his oppression. "I do not know, Lady doña Marina," Ordaz answered her, "what answer I should give to a proposal of such a nature. If someone other than a woman had dared enough to thus insult my honor, he</p>	<p>p. 68 Ele também havia instruído Doña Marina, particularmente, a não deixá-la sozinha em qualquer momento durante sua ausência. Contudo, Doña Marina permaneceu na cama sob o pretexto de estar indisposta e convocou Diego de Ordaz, supondo que tinha assuntos de grande importância para comunicar-lhe. Seria difícil descrever o quão surpreso o honesto espanhol ficou ao ouvir a aberta declaração de amor que lhe fez Doña Marina. Ela lhe disse que, como escrava e não amante de Hernán Cortés, ela detestava sua arrogante dominação; que a afeição dela não havia sido capaz de resistir ao mérito e aos dotes naturais de um homem tão honesto quanto Ordaz; que, em sendo ela livre, ela não duvidaria por um momento sequer em sua eleição e que abandonaria, instantaneamente, seu opressor para entregar-se totalmente à disposição dele; mas que, não sendo possível, na condição dela como escrava, proceder por livre vontade, ela desejava ao menos roubar de seu tirano os momentos que pudessem, vingando-se, deste modo, de sua opressão. — Eu não sei, senhora Doña Marina — Ordaz respondeu, — que resposta deveria eu dar</p>

	<p>atrevimiento para insultar así mi honor, con su vida hubiera pagado su osadía. Mas sea ésta una intriga artera con la que se intente presentarme como un vil y bajo libertino, o bien sea que usted tenga la desgracia de haber podido concebir tan infames sentimientos, de uno o de otro modo, Diego de Ordaz será siempre honrado. E inmediatamente le volvió la espalda, dejando en extremo picados su orgullo, su vanidad y su amor. No hay cosa más natural que el entusiasmo que se enciende en un amante honrado y la especie de veneración con que contempla al virtuoso objeto de su amor cuando el teatro del mundo le compromete a representar un papel en estas escenas de corrupción y de vicio; el contraste de extremos tan puestos eleva a su amada hasta la divinidad, y si hay algo en el mundo que nos dé la idea de una felicidad celestial, son estos momentos en que un alma virtuosa se abandona a los más puros deleites sobrecogida de un santo respeto.</p>	<p>would have paid with his life for such audacity. But whether this be an artful intrigue which purports to show me as a vile and low libertine, or whether this be that you have the misfortune of having conceived such infamous sentiments, one way or another, Diego de Ordaz will always be honest.” And immediately he turned his back on her, leaving her pride, her vanity and her love piqued in the extreme. There is nothing so natural as the enthusiasm that is kindled in an honest lover and the kind of veneration with which he contemplates the virtuous object of his love when the world’s stage requires him to play a role in these scenes of corruption and vice. The contrast of extremes that are so opposite elevates his beloved to the level of a divinity, and if there is anything in the world that might give us the idea of celestial joy, it is these moments during which a virtuous spirit gives in to the purest delights, overcome by sacred respect.</p>	<p>para uma proposta de tal natureza. Se alguém que não fosse uma mulher fosse ousado o suficiente para deste modo insultar minha honra, teria pago com a vida por tamanha audácia. Mas seja isto uma intriga ardilosa que propõe expor-me como um vil e baixo libertino, ou mesmo que a senhora tenha tido o azar de ter concebido tais infames sentimentos, de um modo ou de outro, Diego de Ordaz sempre será honesto. (p. 69) E, imediatamente, ele lhe deu as costas, deixando-a ferida, ao extremo, em seu orgulho, sua vaidade e seu amor. Não há nada tão natural quanto o entusiasmo que se acende em um amante honesto e o tipo de veneração com o qual ele contempla o objeto virtuoso de seu amor quando o palco do mundo lhe compromete a que desempenhe um papel nestas cenas de corrupção e vício. O contraste de extremos tão opostos eleva a sua amada a um nível de divindade, e se há algo no mundo que talvez nos dê a ideia de felicidade celestial, isso são os momentos nos quais um espírito virtuoso cede aos mais puros prazeres, subjugado por um respeito sagrado.</p>
4	<p>p. 101 [...] —¡Bravo, bravo! Señor virtuoso —dejo interrumpiéndole doña Marina—, le sienta a usted bien hacer el modesto en una sala y venir a otra a seducir indignamente a una esclava. Salga usted de aquí. Horrorizado Ordaz, más bien que temeroso,</p>	<p>p. 41 “Bravo, bravo! virtuous gentleman,” said doña Marina, interrupting him; “It suits you well to play the modest one in one room and to come to another, indignantly, to seduce a slave. Leave this place immediately.” Ordaz, more horrified than fearful, fled</p>	<p>p. 69 – Bravo, bravo, virtuoso senhor! – disse Doña Marina, interrompendo-o; – Cai-lhe bem fazer o papel de modesto em um quarto e ir a outro, indignamente, para seduzir uma escrava. Deixe este lugar, imediatamente. Ordaz, mais horrorizado do que</p>

	<p>sale huyendo de semejante mujer, y ésta, cambiando en el momento de tono y de porte, aconsejó a Teutila, con la dulzura e interés de una fina amiga, que no diese oídos a las pérfidas insinuaciones de estos (p. 102) extranjeros; que su corrupción no aspiraba a más que a abusar vilmente de su sencillez; que, si por desgracia, se dejaba seducir por la falsa dulzura de sus palabras, lloraría para siempre la pérdida de su inocencia, de su honor y de su sosiego, que era lo único a que aspiraba su pérfida afabilidad. [...] ¡Qué arte tan fatal, Marina!</p>	<p>from the presence of this woman, and she, immediately changing her tone and demeanor, counseled Teutila, with the kindness and interest of a fine friend, not to heed the perfidious insinuations of these strangers; that their corruptness aspired only to vilely abuse their simplicity; that if, unfortunately, she allowed herself to be seduced by the false kindness of his words, she would forever cry over the loss of her innocence, her honor, and her tranquility, which was all that his perfidious affability aspired to.</p>	<p>temeroso, fugiu da presença da mulher e ela, imediatamente, mudando seu tom e seus modos, aconselhou Teutila, com a gentileza e o interesse de uma boa amiga, a não dar ouvidos às pérfidas insinuações destes forasteiros; que a corrupção deles aspirava somente a abusar vilmente de sua simplicidade; que se, infelizmente, ela se deixasse seduzir pela falsa gentileza das palavras dele, ela choraria, eternamente, a perda de sua inocência, sua honra e sua tranquilidade, que era tudo o que aquela pérfida afabilidade queria. (p. 69)</p>
5	<p>p. 102 Y doña Marina, que había conocido bien el temple del alma que quería prender en sus redes, después que dejó algo tranquila a su prisionera, hizo a Ordaz las reconvenções más amistosas por su poca prudencia en manifestar su pasión a una mujer que, guardada en rehenes de un enemigo poderoso y temible, tal vez podría llegar a ser víctima de la política; le dijo que ni la envidia ni los celos tenían la menor parte en estos consejos; que ella desdeñaba esas viles pasiones, indignas de un corazón que había concebido otras nobles y generosas, y, en fin, que ella guardaría, y le aconsejaba a él que guardase, el secreto más escrupuloso sobre su debilidad y ligereza, porque, si Hernán Cortés llegaba a descubrirlo, tomaría de él un pretexto</p>	<p>p. 41 And doña Marina, who had known well the temper of the spirit that she wished to trap in her nets, after she had left her prisoner somewhat becalmed, reproached Ordaz in a most friendly manner because of his lack of prudence in manifesting his passion to a woman who, kept prisoner by a powerful and fearsome enemy, perhaps might become a political victim. She told him that neither envy nor jealousy played the smallest role in this advice; that she scorned those vile passions, unworthy of a heart that had conceived others of a noble and generous nature; and that, finally, she would keep, and she advised him to do the same, the most scrupulous secret concerning his weakness and indiscretion because, if Hernán Cortés were to discover it, he would use it as a pretext to</p>	<p>p. 70 [...] E Doña Marina, que sabia bem o temperamento do espírito que desejava capturar em suas teias, após deixar sua prisioneira um tanto mais calma, fez a Ordaz as reconvenções de modo bastante amigável, pela sua falta de prudência em manifestar sua paixão a uma mulher que, mantida prisioneira por um inimigo poderoso e temível, talvez pudesse tornar-se uma vítima política. Ela lhe disse que nem a inveja nem os ciúmes cumpriam um papel em tal aviso seu; que ela desprezava tais sentimentos tão vis, indignos de um coração que havia concebido outros de uma natureza nobre e generosa; e que, finalmente, ela poderia manter – e ela aconselhou-o a fazer o mesmo –, o segredo mais escrupuloso acerca de sua fraqueza e indiscrição, pois, se Hernán Cortés descobrisse tal</p>

	<p>para saciar su odio contra Ordaz y la envidia y celos que sus méritos y prendas habían encendido en el ambicioso y soberbio jefe. Esta astuta sierpe tuvo la destreza de tocar las fibras enfermas del corazón del honrado Ordaz, que, agradecido a sus útiles consejos, comenzó a compadecerla por sus extravíos. Así reanimó doña Marina la esperanza de llevar a cabo su intriga amorosa con Ordaz, picado de nuevo su orgullo por los celos que le causó la escena con Teutila.</p>	<p>satiate his hate against Ordaz and the envy and jealousy that his merits and natural gifts had given rise to in the ambitious and haughty leader. This astute serpent had the skill of touching the ailing heartstrings of the honest Ordaz who, thankful for her useful advice began to take pity on her for her going astray. Thus, doña Marina felt reanimated in her hopes of carrying out her amorous intrigue with Ordaz, her pride piqued anew by the jealousy brought on in her after the scene with Teutila.</p>	<p>coisa, ele usaria isto como pretexto para saciar seu ódio contra Ordaz e a inveja e o ciúme que seus méritos e dons naturais haviam despertado no líder ambicioso e arrogante. Esta astuta serpente teve a habilidade de tocar o coração enfermo do honesto Ordaz, que, agradecido por seus úteis conselhos, começou a sentir compaixão dela pela sua perversidade anterior. Assim, Doña Marina sentiu-se reanimada em seus desejos de levar a cabo a sua intriga amorosa com Ordaz, afetada uma vez mais em seu orgulho e pelo ciúme que sentira depois de haver visto a cena dele com Teutila. (p. 70)</p>
6	<p>p. 105 Cortés había advertido a doña Marina que iba a retirarse de la tertulia por un negocio importante que lo ocuparía hasta poco antes de amanecer; que procurase entretener agradablemente a los oficiales y, si se echaba de menos su presencia, que se valiese de cualquier pretexto plausible para que nadie pudiera sospechar de su ausencia. (p. 106) Desde el día en que la declaración de amor de doña Marina fue tan mal recibida de Diego de Ordaz, había aquélla medido su conducta con un disimulo tan fino que, lejos de habersele escapado la menor insinuación de queja o de resentimiento, no perdonó ningún medio para manifestar que estaba avergonzada y arrepentida de su debilidad. Esto, junto con las caricias que</p>	<p>p. 47 Cortés had apprised doña Marina that he was going to retire from the meeting because of an important matter that would occupy him until shortly before dawn; that she endeavor to pleasantly entertain the officers and, that if he were missed, that she employ any plausible pretext so that no one could be suspicious of his absence. From the very day that doña Marina's declaration of love for Diego de Ordaz had been so ill received, she had measured her conduct with such a fine degree of dissemblance that, far from having let out the slightest insinuation of complaint or resentment, she used every means possible to demonstrate that she was embarrassed and repentant of her weakness. All this, together with the tenderness that</p>	<p>p. 75 Cortés havia informado doña Marina de que ele iria retirar-se da reunião por causa de um assunto importante que iria ocupa-lo até pouco antes do alvorecer; de que ela tentasse entreter, agradavelmente, os oficiais e, de que se a falta dele fosse sentida, que ela empregasse qualquer pretexto plausível para que ninguém suspeitasse de sua ausência. Desde o dia em que a declaração de amor de doña Marina por Diego de Ordaz fora tão mal recebida, ela havia medido sua conduta com tamanho grau de divergência que, longe de ter deixado escapar a menor insinuação de protesto ou ressentimento, ela usava todos os (p. 76) meios possíveis para demonstrar que estava envergonhada e</p>

<p>prodigaba a Teutila, la había reconciliado con Diego de Ordaz, que naturalmente era bueno. Entonces se hallaba éste participando de la alegría general en la habitación del jefe, y, divertido con una partida de damas que jugaba con doña Marina, no advirtió la ausencia de Cortés. Al concluirse la tertulia prolongó doña Marina el juego, y Ordaz se quedó solo con ella sin pensar más que en el tablero. Una puerta suena. Doña Marina se levanta asustada, toma del brazo a Ordaz y, sin darle lugar a la reflexión, le dice temblando: —Hernán Cortés está ahí; somos perdidos si nos encuentra solos y a estas horas. Y esta artificiosa mujer conduce así sorprendido a Ordaz a un pequeño aposento que apenas contenía más que una cama, y lo cierra con llave, dejando solo y seguro a su casto querido. La única idea que en aquel momento ocupó a Ordaz fue la de verse escondido como un criminal que huye de la justicia tan inocente e involuntariamente. Mas ¿qué habría de hacer? Hay casos en que toda la prudencia de un hombre honrado no puede impedir que lo arrastre el torrente de la fatalidad. Mientras tanto doña Marina dispone con precipitación que se recojan los criados, apaga las luces y vuelve a buscar al pajarillo que había cogido en su red. —Hernán Cortés —le dice temblando— duerme en esa habitación de afuera, pero antes de amanecer</p>	<p>she lavished on Teutila, had brought on a reconciliation with Diego de Ordaz, who was naturally good. He was, at that moment, participating in the general celebration in the leader's and involved in a game of checkers that he was playing with doña Marina, he did not notice the absence of Cortés. At the end of the gathering, doña Marina prolonged the game and Ordaz remained alone with her, thinking of nothing other than the board. The sound of a door was heard. Doña Marina stood up, frightened, took Ordaz by the arm, and, without letting him react, told him tremblingly: "Hernán Cortés is here; we are lost if he finds us here alone and at this hour." And this artful woman led the surprised Ordaz to a small chamber that barely held more than a bed, and she locked it, thus leaving her chaste beloved alone and secure. The only idea that preoccupied Ordaz at that moment was that of seeing himself hidden like a criminal who is escaping from justice so innocently and involuntarily. But what was he to do? There are situations in which all of an honest man's prudence cannot prevent his being dragged along by the torrent of fate. Meanwhile, doña Marina took care to tell the servants to retire; she put out the lights and returned to look for the little bird that she had trapped in her net. (p. 48) "Hernán Cortés," she said to him tremblingly, "is sleeping in that outside room, but he has to leave before dawn</p>	<p>arrependida de sua fraqueza. Isto tudo, somado à gentileza com que ela tratava a Teutila, havia causado uma reconciliação com Diego de Ordaz, que era naturalmente bom. Ele estava, no momento, participando na celebração dos generais na sala do líder e, envolvido em um jogo de damas que jogava com doña Marina, não notou a ausência de Cortés. Ao final da reunião, doña Marina prolongou o jogo e Ordaz ficou sozinho com ela, pensando em nada a não ser no tabuleiro. O som de uma porta foi ouvido. Doña Marina levantou-se, assustada, tomou Ordaz pelo braço e, sem deixá-lo reagir, disse-lhe tremendo: — Hernán Cortés está aqui. Estamos perdidos se ele nos descobre aqui sozinhos a esta hora. E a astuta mulher guiou o surpreso Ordaz para uma pequena câmara que mal contia mais do que uma cama, e ela a trancou, deixando, assim, seu casto amado sozinho e seguro. A única ideia que preocupava Ordaz naquele momento era ver-se escondido como um criminoso que está escapando da justiça tão inocente e involuntariamente. Mas o que ele podia fazer? Há situações nas quais toda a prudência de um homem honesto não pode prevenilo de ser arrastado pela torrente do destino. Enquanto isso, doña Marina tomou o cuidado de mandar os serviais retirarem-se; ela apagou as luzes e voltou para dar uma olhada no pequeno pássaro que havia preso em sua teia. —</p>
---	--	--

<p>tiene que salir y usted podrá retirarse sin que lo vea nadie. ¡Cuán sensible me es no tener un pretexto para quedarme en otra parte! Mas la necesidad me obliga a incomodar a usted. Sí, amigo Ordaz; esta noche conocerá usted que la lección que me dio su virtud no ha sido perdida y que, si una vez fui débil, ahora sabré contener esta fatal pasión que me atormenta... ¡Ay de mí! Yo no sé por qué estoy tan asustada... El corazón quiere escaparse de mi pecho... El cuarto era tan pequeño y sin luz; se tenía que hablar tan de cerca para no ser oídos; Ordaz que era joven; doña Marina era hermosa y amable, y... Un tardo desengaño vino a sacar al honrado Ordaz de su letargo para cubrirlo de vergüenza. —¡Intriganta y seductora mujer! —le dijo—. Al fin has abusado de la honradez de Diego de Ordaz. Ábreme la puerta, que prefiero exponer a mil peligros mi vida a la vergonzosa situación a que me has arrastrado. Doña Marina, herida en lo más vivo de su amor propio, le dijo rabiando como una furia: —¡Anda, Catón ridículo! Teme a una mujer enamorada, a la que insultas al salir de sus brazos. Su amor te brinda nuevos placeres y su cólera y su despecho amenazan a tu cabeza. — Que no te vea yo más y cualquier desgracia me será más soportable.</p>	<p>and you will be able to leave without being seen by anyone. I am so sorry not to be able to remain, myself, someplace else! But necessity forces me to inconvenience you. Yes, friend Ordaz; tonight you will know that the lesson your virtue gave to me has not been lost and tant, if I once was weak, now I will be able to contain this fatal passion that torments me. Oh! I don't know why I'm so frightened — my heart wants to leap out of my breast.” The room was small and poorly lighted; they had to speak to each other closely so as not to be heard. Ordaz was young; doña Marina was beautiful and kind, and — too late did the honest Ordaz come out of his lethargy and he was covered with shame. “You scheming and seductive woman!” he said to her. “You have finally abused the honesty of Diego de Ordaz. Open the door for me, because I prefer to expose my life to a thousand dangers rather than to the shameful situation which you have dragged me.” Doña Marina, whose ego was deeply wounded, said to him, furiously: “Go on, you ridiculous Cato! Be afraid of a woman in love, whom you insult as you leave her arms. Her love affords you new pleasures, and her anger and disdain threaten your head.” “Let me never see you again and any misfortune will be bearable.”</p>	<p>Hernán Cortés — ela lhe disse tremendo — está dormindo no quarto exterior, mas ele deve sair antes da aurora e você poderá partir sem ser visto por ninguém. Sinto muito por não poder, eu mesma, ficar em algum outro lugar! Mas a necessidade me força a incomodá-lo. Sim, amigo Ordaz, esta noite você saberá que a lição que sua virtude me ensinou não foi perdida e que, se uma vez eu fui fraca, agora serei capaz de conter esta paixão fatal que me atormenta. Ai de mim! Eu não sei por que estou tão assustada — meu coração quer escapar de meu peito. O quarto era pequeno e mal iluminado; eles tinham que falar tão de perto para não serem ouvidos. Ordaz era jovem; doña Marina era bela e amável, e ... um desengano tardio veio sacudir ao honesto Ordaz que saiu de sua letargia coberto de vergonha. —Ardilosa e sedutora mulher! — ele lhe disse. — Você finalmente abusou da honestidade de Diego de Ordaz. Abra-me a porta, pois eu prefiro expor minha vida a um milhão de perigos do que estar nessa situação vergonhosa para a qual você me atraiu. (p. 77) Doña Marina, cujo ego estava profundamente ferido, disse-lhe, com raiva e cheia de fúria: — Vá, seu Catão recatado ridículo! Temas a uma mulher apaixonada, a quem insultas quando deixas seus braços. O amor dela te garante novos prazeres, e a sua raiva e o seu desdém te ameaçam a cabeça. — Não me deixe vê-la nunca mais e qualquer</p>
---	--	--

			infortúnio será suportável.
7	<p>p. 108</p> <p>Doña Marina, que no podía descansar de la rabiosa turbación en que la había dejado el aciago fin de su galante aventura, vino sin objeto a ver a Teutila y puso fin a una escena tan terrible. Hernán Cortés compuso prontamente su semblante y encargó a doña Marina que no abandonara a la pobre americana.</p>	<p>p.50</p> <p>Doña Marina, who could not rest from the furious confusion she had been left in by the dire end to her gallant adventure, happened to drop by to see Teutila and put an end to such a terrible scene. Hernán Cortés composed himself quickly and advised doña Marina not to leave the poor young American maiden alone.</p>	<p>p. 79</p> <p>Doña Marina, que não podia descansar devido à furiosa confusão em que havia sido deixada pelo horrendo final de sua galante aventura, passou para ver Teutila e, assim, pôs um fim em tal cena terrível. Hernán Cortés recompôs, rapidamente, seu semblante e encarregou a doña Marina para que não abandonasse a pobre americana. (p. 79)</p>
8	<p>p. 109</p> <p>Al ejército seguía el bagaje y la guardia de prevención, que custodiaba a Teutila y a doña Marina, y al fin iban los cempoales y totonacas aliados a Cortés.</p>	<p>p. 52</p> <p>The army was followed by the baggage and the special guard that looked after Teutila and doña Marina and, finally, came the Cempoalans and Totonacs, allies of Cortés.</p>	<p>p. 81</p> <p>No decorrer do dia, o exército se pôs em movimento, marchando para a cidade de Tlaxcala, na qual Hernán Cortés entrou com toda a aparência de um grande triunfo, no vigésimo terceiro dia de Setembro de 1519. [...] O exército foi seguido pela bagagem e pela guarda especial que cuidava de Teutila e doña Marina e, finalmente, vieram os Cempoaltecas e Totonacas, aliados de Cortés. (p. 81)</p>
9	<p>p. 113</p> <p>Hernán Cortés había encargado a doña Marina que, con maña y dulzura procurase hacerla desconfiar de Xicoténcatl, prevaliéndose para ello de las conversaciones que tuviera con él, pues que también le había encargado que observase y espiese sus pensamientos. Mas como las intrigas no siempre llenan su objeto, por esta vez obraron lo contrario de lo que se había propuesto Cortés. Doña Marina conocía bien cuánto podía</p>	<p>p. 58</p> <p>Hernán Cortés had charged doña Marina that she should endeavor, employing guile and kindness, to make Teutila distrust Xicoténcatl, taking advantage, for that purpose, of the conversations that she might have with him, for he had also charged her with observing and spying on his thoughts. But since intrigue does not always succeed in fulfilling its objective, this time it produced an effect contrary to that which Cortés had</p>	<p>p. 86</p> <p>Hernán Cortés havia encarregado doña Marina de uma empreitada, usando de manha e gentileza, para fazer Teutila perder a confiança em Xicoténcatl, valendo-se, para este propósito, das conversas que ela tivera com ele, pois ele a havia encarregado também de observá-lo e espioná-lo em seus pensamentos. Mas como as intrigas nem sempre sucedem em cumprir seus objetivos, desta vez ela produziu um efeito contrário ao qual Cortés havia</p>

	<p>perjudicar a sus intereses destruir el amor de Teutila, y así sólo aconsejaba a ésta que no se dejase seducir de las palabras dulces ni de las expresiones virtuosas de los españoles, que diestros en el engaño, no trataban más que burlarse de la necia credulidad de sus víctimas. Y como si no conociera a Xicoténcatl la compadecía en su pasión, guardando sobre él un silencio que podía tomarse por la aprobación de sus amores. [...]</p>	<p>proposed. Doña Marina knew well how much her own interests would be harmed if she were to destroy Teutila's love, and so she only advised her not to allow herself to be seduced by sweet words or the virtuous words coming from the Spaniards, who, skillful in deception, only tried to mock their victims' trust. And as if she did not know Xicoténcatl, she expressed sorrow for her in her passion, remaining silent about him in such a way that it implied approval of their love.</p>	<p>proposto. Doña Marina sabia bem o quanto seus próprios interesses seriam afetados se ela destruísse o amor de Teutila, e então ela apenas avisou a jovem para não permitir-se seduzir por palavras doces ou expressões virtuosas dos espanhóis que, habilidosos em enganar, apenas tentavam brincar com a ingênua confiança de suas vítimas. E como se ela não conhecesse Xicoténcatl, ela se compadecía da paixão dela, permanecendo silenciosa a respeito dele de uma maneira tal que isso poderia ser tomado como aprovação de seu romance. (p. 86) [...]</p>
10	<p>Y Cortés salió, dejando a Xicoténcatl rabiando de cólera y de despecho. En este estado lo encontró doña Marina, y, entre mil expresiones afectuosas, (p. 114) comenzó a tocarle con maña las heridas más sensibles de su corazón y a darle consuelos vagos y generales, pero de que tanto necesitaba en aquel momento. —¿Eres —le dijo él— todavía americana? ¿Arde aún en tu pecho la llama del amor patrio? ¿O bien te han corrompido y contaminado las artes mágicas de esos hombre que transtornan todas las ideas de lo justo y de lo injusto de lo bueno y de lo malo? Respóndeme con franqueza. —No, amigo; el destino me ha hecho su esclava, pero mi razón los conoce y mi corazón los detesta. ¡Infeliz de mí! ¿Qué quieres que haga sin apoyo, sin defensores, sin amigos, sin parientes, sola y abandonada de todo el</p>	<p>p. 59 And Cortés left, leaving Xicoténcatl fuming out of anger and defiance. Thus doña Marina found him, and amid, innumerable displays of affection, she began, with guile, to touch the most sensitive wounds in his heart and to provide consolation to him in vague and general ways, something he needed so much at that moment. "Are you still," he said to her, "are you still an American? Does the flame of love of country still burn inside you? Or have you been corrupted and contaminated by these men's magical arts, arts that upset all ideas of what is just and unjust, good and evil? Answer me frankly." "No, friend; fate has made me its slave, but my reason knows them and my heart detests them. Woe is me! What would you have me do without support, without defenders, without friends,</p>	<p>p. 87 [...] E Cortés saiu, deixando Xicoténcatl queimando de raiva e despeito. Assim doña Marina o encontrou e, entre mil demonstrações de afeto ela começou, com malícia, a tocar-lhe nas feridas mais sensíveis do seu coração e dar-lhe consolo de maneiras vagas e gerais, algo de que ele precisava muito naquele momento. – És – disse-lhe – ainda Americana? A chama de amor à pátria ainda queima dentro de ti? Ou já foste tu corrompida e contaminada pelas artes mágicas destes homens, artes que confundem todas as ideias do que é justo ou injusto, bom ou mal? Responda-me com franqueza. – Não, amigo; o destino me fez sua escrava, mas minha razão os conhece e meu coração os detesta. Ai de mim! O que queria que eu fizesse sem apoio, sem defensores, sem amigos, sem família,</p>

<p>mundo? Procuro instruirme, por si algún día puedo ser útil a los míos, y expiar con mi conducta posterior las apariencias criminales que hoy tiene mi vida. ¡Una mujer joven y hermosa, sin apoyo ninguno! ¡Una mujer que, en su esclavitud, conoce y ama las virtudes! ¡Qué objeto tan noble y tan grande para la compasión de Xicoténcatl! Este la aseguró con entusiasmo generoso que, si arriesgando su vida pudiera conseguirle la libertad no dudaría ni un instante en emprenderlo. Y como de la compasión al amor no hay grande distancia, el bravo tlaxcalteca cayó poco a poco en las redes de su astuta y hábil compatriota. En una palabra: sin dejar de amar a su Teutila se enamoró de las gracias con que doña Marina se había embellecido en su trato con los europeos, y, hablando con ésta de la otra, se explayaba su pasión a las dos. Bien pronto conoció doña Marina su conquista, la que procuró conservar sin comprometerse, con la idea de encontrar en cualquier evento un refugio en su desgracia. Ordaz era el único ídolo de su corazón, el mismo que la despreciaba y aborrecía; pero ella no desconfiaba poderlo comprometer otra vez, esperando quebrantar su austeridad a fuerza de repetidas derrotas. Con este fin en todas ocasiones le hablaba de “la pobre Teutila”, y, como ella era la única que pudiera proporcionarle verla y hablarla, su pasión a</p>	<p>without family, alone and abandoned by everyone? I endeavor to instruct myself, in case I can someday be useful to my people and to atone, through my future conduct, for the criminal appearance that my life that my life exhibits today.” A young and beautiful woman, with no support whatsoever! A woman who, in her enslaved condition, knows and loves virtue! What a great and noble goal for Xicoténcatl’s compassion! He assured her, with generous enthusiasm, that, if by risking his life he could procure Teutila’s freedom, he would not doubt for a moment that he would set out to achieve it. And since the distance between compassion and love is not great, the brave Tlaxcalan slowly fell into the web being spun by his able and astute compatriot. In one word: without ceasing to love his Teutila, he fell in love with the graces with which doña Marina had beautified herself in her dealings with the Europeans, and speaking with ones about the other, he spread his passion toward the two of them. (p. 60) Doña Marina quickly recognized her conquest, which she endeavored to maintain without compromising herself, with the idea of finding in any event a refuge in her misfortune. Ordaz was the only idol in her heart, the same man who despised and loathed her, but she was sure that she would be able to compromise him again, hoping to break down his reticence by dint</p>	<p>sozinha e abandonada por todos? Eu esforço-me para instruir-me, caso algum dia eu possa ser útil a meu povo e para expiar, através de minha futura conduta, a aparência criminososa que minha vida mostra hoje em dia. Uma jovem e bela mulher, sem qualquer apoio! Uma mulher que, em sua condição de escrava, conhece e ama as virtudes! Que objeto grande e nobre para a compaixão de Xicoténcatl! Ele lhe assegurou, com generoso entusiasmo, que, mesmo arriscando a vida, ele pudesse obter a liberdade dela, ele não duvidaria por um momento sequer de esforçar-se para conseguirlo. É uma vez que a distância entre a compaixão e o amor não é grande, o bravo Tlaxcalteca lentamente caiu na teia de sua hábil e astuta compatriota. Em uma palavra: sem deixar de amar a sua Teutila, ele se apaixonou pelas graças com as quais doña Marina havia se embelezado em suas tarefas com os europeus, e falando com esta sobre a outra, se expandia sua paixão pelas duas. Doña Marina rapidamente reconheceu sua conquista, a qual ela esforçou-se para manter sem comprometer-se, com a ideia de encontrar em quaisquer eventos um refúgio para seu infortúnio. Ordaz era o único ídolo em seu coração, o mesmo homem que a desprezava, mas ela estava certa de que seria capaz de comprometê-lo novamente, com a esperança de romper sua reticência pela força de</p>
--	---	--

	<p>Teutila le obligó a entrar en transacciones con la mayor enemiga de su amor puro y desinteresado. De esta manera tuvo el buen Ordaz el consuelo de ver algunos momentos a su amada americana, la que, a pesar de todas las prevenciones de doña Marina, trataba a Ordaz con estimación y amistad. Tan respetuoso y prudente fue su amor que no despertó la menor alarma en una mujer cuya situación debía hacérselo tan sospechoso.</p>	<p>of repeated defeats. With this goal in mind, she would speak to him about “poor Teutila”, and since she was the only one who could provide him with the opportunity to see her and speak with her, his love for Teutila forced him to enter into transactions with the greatest enemy of his pure and selfless love. In this way good Ordaz had the consolation of seeing his beloved American for a few moments; and she, in spite of all the preventative measures taken by doña Marina, treated Ordaz with it did not awaken the slightest alarm in a woman whose situation ought to make it so suspicious to her.</p>	<p>repetidas derrotas. Com este objetivo em mente, ela em todas as ocasiões lhe falava sobre a “pobre Teutila”, e uma vez que ela era a única que poderia providenciar para que ele pudesse vê-la e falar com ela, o amor dele por Teutila o forçou a fazer negociações com a maior inimiga de seu amor puro e altruísta. Desta maneira o bom Ordaz teve o consolo de ver sua amada americana por alguns momentos; e ela, apesar de (p. 88) todas as medidas preventivas tomadas por doña Marina, tratava Ordaz com apreço e amizade. O amor dele era tão respeitoso e prudente que não despertou o menor receio em uma mulher cuja situação deveria fazê-la suspeitar de tudo. (p. 88)</p>
11	<p>p. 115-116 (Xicoténcatl sobre Malinche) “También creo que yo podré amar (p. 116) a Marina y ser dichoso con ella; sus virtudes y sus gracias merecen bien el corazón de un honrado tlaxcalteca. (p. 116) ¿Y quién sabe si esta unión podría traer ventajas a la patria, consolidando nuestras relaciones con los españoles? Sin embargo, Teutila reina en mi corazón, y al mismo tiempo que te hablo de cederla y de ser yo de otra, una pena que no sé cómo explicarte me hace caer en una profunda melancolía. Dime, padre mío, lo que tú piensas y explícame lo que passa dentro de mí mismo, porque todos estos discursos se presentan a mi imaginación coom um</p>	<p>p. 62 “I think, also, that I will be able to love Marina and be happy with her; her virtues and her charms are well deserving of the heart of an honest Tlaxcalan. And who knows, perhaps this union could be advantageous to our homeland, consolidating our relationships with the Spaniards. Nevertheless, Teutila rules my heart, and at the same time as I talk to you of giving her up to another and belonging to another myself, a feeling of sorrow that I cannot explain makes me fall into deep melancholy. Tell me, my father, what you think and what is happening inside of me, because all of these words of mine present themselves to my imagination as a dream.”</p>	<p>p. 90 (Xicoténcatl sobre Marina) Eu penso, também, que serei capaz de amar Marina e ser feliz com ela; as virtudes e encantos dela são merecedores do coração de um honesto Tlaxcalteca. E quem sabe, talvez esta união pudesse ser vantajosa para nossa pátria, consolidando nossa relação com os espanhóis. Porém, Teutila governa meu coração, e ao mesmo tempo em que falo contigo sobre desistir dela e pertencer a outra, um sentimento de tristeza que não posso explicar me faz cair em uma melancolia profunda. Diga-me, meu pai, o que pene o que está acontecendo dentro de mim, pois todas estas palavras minhas apresentam-se, em minha</p>

	<p>sueño.” –Consuélate, hijo mío –le dijo el buen anciano abrazándolo cariñosamente-; tu corazón no está corrompido, que era todo lo yo temía. Hace algún tiempo que yo he conocido tu amor a esa Marina; pero, como nada me hablabas de esta pasión, antes al contrario siempre me repetías tus tiernos sentimientos por Teutila, mi cariño temblaba que tus visitas al cuartel de esos extranjeros te hubiesen contaminado, enseñándote a disimular, y, lo que es peor, corrompando tus costumbres. ¡Bendito sea Dios! Mi vejez no tendrá pena em llorar.</p>	<p>“Console yourself, my son,” the kindly elder said to him, embracing him affectionately. “your heart is not corrupted, which is all that I feared. I have known of your love for Marina for a long time; but since you would say nothing about that love – on the contrary, you always spoke repeatedly to me about your tender feelings for Teutila – my love for you trembled in fear that your visits to the barracks of those strangers might have contaminated you, teaching you to conceal yourself, and what is worse, corrupting your customs. Blessed be God! My old age will not have that additional sorrow to cry over.</p>	<p>imaginação, como sonhos. –Consola-te, meu filho – disse-lhe o gentil ancião, abraçando-o afetuosamente. – Teu coração não está corrompido, o que era tudo o que eu temia. Sei de teu amor por Marina por muito tempo; mas desde que tu não dizias nada sobre amor, pelo contrário, tu sempre me falaste, repetidamente, sobre teus tenros sentimentos por Teutila, meu amor por ti tremeu com o medo de que tuas visitas ao acampamento daqueles estrangeiros talvez te tivessem contaminado, ensinando-te a ocultar-se, e o que é pior, corrompando teus costumes. Louvado seja Deus! Minha idade não terá esta preocupação adicional para chorar.</p>
12	<p>p. 116 [...] Respecto a tus amores, hijo mío, no pienso tan alegremente. Esa Marina está muy querida entre los extranjeros, lo que en verdad no es la mejor recomendación; sin embargo, esto no pasa de una sospecha, pues ella puede muy bien ser una mujer virtuosa que sepa sacar partido de su desgracia. [...] Mas en esto consiste mi mayor dificultad: no solamente temo que Marina no te ame, sino que también sospecho que te espía y te observa de orden del jefe de los extranjeros. [...] (Xicoténcatl:) —No, padre mío; Marina me ama. No es posible que una mujer honesta manifieste tanta dulzura, tanta expresión en sus ojos, tantas</p>	<p>p. 63 (Xicoténcatl, the father) With respect to your love, my son, I do not feel as positive. That Marina is much loved by the foreigners, something which in truth is not the best recommendation; nevertheless, this doesn't go beyond being a suspicion, for she might very well be a virtuous woman who might know how to obtain some benefit from her misfortune. [...] But here is my greatest difficulty: I not only fear that Marina might not love you, but I also suspect that she is spying on you and watching you under orders from the leader of the foreigners. (Xicoténcatl, the young) “No, my father, Marina loves me. It is not possible for an honest</p>	<p>(p. 90) [.] Com respeito a teus amores, meu filho, não os penso de forma tão aprazível. Essa Marina é muito querida pelos estrangeiros, algo que na verdade não é a melhor recomendação; mesmo assim, isto não é nada mais que uma suspeita, pois ela pode muito bem ser uma mulher virtuosa que pode saber como obter algum benefício de seu infortúnio. Eu irei penetrar no coração dela para que assim vejamos se ela é sensível a teus méritos e se ela sabe como apreciar tuas virtudes. Mas aqui está minha maior dificuldade: eu não apenas temo que Marina possa não te amar, mas também suspeito de que ela te está espionando e te observando sob as</p>

<p>demonstraciones de afecto y de interés sin que su corazón esté penetrado de amor. Pero ella es honrada, sabe mi pasión a Teutila y me oculta la suya bajo el velo de una amistad sencilla y desinteresada. “La última vez que nos vimos no pudo mi franqueza ocultarle cuán sensible era mi corazón a sus gracias y cuán feliz sería yo si pudiera ofrecerle mi mano sin faltar a mis deberes. Ella entonces me contestó con una dulce sonrisa: “No sé por qué hasta la inconstancia me parece bien en ti. Saber dar una expresión de decoro y de decencia a todos tus afectos tan interesante y tan seductora, que no es posible resistir a su atractivo. Pero dejemos esta conversación, querido mío; tu corazón ama ya a otra mujer; que ella sea feliz y sólo tú también, que poco importa la desgracia de una esclava abandonada de todo el mundo.” No es así —le contesté—. Xicotécatl es incapaz de abandonar tanta virtud y tantas gracias, y, si no puede hacerte feliz, dará su vida porque seas menos desgraciada. “Acabemos, querido mío —me dijo interrumpiéndome—; (p. 116) acabemos (p. 117) esta conversación demasiado peligrosa para mí. El sexo es débil y yo no quiero merecer mis desgracias. Adiós Xicotécatl.” Ya ves, padre mío, que estos sentimientos no pueden ser otra cosa más que el amor.” [...]</p>	<p>woman to manifest so much tenderness, such an expression in her eyes, so many demonstrations of affection and interest unless her heart was filled with love. But she is honest; she knows of my love for Teutila and she hides her own from me under the veil of a simple and selfless friendship. “The last time we saw each other my frankness could not hide from her how sensitive my heart was to her charms and how happy I would be if I could offer her my hand without failing in my duties. She then answered me with a sweet smile: ‘I do not know why even inconstancy in you seems all right to me. You know how to give such an interesting and seductive expression of proper decorum and decency to all your demonstrations of affection that it is not possible to resist it. But let us leave this discussion, my love; your heart already belongs to another woman; let her be happy, and you also, for the misfortunes of a slave abandoned by everyone matter little.’ He (p. 64) “‘It is not like that,’ answered her. ‘Xicotécatl is not capable of abandoning such virtue and so many charms, and if he cannot make you happy, he will give his life so that you might be less unfortunate.’ “‘Let us end this, my love’ she said to me, interrupting me; ‘let us end a discussion that is too dangerous for me. My gender is weak and I do not wish to deserve my misfortunes. Good-bye, Xicotécatl.’ You see, my father; these feelings can</p>	<p>ordens do líder dos estrangeiros. Nosso amigo Ordaz, a (p. 91) quem deveríamos falar com a mais absoluta franqueza, será capaz de esclarecer minhas dúvidas, e, após uma conferência amigável, nós iremos resolver o que, de comum acordo, possa parecer o mais apropriado. – Não, meu pai; Marina me ama. Não é possível para uma mulher honesta manifestar tanta doçura, tamanha expressão em seus olhos, tantas demonstrações de afeto e interesse a não ser que o seu coração esteja cheio de amor. Mas ela é honesta; ela sabe de meu amor por Teutila e ela esconde seu próprio de mim sob o véu de uma amizade simples e altruísta. A última vez que nos vimos minha franqueza não pode esconder dela o quanto sensível estava meu coração a seus encantos e o quanto feliz eu seria se eu pudesse oferecer-lhe minha mão sem desobedecer a meus deveres. Ela então me respondeu, com um doce sorriso: ‘Eu não sei por que mesmo a tua inconstância me parece correta. Tu sabes como mostrar uma expressão tão interessante e sedutora de decoro e decência a todas as tuas demonstrações de afeto que não é possível resistir. Mas deixemos esta discussão, meu querido; teu coração já pertence a outra mulher; deixe-a ser feliz, e tu também, pois os infortúnios de uma escrava abandonada por todos pouco importam.’ ‘– Não é bem assim – eu lhe respondi. – Xicotécatl não é capaz de abandonar tal</p>
--	---	--

		only be a reflection of her love.”	virtude e tantos encantos, e se ele não pode fazer-te feliz, ele dará a sua vida para que possas ser menos desafortunada.”–Vamos acabar com isso, meu querido’. – ela me disse, interrompendo-me. – ‘Vamos terminar uma discussão que é muito perigosa para mim. O sexo é fraco e eu não quero merecer minhas desgraças. Adeus, Xicotécatl.’ Tu vês, meu pai; estes sentimentos não podem ser outra coisas mais que o amor. (p. 91)
13	<p>p. 117 En efecto, al día inmediato pasó Xicotécatl al cuartel en busca de su amigo Ordaz, pero éste estaba de servicio y no pudo satisfacer su impaciencia. Inmediatamente pregunta por doña Marina y le responden que se halla en cama un poco indispueta. Fogoso en sus pasiones pasó con grande inquietud el día y muy de mañana aún voló al siguiente a preguntar por la salud de doña Marina. El soldado que estaba de facción en las habitaciones de Hernán Cortés se sonrió al verlo con tanta solicitud y con cierta manera un poco burlona, le dijo “que la nueva señorita estaba indispueta y no se dejaba ver.” —Dime, amigo, si lo sabes, qué es lo que tiene. —¡Oh! No es cosa de peligro; tranquilízate. — ¿Pero qué es? —Nada: ascos, ganas de vomitar, mareos y otros melindres qu acostumbbran las mujeres de su clase en casos semejantes. —¿De qué casos me hablas? ¿Qué le ha pasado? —</p>	<p>p. 64 As disposed, the very next day Xicotécatl went to the barracks in search of his friend Ordaz, by he was on duty and was thus unable to satisfy his impatient curiosity. He immediately asked after doña Marina and was told that she was in bed somewhat indisposed. Fiery in his passions, he spent an anxious day, and very early the next day he rushed over to ask about doña Marina’s health. The soldier who was on duty in Hernán Cortés’s quarters smiled to himself upon seeing him with such solicitude, and with a manner that was somewhat scornful, he said to him that the new maiden was indisposed and did not wish to be seen. “Tell me, friend, if you know, what is the matter with her.” “Oh! It’s nothing dangerous; calm down.” “But what is it?” “Nothing; nausea –she feels like vomiting, dizziness and other ills that affect women in her state.” “Whatever are you talking about? What has happened to her?” “So you don’t know</p>	<p>p. 91 Como disposto, no dia seguinte Xicotécatl foi ao acampamento, a procura de seu amigo Ordaz, mas este estava em serviço e, assim, não pode satisfazer a sua impaciência. Ele, imediatamente, pediu por doña Marina e lhe foi dito que ela estava acamada, um tanto indisposta. Fogoso em suas paixões, passou o dia com grande inquietude, e muito cedo, no dia seguinte, correu para pedir informações sobre a saúde de doña Marina. O soldado que estava de serviço nos aposentos de Hernán Cortés riu-se ao ver o jovem com tal solicitude e, com modos que eram um tanto burlescos, ele lhe disse que ‘a nova senhorita estava indisposta e não quer ser vista’. – Diga-me, amigo, se tu sabes, qual o problema que ela tem. – Oh! Não é nada perigoso. Acalmese. (p. 92) – Mas o que é? – Nada. Náuseas. – Ela sente vontade de vomitar, tontura e outros males que afligem mulheres no estado dela. – Do que estás falando? O que</p>

	<p>¿Pues no sabes que la señora doña Marina está embarazada? —Calla, calumniador. Marina es una doncella virtuosa. — Tlaxcalteca, tú eres honrado y valiente y es lástima que se burlen de ti como de un tonto. Doña Marina es la amante o manceba de nuestro capitán y no pasarán muchas semanas sin que salga a luz el hijo, fruto de sus amores. Esto es público y notorio, porque el que tiene el poder en las manos no suele usar muchas consideraciones con el bien parecer. Si te han querido engañar abre los ojos, mira su talle y aprovéchate, si aún es tiempo de un desengaño.</p>	<p>that the lady doña Marina is pregnant?" "Be quiet, slanderer. Marina is a virtuous lady." "Tlaxcalan, you are honest and brave and it is a pity that they make fun of you as though you were a fool. Doña Marina is the lover or mistress of our captain and not very many weeks will pass before she gives birth to a child, the fruit of her affair. This is public knowledge and well known, because the one who has the power in his hands is not given to having much concern for public opinion. If there has been an attempt to deceive you, open your eyes, look at her waist, and take advantage of it, if there is still time for an end to the deception."</p>	<p>aconteceu a ela? – Então tu não sabes que a senhora doña Marina está grávida? –Cala-te, caluniador. Marina é uma senhora virtuosa. – Tlaxcalteca, tu és honesto e bravo e é uma pena que façam piadas de ti como se fosses um tolo. Doña Marina é a amante ou concubina de nosso capitão e não se passarão muitas semanas para que ela dê à luz a uma criança, o fruto de seus amores. Isto é público e notório, pois aquele que tem o poder nas mãos não dá muita importância para o bem parecer. Se hão querido te enganar, abra teus olhos, olhe para o ventre dela, e tire vantagem disto, se ainda há tempo para acabar com o engano.</p>
14	<p>p. 117 [...] —¿Es posible, ¡gran Dios! —exclamó después de un profundo y largo silencio—, es posible tanta perfidia, y tanta doblez, y tanta falsedad, y tanto arte, y tanta infamia? Esa americana indigna, hija espúrea de estas sencillas regiones, mil veces más detestable que sus corruptores, ha abusado indignamente de la franqueza de mi corazón. ¿Quién hubiera podido descubrir el veneno de sus dulces palabras? Aquellas miradas tiernas y modestas, aquel palpitar del corazón, aquellas alarmas continuas contra su flaqueza: ¿cabe todo esto en una pérvida al salir de un lecho adúltero? “¿Y cuándo? Cuando en su seno lleva el fruto de su amor criminal... ¡Oh horror! ¡Oh abominación!... ¡Y mi</p>	<p>p. 65 “It is possible, great Lord!” he exclaimed after a long and deep silence, “is it possible for there to be such treachery, and so much duplicity, and so much falseness, and so much artifice, and so much infamy? That unworthy American, spurious daughter of these simple regions, a thousand times more detestable than those who have corrupted her, has unworthily abused the sincerity of my heart. Who could have discovered the poison in her tender words? Those kind and modest looks, that heartbeat, those continuous displays of alarm against her weakness: does all of this befit a betrayer as she leaves her adulterous bed?” “And when? When inside her she is carrying</p>	<p>(p. 92) [...] – Será possível, grande Deus! – ele exclamou depois de um silêncio longo e profundo. – Será possível que haja tanta traição, tanta duplicidade, tanta falsidade, tantos artifícios e tanta infâmia? Essa indígena americana, filha ilegítima destas regiões simples, mil vezes mais detestável que aqueles que a corromperam, indignamente abusou da sinceridade de meu coração. Quem poderia ter descoberto o veneno em suas gentis palavras? Aqueles olhares gentis e modestos, aquele coração palpitante, aquelas demonstrações contínuas de alarme contra sua fraqueza: isto tudo convém a uma traidora ao deixar sua cama de adultério? E quando? Quando dentro dela ela carrega o fruto de seu amor criminoso! Que</p>

	<p>corazón ha podido olvidar a la pura y celestial Teutila por una serpiente tan venenosa! ¡Ah no, mi adorada Teutila! Tú vives y reinas aquí en mi pecho y mi constante cariño expiará um momento de extravio que tuvo tu Xicoténcatl.</p>	<p>the fruit of her criminal love! How horrible! How abominable! And my heart was able to forget the pure and heavenly Teutila over such a poisonous serpent! Oh no, my adored Teutila! You live and reign here in my heart, and my constant affection will atone for the moment of straying that affected your Xicoténcatl.</p>	<p>horror! Que abominação...! E meu coração foi capaz de esquecer a pura e celestial Teutila por tal serpente venenosa! Oh não, minha adorada Teutila! Tu vives e reinas aqui em meu peito, e meu constante carinho expiará um momento de desvio que teve teu Xicoténcatl.</p>
15	<p>p. 118 (Ordaz) Pero cuando oyó el proyectado casamiento de Xicoténcatl con doña Marina, el nombre de ésta hace estremecer al honrado español, el que, sin dejar proseguir a su respetable amigo, exclamó. —¡Dios mío! ¡Xicoténcatl, el bravo, el honrado, el virtuoso Xicoténcatl, unido a Marina! No permitáis, señor, una unión tan monstruosa. ¡La perfidia unida a la franqueza, el vicio a la virtud, el envilecimiento a la nobleza! ¿Qué destino fatal te persigue, familia malaventurada? Toda tu prudencia, respetable amigo, no estará demás para sacar a tu hijo del laberinto en que ha caído. Redobla tus cuidados y no ceses ni un instante en tus esfuerzos para separarlo de esa astuta y pérfida americana. —Nada temas, padre mío —dijo el joven Xicoténcatl interrumpiéndolos—. Ya la conozco, y el corazón de un honrado tlaxcalteca puede dejarse alucinar por los encantos y astucias de una mujer infame, pero jamás amará el vicio. Esa indigna está embarazada, padre mío; ¡horrorízate! — ¡Embarazada! —replicó Ordaz con viveza.</p>	<p>p. 65 Ordaz heard out the elder with admiration and was greatly moved, and the hope that for the first time shone inside him had placed him in a delicious ecstasy. But when he heard about the projected marriage between Xicoténcatl and doña Marina, her name made the honest Spaniard shudder, and he, not allowing his respectable friend to continue, exclaimed: “Oh my God! Xicoténcatl, the brave, the honest, the virtuous Xicoténcatl, married to Marina! Don’t allow, sir, such a monstrous union. Treachery united with frankness, vice with virtue, degradation with nobility! What sad destiny hangs over your ill-fated family? You will need to avail yourself of all of your prudence, respectable friend, to extricate your son (p. 66) from the labyrinth into which he has fallen. Redouble your care and do not weaken for a moment in your efforts to separate him from that astute and treacherous American.” “Fear nothing, my father,” said the young Xicoténcatl, interrupting them. “I know her already, and the heart of an honest Tlaxcalan can</p>	<p>p. 93 [Ordaz] Mas quando ele ouviu sobre o casamento projetado entre Xicoténcatl e doña Marina, o nome dela fez o honesto espanhol tremer, e, sem deixar seu respeitável amigo prosseguir, exclamou: – Oh meu Deus! Xicoténcatl, o bravo, o honesto, o virtuoso Xicoténcatl, casado com Marina! Não permita, senhor, uma união tão monstruosa. Traição unida com franqueza, vício com virtude, degradação com nobreza! Que destino fatal te persegue, família desafortunada? Toda a tua prudência, respeitável amigo, não será demais para desenredar teu filho do labirinto no qual ele caiu. Redobre teu cuidado e não cesses um momento teus esforços para separá-lo dessa americana astuta e traiçoeira. (p. 93) – Não tema, meu pai – disse o jovem Xicoténcatl, interrompendo-os. – Eu já a conheço, e o coração de um Tlaxcalteca honesto pode deixar-se alucinar pelos encantos e pelos truques de uma mulher infame, mas ele nunca se apaixonará pelo vício. Essa indigna mulher está grávida, meu pai; horrorízate! – Grávida! – Ordaz retorquiu rispidamente.</p>

		let itself be mesmerized by the charms and trickery of an infamous woman, but he will never fall in love with vice. That unworthy woman is pregnant, my father; I will understand your shock!" "Pregnant!" Ordaz retorted sharply.	
16	p. 118 Al buen español se le presenta de repente la posibilidad de ser el padre de un hijo de semejante mujer y de un hijo destinado por la suerte a otro padre. Su alma sufría en este momento distintas sensaciones, bien difíciles de explicar: la vergüenza de su flaqueza, la educación que esperaba a este infeliz hijo, lo atormentaban en extremo, y, no obstante, el placer de haber dado la vida a una criatura se dejó sentir en medio de tantos disgustos. Felizmente para Ordaz todo esto no era más que sospechas que quedaron desvanecidas a la época del parto de doña Marina, y entonces conoció que esta intrigante llevaba en su seno el fruto de sus amores con Hernán Cortés la noche de su galante aventura.	p. 66 The good Spaniard suddenly realized that there was a possibility that he might be the father of a child by such a woman and of a child fated to belong to another father. His heart suffered different sensations at that moment, all difficult to explain: the shame of his weakness, the upbringing that faced that unhappy child, all these things tormented him in the extreme; nevertheless, the pleasure of having given life to a child made itself felt in the midst of so much displeasure. Happily for Ordaz, all of this was no more than suspicion that was snuffed out when doña Marina gave birth, and he then recognized that this schemer was carrying the fruit of her affair with Hernán Cortés on the night of her gallant adventure.	p. 93 O bom espanhol subitamente percebeu que havia a possibilidade de que ele pudesse ser o pai de um filho de semelhante mulher e de filho destinada pela sorte a pertencer a outro pai. Sua alma sofreu sensações diferentes naquele momento, bem difíceis de explicar: a vergonha de sua fraqueza, a educação que esperava aquele infeliz filho, todas estas coisas atormentavam-no ao extremo; mesmo assim, o prazer de ter dado a vida a uma criança fez-se sentir em meio a tantos desgostos. Felizmente para Ordaz, tudo isso não era mais que suspeitas que foram extintas quando doña Marina deu à luz, e ele então reconheceu que a maquinadora estava já carregando em seu seio o fruto de seu romance com Hernán Cortés na noite de sua galante aventura.
17	p. 118 [...] El anciano quiso volver a la conversación de Marina, pero su hijo lo interrumpió, diciéndole: — No mi querido padre; hazme el favor de que no hablemos más de esa pérdida, que no merece que nos ocupemos de ella. Yo quiero hablar de Teutila, de la virtuosa Teutila, tan injustamente ultrajada por mi veleidad. Esta inocente víctima se halla entre las	p. 66 The elder Xicotécatl attempted to return to the discussion about Marina, but his son interrupted him, saying: "No, my dear father; do me the favor of not talking about that betrayer any longer, for she does not deserve our concern. I want to speak of Teutila, of the virtuous Teutila, so unjustly offended by my fickle nature. This innocent victim	(p. 93) [...] O velho Xicotécatl tentou trazer de volta a discussão sobre Marina, mas seu filho o interrompeu, dizendo: — Não, meu caro pai; faça-me o favor de não falar mais nada sobre a traidora, pois ela não merece nossa preocupação. Eu quero falar de Teutila, da virtuosa Teutila, tão (p. 94) injustamente ofendida por minha natureza

	garras de su tirano, guardada por una astuta serpiente que sin duda habrá ganado su sencillez.	finds herself in the clutches of her tyrant, guarded by an astute serpent that undoubtedly has gained her simple confidence.	inconstante. Esta vítima inocente encontra-se nas garras de seu tirano, guardada por uma astuta serpiente que sem dúvida já ganhou a confiança simples dela.
18	p. 118 [...] Después de esta competencia de generosidad, amor y honradez, se convino, y Ordaz se comprometió, a dar los pasos necesarios para proporcionar a Xicoténcatl (p. 119) una entrevista con Teutila. Esta no podía verificarse sin hacer entrar en ella a doña Marina, que era la guarda más constante y de más confianza con que la vigilaba Hernán Cortés.	p. 67 After this competition in the field of generosity, love, and honesty, it was agreed, and Ordaz committed himself in this endeavor, to take the first steps necessary to provide Xicoténcatl with a meeting with Teutila. This meeting could not take place without doña Marina's presence, for she was the most constant and trusted guard that Hernán Cortés employed to watch her.	(p. 94) [...] Depois da competição de generosidade, amor e honestidade concordou-se, e Ordaz comprometeu-se, em tomar os primeiros passos necessários para conseguir um encontro de Xicoténcatl com Teutila. Este encontro não poderia acontecer sem a presença de doña Marina, pois ela era a guarda mais constante e confiável que Hernán Cortés havia empregado para guardar a outra.
19	p. 119 Llegados allí hace detener a su amigo en la antesala de al habitación de doña Marina y manda a pedir a ésta el permiso de hablarla. Doña Marina le mandó entrar, sorprendida agradablemente de tan inesperada visita, y Ordaz le dijo sin rodeos ni ceremonias: —Marina, vengo a pedirte una gracia que es indispensable que yo obtenga sin réplica ni excusa. Cuán interesante sea para mí esta gracia lo puedes inferir cuando yo mismo me presento a pedírtela, a pesar de todo lo pasado y de mi resolución de no encontrarme jamás solo contigo. —¿Es posible, amigo mío —le dijo doña Marina, que estaba recostada en una cama —, es posible que jamás te presentes a mí sin insultarme, a mí que te	p. 67 Having arrived there, he had his friend wait in the anteroom leading to doña Marina's room and asked her for permission to speak with her. Doña Marina told him to enter, pleasantly surprised by such an unexpected visit, and Ordaz said to her to her directly, without equivocation: "Marina, I have come to ask a favor of you that I must obtain unquestioningly and with no excuses offered. How important this favor is to me you can gather from the fact that I myself have come here to ask it of you, in spite of all that has happened in the past and of my resolution never again to be alone with you." "Is it possible, my friend," said doña Marina to him, as she lay reclined on a bed, "is it possible that you never appear before me	p. 94 [...] Tendo lá chegado, ele e seu amigo esperaram na antessala que levava ao quarto de doña Marina e ele pediu-lhe permissão para falar com ela. Doña Marina lhe disse para entrar, agradavelmente surpresa por tal visita inesperada, e Ordaz disse-lhe diretamente, sem rodeios: - Marina, eu vim pedir-te um favor que preciso obter sem questionamentos e sem desculpas. O quanto importante este favor é para mim puedes descobrir pelo fato de que eu mesmo vim pedi-lo a ti, apesar de tudo o que aconteceu no passado e de minha resolução de nunca mais estar sozinho contigo. - Será possível, meu amigo - disse-lhe doña Marina, reclinada em uma cama - será possível que tu nunca apareças ante mim sem insultar-me, alguém que

<p>amo con locura y que, si en algo he faltado a mi decoro, ha sido arrastrada por una pasión irresistible? Dime: ¿qué quieres? ¿Podrá mi cariño hacer por ti alguna cosa que no merezca tu desprecio? — Xicoténcatl me espera en la antesala y yo lo voy a conducir a la habitación de Teutila; facilítame los medios. —Hijo mío, es imposible; te juro por mi amor que siento en el alma no poder complacerte. Escúchame, amiguito mío; tú conoces el carácter altivo y soberbio de Hernán Cortés. Yo no soy más que una esclava suya y sin remedio sería la víctima de su cólera si me apartara un ápice de sus órdenes terminantes. Pídeme otra cosa, y si es posible darte gusto, sea en lo que quiera, verás si quiere complacerte mi apasionado corazón. —Dejémonos, Marina, de palabras y de caricias, y no malgastemos el tiempo en inútiles contestaciones. Accede de buena voluntad a lo que te propongo, favorece una vez las buenas acciones o te juro, por mi honor, que pondré al descubierto tus intrigas y que presentaré al público desnuda y sin máscara tu infame conducta. Ordaz tomó un tono tan firme y tan decidido, y apuró tan fuertemente a doña Marina, que al fin la hizo temblar por su propia seguridad. Así, pues, acobardada por la resolución de Ordaz, y no compadecida ni inclinada a proteger la inocencia, accedió al fin a lo que se le exigía y franqueó la llave de una</p>	<p>without insulting me, one who loves you madly? If I in some way have lacked in decorum, it has been because of an irresistible passion. Tell me: what do you want? Am I, in my love for you, able to do something for you that might not occasion your disdain?" "Xicoténcatl awaits me in the anteroom, and I am going to take him to Teutila's room; provide me with a way there." "My son, that is impossible; I swear to you with the love that I feel in my heart that I cannot please you. Listen to me my little friend: you are aware of Hernán Cortés's haughty and proud character. I am no more than his slave and I would suffer his anger if I were to deviate even slightly from his strict orders. Ask something else of me, and if I am able to do (p. 68) it, whatever it might be, you will see how much my impassioned heart wishes to please you." "Let us put aside words and sweet nothings, Marina; let us not waste time in useless responses. Agree willingly to what I am proposing; be favorable for once to good deeds or, I swear to you, upon my honor, I shall uncover your intrigues; and I shall present your infamous conduct to the public, bare and unmasked." Ordaz took on such a firm and decisive tone, and he rushed doña Marina so much, that he finally made her tremble in fear for herself. Thus intimidated by Ordaz's resolve, and feeling neither pity nor a desire to protect innocence, she finally</p>	<p>tanto te ama? Se de (p. 95) certo modo faltei com o decoro, foi por causa de uma paixão irresistível. Diga-me, o que queres? Seria minha paixão por ti capaz de fazer-te algo que não mereça teu desdém? — Xicoténcatl me espera na antessala, e eu vou levá-lo ao quarto de Teutila; arranje-me uma maneira de chegar lá. — Meu filho, isto é impossível; eu juro pelo amor que sinto em meu coração que não posso fazer-te este favor. Ouçame, meu pequeno amigo: tu conheces o caráter orgulhoso e arrogante de Hernán Cortés. Eu não sou nada mais que sua escrava e eu seria vítima de sua ira se desviasse, mesmo que um pouco, de suas ordens estritas. Peça-me algo mais, e se eu for capaz de fazer o que quer que seja, tu verás o quanto meu coração apaixonado deseja agradarte. — Deixemos de lado as palavras doces e vazias, Marina; não gastemos tempo com respostas inúteis. Concorde, voluntariamente, com o que proponho; favoreça ao menos uma vez as boas ações ou, eu juro por minha honra, que eu revelarei as tuas intrigas; e apresentarei tua conduta infame ao público, crua e desmascarada. Ordaz adotou um tom tão firme e decisivo, e apressou tanto doña Marina que, finalmente, a fez temer por sua segurança. Assim, intimidada pela determinação de Ordaz e sem sentir nem pena nem desejo de proteger a inocência, finalmente aceitou o que lhe era</p>
--	--	---

	<p>puerta secreta de la prisión de Teutila. Ordaz vuela a buscar a su amigo, que lo esperaba, con impaciente inquietud. Rabiosa doña Marina de verse vencida contra su voluntad, y asustada al mismo tiempo de los riesgos que corría si llegaba a descubrirse su condescendencia, toma el partido de vengarse de Ordaz avisando a Hernán Cortés, con cuya diligencia miraba también por su propia seguridad. En el momento manda llamar a uno de los soldados de más confianza de Cortés y le dice: —Amigo, vé corriendo a casa de Magiscatzin y dile a mi querido héroe que su fiel Marina, luchando en la cama con los dolores que le causa el fruto de su amor, vela sobre sus intereses cuando quizá él busca otras nuevas rivales con quien repartir sus caricias, que la prisión de Teutila está allanada y Xicoténcatl está en sus brazos en este momento. Dile que, si es sensible, é solo puede conocer todo el mérito de este paso a que me obliga su amor.</p>	<p>acceded to what was being demanded of her and produced a key to a secret door that led to Teutila's prison. Ordaz rushed over to get his friend, who was waiting for him with impatient worry. Doña Marina, furious at seeing herself defeated against her will, and frightened at the same time of the risks she was taking if her role was ever discovered, decided to take revenge on Ordaz by notifying Hernán Cortés, in such a way also looking out for her own security. She immediately called one of Cortés's most trusted soldiers and said to him: "Friend, run over to the house of Magiscatzin and tell my beloved hero that his faithful Marina, suffering in her bed the pains caused by the fruit of her love, watches over his interests while he, perhaps, looks for other rivals with whom to share his caresses, that Teutila's prison has been breached, and that Xicoténcatl is at this moment in her arms. Tell him that, if he is sensitive, he alone can recognize all the merit of this step that my love forces me to take."</p>	<p>pedido e entregou a chave para uma porta secreta que levava à prisão de Teutila. Ordaz apressou-se a buscar seu amigo, que esperava por ele com impaciente inquietação. Doña Marina, furiosa ao ver-se derrotada contra sua vontade, e assustada ao mesmo tempo pelos riscos que corria se seu papel fosse descoberto, decidiu vingar-se de Ordaz, avisando Hernán Cortés, de forma que também cuidasse de sua segurança. Ela, imediatamente, chamou um dos soldados de maior confiança de Cortés e disse-lhe: — Amigo, corre até a casa de Magiscatzin e diga a meu amado herói que sua fiel Marina, sofrendo em sua cama as dores causadas pelo fruto de seu amor, cuida dos interesses dele, enquanto ele, talvez, procura outros rivais com quem compartilhar suas carícias, que a prisão de Teutila foi violada, e que Xicoténcatl está neste momento nos braços dela. Diga-lhe que, se ele é sensível, ele pode reconhecer todo o mérito deste passo que meu amor força-me a tomar.</p>
20	<p>p. 120 (Xicoténcatl) —Cesa, cesa —dijo Xicoténcatl interrumpiéndola—; esa constancia me hace avergonzarme de mi veleidat. A tus pies me delato; yo no merezco tanto amor y tanta fidelidad; ya te he faltado, ya he dado entrada en mi corazón a otra mujer. ¿Y a quién?... A una pérfida, a una indigna, prostituida a</p>	<p>p. 69 "Stop, stop," said Xicoténcatl, interrupting her, "that constancy embarrassed me for being so fickle. I surrender myself at your feet; I do not deserve so much love and fidelity; I have wronged you; I have opened (p. 70) myself to another woman. And to whom? To a betrayer, to someone unworthy, prostituted to</p>	<p>p. 97 — Pare, pare, — disse Xicoténcatl, interrompendo-a, — esta constância me envergonha por ser tão inconstante. Eu me rendo a teus pés; eu não mereço tamanho amor e fidelidade; eu não te fiz justiça; eu me abri para outra mulher. E para quem? Para uma traidora, para alguém indigno, prostituído pelo mesmo tirano que te</p>

	<p>ese mismo tirano que te oprime, a la miserable Marina. Ya ves cuán poco te merece mi inconstancia. —Pues bien —le dijo Teutila—, yo te perdono. Ven a mis brazos, que una ilusión de un momento no es suficiente para entibiar mi corazón. Yo te conozco, y por mi desgracia también conozco a esa pérfida, y si ésta ha sabido ganarse mi corazón, ¿qué extraño es que se haya insinuado en el tuyo? Respecto a tu amigo, no comprendo por qué esa intrigante me aconsejaba siempre que (p. 121) desconfiase de su honradez y de su virtud, que ella me ha pintado como otros tantos lazos para hacer caer mi honor.</p>	<p>that same tyrant who oppresses you in my unfaithfulness.” “Well, then,” said Teutila to him, “I forgive you. Come into my arms, for one moment’s illusion is not sufficient to cool my heart. I know you and because of my misfortune I also know that betrayer, and if she has been able to win over my heart, how could it be strange for her to have entered your own? With respect to your friend, I do not understand why that plotting woman always advised me to distrust his honesty and his virtue, which she depicted as so many other links to make my honor fall.</p>	<p>opreme, para a miserável Marina. Tu podes ver o quão pouco eu te mereço em minha infidelidade. — Bem, então, — disse-lhe Teutila, — eu te perdoo. Venha para meus braços, pois a ilusão de um momento não é suficiente para esfriar meu coração. Eu te conheço, e por causa de meu infortúnio eu também conheço a traidora, e se ela foi capaz de ganhar meu coração, como poderia ter-lhe sido difícil ganhar o teu? Com respeito a teu amigo, eu não entendo por que aquela mulher ardilosa sempre me avisou para desconfiar da honestidade e da virtude dele, que ela retratou como tantos outros laços para fazer minha honra cair.</p>
21	<p>p. 121 La política y el disimulo recobraron su acostumbrado dominio y el jefe mandó llamar inmediatamente al anciano y ciego Xicoténcatl. Interin venía dijo a doña Marina que era indispensable pasase a la prisión de Diego de Ordaz; que tratase por todos los medios imaginables de templar su altivez y de decidirlo a que solicitara una composición y olvido de lo pasado; que el mejor medio para esto era el de (p. 122) hacer mediador a fray Bartolomé de Olmedo, a cuyas solicitudes cedería él en consideración a su carácter de sacerdote, pero que de ninguna manera llegase Ordaz a sospechar que él tenía la menor noticia de estos pasos, pues de lo contrario se seguiría el asunto con el mayor rigor, aunque se</p>	<p>p. 71 Politics and a desire for concealment regained their accustomed influence, and the leader immediately had the elder and blind Xicoténcatl summoned. While he awaited him, he told doña Marina that it was vital that she visit Diego de Ordaz in his prison cell, that she try by all means imaginable to temper his haughtiness and to direct him to find a way to forget all that had occurred, that the best way to accomplish this was to have Fray Bartolomé de Olmedo act as mediator, for Ordaz would give in to the latter’s solicitations since he was a priest, but that in no way should Ordaz come to suspect that he had the slightest role in these endeavors, for otherwise the entire process would be continued with the strictest severity, even if everything</p>	<p>p. 98 A política e a dissimulação ganharam novamente sua influência costumeira, e o líder convocou imediatamente o ancião e cego Xicoténcatl. Enquanto este vinha, ele disse a doña Marina que era vital que ela visitasse Diego de Ordaz em sua cela, que tentasse de todos os jeitos imagináveis acalmar sua altivez e fazê-lo esquecer de todo o ocorrido, e que a melhor maneira de conseguir isso era ter o frei Bartolomé de Olmedo agindo como mediador, a cujas solicitações Ordaz cederia, uma vez que ele era um sacerdote, mas que de maneira nenhuma Ordaz poderia suspeitar que ele tinha o menor papel nessa empreitada, pois de outro modo todo o processo seguiria com o maior rigor, mesmo se tudo fosse comprometido.</p>

	aventurase todo.	was compromised.	
22	<p>p. 123</p> <p>Durante esta conversación emprendió doña Marina con calor la comisión de Hernán Cortés no porque le pesase el peligro en que estaba Diego de Ordaz, sino porque preveía su pérdida inevitable si se llegaba a descubrir que ella había franqueado la entrada en la prisión de Teutila. Así, pues, empleó todos los medios que le dictó su imaginación para inclinar a Ordaz a que solicitase una gracia en su crítica situación. Su conducta pasada la hizo posible el disimular el origen que tenían sus gestiones, y de la misma tomó pretexto para emplear hasta las súplicas y las lágrimas, que son armas tan poderosas en una mujer diestra. Todo fue en vano; el pundoroso español estaba demasiado resentido para poder hacerle ni aún escuchar la proposición de un paso tan humillante. —Si yo no supiera —le decía— que tú te hallas muy comprometida en este lance, porque, al fin, debe saberse cómo y por qué medios conseguimos la entrada en la prisión, creería que ese orgulloso y cobarde te enviaba, temiendo las consecuencias de sus excesos. Pero disimulo en ti un proceder semejante: eres una mujer y conoces lo que puedes esperar de tu señor ofendido. Por último, después de varias contestaciones, cansado Ordaz de tantas instancias, le dijo a Marina con</p>	<p>p. 73</p> <p>While the conversation was going on, doña Marina set out determinedly on her mission for Hernán Cortés, not because she was concerned about the danger in which Diego de Ordaz found himself, but rather because she foresaw her inevitable loss if it were to be discovered that she had cleared the way for entry into Teutila's prison. Thus, she employed all the methods possible to convince Ordaz to request a favor in his critical situation. Her past conduct had been made possible by her concealment of the (p. 74) steps she had taken, and in the same manner she made use of pleas and tears, powerful weapons in the hands of a skillful woman. Everything was in vain; the honorable Spaniard was too resentful to be persuaded even to listen to the proposition to take such a humiliating step. "If I didn't know," he was saying to her, "that you are so involved in this affair, because, after all, it must be known how and by what means we managed to enter the prison, I would believe that that proud and cowardly man sent you, fearing the consequences of his excesses. But I sense in you a similar conduct: you are a woman and you know what you can expect from your offended lord." Finally, after several explanations, Ordaz was tired of so many requests, and he spoke firmly to Marina: "Let us end this conversation once</p>	<p>p. 100 - 101</p> <p>Durante esta conversa, doña Marina partiu determinada em sua missão para Hernán Cortés, não porque estava preocupada com o perigo em que Diego de Ordaz se encontrava, mas porque ela havia previsto sua perda inevitável se fosse descoberto que ela havia aberto caminho para a prisão de Teutila. Assim ela empregou todos os métodos possíveis para convencer Ordaz a pedir um favor em sua crítica situação. Sua conduta passada tornou possível dissimular a origem de seus passos e, da mesma maneira, ela fez uso das súplicas e das lágrimas, armas poderosas nas mãos de uma mulher habilidosa. Tudo fora em vão; o honorável espanhol estava muito ressentido para ser persuadido até a escutar a proposta de um passo tão humilhante. — Se eu não soubesse — ele lhe dizia, — que tu te encontras tão envolvida neste assunto, porque, afinal, deve-se saber como e de que maneira conseguimos entrar na prisão, eu acreditaria que aquele homem orgulhoso e covarde te enviou, temendo as consequências de (p. 101) seus excessos. Mas eu sinto em ti uma conduta similar: tu és uma mulher e tu sabes o que podes esperar de teu senhor ofendido. Finalmente, após várias explicações, Ordaz estava cansado de tantos pedidos, e ele falou firmemente para Marina: —</p>

	<p>firmeza: —Acabemos de una vez con esta conversación. Diego de Ordaz no doblará nunca la cabeza ante un enemigo que desprecia. [...]</p>	<p>and for all. Diego de Ordaz will never bow down to an enemy that he despises. [...]</p>	<p>Acabemos com esta conversa de uma vez por todas. Diego de Ordaz jamais se curvará ante um inimigo que ele despreza. [...]</p>
23	<p>p. 123 Doña Marina se dirigió al religioso y éste entró gustosísimo en el plan de intercesión en favor de Ordaz, tanto por el cariño que le tenía como por su natural conciliativo, y, sobre todo, por la fama que adquiriría si lograba componer las diferencias entre tan altos personajes.</p>	<p>p. 74 Doña Marina turned to the priest, and he gladly acceded in the plan to intercede in Ordaz's favor, as much out of the affection that he felt for him as his natural tendency to be conciliatory, and especially because of the renown that he would obtain were he able to resolve the differences between such highly placed individuals.</p>	<p>p. 101 Doña Marina virou-se para o sacerdote, ele de bom grado concordou com o plano de interceder em favor de Ordaz, tanto pelo carinho ele sentia por ele quanto por sua tendência natural em ser conciliador e, especialmente, por causa do renome que obteria se fosse capaz de resolver as diferenças entre tão altos indivíduos.</p>
24	<p>p. 137 (Fray Bartolomé) El santo celo de la religión había acalorado tanto al buen religioso que éste olvido enteramente el encargo que le había hecho Cortés de insinuar lo que se había extrañado entre naturales y extranjeros la falata de atención de Teutila en no haber passado a visitar a su amiga doña Marina.</p>	<p>p. 95 The holy zeal of his religion had so inflamed the good priest that he entirely forgot the charge made to him by Cortés: to insinuate how surprised both natives and foreigners had been to see that Teutila had missed going by to visit her friend doña Marina.</p>	<p>p. 119-120 O santo zelo de sua religião havia acalorado tanto o bom religioso que este esqueceu completamente do encargo que lhe havia dado Cortés de insinuar que tanto nativos quanto estrangeiros a falta de atenção de Teutila em não haver passado visitar sua amiga doña Marina.</p>
25	<p>p. 137 —Me parece, extranjero —le contestó el bravo tlaxcalteca, que diriges la palabra a Xicoténcatl. Este es incapaz de doblez y de disimulo, y te responde sin rodeos que su mujer no se envilecerá com el trato de una indigna prostituida. Los tlaxcaltecas respetan el honor de sus esposas.</p>	<p>p. 95 “Stranger,” the brave Tlaxcalan answered him, “it seems to me you are addressing Xicoténcatl. He is incapable of duplicity and deceit, and he answers you without evasion that his wife will not debase herself by dealing with an unworthy woman who has prostituted herself. Tlaxcalans respect their wives' honor.”</p>	<p>-Parece-me, estrangeiro, - respondeu-lhe o bravo tlaxcalteca —que diriges a palavra a Xicoténcatl. Este é incapaz de duplicidade e disimulo, e te responde sem rodeios que sua mulher não se rebaixará a ponto de lidar com uma indígena prostituída. Os tlaxcaltecas respeitam a honra de suas esposas.</p>
26	<p>p. 138 Resuelta la jornada, ésta tuvo que dilatarse por un accidente inesperado. Los dolores del parto</p>	<p>p. 97 The journey was settled, but it had to be postponed because of an unexpected event. Doña Marina was</p>	<p>p. 122 Decidida a jornada, esta teve que ser adiada por um acidente inesperado. As dores do parto acometeram</p>

<p>acometieron a doña Marina; ésta había enervado su natural robustez en los excesos a que se había aficionado con vehemencia, y la Naturaleza, que jamás deja estas faltas sin castigo, se conmovió con síntomas mortales en un momento, del que sale la templanza bien a poca costa. Su educación religiosa había sido demasiado superficial y la muerte, rodeada de espectros horribos, se presenta a su imaginación. Esta loca de la casa, como la llama una santa española, aumentó al infinito sus preocupaciones y sus errores, y los remordimientos más crueles vinieron a hacer su estado verdaderamente lastimoso. En estas angustias de su espíritu, exaltado por la violencia de los dolores, llama a fray Bartolomé de Olmedo y le confiesa toda su pasada conducta, sin ocultarle ni la galante escena con Ordaz, ni su guardianía de Teutila, ni la persecución de ésta por Hernán Cortés, ni las intrigas y embustes políticos; nada absolutamente. En vano el buen religioso le prodigaba los saludables consuelos que su ministerio le prescribe; ella ve el infierno abierto ante sus pies, los tormentos sin fin se presentan a su frenética imaginación, y, en este estado, no se le ocurre más medio para expiar sus culpas que el de hacer una pública (p. 139) confesión de ellas y pedir perdón a tantas personas como había ofendido. Para esto quiere que venga todo el</p>	<p>afflicted by birth pains; her natural robustness was weakened as a result of the excesses to which she had vehemently devoted herself, and Nature, which never leaves these faults unpunished, was moved by mortal symptoms on an occasion during which temperance is quite easy to follow. Her religious education had been too superficial, and Death, surrounded by horrifying specters, appeared in her imagination. This “madwoman of the house,” as she has been called by a Spanish saint, grew infinitely worried and terrified, and the cruelest feelings of spiritual anguish, excited further by the violence of the pains, she called (p. 98) Fray Bartolomé de Olmedo and confessed to him all of her past conduct, hiding from him neither the daring scene with Ordaz, nor her guardianship of Teutila, nor her persecution by Hernán Cortés, nor the intrigues and political tales – absolutely nothing. The good friar vainly lavished on her the health-giving consolation prescribed by his ministry: she saw Hell open under her feet; the endless torments took shape in her frenetic imagination, and, in this state, the only method that occurred to her to atone for her faults was that of making a public confession of them and to ask for forgiveness from all those persons that she had offended. For this purpose she came to her room, and, without seeing anything</p>	<p>doña Marina; esta havia enervado sua robustez natural nos excessos a que se havia aficionado com veemência, e a Natureza, que jamais deixa estas faltas sem castigo, comoveu-se com sintomas mortais em um momento no qual a temperança é bem fácil de seguir. Sua educação religiosa havia sido demasiadamente superficial e a morte, rodeada de espectros horribos, apareceu em sua imaginação. Esta louca da casa, como era chamada por uma santa espanhola, aumentou ao infinito suas preocupações e seus erros, e os remorsos mais cruéis deixaram seu estado verdadeiramente lastimoso. Nestas angústias espirituais, exaltado pela violência das dores, chamou ao frei Bartolomé de Olmedo e confessou-lhe toda sua conduta passada, sem ocultar-lhe nem a galante cena com Ordaz, nem sua guarda de Teutila, nem a perseguição desta por Hernán Cortés, nem as intrigas e embustes políticos; nada absolutamente. Em vão o bom religioso lhe prodigava os saudáveis conselhos que seu ministério lhe prescrevia; ela via o inferno aberto ante seus pés, os tormentos sem fim tomavam forma em sua frenética imaginação e, neste estado, não lhe ocorreu outro meio para expiar suas culpas, a não ser fazer uma confissão pública delas e pedir perdão a tantas pessoas que havia ofendido. Para isto, queria que todos viessem ao seu quarto e,</p>
--	---	--

<p>mundo a su habitación, y, sin mirar más que las venganzas de un Dios justiciero; no teme ni a Hernán Cortés ni a todos los príncipes de la tierra reunidos. ¿Qué son, en efecto, las consideraciones humanas para la imaginación exaltada de una mujer? —No, padre mío —decía a su confesor—; no hay remedio para mí. Yo soy una grande pecadora y es menester que todo el Universo conozca mis culpas y vea mis remordimientos, que el martirio que sufro sirva de ejemplo y de escarmiento a los que, como yo, abandonan la senda de la virtud. Fácil es de concebir el apuro de un reverendo capellán al que se presentan en tropel todas las consideraciones a que da motivo una escena semejante, y esto sin que su penitente le deje un momento de reflexión. Cuatro o seis fuertes dolores y los gritos de una criatura que comenzó a respirar el aire sacaron a fray Bartolomé de Olmedo de un embarazo que se iba haciendo ya demasiado grande para su mucha prudência. Con mucha sorpresa, y no sin satisfacción del buen religioso, infierno, tormentos, escrúpulos, culpas, reparación, todo cede como por encanto al cariño maternal a la vista del hijo que acaba de nacer. Violenta en sus pasiones, y viva y traviesa en sus talentos, esta americana hubiera podido ser una mujer apreciable sin la corrupción a que se</p>	<p>other than the vengeance of a jus God, she feared neither Hernán Cortés nor all of the earth's princes gathered together. What, in effect, are human considerations before the excited imagination of a woman? "No, Father," she said to her confessor, "there is no remedy for me, I am a great sinner and the whole universe must know of my faults and see my remorse; let my suffering serve as example and lesson to those who, like me, abandon the path of virtue." It is easy to understand the predicament of a chaplain who is suddenly faced with all the considerations created by such a scene, and all of this without being allowed a moment of reflections by his penitent. Four or six strong pains and the scream from a bay that began to breathe air took Fray Bartolomé de Olmedo away from an embarrassment that was becoming already too large for his great prudence. Amid great surprise, and not without the good friar's satisfaction, Hell, torment, scruples, faults, reparation, everything gave in as if miraculously, to maternal affection at the sight of the boy that had just been born. Violent in her passions, and lively and mischievous in her talents, this American could have been a woman worthy of appreciation without the corruption to which she devoted herself when she associated with the Spaniards. Nevertheless, tender maternal love spilled a sweet cover over her</p>	<p>sem enxergar mais nada além das vinganças de um Deus justo, não temia nem Hernán Cortés nem a todos os príncipes da terra reunidos. O que são, em efeito, as considerações humanas para a imaginação exaltada de uma mulher? – Não, meu padre, – dizia a seu confessor – não há remédio para mim. Sou uma grande pecadora e é importante que todo o Universo conheça minhas culpas e veja meus remorsos, que o martírio que sufro sirva de exemplo e de lição aos que, como eu, abandonam a senda da virtude. É fácil conceber o apuro de um reverendo capelão ao qual se apresentam em um tropel todas as considerações a que dá motivo uma cena semelhante, e isto sem que sua penitente lhe deixe um momento de reflexão. Quatro ou seis fortes dores e gritos de uma criatura que começou a respirar o ar tiraram frei Bartolomé de um embaraço que ia se fazendo grande demais para sua prudência. (p. 123) Com muita surpresa, e não sem satisfação do bom religioso, inferno, tormentos, escrúpulos, culpas, reparação, tudo cede como por encanto ao carinho maternal à vista do filho que acaba de nascer. Violenta em suas paixões, e viva e travessa em seus talentos, esta americana poderia ter sido uma mulher apreciável sem a corrupção a que se devotara desde que se reunira aos espanhóis. Ainda assim, o terno amor maternal derramou uma doce tinta</p>
---	--	---

	<p>la adiestró desde que ser reunió a los españoles. Sin embargo, el tierno amor maternal derramó una dulce tinta sobre sus sentimientos, y, bastante tranquila para no alarmar a su confesor, le pidió que hiciera venir a Diego de Ordaz. Luego que éste se le presentó, le dijo así: — Ordaz, yo soy madre. ¡Ojalá mi pasada conducta no me hiciera indigna de esta dicha! No obstante, quizá la Naturaleza podrá en mí más que la corrupción. Quiero pedirte una gracia: mi corazón ansía ver a Teutila. Sus virtudes me la hacen en extremo necesaria; ella será madre también y el fruto de sus entrañas participará de la pureza de su alma. Haz que venga esa criatura angelical, cuyo aliento reanimará en mí estas sensaciones que despierta la Naturaleza. Hazme esta gracia, Ordaz; no por mí, sino por esta criatura inocente. ¡Mira qué hermoso es!</p>	<p>feelings, and, quite peacefully so as not to alarm her confessor, she asked him to have Diego de Ordaz come, When he had arrived, she spoke to him thus: “Ordaz, I am a mother. I wish my past conduct did not make me unworthy of this joy! Nevertheless, perhaps Nature will be stronger in me than corruption. I wish to ask you a favor: I am anxious to see Teutila. Her virtues make my seeing her extremely necessary; she will be a mother also, and the fruit of her womb will enjoy the purity of her soul. Have (p. 99) that angelic child come, for her presence will reanimate in me those sensations that Nature awakens in me. Do me that favor, Ordaz; not for me but for this innocent babe. See how beautiful he is!”</p>	<p>sobre seus sentimentos e, bastante tranquila para não alarmar seu confessor, pediu-lhe que viesse Diego de Ordaz. Assim, que este se apresentou, disse-lhe assim: -Ordaz, eu sou mãe! Quisera eu que minha conduta passada não me tivesse feito indigna desta alegria! Ainda assim, talvez a Natureza seja mais forte em mim que a corrupção. Quero pedir-te um favor: meu coração anseia por Teutila. Suas virtudes me são extremamente necessárias, ela será mãe também, e o fruto de suas entranhas participará da pureza de sua alma. Faça com que venha essa criatura angelical, cujo alento reanimará em mim as sensações que a Natureza desperta. Faça-me este favor, Ordaz; não por mim, mas por esta criatura inocente. Veja como é formoso!</p>
27	<p>p. 139 Hernán Cortés se ocupaba en sistematizar el partido de Magiscatzin, al que también iba preparando para sus planes contra Xicoténcatl. Las noticias del levantamiento de los mexicanos le apuraban; pero no había medio de dejar abandonada a doña Marina, de cuyo auxilio tanto necesitaba. Fue, pues, indispensable esperar a su restablecimiento, y entretanto no perdía ocasión de aumentar su partido, animando a unos con promesas y halagando a otros con regalos. La</p>	<p>p. 99 Hernán Cortés was concerned with reinforcing Magiscatzin’s support, and he was also in the process of preparing him for his plans against Xicoténcatl. The news concerning the Mexicans’ uprising concerned him, but there was no way of leaving doña Marina behind for he needed her very much. It was thus imperative that he await her recovery; meanwhile, he wasted no opportunity to enhance his support, encouraging some with promises and flattering others with presents. The</p>	<p>p. 123 Hernán Cortés ocupava-se em sistematizar o partido de Magiscatzin, enquanto também ia preparando-se para seus planos contra Xicoténcatl. As notícias do levante dos mexicanos lhe preocupavam; mas não havia meio de deixar doña Marina abandonada, de cujo auxílio tanto necessitava. Foi, pois, indispensável esperar seu restabelecimento, e, entretanto ele não perdia uma oportunidade de aumentar seu suporte, animando a uns com promessas e agradando a outros com presentes. A</p>

	<p>calentura para la leche que acomete a las mujeres débiles se declaró en doña Marina con un fuerte delirio cuando entraron a verla Xicoténcatl y su esposa, a quienes habían persuadido las instancias de Diego de Ordaz y las protestas del retorno de la enferma a los sentimientos honrados. La lastimosa situación de doña Marina conmovió a la sensible americana la cual propuso a su marido quedarse acompañándola hasta su restablecimiento. Xicoténcatl era demasiado humano para no asentir al benéfico deseo de su mujer, y la amable Teutila quedó así expuesta a los nuevos insultos, mientras prodigaba los esmeros más tiernos a la enferma. Cuando Hernán Cortés dio punto a sus negocios y a sus intrigas se acordó, al fin, que doña Marina sufría gravemente, y pasa a su cuarto. No es fácil de explicar cuál fue su sorpresa al ver a Teutila [...]</p>	<p>physiological changes that accompany weak, lactating mothers showed themselves in doña Marina as a strong delirium as Xicoténcatl and his wife went to see her, persuaded by Diego de Ordaz's request and his convincing arguments that the sick woman had had a change of heart. Doña Marina's sorrowful state moved the sensitive American, and she proposed to her husband that she stay to accompany her in her recovery. Xicoténcatl was too humane not to accede to the compassionate wish of his wife, and kind Teutila thus exposed herself to new insults, while she lavished tender care on the sick woman. When Hernán Cortés finished his affairs and intrigues, he remembered, finally, that doña Marina was suffering greatly and went to her room. It is not easy to describe his great surprise when he saw Teutila [...]</p>	<p>febre do leite que acompanha mulheres fracas mostrou-se em doña Marina como um forte delírio quando entraram para vê-las Xicoténcatl e sua esposa, a quem havia persuadido os pedidos de Diego de Ordaz e os protestos do retorno da enferma aos sentimentos honrados. A lastimosa situação de doña Marina comoveu a sensível americana, a qual propôs a seu marido que ficasse acompanhando-a até seu estabelecimento. Xicoténcatl era humano demais para não assentir ao desejo benéfico de sua mulher, e a amável Teutila ficou assim exposta a novos insultos enquanto prodigava os mais ternos esmeros à enferma. Quando Hernán Cortés terminou seus assuntos e suas intrigas, ele lembrou-se, finalmente, que doña Marina sofria gravemente e foi até seu quarto. Não é fácil explicar sua (p. 124) grande surpresa ao ver Teutila [...].</p>
28	<p>p. 140 —A uno bien desgraciado... —respondió Teutila, interrumpiéndose para cuidar de Marina, que se removía con grande violencia en la cama.</p>	<p>p. 99 “To a very unfortunate one— answered Teutila, interrupting herself in order to take care of Marina, who tossed and turned violently in her bed.</p>	<p>p. 124 -A um bem desafortunado... — respondeu Teutila, interrompendo-se para cuidar de Marina, que se mexia com grande violência na cama.</p>
29	<p>p. 140 Poco a poco se fue serenando doña Marina, hasta quedarse dormida con un sueño profundo y sosegado. Todos los circunstantes salieron y Hernán Cortés, dirigiéndose a Teutila, que no se movía de su puesto, le dijo en un tono bajo y dulce: -No es solo Marina</p>	<p>p. 99 Gradually doña Marina calmed down until she fell into a deep and tranquil sleep. All those present left, and Hernán Cortés, turning to Teutila, who had not moved from her place, said to her in a soft, low voice: “It is not only Marina who must express her remorse. If you would like to come</p>	<p>p. 124 Pouco a pouco doña Marina foi se acalmando, até cair em um sono profundo e sossegado. Todos os presentes saíram e Hernán Cortés, dirigindo-se a Teutila, que não se mexia de seu lugar, disse-lhe em voz baixa e doce: -Não é só Marina quem tem que manifestar seu</p>

	<p>quien tiene que manifestarte su arrepentimiento. Si quieres venir a esta habitación inmediate, yo te manifestaré que, aunque tarde, conozco al fin todo el precio de tus virtudes. –Me alegre, extranjero, que reconozcas tus faltas, porque esto aligera el peso que causan; pero es inútil que te empeñes en hacerme dejar este sitio. – Mas ¿no ves que podemos despertar a la enferma?</p>	<p>into this adjoining room, I will show you that, although late, I finally recognize the great value of your virtues.” “I am pleased, stranger, that you recognize your faults, because this lightens the heavy burden they cause; but it is useless for you to endeavor to have me leave this place.” “But don’t you see that we might awaken the patient?”</p>	<p>arrependimento. Se vieses comigo a este quarto contíguo, te mostrarei que, ainda que tarde, eu finalmente reconheço todo o preço de tuas virtudes. – Alegre-me, estrangeiro, que reconheças tuas faltas, porque isto alivia o peso que causam; mas é inútil que te empenhes em me fazer deixar este lugar. – Mas não vês que podemos despertar a enferma?</p>
30	<p>p. 140 Se acerca muy quedito a Marina, le da un beso de paz sobre la frente, le pone en la mano un colar que traía en su garganta, abre la ventana que cae a la calle y, sin meditar en su altura, ni más consideración que la de su honor alarmado, se arroja fuera de la prisión. Diego de Ordaz estaba aquella noche de ronda y, cuando su amigo Xicoténcatl le refirió la resolución de Teutila de quedarse cuidando a doña Marina, concibió los mayores sobressaltos por la seguridad de su amiga, aunque por prudencia no manifesto sus recelos al honrado esposo.</p>	<p>p. 100 Teutila made her decision, She approached Marina very softly, gave her a kiss of peace on the forehead, placed in her hand a necklace that she had been wearing, opened the window that was located above the street, and, without thinking about the height or considering anything other than her aroused honor, she jumped out of her prison. Diego de Ordaz was on patrol that evening, and when his friend Xicoténcatl told him of Teutila’s resolve to stay behind to take care of doña Marina, he felt extremely concerned about her safety, although he prudently did not make his wariness known to the honest husband.</p>	<p>p. 124 Aproximou-se suavemente de Marina, deu-lhe um beijo de paz em sua testa, pôs em sua mão um colar que trazia na garganta, abriu a janela que dava para a rua e, sem meditar sobre a altura ou considerar qualquer outra coisa que não sua honra alarmada, atirou-se para fora da prisão. Diego de Ordaz estava aquela noite de ronda e, quando seu amigo Xicoténcatl contou-lhe da resolução de Teutila de ficar cuidando de doña Marina, ficou extremamente (p. 125) preocupado com a segurança de sua amiga, ainda que por prudência não manifestou seus receios ao honrado esposo.</p>
31	<p>p. 142 Ordaz llega en este momento y, después de una reprehensión sobre su tardanza, le manda que pase a casa de Magiscatzin con su compañía, que haga acomodar sobre una camilla a doña Marina y salga convoyando el bagaje, después de</p>	<p>p. 102 Ordaz arrived at that moment, and after being reprimanded for his lateness, he was ordered to go to the house of Magiscatzin with his company, to have doña Marina made comfortable on a stretcher, and to go out with the baggage on a convoy, after dismissing</p>	<p>p. 127 Ordaz chegou neste momento e, depois de uma repreensão por seu atraso, foi mandado até a casa de Magiscatzin com sua companhia, para que doña Marina fosse acomodada em uma espreguiçadeira e para que saísse com o comboio de bagagem, depois de dispensar a</p>

	despedir a la mujer de Xicoténcatl, que encontrará con la enferma dándole en su nombre las gracias por su benéfica asistencia. [...]	the wife of Xicoténcatl, whom he would find with the sick woman, and thanking her for her kind assistance.	mulher de Xicoténcatl, que encontraria com a enferma, agradecendo-lhe em seu nome por sua benéfica assistência.
32	p. 142 Doña Marina se había recobrado bastante con el sueño de la noche, y así se encontró en disposición de soportar las fatigas de un viaje. Y el ejército se puso en marcha, tomando el camino de México.	p. 103 Doña Marina had recovered enough with her night's sleep, and she thus found herself prepared to withstand the voyage's rigors. The army began its march, taking the road to Mexico.	p. 127 Doña Marina havia se recobrado o bastante com o sono da noite, e assim se encontrou em disposição de suportar as fadigas de uma viagem. E o exército se pôs em marcha, tomando o caminho do México.
33	p. 152 Diego de Ordaz, convaliente aún de varias heridas, se quedó en Tlaxcala, cuidando de los enfermos y heridos y de doña Marina, que aún no estaba restablecida de las fatigas de una retirada tan peligrosa. Esta se aprovechó de la ausencia de Hernán Cortés para estrechar su comunicación con la virtuosa Teutila. Aunque la disipación y los sucesos estrepitosos de México habían entibiado las buenas disposiciones con que salió doña Marina de Tlaxcala, la tranquilidad en que quedó y, más que todo, el ejemplo vivo de Teutila, la llamaron dentro de sí misma y principió a tomar gusto por las dulces habiudes de la virtud. También se iba acostumbrando a ver a Ordaz como un amigo sincero y desinteresado y desahogaba la sensibilidad de su corazón con las inocentes caricias que prodigaba a su hijo. Estas buenas semillas comenzaban a germinar en el corazón de Marina cuando la muerte de Magiscatzin vino a determinar	p. 118 Diego de Ordaz, still convalescing from his many wounds, remained in Tlaxcala, taking care of the sick and wounded and doña Marina as well, who had not yet recovered from the fatigue of such a dangerous retreat. She took advantage of Hernán Cortés's absence to have more contact with the virtuous Teutila. Although dissipation and the tumultuous events in Mexico had cooled the good disposition enjoyed by doña Marina when she left Tlaxcala, the tranquility that she was left with and, especially, the (p. 119) vivid example of Teutila struck a chord inside her, and she began to take pleasure in the sweet habit of being virtuous. She was also becoming accustomed to seeing Ordaz as a sincere and selfless friend, and she revealed her heart's sensitivity when she saw the innocent, tender care that he lavished on her son. These good seeds were starting to germinate in the heart of doña Marina when the death of Magiscatzin caused her irrevocable conversion to	p. 140 Diego de Ordaz, convaliente ainda de várias feridas, focou em Tlaxcala, cuidando dos enfermos e feridos e de doña Marina, que ainda não estava restabelecida das fadigas de uma retirada tão perigosa. Esta se aproveitou da ausência de Hernán Cortés para estreitar sua comunicação com a virtuosa Teutila. Ainda que a dissipação e os sucessos estrepitosos do México haviam arrefecido as boas disposições com as quais doña Marina saíra de Tlaxcala, a tranquilidade em que ficou e, mais que tudo, o exemplo vivo de Teutila, a chamaram dentro de si mesma e começou a tomar gostos pelos doces hábitos da virtude. Também ia se acostumando a ver Ordaz como um amigo sincero e desinteressado e desahogava a sensibilidade de seu coração com as inocentes carícias que prodigava a seu filho. Estas boas sementes começavam a germinar no coração de Marina quando a morte de Magiscatzin veio determinar irrevogavelmente sua conversão à virtude.

	irrevocablemente su conversión a la virtud. [...]	the virtuous life.	
34	<p>p. 152</p> <p>Doña Marina ve con estremecimiento esta terrible lucha del hombre contra una voz que sale de dentro de él mismo y principia con calor a exhortarlo al arrepentimiento, único, aunque tristísimo, consuelo que le queda a un malvado moribundo. Magiscatzin pide entonces, con instancias porfiadas, que se haga venir a su presencia al anciano Xicotécatl, a Ordaz y a Teutila. Reunidos todos alrededor de la cama con doña Marina y los parientes y amigos del enfermo, [...]</p>	<p>p. 119</p> <p>Shuddering, doña Marina witnessed this terrible struggle between the man and a voice that came out from inside him and bega, heatedly, to exhort him to atonement, the sole buy extremely sad consolation that was left to the wicked, dyuing man, Magiscatzin then directed, with officious stubbornness, that the elder Xicotécatl, Ordaz, and Teutila appear before him. Once they were all gathered around the bed with doña Marina and the relatives and friends of the sick man, he spoke [...]</p>	<p>[...] Doña Marina viu com estremecimento esta luta terrível do homem contra uma voz que saía de dentro dele mesmo e começou acaloradamente a exortá-lo para o arrependimento, único, ainda que muito triste, consolo que resta a um malvado moribundo. Magiscatzin pediu então, com teimosia officiosa, que trouxessem à sua presença o velho Xicotécatl, Ordaz e (p. 141) Teutila. Reunidos todos ao redor da cama com doña Marina e os parentes e amigos do enfermo, [...]</p>
35	<p>p. 153</p> <p>Los sollozos y las lágrimas de doña Marina rompieron el lúgubre silencio de los concurrentes, que acudieron a socorrerla creyéndola accidentada. Esta infeliz mujer sentía en su alma todo el peso de su conducta pasada; pero, preparada de antemano a las impresiones dulces de la virtud, sus lágrimas eran la señal consoladora de los esfuerzos que hace un alma para acabar de sacudir el yugo de los vicios. En ese momento entró fray Bartolomé de Olmedo, enviado por Hernán Cortés para auxiliar en su última hora al miserable Magiscatzin. Doña Marina le dirige la palabra y le dice: — Extranjero, la ambición de pasar desde la condición de esclava a ser la querida de un hombre poderoso me arrastró a abjurar de la religión de mis abuelos por</p>	<p>p. 120</p> <p>Doña Marina's sobs and tears broke up the lugubrious silence of those present, and they came to her aid, believing her to be injured. This unhappy woman felt in her soul all of the weight of her past behavior; but being prepared beforehand for the sweet impressions of virtue, her tears were the consoling signal of the efforts made by a soul that has just shaken off the yoke of its vices. At that moment, Fray Bartolomé de Olmedo entered, sent by Hernán Cortés to succor the miserable Magiscatzin in his las moments. Doña Marina addressed him in the following manner: "Foreigner, my ambition of going from servitude to lover of a powerful man influenced me to renounce the religion of my ancestors in favor of yours. Even</p>	<p>p. 141</p> <p>Os soluços e as lágrimas de doña Marina romperam o lúgubre silêncio dos presentes, que acudiram a socorrê-la, crendo que estivesse machucada. Esta infeliz mulher sentia em sua alma todo o peso de sua conduta passada; mas, preparada de antemão para as doces (p. 142) impressões da virtude, suas lágrimas eram o sinal consolador dos esforços que faz uma alma para acabar de sacudir o jugo dos vícios. Neste momento entrou frei Bartolomé de Olmedo, enviado por Hernán Cortés para auxiliar em sua última hora o miserável Magiscatzin. Doña Marina dirigiu-lhe a palavra e lhe disse: — Estrangeiro, a ambição de passar da condição de escrava para a de querida de um homem poderoso me influenciou a abjurar da religião de meus avós pela</p>

<p>la vuestra. Aunque poco instruida en la doctrina de esta religión, sobre la que tú mismo vacilas y te contradices continuamente, veo, no obstante, en vosotros la monstruosa mezcla de las máximas más justas y más dulces con los hechos más atroces y más inicuos y de los discursos más profundos y delicados con los absurdos más necios y despreciables. “Cuando yo seguía mi culto sencillo y puro, pues que salía de mi corazón; cuando yo era una idólatra, según tú me llamabas, yo fui una mujer virtuosa y mi humilde y desgraciada fortuna me tenían muy lejos del heroísmo de esa matrona respetable que tienes a la vista; pero, desde que fui cristiana, mis progresos en la carrera del crimen fueron más grandes que las hermosas virtudes de Teutila. “Abjuro para siempre de una religión que me habéis enseñado con la mentira, con la intriga, con la codicia, con la destemplanza y, sobre todo, con la indiferencia a los crímenes más atroces. La doctrina se predica con el ejemplo, y, cuando éste se ha ganado el respeto, el entendimiento se sujeta a la convicción. Di a Hernán Cortés que su esclava amasará su pan, que lavará sus ropas, pero que no volverá a ser la cooperadora de sus planes ambiciosos ni su cómplice en sus desórdenes.” Así se expresaba la pobre de Marina, haciendo, con su fogosa imaginación una mezcla informe entre las cosas, los hombres y sus</p>	<p>though little instructed in the doctrine of this religion, about which you yourself vacillate and contradict yourself continuously, I see in you, nevertheless, the monstrous mixture of the most just and kind maxims with the most atrocious and iniquitous deeds and the most profound and delicate discourses with the most foolish and contemptible absurdities. “When I observed my simple and pure worship, well, it came right from my heart. When I was an idolater, as you referred to me, I was always a virtuous woman, and my humble and wretched lot kept me very far from the heroism of that respectable woman that you have before you. But from the moment that I became a Christian, my progress along the road to crime was greater than the beautiful virtues of Teutila. “I renounce forever that religion that you have taught me with lies, with intrigue, with greed, with misery, and, specially, with indifference before the most atrocious crimes. Doctrine is preached through example, and when it has won over respect, understanding is held through conviction. Tell Hernán Cortés that his slave will knead his bread, that she will wash his clothes, but that she will no longer be the party to his ambitious plans or the accomplice to his excesses.” In this way did poor Marina express herself, making, with her ardent imagination, an orderly mixture of things, men, and their discourse.</p>	<p>vossa. Ainda que pouco instruída na doutrina desta religião, sobre a qual tu mesmo vacilas e te contradizes continuamente, vejo, não obstante, em vós a monstruosa mescla das máximas mais justas e mais doces com os feitos mais atrozes e mais iníquos e dos discursos mais profundos e delicados com os absurdos mais estúpidos e depreciáveis. Quando eu seguia meu culto simples e puro, bem, saía de meu coração; quando eu era uma idólatra, segundo tu me chamavas, eu fui uma mulher virtuosa e meu humilde e desgraçado destino me mantiveram longe do heroísmo desta respeitável matrona que tens diante de ti; mas, desde que me tornei cristã, meus progressos na carreira do crime foram maiores que as formosas virtudes de Teutila. Abjuro para sempre de uma religião que me tens ensinado com mentira, com intriga, com cobiça, com destemperança e, sobretudo, com a indiferença aos crimes mais atrozes. A doutrina se predica com o exemplo, e, quando este ganhar o respeito, o entendimento se sujeita à convicção. Diz a Hernán Cortés que sua escrava amassará seu pão, que lavará suas roupas, mas que não voltará a ser a colaboradora de seus planos ambiciosos nem sua cúmplice em suas desordens. Assim se expressava a pobre Marina, fazendo, com sua fogosa imaginação, uma mescla informe de coisas, homens, e seus discursos. Sua</p>
--	--	--

<p>discursos. Su rudeza no alcanzaba a comprender las piadosas razones con que el celoso sacerdote procuraba contener aquella oveja descarrada en el borde del precipicio. Ella no quería continuar ni en el amor ni en la confidencia de Hernán Cortés, y sostenía con todas sus fuerzas que, siguiendo en sus intriga amorosas y políticas, se separaba infaliblemente del camino de la virtud. El capellán la exponía que su buen propósito podría tal vez acarrear muchos bienes a la causa de Dios, pues nada tenía más influjo sobre el corazón de un hombre magnânimo que las lágrimas y los ruegos de una mujer virtuosa. —Sí — respondió Marina—; ya lo vimos en la influencia y en el poder que tuvieron las de Teutila. Un hombre que no se arredra por la cólera de un Dios que nos pintáis tan terrible; un hombre a quien no conmueve una ciudad reducida a cenizas o un campo cubierto de cadáveres palpitantes, ¿quieres (p.154) que ceda a las lágrimas de una esclava? Déjame en paz con tus quimeras. —Pues bien, idólatra obstinada, la gracia del Señor te abandona. Anda y púdrete en el asqueroso cenegal de tus antiguos errores; pero dame ese niño redimido por la sangre del Cordero Inmaculado, que no es justo que su alma pura mame con la leche las semillas de la idolatría y del error. —¡Hábil hipócrita! Tú sabes atacarme por los sentimientos de la</p>	<p>With her lack of polish, she was unable to understand the pious reasoning with which the zealous priest attempted to contain that sheep who had strayed to the edge of the abyss. She did not wish to continue her affair with Hernán Cortés or be his confidante, and she avowed with all her strength that, if she continued in his amorous and political intrigue, she would separate herself, no matter what, from the road to virtue. The chaplain set forth before her that her good influence could lead to many good things in God's cause, because nothing held more sway over the heart of a magnanimous man than the tears and pleas of a virtuous woman. "Yes," Marina answered, "we have already seen that in the influence and power of Teutila. A man who is not intimidated by a God that you depict as being so terrible, a man who is not moved by the sight of a city reduced to ashes or a field covered with palpitating corpses, do you expect him to give in before the tears of a slave? Enough of you illusions." "Well, then, you obstinate idolater, God's grace abandons you. Go and rot in the filthy swamp of your former errors; but give me that child, redeemed in the blood of the Immaculate Lamb, for i isn't right that his pure soul nurse with his milk the seeds of idolatry and error." "You skillful hypocrite! You know how to attack me, employing Nature's elements. You clever leader did the same. After</p>	<p>rudeza não conseguia compreender as piedosas razões com que o zeloso sacerdote procurava conter aquela ovelha desgarrada à borda do precipício. Ela não queria continuar nem no amor nem na confiança de Hernán Cortés, e sustentava com todas as suas forças que, seguindo em suas intrigas amorosas e políticas, separava-se, infalivelmente, do caminho da virtude. — Sim, — respondeu Marina — já vimos a influência e o poder que tiveram as de Teutila. Um homem que não se assusta com a cólera de um Deus que nos pinta tão terrível; um homem a quem não comove uma cidade reduzida a cinzas ou um campo coberto de cadáveres (p. 143) palpitantes, queres que ceda às lágrimas de uma escrava? Deixa-me em paz com tuas quimeras. — Pois bem, idólatra obstinada, a graça do Senhor te abandona. Anda e apodreça no pântano asqueroso de teus antigos erros; mas dá-me este menino redimido pelo sangue do Cordeiro Imaculado, pois não é justo que sua alma pura mame com o leite as sementes da idolatria e do erro. — Hábil hipócrita! Tu sabes atacarme com os sentimentos da Natureza. O mesmo fez teu astuto chefe; depois que se insinuou em meu coração tratou de escravizar um entendimento. Mas... As lágrimas não a deixaram continuar.</p>
--	--	---

	Naturaleza. Lo mismo hizo tu astuto jefe; después que se insinuó en mi corazón trató de esclavizar un entendimiento. Pero... Las lágrimas no la dejaron continuar.	he ingratiated himself in my heart, the tried to enlave my understanding. But –“ Her tears did not allow her to continue.	
36	<p>p. 155</p> <p>Instruido en seguida por el padre capellán de la manera con que doña Marina había insultado la santa religión bajo especiosos y aparentes pretextos de virtud y de escrúpulos, la hizo venir a su presencia, determinado a derribar todos sus planes por amor, o por rigor, o de cualquiera otra manera. La cooperación de esta hábil americana le era demasiado útil para que renunciase fácilmente a ella por escrúpulos femeniles. —Parece, Marina —le dijo—, que quieres hacer la mojigata. Yo te conozco y sospecho que algún joven tlaxcalteca es quizá la causa de esta conversión. Mas temblad uno y otro de mi resentimiento, que será tan grande como lo han sido mis bondades. —Señor, yo soy vuestra esclava, y vos podéis disponer a vuestra voluntad del trabajo de mis manos y de mi persona, pero mi corazón ha vuelto irrevocablemente a la virtud. Y la que, en la carrera del vicio ha podido no temblar, de las venganzas del Cielo, bien podrá en las sendas de su deber estar tranquila ante la cólera de un hombre. Este lenguaje desconcertó a Hernán Cortés. La resolución de Marina estaba, según todas las apariencias, sostenida por</p>	<p>p. 123</p> <p>Having immediately learned from the chaplain how doña Marina had insulted the holy faith under specious and apparent protestations of virtue and scrupulousness, he had to appear before him, determined to overcome all her plans with love, or by force, or in any other way. The able American's cooperation was too useful to him to easily give her up because of womanish scruples. "It seems, Marina," he said to her, "that you want to be prudish. I (p. 124) know you and I suspect that some young Tlaxcalan is perhaps the cause of this conversion. But beware, both of you, that my resentment will be as great as my kindness has been." "Sire, I am your slave, and you can willfully avail yourself of me and the labor of my hands, but my heart has returned to virtue irrevocably. And she who, in her life of vice, might not have trembled before Heaven's retribution might very well be calm before the anger of a man when performing her duty." This language left Hernán Cortés disconcerted. Marina's resolve was, by all appearances, sustained by the constancy that is natural to all people who have not been enervated by the refinement of society</p>	<p>p. 145</p> <p>Sendo instruído em seguida pelo capelão sobre a maneira com que doña Marina havia insultado a santa religião sob pretextos de virtude e de escrúpulos ilusórios e aparentes, a fez aparecer em sua presença, determinado a derrubar todos os seus planos por amor, ou por rigor, o de qualquer outra maneira. A cooperação desta hábil americana lhe era demasiado útil para que renunciasse facilmente a ela por escrúpulos femininos. – Parece, Marina, – lhe disse – que quieres fazer a puritana. Eu te conheço e suspeito que algum jovem tlaxcalteca seja talvez a causa desta conversa. Mas saibam um e outro de meu ressentimento, que será tão grande como tem sido minhas bondades. – Senhor, eu sou tua escrava, e tu podes dispor como quiserdes do trabalho de minhas mãos e de minha pessoa, mas meu coração voltou irrevogavelmente à virtude. E aquela que, na vida de vício pôde não temer as vinganças do Céu, bem poderá nas sendas de seu dever estar tranquila ante a cólera de um homem. Este linguajar deixou Hernán Cortés desconcertado. A resolução de Marina estava, segundo todas as aparências, sustentada pela constância</p>

	<p>la constancia natural a las gentes que no ha enervado el refinamiento de la sociedad y fortalecida por las luces que había adquirido en el comercio de los europeos. —¡Ingrata! — le dijo su amo—. ¿Y abandonarás así al hombre que tanto ha hecho por tu bien? ¿Al padre tierno de tu hijo? Dime, ¿en qué te ha faltado mi cariño? Y si tus entrañas son tan duras, abandona a tu amante y protector, ve y ponte de parte de sus enemigos y ayúdales a perderlo. — Señor, la memoria de los males que me habéis causado no disminuirá ni un ápice i reconocimiento a vuestros beneficios ni mi estimación a vuestra persona. Y si mi pasada conducta os autoriza para suponerme capaz de tan negra y vil ingratitud, el tiempo os desengañará de que Marina es otra muy distinta de la que habéis conocido. —¿Y quién ha causado esa mudanza? — La Naturaleza, señor; esta madre solícita necesitaba de mis sentimientos para sus grandes fines y supo despertarlos. El vértigo que precedió a su (p. 156) renovación hizo de mí un objeto digno de lástima, los buenos ejemplos reanimaron aquellos sentimientos benéficos y la espantosa catástrofe de Magiscatzin ha arraigado en mi corazón un odio invencible contra el vicio. [...]</p>	<p>and strengthened by the enlightenment that she had acquired in her dealings with the Europeans. “Ingrate!” her lord said to her. “And will you thus abandon the man who has done so much for your well-being? Your son’s tender father? Tell me, in what way has my affection been lacking? And if you are so hard inside, abandon your lover and protector; go and join this enemies and help them to defeat him.” “Sire, the memory of the evils you have caused to befall me will in no way diminish my recognition of your benefits or my esteem for you. And if my past conduct authorizes you to suppose that I could be capable of such dark and vile ingratitude, time will serve to free you from the illusion that Marina is someone very different from the one whom you have known.” “And who is responsible for his change?” “Nature, sire; this solicitous mother needed my instincts for her great goals and was able to awaken them. The vertigo that preceded their renewal made me an object worthy of pity; good example reanimated those charitable instincts, and Magiscatzin’s horrifying catastrophe has caused an invincible hatred of vice to take root in my heart.”</p>	<p>natural a todas as pessoas que não foram enervadas pelo refinamento da sociedade e fortalecidas pelas luzes que haviam adquirido no comércio com os europeus. – Ingrata! – disse-lhe seu amo. – E abandonarás assim ao homem que tanto fez pelo teu bem? Ao pai terno de teu filho? Diga-me, em que te faltou meu carinho? E se tuas entranhas são tão duras, abandona a teu amante e protetor, vá e te junta aos inimigos dele e ajuda-lhes a derrotá-lo. – Senhor, a memória dos males que me causaste não diminuirá nem um pouco meu reconhecimento aos teus benefícios nem minha estima à tua pessoa. E se minha conduta passada os autoriza a supor-me capaz de tão negra e vil ingratidão, o tempo os desiludirá de que Marina é outra pessoa muito distinta da que conheceram. – E quem causara essa mudança? – A Natureza, senhor; esta mãe solícita necessitava de meus sentimentos para seus grandes fins e soube despertá-los. A vertigem que precedeu a sua renovação fez de mim um objeto digno de lástima, os bons exemplos reanimaram aqueles sentimentos benéficos e a espantosa catástrofe de Magiscatzin arraigou em meu coração um ódio invencível contra o vício.</p>
37	<p>p. 156 –¡Qué lástima, señor, que no hayáis estado presente! Vuestro corazón grande no hubiera podido resistir a la escena de un malvado en</p>	<p>p. 124 “What a pity, sire, that you were not present! Your great heart would have been unable to resist in the presence of a wicked man</p>	<p>p. 145 -Que lastima, senhor, que não estiveste presente! Teu coração grande não teria podido resistir à cena de um malvado em agonia. (p.</p>

	<p>la agonía. Marina le pintó entonces con sencillos, pero animados colores, el horroroso espectáculo de que había sido testigo. En seguida, queriendo dar más expresión a la pintura por medio del contraste, y para desahogar al mismo tiempo su corazón angustiado, pasó a referir la celestial calma que reinaba en el tránsito del virtuoso Xicoténcatl. Cuando habla el corazón, sus discursos son elocuentes, y todo el carácter de Hernán Cortés no pudo sostener su serenidad a unas escenas tan al vivo referidas por la sensible americana.</p>	<p>in the midst of his agony.” Marina then painted for him, simply but vividly, the horrifying spectacle to which she had been witness. Immediately afterward, wishing to give more feeling to the depiction by the use of contrast and to give vent, at the same time, to the anguish in her heart, she went on to tell of the celestial calm that prevailed during the coming death of the virtuous Xicoténcatl. When the heart speaks, its discourse is eloquent, and Hernán (p. 125) Cortés, with all his character, was unable to remain serene before such vivid scenes as depicted by the sensitive American.</p>	<p>146) Marina pintou-lhe, então, com cores suaves, mas animadas, o horroroso espetáculo de que havia sido testemunha. Em seguida, querendo dar mais expressão à pintura por meio do contraste, e para desafogar seu coração angustiado ao mesmo tempo, passou a contar a calma celestial que reinava durante a aproximação da morte do virtuoso Xicoténcatl. Quando fala o coração, seus discursos são eloquentes, e todo o caráter de Hernán Cortés não pôde manter-se sereno com cenas tão vivamente contadas pela sensível americana.</p>
38	<p>p. 156 [...] —Vete Marina; te prohibo expresamente que vayas a casa de Xicoténcatl. Tu estado de nodriza hace peligrosas esas escenas para ti y para tu hijo. Adiós.</p>	<p>p. 125 “Leave, Marina; I expressly forbid you from going to the house of Xicoténcatl. Your breast-feeding makes these scenes dangerous for you and for your son. Good-bye.”</p>	<p>p. 146 [...] – Vá, Marina; proíbo-te expressamente de que vás à casa de Xicoténcatl. Teu estado de amamentadora tornam essas cenas perigosas para ti e para teu filho. Adeus.</p>
39	<p>p. 175 Doña Marina entra entonces en la sala y con una modesta y dulce compostura se dirige a la incógnita, diciéndole: — ¿Será imprudente en mí el tratar (p. 176) de distraer con mi conversación el disgusto que os causará esperar a Hernán Cortés? Teutila entonces no pudo resistir al placer de abrazar a su arrepentida amiga, y, levantándose el velo, se arroja a sus brazos. Mientras ambas sollozaban con tan diferentes sentimientos, el padre capellán se disponía a ir a comunicar a su jefe la extraña visita que lo esperaba; pero una horrible</p>	<p>p. 153 Doña Marina entered at that moment and spoke to the unknown visitor in a modest and kind voice: “Would it be imprudent of me to attempt to distract you with my conversation from the unpleasantness of having to wait for Hernán Cortés?” Teutila was then unable to resist the pleasure of embracing her repentant friend and, raising her veil, threw herself into her arms. While they both sobbed, reflecting their different feelings, the chaplain was preparing to go and communicate to his leader the strange visit that awaited him; but a horrible convulsion, which affected</p>	<p>p. 172 Doña Marina entrou então na sala e com uma modesta e doce compostura dirigiu-se à incógnita, dizendo-lhe: – Seria imprudente de minha parte tentar distrair-te com minha conversa do desgosto que os causará esperar Hernán Cortés? Teutila então não pôde resistir ao prazer de abraçar sua arrepentida amiga e, levantando-se o véu, jogou-se em seus braços. Enquanto ambas soluçavam com sentimentos tão diferentes, o padre capelão dispunha-se a ir comunicar seu chefe sobre a estranha visita que lhe esperava; mas uma</p>

	convulsión que atacó a Teutila contuvo su celo, llamándolo al socorro de la Humanidad.	Teutila, stopped him in his zeal, calling him to assist her in her distress.	horível convulsão que atacou Teutila conteve seu zelo, chamando-lhe ao socorro da Humanidade.
40	p. 176 [...] Fray Bartolomé y doña Marina se separan y quedan atónitos al observar la horrible situación de Cortés.	p. 154 Fray Bartolomé and doña Marina moved away and were left astonished when they saw the horrible situation in which Cortés found himself.	p. 173 Frei Bartolomé e doña Marina se separaram e ficaram atônitos ao observarem a horível situação de Cortés.
41	p. 177 Hernán Cortés se estremeció de una manera tan espantosa que dio miedo a los dos espectadores. Al fin, rendido de tantos sufrimientos, se tiró sobre un taburete, mientras Marina de rodillas al lado del cadáver de Teutila tenía una de las manos de ésta arrimada a su corazón y estrechándola con las suyas. [...]	p. 155 Hernán Cortés shook so hard that the two witnesses were frightened. Finally, overwhelmed by so much suffering, he sat down hard on a stool while Marina, kneeling down next to Teutila's body, held one of her hands next to her heart, squeezing it between hers.	p. 174 Hernán Cortés estremeceu de uma maneira tão espantosa que deu medo aos dois espectadores. Por fim, sobrecarregado por tantos sofrimentos, jogou-se sobre um tamboretabanquinho, enquanto Marina de joelhos ao lado do cadáver de Teutila tinha uma das mãos desta próxima de seu coração, apertando-a com as suas.
42	p. 177 Marina entonces se levanta de su puesto y tomando una mano de Hernán Cortés y en la misma actitud que tenía al lado del despojo de su amiga, le dijo así: —Señor, aun todavía es tiempo de que vuestro gran corazón se vuelva a la virtud. Mirad ese cadáver frío e inmóvil; la serenidad y la pureza del alma que lo animaba se deja todavía ver en la parte material y bruta. Creed a vuestra humilde esclava: los consuelos que encuentra en sí misma un alma virtuosa son tan puros, tan dulces y tan sin mezcla de pesar ni de disgusto que parece imposible cómo todos los hombres no amen ciegamente la virtud. “Recordad, os suplico, los últimos instantes de esa malaventurada: cuando el	p. 155 Marina then rose from her place and, taking one of the hands of Hernán Cortés, and with the same gesture that she had made next to the body of Teutila, she spoke to him in the following manner: “Sire, there is still time for your great heart to turn toward virtue. Look at this cold and immovable body; the serenity and purity of the soul that animated it can still be seen in its remains. Believe your humble slave: the consolation that such a virtuous soul finds within itself is so pure, so sweet, and so untainted by sorrow or displeasure that it seems impossible for men not to love virtue blindly. “Remember, I beg you, the last moments of this unlucky woman; just as fate toppled all her plans, just as vengeance seemed to	p. 174 Marina então se levantou de seu lugar e, tomando uma mão de Hernán Cortés e na mesma atitude que tinha ao lado do cadáver de sua amiga, disse-lhe assim: – Senhor, ainda é tempo de que teu grande coração volte-se para a virtude. Veja este cadáver frio e imóvel; a serenidade e a pureza da alma que o animava se deixa ver na parte material e bruta. Crê em tua humilde escrava: os consolos que encontra em si mesma uma alma virtuosa são tão puros, tão doces e tão sem mescla de pesar nem de desgosto que parece impossível como todos os homens não amem cegamente a virtude. Lembra-te, te suplico, os últimos instantes dessa desventurada: quando o destino derrubava todos os seus projetos, quando sua

	<p>destino derribaba todos sus proyectos, cuando su venganza se veía malograda y cuando el sacrificio de su vida era ya inútil, la virtud, fecunda en consuelos, le sugiere una idea que endulza las agonías de su muerte. No os hablo de los tormentos que acompañan al criminal: harto os dice una voz más fuerte que la mía. Excusad, pues, tanto martirio, y abrazad una dicha tan pura que se os brinda para haceros feliz. Nada más os costará que querer. Dejad lo restante a vuestra grande alma y seréis tan heroico en la carrera de las virtudes como habéis sido terrible en la de las victorias.</p>	<p>have failed, and when her own life's sacrifice seemed to be useless, virtue, so rich in consolation, suggested to her an idea that sweetened the agony of her dying. I am not speaking to you of the torment that accompanies the criminal; a voice stronger than mine has already said much to you. Forgive, therefore, so much suffering, and embrace the rich joy that is offered to you (p. 156) to make you happy. It will cost nothing more than wanting to do it. Leave the rest to your great spirit, and you will be as much a hero on the road to virtue as you have been awesome on the path to victory."</p>	<p>vingança se via malograda e quando o sacrifício de sua vida era já inútil, a virtude, fecunda em consolos, sugeriu-lhe uma ideia que adoçou as agonias de sua morte. Não te falo dos tormentos que acompanham o criminoso: uma voz mais forte que a minha já te disse. Perdoa, pois, tanto martírio, e abraça uma felicidade tão pura que te brinda para fazer-te feliz. Nada mais custa que querer. Deixa o restante à tua grande alma e serás tão heroico no caminho das virtudes quanto terias sido terrível no das vitórias.</p>
43	<p>p. 177 —Tienes razón, Marina — dijo Hernán Cortés, que comenzaba a serenarse—; ¡cuánto cuesta el ser vencedor! Si antes de empezar esta carrera pudiera uno prever los disgustos y las espinas que la siembran, difícil sería que nadie se atreviera a comenzarla pero ¡es tan duro retroceder! [...]</p>	<p>p. 156 “You’re right, Marina,” said Hernán Cortés, who was beginning to calm down. “How hard it is to be victorious! If before starting out on this path one could foresee the suffering and thorns that seed it, it would be difficult to set out on it, but it’s so hard to turn back!”</p>	<p>p. 174 – Tens razão, Marina; – disse Hernán Cortés, que começava a serenar-se – quanto custa ser o vencedor! Se antes de começar este caminho fosse possível prever os desgostos e os espinhos que o semeiam, difícil seria que ninguém se atrevesse a começá-lo, mas é tão duro retroceder!</p>
44	<p>p. 177 (el discurso de Fray Bartolomé) [...] ahogó las chispas de la tierna sensibilidad que Marina había encendido en el corazón de Cortés. Y éste, recobrando su superioridad y tranquilidad ordinarias, se levanta diciendo — Acabemos, amigos. [...]</p>	<p>p. 156 This speech had exactly the opposite effect that the good friar had intended, because it smothered the sparks of tender sensitivity that Marina had lit in the heart of Cortés. And he, recovering his usual superiority and serenity, stood up, saying: “Let’s be done with this, friends. [...]</p>	<p>p. 175 [...] (O discurso de Frei Bartolomé) Este discurso produziu justamente o efeito contrário a que se propunha o bom religioso, pois afogou as fagulhas de terna sensibilidade que Marina havia acendido no coração de Cortés. E este, recobrando sua superioridade e tranquilidade costumeiras, levantou-se dizendo: — Acabemos, amigos. [...]</p>